

Autora: Maryori Katherine Cabrita Garcia

# Amatória

Práticas artísticas de uma feminista  
que reescreveu uma parte da  
memória líquida de seu corpo



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências da Arte  
Programa de Pós-Graduação em Artes – Ppgartes

**MARYORI KATHERINE CABRITA GARCIA**

**Amatória:**  
**práticas artísticas de uma feminista que reescreveu  
uma parte da memória líquida de seu corpo.**

Belém – Pará  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

C117a Cabrita Garcia, Maryori Katherine  
Amatória : práticas artísticas de uma feminista que reescreveu  
uma parte da memória líquida de seu corpo / Maryori Katherine  
Cabrita Garcia. — 2019.  
432 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Cláudia do Amaral Leão  
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes,  
Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém,  
2019.

1. Práticas Amatórias. 2. Artes Visuais. 3. Memórias  
Líquidas. 4. Mamãe-Avós-Eu. 5. Feminista Amorosa. I.  
Título.

CDD 775

---



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado  
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PARÁ.

Aos vinte e seis (26) dias do mês de Junho do ano de dois mil e dezoito (2018), às quinze e trinta (15h30) horas, a Banca Examinadora, instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se em Sessão Pública no Programa de Pós-Graduação em Artes, para examinar a Dissertação de Mestrado de **Maryori Katherine Cabrita Garcia**, intitulada: Amatória, sob a presidência da orientadora Professora Doutora Ana Claudia Leão, conforme disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento Interno do Programa de Pós-graduação em Artes. A Banca Examinadora, composta pelos pesquisadores doutores indicados a seguir, foi constituída de acordo com o prescrito no parágrafo único do Artigo 74 do Regimento acima mencionado: Ana Cláudia Leão (Presidente), Ana Flávia Mendes Sapucahy (Interno), Luzia Gomes Ferreira (Externo a Instituição). Dando início aos trabalhos, a Professora Doutora Ana Cláudia Leão, passou a palavra à mestranda Maryori Katherine Cabrita Garcia, que apresentou a dissertação, com duração de trinta minutos. Após a apresentação, a mestranda foi arguida pelos examinadores e, em seguida à manifestação dos presentes, foi lido o parecer, resultando o trabalho de pesquisa (X) **Aprovado, com o conceito**

EXCELENTE

( ) **Aprovado com Restrições, com o conceito**  
( ) **Reprovado.** A aprovação do trabalho final

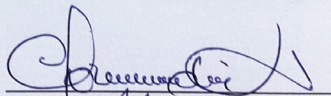
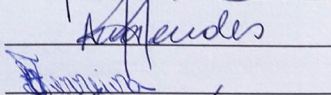
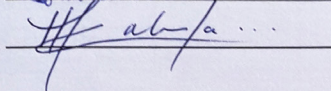
pelos membros será homologada pelo Colegiado, após a entrega, pela mestranda, da versão definitiva e impressa do trabalho na Biblioteca do Programa. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora Ana Claudia Leão agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca pela mestranda. Belém-Pa, 26 de Junho de 2019.

Prof.ª Dr.ª ANA CLAUDIA DO AMARAL LEÃO

Prof.ª Dr.ª ANA FLÁVIA MENDES SAPUCAHY

Prof.ª Dr.ª LUZIA GOMES FERREIRA

MARYORI KATHERINE CABRITA GARCIA

*“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001*

*“This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001”*

Belém, agosto/2019

Assunto: Minha Gratidão!

### Queridos amigos:

Como vocês estão? Como está a família de vocês? Espero que tudo esteja bem nas suas vidas! Eu sei, o país de vocês não está como vocês almejariam! Suas tristezas são as minhas, estamos passando por momentos muitos cruéis e difíceis em nossos países, em nossas Américas. Sei que nossas situações políticas são diferentes, mas é o jeito... o que nos dói pra caralho! Nossas circunstâncias econômicas podem até ser distintas, sei lá! No entanto, a dor em nossos peitos ressoa e nos ensina a sermos mais fortes que o ódio que professam os nossos políticos e mandatários. Gente! Temos que estar mais unidos do que nunca para reagir às coisas que estão por vir em nossas Américas. A luta é de todos! Não esqueçam disso, tá? Nós somos povos de luta, amazônicos, caribenhxs, guerreirxs... sempre insurgentes! Não acreditem nas máscaras neoliberais! Eles não estão nem aí para nós!

Quero lhes abraçar muito. Que nossas dores passem, que nossas tristezas voem alto, longe daqui. Almejo que as nossas vidas algum dia estejam fora de qualquer tipo de violência, fome, miséria, exploração, fobia, e somente nos preencha o bem viver. Que as águas sejam claras, que a natureza fique livre de qualquer exploração e que a vida esteja cada vez mais unida a ela, a essa mãe-terra generosa que ainda nos dá demais!

Amadxs amigxs, aqui estou, lembrando-lhes e escrevendo-lhes para lhes agradecer, dizer-lhes que estou muito grata. Grata demais! Gratidão por tudo o que a gente viveu junto enquanto abriam as portas de seus corações para eu entrar e me aquecer. Obrigada por me partilhar sua paixão pela vida! Quero

lhes desejar que lemanjá os abençoe, envio-lhes os beijos que minha mamãe e minhas avós deixaram para vocês neste nadar de águas doces e salgadas.

Hoje, enquanto lhes escrevo a carta de agradecimentos infinitos, escuto o ressoar de suas vozes em meu peito e me encho de lágrimas, mas lágrimas de uma alegria dionisiaca. Amante. Livre. Imensurável. De felicidade transbordada nos olhos ao ver crescer os horizontes de suas vidas. Momentos partilhados e emborráveis em mim! Gratidão por isso e por mais. Gratidão porque cresci com vocês! Crescemos juntos, lado a lado, lágrima a lágrima, riso a riso. Gargalhamos a vida! Axé!

A minhas amigas venezuelanas, Valentina Castillo, Flavia Castillo, Antonella Castillo, Coromoto Castillo, Ana Duarte, Miranda Duarte, Yorgana Yajure, Livia Vargas, Maria Rondon, e a meus amigos Alejandro Barrón, Arnoll Cardales, Enrrique Portal, lhes deixo minha gratidão irmã – ela, a costumamos aqui no Brasil, alguns em Belém do Pará e outros longe, na terra que amamos, a nossa Venezuela, terra con olor de arepas hechas en el budare de la familia, calor a Mar Caribe, a sabor de tajada, cochino frito, cambur, cachapas, mangos, caraotas, a los quesos juvenes de tierras ganaderas, al llano inolvidable del alba venezolana y nuestro frio de los andes que transpiran nuestras almas, a la salsa caraqueña con la cerveza al lado, al joropo inolvidable, el repique de los tambores y las gaitas navideñas.

Gratidão por ser parte das suas vidas nalgum momento, a vida nos foi partilhada em momentos difíceis e únicos, e nos deixou esse toque único que tenemos, el sabor de lucha venezolana; somos mujeres y hombres guerrerxs, valientes, caribeñxs, !echadxs pa' lante! E cada dia por vez, a cada passo neste andar, estamos crescendo não somente como profissionais, crescemos como venezuelanxs conscientes de nossos passos e lutas, dos passos que estão por vir, das

fortalezas que ainda devemos cultivar para não cair, e desse almejar de que as coisas na nossa Venezuela mudarão! Minhas irmãs e meus irmãos, amo vocês! axé!

A minhas amigas, a Glaucine Viana e a Rubi Calla, obrigada por me dar suas mãos amigas nos momentos de maior solidão na minha vida, nos momentos que precisava de calor do lar. Do fogão de família. Do calor de amigas incondicionais, que sem me conhecer deram-me amor, sem esperar nada em troca. Me deram a fortaleza de seguir em frente em um país que nem conhecia. Gratidão pela ternura que vocês têm e me deram! Obrigada, viu! Lhes quero! Axé!

Obrigada a minhas professoras: Claudia Leão, por me guiar nestas grandes travessias, onde lado a lado nos costuramos e nos ouvimos. Você, junto a seu companheiro Paulo Meira, deram-me cuidados e alimento para eu culminar e não desistir jamais! A Ana Flavia Mendes, pela paciência e escuta sensível, por sua capacidade de me mostrar doçura nos momentos que mais precisava de compressão por minha arte e minhas incertezas neste mergulhar de duas águas, por me deixar chorar. E à professora Luzia Gomes, por me dar conselhos, por me ajudar a me acalmar e encontrar minha voz e minhas respostas nesta escrita, por me mostrar novos tecidos dos feminismos plurais e negros. Obrigada a cada uma de vocês, seus conselhos e lindeza. Minha gratidão! As admiro e as quero demais! Axé!

A minhas amigas e meus amigos da turma de mestrado 2017-2019, a Marina Trindade, o Iam Vasconcelos, a Bianca Levi, a Luciana Borges, a Edilene Rosa, o José Viana, o Juan Silva, o Felipe Cortez, o Bernard Freire, a Lana Lima, a Julia Bentes, o Pablo Mufarrej, o Renan Coelho, a Adrielle Silva, o Renan Demontt, o Romulo Sousa Estevam, o Cassio Tavernard, o Diego Quadros, a Germana Carmoni, o Luciano Sousa, o Saulo Caraveo, a Juliana (Tita)

Padilha, a Ana Gama, a Laura Paraense, o Renan Oliveira e a Renata Maués, por me mostrarem as águas mornas de sua sabedoria, sabedoria que sorvi, gota a gota, nos momentos de maior frio e sede na minha vida criativa e vida mesma. Obrigada pelas noites de cervejas, de amanheceres, de natal, fim de ano, “confras” (risos). Vocês aqueceram minha alma e meu coração de muito amor. De um amor florescido na plenitude dessa chuva paraense, cotidiana, amante, onipresente, onde a gente dançou, brincou, bebeu, sorriu juntos! Muitos risos foram espalhados nas aulas! Lembro cada gesto de amor deixado em mim neste andar chuvoso. Sem vocês, jamais haveria chegado aonde agora estou: a mulher que chorou com vocês e curou velhas feridas, a mulher cheia de felicidade, transbordante de vida, que agora sou ao lado de vocês! Amo a vocês e muito! Axé, viu!

Gratidão ao Alex Vilar por me levar aos Potoqueiros, no Espaço das Artes, e me apresentar aos involvidáveis: Breno Monteiro, Lauro Sousa, Nilton César, Erika Mindelo, Carolina Souza e Rayssa Rodrigues. Vocês acreditaram em meu trabalho como fotógrafa de rua, sem conhecer-me sequer, e deixaram-me à vontade para registrar a meu modo a obra Grito (2017). Obrigadão! Uma aprendizagem muito grande levo daqueles exercícios de artes cênicas ao saber que o teatro pode me ajudar a puxar e visibilizar a violência cotidiana que a gente vive, e me ajudar a ver o que eu ainda guardava e me atravessava. Grata por me ajudarem a soltar as minguas e as dores, que estão agora jogadas nesta pesquisa. Gratidão por serem os cúmplices de uma aventura que durou meses e que nos uniu na arte de viver a cena experimental. Grata por isso e por mais. Lhes quero, Axé!

Abraços imensos a minha amiga Paula Vanessa Silva. Gratidão pelas festas que a gente viveu, por não prestar! K, k, k ... por curtir nossas luas apaixonadas pela vida, e o amor livre e sem amarras, por

dançar no The Beatles, por madrugar bêbadas e sair correndo a comer sopinha para levantar esses corpos de tanta cerveja. K, k, k ... por me fazer comidinha quando estive doente. Por me cuidar e me abraçar na difícil escolha que tive que fazer. Por ser parte do teu lar e a babá dos gatinhos, da Pérola e do Oteló. A essas duas crianças tolas e feitas amor que não me deixavam comer em paz. Gulosas demais, K, k, k... como eu! Obrigada viu, por ser boa ouvinte, por me mostrar música típica paraense, por rir muito, comer muito, ser irmã amiga K, k, k, te amo! axé!

Obrigada a minha mãe, Marisela Garcia, por me deixar falar dela e de suas marcas, por honrar a memória de minhas avós, Ida Garcia De Márquez e Dilia Rubio de Cabrita. Sentir o luto delas e o meu. Velar as mortes de meus seres amados. Sentir-me abençoada por ser um pedacinho delas e deles. Reconciliar-nos neste mergulhar de águas Mar-rio. Abraçar o que fomos. Perdoar o que não fizemos. Não nos culpar mais! Abrir os nossos corações a um novo pulsar de almas. Lhes amarei hoje e sempre, axé!

Aos homens que me deram aprendizagens de vida e amor, a meu padrasto Enders Blanco e a meus artistas, mestres, pais, poetas da arte, eles me ensinaram constância, simplicidade, humildade, e a ser artista antes de mais nada. Vocês, Guillermo Abdala, Alberto González, Ramón Grandal, agora me olham desde o céu, e saibam: farei arte hoje e sempre, pois é minha forma de honrar a vocês!

Amigxs, hoje, vejo o passado e lembro dos sumiços que fiz na vida de todes vocês! K, k, k... Sumi para me lembrar a importância que foi não os ver, não estar por perto – eu precisava disso para o meu bem, para crescer e florescer sozinha. Nem sempre pude acompanhá-lys e lhes deixo minhas desculpas se às vezes não estive nos momentos importantes de suas vidas. Mas meu coração levou sempre um pedacinho de vocês em meus dias de solidude. Sempre fui assim,

muito livre amando. E por isso os amei à vontade!  
Rs, rs, rs...!

Gratidão a Raquel Carvalho Bisneta. Tu foste uma  
mão amiga para a tradução e revisão da Amatória.  
Um grande abraço, irmã!

Gratidão a minhas amizades e famílias de lá,  
Ninozka Farias, Fanny Cubillan, a Maria A. Ro-  
jas (nana), a Nagdy Guevara, o José L Guagliano-  
ne, Yumarsi Ovalles, Nelson Campos, César Nuñez,  
Gabriela Gois, Carmen Hernández, Angely Méndez  
(prima), Tia Elvia Méndez e Eusebio Méndez. Gra-  
tidão a todes vocês, por sentir a vocês por perto, ainda  
estando longes de mim! Beijos!

Os Parabenizo a todes por cada um dos degraus  
alcançados nas suas vidas criativas, profissionais,  
familiares, amorosas, da vida mesma! Gratidão por  
abraçá-lxs simplesmente! Parabenizá-lxs por cada  
girar de sóis! Rir de nossos mercúrios retrógrados, k,  
k, k. Ser feliz porque somos uma luz cheia de vida,  
lutas e vitórias.

Gratidão Mãe Terra, por deixar em mim parte  
desta beleza amazônica.

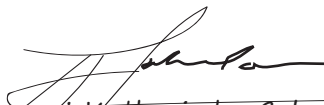
Minha gratidão infinita lemanjás, tuas águas me  
deram mais que presentes, me deram viver!

Lhes amarei e recordarei sempre a todes.

Axé! meus amores e minhas amadas, beijos!

A cabra apaixonada de suas vidas, axé!

com amor...



Margori Katherinhe Cabrita Garcia



## **PREFACIO**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luzia Gomes Ferreira**



Li a dissertação-livro da Maryori com enorme alegria, encantamento e amor. Estive na sua banca de qualificação e agora com os livros de pausa em mãos, observei o seu amadurecimento intelectual, posicionamento político e a incorporação do feminismo em sua vida, como uma forma de ver, pensar e estar no mundo.

Destacarei quatro pontos no trabalho da Maryori que para mim são fundamentais para compreendermos a profundidade do seu trabalho.

Primeiro ponto: AMOR!

I – Como diria a poeta santomense Goretta Pina: “o inevitável amor”. Usando o termo da intelectual negra bell hooks, posso afirmar que a Maryori assume uma subjetividade radical ao trazer o amor como possibilidade de cura, inspirada em autoras do feminismo negro. Na academia eurocêntrica, brancocentrada, racista e sexista como a nossa, o amor foi abandonado, largado nos arquivos mortos no sistema do cisheteropatriarcado. Aprendi lendo a bell hooks que para muitas de nós pessoas negras e não brancas, o amor é uma categoria analítica e política. Reivindicamos e invocamos o amor para as nossas existências e resistências, para o nosso processo de descolonização interna e psíquica, para a nossa construção de conhecimento acadêmico e não acadêmico. Não é clichê e nem cafona falar de amor. Não nos serve a lógica branca pequeno-burguesa de indiferença ao amor. Porque “nós queremos ser amadas e amados”, como afirmou a poeta Lívia Natália. A Maryori em sua dissertação nos mostra diferentes performances

do amor. O amor-mulher; o amor-filha; o amor-país; o amor-latinoamérica; o amor-rios; o amor-chuva; o amor-axé; o amor-arte. O amor no trabalho da Maryori tem de ser compreendido na versão da poeta Maya Angelou, na qual ela nos diz que:

O amor cura. Cura e Liberta. Eu uso a palavra amor não como sentimentalismo, mas como uma condição tão forte que pode muito bem ser o que mantém as estrelas em seus lugares no firmamento e faz o sangue fluir disciplinadamente em nossas veias (...) e ajuda escalar alturas impossíveis e erguer-se de profundezas imensuráveis.

É dessa atitude amorosa do amor, que a Maryori nos fala. Mas esse encontro com o amor foi atravessado pela dor, que será o próximo ponto que destacarei nesse parecer. Quero dizer a Maryori que é preciso muito amor pela vida, por si e pela arte para ter a coragem de se desnudar em palavras e imagens a partir da sua própria trajetória de vida. Mas também, é uma forma de construir conhecimento com cheiro, gosto e tato, e não uma selfie acadêmica, como muitas e muitos intelectuais, especialmente brancas e brancos falam para deslegitimar a nossa escrita acadêmica em primeira pessoa, porque não aceitam a nossa radicalidade em transformar o pessoal em político. A antropóloga estadunidense Angela Gilliam, falecida no início desse ano, fala o seguinte:

[...] volto-me para o debate atual nas ciências sociais a respeito da relação que existe entre produção intelectual e experiência pessoal. Alguns dos exemplos de escritura mais provocadora emergem nos momentos críticos em que a posição de subjetividade do autor

fortalece a autoridade analítica. Há muitas razões para esta mudança de direção. O que me atrai e eu acho outros estudiosos a escrever pessoalmente é um desejo de abandonar a metalinguagem alienadora que fecha em vez de abrir as portas da academia para todos aqueles que queiram entrar. Escritura pessoal representa um esforço sustentado para democratizar a academia. Realmente ela emerge das lutas daqueles tradicionalmente excluídos da academia, tais como mulheres e membros de grupos minoritários para encontrar uma voz que reconheça não só o sentido da diferença, mas também a chegada demorada ao mundo erudito. (GILLIAM, 1995, p.525-526).

Lendo o trabalho da Maryori fiquei pensando: é preciso quantas doses diárias de amor para escrever uma dissertação ou uma tese? Por que precisamos sofrer para construirmos conhecimentos acadêmicos? O rigor científico reside no desamor? bell hooks nos diz que

[...] o amor significa a nossa expansão no sentido de nutrir nosso crescimento espiritual ou de outra pessoa, me ajuda a crescer por afirmar que o amor é uma ação. [...] Ao mesmo tempo que conhecemos nossas necessidades materiais, também precisamos atender às nossas necessidades emocionais. (hooks)

Maryori nos apresenta o amor como o oxigênio de mobilidade da vida que precisamos para seguir nesse mundo belo e hostil; de luzes e sombras; de amor e dor, de alegrias e tristezas; de casa e rua. O amor em seu trabalho se configura como a materialização de um projeto de vida na construção do autoconhecimento enquanto mulher artista, venezuelana, sul-americana, filha, neta e sobrinha.

Segundo ponto: DOR!

II - A dor atravessa todo o trabalho da Maryori. Mas uma vez, ela se aporta nos trabalhos de autoras negras para teorizar sobre a dor. Ao dialogar, especificamente com o conceito de Dororidade, cunhado pela escritora Vilma Piedade, Maryori percebe que só é possível praticar a sororidade entre nós mulheres se entendermos que não somos iguais, pois, os marcadores sociais de diferenças se materializam em nossos corpos de mulheres. É preciso reconhecer que não há uma dor universal entre nós mulheres apenas por sermos mulheres. Categorias como, raça, classe, etarismo, nacionalidade, formação, são alguns, entre tantos outros marcadores sociais de diferenças que nos provocam dor enquanto mulheres.

Da mesma forma que o amor não deve estar ausente das nossas escritas acadêmicas, a dor não pode ser silenciada. A autora inglesa Shirley Tate, em seu artigo intitulado «Descolonizando a raiva: a teoria feminista negra e a prática nas universidades do Reino Unido», nos fala como a dor nos faz ranger os dentes:

Fui transformada em uma rangedora de dentes por causa da raiva que sinto em trabalhar numa instituição branca, que produz a dor como um efeito negativo, em termos afetivos e materiais, do racismo e do heteropatriarcado. A dor de ranger os dentes com tanta força a ponto de a mandíbula doer, a dor de ser silenciada pessoal, política e epistemologicamente, a dor da solidão por estar absolutamente sozinha na convicção de que a injustiça ocorreu, a dor que emerge por meio do medo do ostracismo e da sua

ocorrência real. Aqui está um exemplo do porquê eu ranjo os dentes. (TATE, 2018, p. 187).

A dor nos faz ranger dentes, nos criando sequelas emocionais irreparáveis. A Maryori nos fala da dor do silêncio, sobre a não escuta da nossa voz no espaço público e no privado da nossa casa. Lia o trabalho do Maryori e lembrava-me da minha qualificação de tese quando fui questionada porque falava tanto do silêncio, mas não o desenvolvia. Talvez por ele ser o meu companheiro constante em muitos momentos da minha vida pública, no espaço acadêmico e não só, criamos uma relação de intimidade simbiótica que nem sabia mais traduzi-lo em palavras. Fiquei pensando sobre qual era o tipo de silêncio que me incomodava, e fui buscar nas palavras de outra mulher negra, artista e acadêmica como eu, uma reflexão coerente sobre o silêncio que me atormentava. Grada Kilomba, em seu livro *Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*, nos fala do silêncio forçado, através da metáfora da “máscara”.

Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/ as comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos (as) chamados(as) ‘Outros(as)’: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? [...] a boca é um órgão

muito especial, ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo a boca torna-se o órgão da opressão por excelência, ela representa o órgão que os (as) brancos(as) querem – e precisam – controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente reprimido” (KILOMBA apud Jesus, 2016, p.172).

Era esse silêncio castrador que me provoca dor e sobre o qual não sabia falar. Não me reportava ao silêncio romantizado, venerado e cultuado pelos intelectuais brancos e brancas como sinônimo de “civilização”. Também não estava falando do silêncio aparentemente pacífico das plurais sociedades orientais, que são fetichizadas pelo Ocidente entediado. Muito menos falava do silêncio prazeroso de que precisamos para criar artisticamente. A Maryori quebra com alguns silêncios dentro dela e os transforma em “linguagem e ação”, numa analogia ao texto da poeta negra Audre Lorde (1977). É preciso encontrar o nosso lugar de enunciação. É preciso quebrar o silêncio e falar abertamente sobre as dores e os tabus que incidem sobre os nossos corpos de mulheres sul-americanas.

Maryori, te falo que seria hipocrisia e leviandade minha, dizer que entendo a sua dor provocada pelo estupro e posteriormente não ser ouvida, pela rejeição na escolinha de Ballet, por não ser magra e se submeter a dietas violentas para entrar num padrão estético símbolo de beleza universal que é o das mulheres brancas e magras. Não passei por isso. Ainda que a violência sexual seja uma ameaça constante para qualquer mulher no mais cosmopolita ou no

mais recôndito lugar desse mundo nosso de cada dia. Mas também sei que provavelmente você não entende a minha dor de mulher negra com pele retinta, que não tem cabelos lisos, nem volumosos cachos, que tem lábios grossos e nariz achatado, que já brigou na aula de yoga, porque a professora me disse que a minha bunda atrapalhava a execução dos exercícios corretamente, ou que numa loja em Lisboa, ao experimentar um vestido, o vendedor se achou no direito de me dizer que o mesmo não ficou bem em meu corpo, porque eu tinha problema de ancas, como se eu tivesse que ter um corpo de tábua. A dor que tá incrustada na paisagem corporal que habito e que nas Américas é a materialização das violências que as minhas ancestrais africanas foram vítimas no processo de colonização e escravidão. Não se trata aqui de colocar a dor em escala e medi-las num dormometro, para saber quem é a mais desgraçada das mulheres em nossas sociedades sul americanas, e sim, compreender o que a intelectual Vilma Piedade nos ensina. Nas palavras da autora: "A palavra Dor, tem origem no latim, dolor. Sofrimento moral, mágoa, pesar, aflição, dó, compaixão. Não há dor maior ou menor. Dor não se mede. É de quem sente. Há dor. Dor dói e pronto." (PIEADADE, 2017, p. 19). A nossa imortal Conceição Evaristo afirma que ao escrever "[...] a memória da dor, não se trata de 'mimi', não se trata de causar comiseração, se trata sim, de afirmar a nossa arte, a nossa potência, a nossa resistência, o nosso quilombismo." (EVARISTO, 2019).

As dores da Maryori que muitas vezes a levaram ao pranto em sala de aula, a ponto dela não saber ex-

pressar direito o que queria fazer na sua dissertação pelos fatores que ela aponta ao longo da sua escrita e que agora ela expressa corajosamente em seu trabalho de encerramento desse ciclo acadêmico, é um ponto de partida para nos atentarmos que é preciso teorizar a dor do conhecimento e na produção do conhecimento, dentro da sala de aula na academia. Uma vez que somos sujeitas e sujeitos compostas de dores que atravessam as nossas existências de pessoas humanas e intelectuais.

### Terceiro ponto: FEMINISMOS

Na banca de qualificação da Maryori a questioneei muito acerca das suas reflexões sobre feminismo e especialmente a indaguei de que lugar ela falava e de qual mulher ou mulheres ela tratava. Disse-lhe que apesar de toda a violência que ainda somos vítimas por sermos apenas mulheres, também temos agência e agenciamento sobre nossas vidas. Porque se não fosse assim, não estaríamos aqui, nessa sala numa banca de mulheres, na academia que na maior parte do tempo privilegiou e ainda em muitos contextos continua privilegiando as falas, as escritas e as bancas dos machos majoritariamente brancos. Mas esse agenciamento não foi construído individualmente, e sim, coletivamente. Porque muitas de nossas ancestrais se rebelaram contra o cisheteropatriarcado. É como nos fala a feminista negra Carla Akotirene: "Apesar da minha ancestral receber chicotadas do homem branco, ela nunca o reconheceu como seu senhor."

Os feminismos não são escolinhas de catequização,

temos divergências de pensamentos e de linhas de atuação. Já sabemos que os simples fato de sermos mulheres nem sempre nos irmana, porque há mulheres que podem ser tão sexistas quanto os homens e estar a serviço do cisheteropatriarcado. Há mulheres brancas que podem ser tão racistas quanto os homens brancos e discriminarem mulheres negras e homens negros. Há mulheres que podem sofrer violência doméstica e exercitar violência com suas crianças. Há mulheres ricas que oprimem e humilham pessoas pobres. Há mulheres brancas na academia que estão a serviço da colonialidade do saber e deslegitimam os conhecimentos produzidos por mulheres negras, como bem nos lembra as intelectuais negras bell hooks, Shirley Tate e Grada Kilomba. Contudo, o sexismo segue sendo “um sistema de dominação institucionalizado” (hooks, 2015), que muitas vezes se institucionaliza dentro das nossas próprias casas. E óbvio que assim como o racismo, o sexismo também está estruturado e institucionalizado nos espaços acadêmicos e no sistema de arte.

O trabalho da Maryori apresenta um amadurecimento radical enquanto feminista. Ela mergulhou em literaturas acadêmicas e poéticas de mulheres negras e brancas para construir seu arcabouço teórico, partindo da sua trajetória de vida, entrelaçada com a da sua mãe e avós, para ocupar o seu lugar de enunciação de mulher artista, venezuelana, sul americana em Belém do Pará, nessa parte da Amazônia Brasileira.

A Maryori apesar de apresentar a sua relação de amor e conflito com a sua mãe em muitas partes do seu trabalho, escancara o seu desejo de até o mo-

mento, não exercer a maternidade, nos fala abertamente sobre os abortos que fez. E mais uma vez nos lembra que a discussão sobre o aborto não pode ser travada encima de valores morais ou religiosos e sim, na perspectiva da saúde pública e para mim acima de tudo, é de uma vez por todas radicalizar no direito da autonomia das mulheres sobre os seus próprios corpos. Até mesmo porque os homens sempre tiveram e continuam tendo autonomia para assumir ou não a paternidade com conviência de uma sociedade hipocritamente sexista. No entanto, a dissertação da Maryori também explicita nitidamente que ainda não temos plenos direitos sobre os nossos corpos.

Maryori compreende o feminismo como uma ferramenta política e através da sua trajetória individual e coletiva, reflete sobre a condição das mulheres do seu país. Em seu trabalho vi a Venezuela que até então só conhecia através dos livros da escritora Isabel Allende, porque numa parte de sua vida, ela morou em Caracas. Maryori se posiciona politicamente enquanto Chavista e reflete sobre o complexo cenário político que a Venezuela atravessa. E acima de tudo, nos alerta, o quanto isso contribue ainda mais para o empobrecimento das mulheres, especialmente das mulheres não brancas. O trabalho de Maryori nesse sentido se configura como um testemunho do presente, da atual situação política da Venezuela, mas também do Brasil. Mais uma vez dialogando com bell hooks, ela nos diz que o [...] o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto a su-

jeito, que descolonizariam a libertariam suas mentes.” (hooks, 95, 466).

Ser feminista, na minha perspectiva é lutar para a desconstrução de todas as formas de opressões. Não é possível ser feminista, sem ser antirracista, sem ser anticlassista. Sem fazer o complexo exercício da escuta de outras mulheres que não estão no espaço privilegiado da academia, apesar de todos os embates que travamos diariamente para sermos respeitadas como intelectuais. Quando a escritora Chimamanda Adichie nos convida para que «Sejamos todos Feministas» é justamente por compreender que o feminismo liberta as mulheres e aos homens. Acredito eu que as artes podem e devem dialogar mais estreitamente com as teorias feministas e isso, não cabe apenas as mulheres artistas, como a Maryori, mas também aos homens artistas.

#### Quarto Ponto: POESIA E IMAGEM

Relembrando mais uma vez a qualificação da Maryori, observei que o seu trabalho tinha uma ligação direta com a poesia. Porém, apesar de ter nos apresentado as suas crônicas no texto para qualificar, o lugar da poesia ainda não estava bem delineado. Ela enunciava um escrever poético, mas não aprofundava. A Flor Gulosa, ainda não tinha assumido a escrita da Maryori, com sorrisos, nudez, desejos, toques, mãoesturbação. A poeta Audre Lorde nos diz que:

Para mulheres, então, poesia não é um luxo. Ela é uma necessidade vital de nossa existência. Ela forma a qualidade da luz dentro da qual nós predizemos nossas esperanças e sonhos em direção a sobrevivência e mudança, primeiro feita em linguagem, então em

ideia, então em ação mais tocável. Poesia é o caminho com que ajudamos a dar nome ao que não tem nome, para que possa ser pensado. O horizonte mais distante de nossas esperanças e medos é calçado por nossos poemas, cavado das experiências pétreas de nossas vidas diárias. (LORDE, p. 134).

Glória Anzaldúa questiona:

Por que deveria tentar justificar por que escrevo? Preciso justificar o ser chicana, ser mulher? Você poderia também me pedir para tentar justificar por que estou viva? O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como "outro" — o escuro, o feminino. Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado "normal", o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e, muito frequentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós. Desde então estamos buscando aquele eu, aquele "outro" e umas as outras. E em espirais que se alargam, nunca retornamos para os mesmos lugares de infância onde o exílio aconteceu, primeiro nas nossas famílias, com nossas mães, com nossos pais. A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver. E aquelas que não sobrevivem? Os restos de nós mesmas: tanta carne jogada aos pés da loucura ou da fé ou do Estado. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Todas às vezes que leio Anzaldúa e Lorde, dou-me

conta que a escrita é existência e sobrevivência, é um lugar de enunciação, é um espaço de expurgar as dores que nos dilaceram no mais profundo do nosso âmago. Mas também é onde reconstruímos a nós mesmas e respiramos com a liberdade dos nossos desejos em primeiro plano.

Maryori em muitos momentos do seu texto se define como fotógrafa de rua. E nos apresenta um diário visual de suas andanças por diversas ruas. Nos faz caminhar a partir da sua lente. É o seu percurso de mulher artista fotógrafa. Mas na minha análise são as fotografias da casa, dos ambientes fechados, a penumbra do quarto ou da sala de estar, as imagens da sua mãe, da sua avó, da sua tia, do seu padasto, do seu corpo em experimentação do desejo, que sustentam as suas escritas nessa dissertação. É uma autoanálise escrita e imagética e é aí que reside a sua radicalidade de que o pessoal também é político. É o momento da simbiose entre poesia e fotografia. Porém, entre a poesia e a fotografia estão as colagens, sendo.

Gostei da forma como você liberta as imagens e as palavras escritas. Elas livremente são! Sem procurar um modelo que encaixe tudo, você desencaixa, encaixando palavras e imagens no exercício amoroso do autocuidado de si. No entanto, esse seu eu tão íntimo, pode dialogar com o eu de várias outras mulheres, como dialogou com o meu. E é nesse momento que para mim você deixa a sua arte ir para o mundo e caminhar por ruas que talvez nem você mesma tenha caminhado e talvez, não caminhe.

A liquidez das suas memórias está nos fluidos do seu corpo, mas também estão no fluxo das águas da chuva e dos rios que jorram para algum lugar desconhecido de todas nós. Mas, as suas memórias líquidas não se aprisionam nesses livrinhos, pelo contrário, criam asas com raízes e voam germinando a procura da flor de areia no deserto dos nossos corpos.

Maryori te ler e te ver foi prazeroso, foi triste, foi amoroso, foi revoltante, foi descoberta, foi estranhamento, foi partilha. E saiba que entendo perfeitamente o quanto estudar e escrever fora do nosso país é algo desafiador e que em muitos momentos nos desequilibra. Há dois anos estava nesse movimento. Apesar de estar num país que teoricamente fala o mesmo idioma que o meu, descobri que as variantes linguísticas influenciam e muito na nossa forma de pensar e estar no mundo. Falamos o português sul americano, o português amefricanizado, que me faz bater cabeça para a nossa grande intelectual Lélia González.

Maryori, não te farei perguntas para seguir um protocolo de arguição, até mesmo porque não sinto a necessidade de obter respostas. Para mim, o trabalho está feito e é seu. O que te sugiro que para entrega final da dissertação para ser depositada na biblioteca, é que procure alguém para fazer uma revisão de português. Porque em alguns momentos quando você mistura português e espanhol no corpo do texto, o que é perfeitamente compreensivo no seu caso pode sugerir a leitora ou ao leitor coisas que você não quis dizer.

As questões que tinha para te colocar, fiz durante a qualificação e acredito que dentro das suas possi-

bilidades, mais do que dá respostas a mim enquanto examinadora, você construiu a consistência teórica do seu trabalho em diálogo com várias autoras que te sugeri. E isso, me deixa extremamente feliz enquanto professora por ter contribuído no teu percurso acadêmico. Faz-me acreditar cada vez mais que a educação é um caminho de construção dialógica, para a libertação de mim mesma e das pessoas com as quais convivo e encontro semanalmente na sala de aula. E nessa minha jornada docente, o amor é ferramenta fundamental. E como nos ensina bell hooks:

Para devolver a paixão à sala de aula ou introduzi-la nas salas onde ela nunca esteve, as professoras universitárias e professores universitários têm de encontrar de novo o lugar de Eros dentro de nós e, juntos, permitir que a mente e o corpo sintam e conheçam o desejo. (hooks, p. 264).

Por fim, quero te dizer: Obrigada por me incluir na sua trajetória acadêmica em Belém do Pará! E sigamos, porque como cantou Calle 13 em parceria com Susana Bacca, Toto La Momposina e Maria Rita: SOMOS AMÉRICA LATINA, UM POVO SEM PERNAS, MAS QUE CAMINHA!

Axé para nós!!! ...



## Resumo

O presente trabalho em artes, intitulada "Amatória, práticas artísticas de uma feminista que reescreveu uma parte da memória líquida de seu corpo" contém oito livrinhos, A-M-A-T-Ó-R-I-A, onde estão presentes meus processos poéticos: ilustrações, rascunhos poéticos, memes poéticos, fotografias, colagens, relatos e crônicas, as quais são experiências de arte/vida/gênero. Memórias líquidas de amores/desamores pessoais e familiares desaguadas nas minhas minguas, lágrimas, alegrias, suores, mudanças, mortes, raivas, sangues, dores, ódios, feminicídios, estupros, assédios, perdas, interrupções voluntárias da gravidez, pulsões, mãosturbações. Aqui tudo mergulha em mim, como mulher, filha, neta, amiga, estudante, feminista, professora, pesquisadora, artista, deusa, animal e humana. Todas elas me desdobram nos agires da minha vida cotidiana e criativa. Não obstante, os oito livrinhos em Amatória vão deixando seu flutuar de passados/presentes. A possibilidade de criar/sentir práticas curativas no corpo. Insistir em práticas amorosas diferentes para se contrapor às práticas de ódio do sistema patriarcal, que é narrado como amor, mas é machista, sexista, racista, explorador, misógino e - a meu ver - existente em nossas sociedades da América do Sul e América Latina. Porém, deixo aqui os fatos emborráveis. No entanto, vocês acharão uma escrita que sana dores. Joguei fora experiências amargas que levam as marcas da violência de gênero. O percurso todo são práticas amatórias, com o fim de partilhar a importância de caminhar sozinha, de tomar tempo para si, de cuidar de si, escutar-nos, de dar-nos ternura, fortalecer nossos imaginários corporais, sexo

-afetivos e exercitar nossa autonomia como sujeitas criadoras de novos vínculos com o corpo, o sexo e os relacionamentos. Reafirmar-nos criadoras e merecedoras de amor próprio! Minha intenção é reescrever novas memórias líquidas e amorosas em meu corpo, pois sou uma feminista amorosa que deseja dar seus grãos de águas neste caminho da vida, da vida criativa e vida sexual. Expus uma narrativa às vezes muito repetitiva quanto à criança e meu Eu social, como mulher, latina e heterossexual de seus contextos familiares andinos e venezuelanos, tentando acolher as imagens da minha mãe e as vovós de minhas lembranças, e assim nos reconciliar. Para fins metodológicos usei fontes diversas: feminismos negros plurais, romances de escritoras negras brasileiras, textos de antropologia, crítica de arte, psicologia terapêutica, poesia; desencadeados numa cachoeira de Mar-Rio, onde se misturam as águas barthesianas e os fluxos críticos e amorosos das escritoras e feministas Livia Natália, Conceição Evaristo e Vilma Piedade, entre outras, que deram-me a cachoeira de água salobre e outras bem doces, enquanto nadei até o fundo de meu corpo, e por isso me acharão narrando em primeira pessoa e outras vezes como as outras flores que moram em mim, pois sou uma floresta múltipla e inconclusa. Meus processos da vida/arte não têm resultados, nem dados, só têm experiências, exercícios que saem das minhas memórias líquidas de lá da Venezuela e de meu percurso Rios-risos, daqui de Belém do Pará.

**Palavras Chaves:** Práticas Amatórias, Artes Visuais, Memórias Líquidas, Mamãe-Avós-Eu, Feminista Amorosa.

## Abstracto

El presente trabajo en artes, titulada: Amatoria, prácticas artísticas de una feminista que reescribió una parte de la memoria líquida de su cuerpo; contiene 8 libros pequeños, A-M-A-T-O-R-I-A, donde están mis procesos poéticos: ilustraciones, rasguños poéticos, memes poéticos, fotografías, collages, relatos y crónicas, las cuales son experiencias de ar-te/vida/género. Memorias líquidas de amores/desamores personales y familiares desaguadas en mis menguas, lágrimas, alegrías, sudores, cambios, muertes, rabias, sangres, dolores, odios, feminicidios, violación sexual, asedios, pérdidas, Interrupciones voluntarias del embarazo, pulsiones, masturbaciones. Acá todo nada em mí, como mujer, hija, nieta, amiga, estudiante, feminista, profesora, investigadora, artista, diosa, animal y humana. Todas ellas me desdoblan en los actos de mi vida cotidiana y creativa. No obstante, los 8 libritos en Amatoria, van fluyendo de pasados / presentes. La posibilidad de crear / sentir prácticas curativas en el cuerpo. Insistir en prácticas amorosas diferentes para contrarrestar las prácticas de odio del sistema patriarcal, narrado como amor, y él es machista, sexista, racista, explorador y misógino -y desde mi punto de vista- existentes nues-tras sociedades de América del Sur y América latina. Dejo aquí, hechos imborrables. Sin embargo, ustedes encontraran una escritura que sana sus doloridades. Saqué de mis experiencias amargas que llevan las marcas de la violencia de género. Este recorrido son prácticas amatorias, con el fin de compartir la importancia de caminar sola, de tomar tiempo para sí, del cuidado de sí, escuchar-nos, de darnos ternura, fortalecer nuestros imagina-

rios corporales, sexo-afectivos y ejercitar nuestra autonomía como sujetas creadoras de nuevos vínculos con el cuerpo, el sexo y sus relaciones. ¡Re-afirmarnos creadoras y merecedoras de amor propio! Mi intencionalidad es reescribir nuevas memorias líquidas y amorosas en mi cuerpo, pues soy una feminista amorosa que desea dar sus granos de aguas en este camino de la vida, de la vida creativa y de la vida sexual. Expuse una narrativa a veces muy repetitiva mientras la niña y mi Yo social, como: mujer, latina y heterosexual de sus contextos familiares andinos y venezolanos, intentan acoger las imágenes de mi madre y las abuelas de mis recuerdos, y así reconciliarnos. Para fines metodológicos utilicé fuentes diversas: feminismos negros plurales, romances de escritoras negras brasileñas, textos de antropología, crítica de arte, psicología terapéutica, poesía; que se desencadenan en una cascada de Mar Rí, donde se mezclan las aguas barthesianas y los flujos críticos y amorosos de las escritoras y feministas Livia Natália, Evaristo Concepción y Vilma Piedad, entre otros... Y me dieron la cascada de agua salobre y otras bien dulces, mientras nadé hasta el fondo de mi cuerpo, y por eso, me encontraran narrando en primera persona y otras veces como esas otras flores que me habita, pues soy una floresta múltiple e inconclusa. Mis procesos de la vida / arte no hay resultados, ni datos, sólo tienen experiencias, ejercicios que salen de mis memorias líquidas de allá, en Venezuela y de mi recorrido Ríos-risas, de aquí, en Belém do Pará.

**Palabras clave:** Prácticas Amatorias, Artes Visuales, Memorias Líquidas, Mamá-Abuelas-Yo, Feminista Amorosa.

## **FICHA TÉCNICA**

Copyright © 2019 by Maryori K C Garcia

Amatória, práticas artísticas de uma feminista que re-escreveu uma parte da memória líquida de seu corpo.

Concepção, fotografia, texto, edição e produção:  
Maryori K C Garcia

Resvisão e tradução do texto ao português: Raquel  
Minerva Carvalho Bisneto

Edição de arte e projeto gráfico: Maryori K C Garcia

Encadernação dos 8 livros: Maryori K C Garcia

As Ilustrações (2018-19): Maryori K C Garcia

As Colagens (2017-19): Maryori K C Garcia

Poesias 2018-19: Maryori K C Garcia

Fotografia: Maryori K C Garcia

Fotografia digital, câmera Nikon D3100, objetiva 28-75 mm e outros dispositivos (celulares) (2013-2019)



-Esta Dissertação é dedicada a:

*A Iemanjá, a Deusa das minhas águas*

*A minha mãe Marisela Garcia*

*A minhas vovós: Ida Garcia e Dilia Rubio*

*Em memória das minhas tias Cira Elena e Goya (Q.E.P.D)*

*A minha professora, amiga e guia desta travessia*

*a Cláudia do Amaral Leão*

*Para todas as mulheres e crianças que têm, tiveram ou atravessam dores tão profundas como o Mar e o Rio.*

*Em comemoração a todas as feministas do mundo inteiro, e em especial às feministas latinas, caribenhas, andinas, amazônicas, negras, indígenas, trans, queer, brancas, não brancas, que lutaram e lutam por nós e por comunidades mais amorosas, justas e solidárias para nós.*

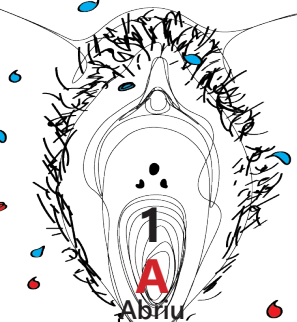
*"a travessia de nós a nós mesmas, nós, ora sozinhas, ora juntas, é que precisamos fazer (Lívia Natália, 2006)*

## Sumario

<b>1- A, abriu suas águas</b> (introdução) .....	<b>37</b>
<b>2- M, mar de olhos</b> .....	<b>51</b>
2.1- Fotodiário. Notas de luz em Belém do Pará.....	52
2.2- Quando fui lá, a Nossa Senhora de Livramento.....	71
2.3- O encontro de duas águas de Pará.....	79
<b>3- A, amanhã</b> .....	<b>87</b>
3.1- A escolha é nadar.....	89
3.2- O tempo pessoal .....	92
3.2.1 Poéticas do pessoal.....	100
3.2.2 O tempo de brincar (a Antonella e a Flávia) .....	106
3.3 O sabor das águas salgadas.....	111
3.4 O ritual das águas.....	115
3.4.1 O escorrer da ferida (obra teatral "Grito") .....	122
3.5 O tocar da criança perdida.....	126
3.6 O nadar sozinha nas águas cavernosa ou a solitude.....	129
3.7 O lugar da escrita.....	133
3.7.1 A prática da doçura e sentir-se terno ...	136
3.7.2 Memes Poéticos (2018-2019).....	141
<b>4- T, terra</b> .....	<b>151</b>
4.1- Seja bem-vinda, aqui, no Brasil!.....	154
4.1.1- Um me aproximar aos deslocamento des- se sentir migrar .....	165
4.1.2 O racismo e a xenofobia se vivencia muito	

quando se é estrangeira numa universidade brasileiro.....	178
4.1.3 Resistir além-mar.....	176
4.2 Esse chegar lá, perto da morte .....	180
4.3. O amor que bate, mata e estupra! .....	185
4.3.1 Esse rasgar o amor e o sexo ferido nas minhas collagens (2017-2019) .....	191
<b>5- Ó é óbvio? .....</b>	<b>211</b>
5.1- O abrir das portas.....	212
5.2- A casa atelier de meu êxtases!.....	224
5.3- A casa da ponte do céu.....	235
5.4- A casa dos pássaros e o silêncio em mim...241	
5.5- Ir e vir às casa das águas guias.....	252
<b>6- R, rs, rs, rs ir rir rindo .....</b>	<b>265</b>
6.1 Relatos e fotos de mamãe.....	266
6.1.1- As Mamães Múltiplas.....	267
6.1.2- Escolher ser mãe ou não!.....	270
6.1.3- O como a Marisela se tornou a minha mãe? .....	271
6.2- O imaginário útero-filial na criança Marisela.....	285
6.2.1- O amor perdido de mamãe.....	287
6.2.2- A ferida inesquecível.....	289
6.3-Mudança inevitável.....	292
6.4- Kathy, ela e eu.....	296
6.5- Minha mãe é uma Deusa do cheiro.....	299
6.6- As imagens da minha mamãe.....	303

<b>7- I, ir até lá.....</b>	<b>307</b>
7.1-A memória feita carinho de minhas vovós..	308
7.2 Ir até ela, minha querida Ida Garcia.....	315
7.2.1 Cira Elena.....	316
7.2 Agora, caminho a vovó Dília Rubio.....	321
<b>8- A, as águas me escorrem lá embaixo.....</b>	<b>329</b>
8.1- A Flor Criança .....	330
8.1.1- Não era um sonho!.....	340
8.2- A Criança Gulosa!.....	343
8.2.1- A Saia Laranja.....	352
8.2.2- Criança Gulosa conhecia o ódio a seu corpo muito bem! .....	353
8.3- A Flor Gulosa Maryori.....	369
8.3.1- A Flor Grandona.....	376
8.3.2- Acordei no chão .....	381
8.4- O nadar das mãos da Flor Criança Gulosa ...	386
8.4.1 O tocar-se na Flor Criança Gulosa.....	387
8.4.2- As Mãosturbação de Flor Grandona Gulosa .....	391
<b>9-Inconclusões.....</b>	<b>423</b>
9.1 Palavras da minha orientadora Profa. Dra. Cláudia Leão.....	427
Bibliografia.....	428



1  
A

Abriu  
suas memórias líquidas  
deixo entrar  
Águas chuvas  
Águas minguadas  
Águas amor  
Águas paridas  
Águas soltas  
Águas salobres  
Águas misturadas nos tempos outros  
Águas lacunas  
Águas lembranças  
Águas de flor cheirosa robusta  
Águas mornas feitas carinhos e afetos  
Águas da vida  
Ela se fez gota a gota  
Sangue a Sangue  
no suor ardente  
Escorrendo-se  
Nesse ir dentro e ir fora  
Vou lá  
Jogando. Puxando. Cuspindo  
Mexendo. Expelindo. Ejetando  
Exprimindo e  
Tendendo a dor -minha dor ao sol-  
nesse nadar ondas rio  
na floresta inumerável que nós somos  
lá em baixo, meu doce mar  
não desiste!  
luta ferozmente!  
se ama e ama a todas nós!  
amará até a morte!  
E ainda morta,  
o feito de amor,  
viverá nas memórias líquidas de todas nós!

1-Acervo pessoal  
Poesia Visual, 2019

A prática visual e a escrita contida nestes oito livrinhos A-M-A-T-Ó-R-I-A são meus processos poéticos, que tentam se expressar enquanto experiência de arte/vida/gênero. Caminhos de lembranças líquidas do que o amor machista fez em mim, e que se reflete a meu ver nas nossas sociedades da América do Sul e América Latina.

Expus uma narrativa pessoal, como ponte para falar desse "amor" dos contextos familiares, que, muitas vezes, não é como se pinta na memória do corpo, nem no imaginário sociosimbólico e sociocultural de nós, mulheres e crianças. A verdade é como nós, mulheres e crianças, vivem esse "amor", como o sentem, o encarnam, o padecem, o choram, o sofrem, o baliçam em seu cotidiano, o marcam na pele, no espírito, na alma, em seu sistema sexual, reprodutivo e criativo, em sua vida toda.

Seguimos normalizando e naturalizando o amor machista que joga ódios em nós e mascara a violência para chantagear nossas emoções e sentimentos por nós mesmas, desincorporando de nós os gestos de auto amor ou amor próprio em nossos corpos plurais, diversos, múltiplos.

Os fatos relatados aqui foram contados como medicina curativa para o corpo, meu corpo - surgem com a intenção de desaguar a cólera de minhas águas-lembranças, e, com isso, dismantelar-me das imagens de amores venenosos extraídos de minhas vivências, onde as relações sexo-afetivas estão atravessadas pelo pau-centrismo dos outros, nos véus do pecado original, na virgindade, até ser alvo de estupros, assé-

dios, feminicídios, etc.

Teci minha crítica a esse imaginário ocidental, eurocêntrico, homogeneizador, colonial, hegemônico, onde os corpos de mulheres e crianças, em cada época, se pincelam em grande medida pela prática sociocultural desse olhar masculino branco. Busquei explicar também a posição das mulheres brancas, cujas feminilidades ainda privilegiadas respondem a um ideal de beleza, balizando as demais corporalidades não-brancas como não merecedoras de amor e respeito social e cultural a seu corpo.

Posto que as corporalidades destas não respondem aos padrões estéticos e industrializados da economia cultural do capitalismo, serão por isso as mais violentadas dentro da estratagemas econômica, social e cultural desse status quo do patriarcado, a partir de outras dinâmicas de exploração e sexualização de seus corpos, para assim garantir outras formas de opressão nos territórios e nos corpos marginalizados nos sistemas produtivos de cada um dos países onde a formação de uma dupla moralidade social e cultural age descaradamente para nos violentar e culpar, ao mesmo tempo que expropria nossos corpos e intimidades como valor público.

Lembramos que, historicamente, olhamos por um lado, a partir de um reportório visual dominante e cis-heteronormativo masculino, pincelado, fotografado, gravado, esculpido de mulheres e homens brancos; estas mulheres brancas serão os alvos do mercado e dos objetos de arte qualificados como objetos de desejo, objetos sexuais e aqueles presentes na prá-

tica publicitária, erótica e pornográfica machista. Por outro lado, e não menos importante, as mulheres não canonizadas, não visibilizadas nos sistemas de representação, serão alvo ou objeto de outras dinâmicas de violência cotidianas de poder patriarcal. Isto é, as mulheres não brancas, as latinas, as indígenas, as negras, serão para o sistema do "mundo da branquitude e do sexismo, uma genitália: nela se entra para alcançar o prazer, dela saem crianças para o mundo" (NATALIA, 2016). Certamente delas, as mais vulneráveis do sistema, sai a mão obreira que mantém o lócus social, cultural e econômico da opressão, dominação e exploração latente no sistema hegemônico e mundial do patriarcado-capitalista, agora neoliberal. Não obstante, eu agregaria: a elas se lhes mata, estupra e assedia com maior letalidade que às suas irmãs brancas.

A prática amatória contida aqui, que precisei ver, jogar e escrever, existe para visibilizar o rosto do amor que conheceu e corroeu meu corpo por um tempo, naquilo que me pulsa, goteja, derrama, sangra, míngua. Me convocou a reconhecer-me como território feminino violentado e explorado por esse amor exercido pelo macho. O macho venezuelano.

Visibilizar algumas das dinâmicas de poder violentas, machistas, racistas e sexistas, também para expor o que eu catalogarei aqui: práticas de ódio, as quais estão normalizadas e reproduzidas em nosso cotidiano em atos simples, naquilo que eu vejo como óbvio, mas que nem todes acham óbvio. O devir de nossos lares, onde as relações entre familiares e mães reforça um tipo de disciplinamento corporal e afetivo apren

didado, e que no fundo são ferramentas de castração, como: o silêncio, a vergonha, a culpa, a censura, o desrespeito a nossos corpos, etc... Atuam em nossos corpos femininos para encobrir fatos violentos que obscurecem nossas vidas amorosas, sexuais e afetivas, promovendo um tipo de cultura de "amor", de amor machista que mata, estupra, abusa e fere a milhares de mulheres e crianças, ainda em pleno século XXI, tomando-as como territórios conquistados, oprimidos, sexualizados e explorados.

Tomei para isso minhas experiências de vida com ênfase em meu gênero (como mulher latina, não branca, heterossexual) e mergulhei nesse território explorado de minha heterossexualidade, ao ver que, apesar de sofrer por causa de práticas de ódio, não acabaram com meu corpo, com meu ser feminino múltiplo-amoroso-sexual. No entanto, meu corpo feminino olha para Si, e olha as outras, as quais são minha mãe, minhas avós, minhas tias, minhas amigas, minhas professoras. Decidi mergulhar na minha vida em diferentes tempos, onde o cotidiano é passado e é presente, e me lembra as outras mulheres que me atravessam e que me nutrem com suas vivências de amor e desamor, de lutas, de viagens, desse não me sentir alheia a elas nem elas a mim. Pois nós nos tecemos da escuta sensível entre irmãs, entre mulheres que, com suas diferentes realidades socioculturais, falamos umas às outras o que nos dói pra caralho! E sentir-nos próximas a nossos horizontes, pois no fundo nos toca, porque toca a intimidade de nosso ser e sentir amoroso!

Advirto que esta pesquisa em artes é extremada-

mente pessoal e tudo aqui contém momentos de minha vida. Ela está cheia de fluidos que relatam uma parte de mim, da memória líquida de meu corpo navegando sempre nos vaivéns de um corpo que também é 70% água. Meu corpo undífero. E por isso minha arte mergulha nele, num fluir de devaneios, de amor e desamor a seu corpo, de escolhas de vida, onde a mulher, filha, neta, amiga, estudante, feminista, professora, pesquisadora, artista, animal, deusa, bruxa e humana se desdobra nesses múltiplos agires da sua vida cotidiana.

Me achei sempre em feminilidades diversas, plurais, antagônicas, agres, doces, opostas, contraditórias, teimosas e refletidas nas minhas práticas artísticas que eu decidi chamar de práticas amatórias, porque surgiram de minha necessidade de me reencontrar nas imagens visuais e na escrita que eu faço, onde agi conforme meu tempo pessoal; um ritmo que consegui ao caminhar sozinha, caminhar em solitude para me escutar, me ver, me grafar de discorreres artísticos: encontros, experiências, afetos-afecções, amores-desamores, alegrias-tristezas, andares-pesares... que senti em meu corpo ao falar das/os outras/os. Uma arte de amar-se melhor e conscientemente! Nesse sentir-refletir(se) como ser amorosa, me vejo também como uma criança e uma mulher que sentiu profundo ódio. Os ódios que lhe acompanharam em grande parte de sua vida. Porque para dar forma a esta escrita de si, que também é a escrita de uma outra que ficou odiando alguns aconteceres, também é esta mulher que lhes escreve, a que encontrou o amor próprio depois desta travessia de águas derra-

madas em está natureza amazônica.

Aqui lhes deixo os diferentes caminhos construídos em amatória, dos momentos e processos criativos do corpo desta artista, pesquisadora e feminista venezuelana, morando aqui em Belém do Pará. Amatória é inconclusa, como esta pesquisadora e artista pisciana, e por isso não posso dar conta de tudo o que o processo criativo dá e deu; pois nem tudo pode ser explicado em palavras! Minhas imagens nascem onde as palavras não chegam e as palavras chegam onde as imagens não nascem. As duas se afetam em seus limites e me afetam com seus limites linguísticos, as duas se interligam e me separam. Elas nascem para reafirmar-me como natureza, mudando o tempo todo. Às vezes me deixam na queda-d'água pensando se haverá amanhã. Outras vezes me acordam para seguir em frente! Nalgumas a melancolia me faz pensar: como melhorar a vida amorosa? E em outras é o inevitável, minhas saudades de meus seres amadas/os.

Me vejo inevitavelmente imersa nos fatos sociais e políticos que acontecem lá na minha terra venezuelana, onde o cotidiano vive numa crise econômica sem precedentes históricos. Salários de menos de quatro dólares, lidando com a fome, a feminização da pobreza, a violência institucional, a política governamental que não adianta. Cada notícia extraída dos jornais, de minhas amizades e familiares de lá, me deixa entristecida. Ensimesmada. Estrangeira de minha própria terra. Me vejo cair às vezes em pedaços, chorando sem parar!

No entanto aqui existe isso, o agora, e assumo os

deslocamentos que me constituem. Nesse estar longe de lá, me toca sentir meu corpo com palavras alheias, em palavras sobrepostas. Na transição. Nas mudanças constantes. No sotaque paraense que vai mais rápido que eu, e não consigo pegar ainda (risos)! Este corpo se adaptando melhor à língua misturada. Ao português? Não, a seu portunhol delator! -risos- A meu português imperfeito, dando voz a minha vida aqui, lá, tá! Gargalhando suas emoções, né! Auto afirmando ser uma feminista amorosa, uma feminista que ama, é gulosa, e gosta de rir e muito, né! K, k, k...

Ainda assim, escrever permitiu-me puxar véus de meus outros territórios corporais e nadar sob os fluxos das águas. Levar-me a outras manifestações das minhas subjetividades artísticas e pessoais que mergulham nas minhas lembranças venezuelanas e sexo-afetivas, onde “a dor diante a uma perda” (PIEDA-DE, 2018, p.18) são as fissuras que falam. Ao sentir que minha mágoa podia ser reescrita, podia revelar “o léxico de uma vida familiar cruel, machista, fóbica, sexista e racista” (PIEDA-DE, 2018, p. 37).

Quando minha escrita coletou gota a gota seus choros, e acolheu sua voz nua e quebrada, foi que “superou a tradição do silêncio” (ANZALDUA, 2009, p.306), apagando as vozes que tentaram me emudecer algum tempo atrás. Agora a escrita fala, reescreve, reconstrói a memória líquida, a transforma em águas salgadas e doces – elas são essa escrita do Mar do Caribe e Rio Guamá transformando-me não numa peixinha, mas num cardume de peixes vibrando, pulsante de sorrisos. E seu rir é muito mais forte e poderoso que qualquer ódio que levou dentro.

[...] Escrever não é apenas um gesto reflexivo, que se volta para o interior, é também um gesto (político) expressivo, que se volta para o exterior. Quem escreve não só imprime algo em seu próprio interior, como também o exprime ao encontro do outro. Essa impressão contraditória confere ao escrever uma tensão” (FLUSSER, 2010, p.21)

Escrever me levou a progredir na esfera doméstica, em meu lar, dispositivo pedagógico e político patriarcal que corroeu minha memória sexo-afetiva, íntima-familiar, líquida. Espaço de tensões, pulsões, amores e ódios. Trazer à tona meu passado violento, como fato público-político e ao mesmo tempo como um ato de libertação. Abrir a gaiola da mãe ferida. Acordar-me na infância. Abraçar a minha criança rejeitada, e acordar a essas outras Maryori que nomeei em Amatória como Flor Criança, Criança Gulosa, Flor Gulosa e Flor Grandona. Assim, a escrita se tornou um ato de fé e resistência, que nutriu minha vida como prática amatória, ativando meu imaginário ao me encher de águas-lembranças e fazendo de minhas mãos o anoitecer que orvalhou minhas flores. Orvalhar o sexo de minha floresta. Orvalhar a fim de falar delas, pintando suas sombras e abrindo feixes de luz.

Por isso, minhas práticas são múltiplas e diversas, imagem e texto, e não nascem com intencionalidades estéticas pré-definidas, pois tudo o que eu faço são exercícios, exercícios de afetos, práticas de arte vida curativa, elas se expressam e comunicam, o corpo pula, puxa, cospe, tira, joga para fora!

Os atos de narrar, contar, se expressar artisticamente ou literariamente...que trabalham artisticamente o

trauma, como formas sensíveis que dão voz à dor. Comunicam o intolerável (BUARQUE, 2018, p.92).

Encontra-se em Amatória a presença-ausência de um útero que, ao engravidar, criou uma placenta protetora de múltiplas águas que alimentam, dão oxigênio e sangue à minha vida criativa, para se gestar de afetos, apesar de toda violência que sentiu. Seus gestos de amor próprio desaguam. Expelem. Ejetam. Por isso, me vejo aqui em um útero que engravida e pare: pariu seus oito livrinhos, pariu para deixar-se fluir e tomar o que se pode dessas experiências líquidas. Que deixa a prática do parir como Deusa criativa, vigorizada nas pulsões e apetites reprodutivos-artisticos.

Enquanto o tempo passou em Belém do Pará me gravei de afetos e ri novamente, e por isso as deusas que habitam em mim fizeram o trabalho que tinha que ser feito: mudar com as luas. Me reencontrei renovada no único meio que aprendi a habitar desde tenra idade: as artes visuais. Ilustrei e crie Memes Poéticos, ideias levada de ternura ao viver as cores desta floresta do norte brasileiro. De dia e de noite atravessei novas ruas e novos lares, criei um #Fotodiário em @macabritafoarte, como lugar onde o cotidiano se encontra no público, íntimo-familiar como um só. Rascunhei, cortei e peguei imagens que me fizeram lembrar o que a violência machista, sexista e racista faz, o que os feminicídios nos fazem: apagar a vida amorosa de nossas irmãs. Por isso, suas vozes, saídas de seus túmulos, serão a minha voz hoje e sempre, pois sou uma guerreira de dentes afiados, uma bruxa que jamais deixará de lutar e visibilizar com minhas colagens as nossas vozes,

como resistência e grito político. Assim me reafirmo mulher feminista plural e antirracista! E por isso darei reconhecimento a meu corpo amoroso na série Imaginários das Sombras, onde a escuridão me acolhe, me ama como Deusa Diurna e Noturna.

Também fotografei nua meus horizontes múltiplos femininos. Senti meu cio brincar. Tomei o Eros de mim e me tornei mãoesturbação, e falar assim como minhas mãos desceram os degraus de minhas fantasias sexuais e artísticas de Deusa da noite e do dia, gulosa e voluptuosa, namorada de meu clitóris, de minha vulva, de todo o meu corpo, por isso os pintei de luz e sombra, como parte de minha criatividade sexual e orgástica. Fiz cócegas na minha sexualidade de amor próprio. Atrelei minha escrita de crônicas para refletir meu caminho como artista-pesquisadora em artes visuais e tecer o cuidado de Si nesta escrita.

Aqui recorreram as salgaduras de meu Mar. Tocar as outras partes doces de mim. Cheirar o que foi feito de ar e fogo. Relembro algumas das minhas pegadas que reconstruí nestas laudas, caminhos que precisavam estar relatados, reescritos, grafados. Me procurei e a minhas heranças uterinas. Tive que despir minhas sombras. Mexer nas rocas que sujeitaram alguma vez o meu coração. Deitar nas lacunas de meu primeiro lar, onde abracei a minha mamãe e me esquentei no fogão das minhas avós para perdoar-nos e perdoar-me dos silenciamentos, das culpas, das vergonhas, dos erros e dos fatos violentos que a nós nos atravessaram como memória útero-filial. Transformei essas dores e o ferimento individual e grupal em areia do mar, para que fossem tocadas pelas correntes d'água

salgadas que saíam de mim e assim surgisse a mudança inevitável: sanar-me e sanar-me junto a elas. Porque:

[...] o amor cura. Precisamos compreender que nossas lágrimas precisam ter lugar, nossas angústias, sejam elas quais forem, precisam ser ouvidas por nós mesmas, calar a dor é sofrer duas vezes. E a nossa alegria? Nosso sorriso, nosso contentamento, a dança que nosso corpo rotundo faz quando andamos, precisamos reconhecer nisso tudo partes do que somos. (NATÁLIA, 2016)

Usei o pensamento de algumas escritoras e ativistas feministas dos feminismos negros plurais, tanto do Brasil como da África e da América Latina, que neste caminho de pesquisa em artes ampliaram meus conhecimentos feministas, para aportar essas inumeráveis rotas de vida simbólica e construtora de outros imaginários não hegemônicos, não europeus, não fálicos, não brancos, não racistas, que hoje me deram a força para entender a sororidade através da dororidade. Graças a isso, apareceu uma nova Maryori Katherine Cabrita Garcia, com a força inspiradora, criativa e criadora para achar-se no que decidiu depois de muitas mudanças e dúvidas para intitular esta tese de Mestrado em Artes: *Amatória, práticas artísticas de uma feminista que rescreveu parte da memória líquida de seu corpo*.

Reafirmo: *Amatória* é uma política da subjetividade. Faça um modo de construir arte-vida não só na perspectiva dos feminismos negros e plurais, como também na informação coletada na literatura, psicologia, antropologia, crítica de arte, comentários, ex

periências de gênero pessoais e de minhas amizades, com o intuito proposital de tecer-me de uma metodologia barthesiana e deixar que minha memória líquida seja cachoeira de Mar e Rio, desaguando em seus próprios sentires, críticas e pensares. Tomei assim um pouco desse chorar no escrito "Fragmentos de um Discurso Amoroso", de Roland Barthes, onde o pessoal não tem a disposição de "ordem", em poucas palavras "ao longo de toda a vida amorosa, as figuras surgem na cabeça do sujeito amoroso sem nenhuma ordem, pois dependem a cada vez de um caso (interior ou exterior)...(que o "assaltam"), o amante recorre à reserva (ao tesouro?) das figuras, segundo as necessidades, as injunções de seu imaginário" (BARTHES, 2007, p.21). Cada um vive e sente o amor de diferentes formas, e por isso abraçamos a ele desde nossas recordações, experiências, lembranças líquidas, pulsões, dores, perdas e sorrisos, de acordo como ele aparece e some de nossas vidas. Falamos sempre em como é que nos conhecemos e reconhecemos o amor que a nós nos atravessa!

Então, ali aproveito a sabedoria poderosa e sanadora de "Eu Mereço ser Amada" da escritora, ativista feminista e negra Lívia Natália, para dar os entretons do que o amor é e faz nas dinâmicas sexistas, racistas e machistas do patriarcado e como nós podemos nos contrapor ao sistema que nos capitaliza, reconhecendo que:

o auto amor passa por lamber nossas feridas e seguir. Alimentar a raiva como potência de vida, e não de morte, ela é combustível, não cotidiano. Muitos nos feriram, muitos vão nos ferir, mas cuidar de nossa

raiva, gerenciá-la, apontá-la para o inimigo certo nos poupa muito sofrimento” (NATÁLIA, 2016)

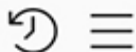
Daqui em diante a metodologia que foi feita parecerá, por vezes, uma cachoeira de água salobre e, noutras, uma de água bem doce, no meio de uma ilha - meu corpo -, às vezes narrando em primeira pessoa e outras vezes como uma outra, pois sua floresta é orgânica, plural e múltipla, e, portanto, não traçará caminhos. Em meus processos artísticos não há resultados, nem dados, só são experiências, exercícios que flutuam com minha vida, pois estão estreitamente relacionados e misturados a minhas lembranças da Venezuela e de meu percurso aqui em Belém do Pará.

Aclararei, cá, nadei até onde meu corpo criativo quis dar! Então vocês fiquem à vontade! Entre em uma parte de mim, sejam carinhosas/os! Rs, rs, rs. Beijos. Bem-vindos! Axé!



*O amor é uma combinação de cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança. (bell hooks)*

macabritafotoarte ▾



786

1.376

4.349

Publicaç... Seguidores Seguindo

Editar perfil

**Maryori Cabrita**

Fotógrafa, artista plástico y docente en artes.

**Destaques dos stories** ▾

2

M

Mar de olhos

Muda

Olha

Vê teus passos

A vida não é linear

E ir a pé

ir lá

sem conhecer a ninguém

Devanear

voltar à casa quentinha

passageira

atravessar olhares

sentir olhares

embora

andar pelos cantos

caminhar no céu tardio

virar luz

tecer novos afetos

fotografar



## 2.1- Fotodiário. Notas de luz em Belém do Pará

Vou lhes partilhar uma primeira experiência que me ajudou a fazer caminho ao andar como fotógrafa de rua. Se eu passasse por alto esse ato de registrar minha vida cotidiana em Belém do Pará, talvez ainda estivesse perdida. Meu andar aqui leva o nome de #Fotodiário, que pode ser acompanhado em minha conta de Instagram @macabritafotoarte, onde expressei grande parte de meus encontros de arte-vida e as mudanças que aconteceram em meu olhar. Na versão deste livrinho estão algumas imagens, as demais podem ser vistas na conta que indiquei.

O presente livrinho é parte da primeira prática amadora desta tese, enquanto me reconhecía aqui em Belém do Pará, e fazia de meu devir um tornar-se íntimo, um habituar-se à língua portuguesa, um acostumar-se ao clima. Uma prática que precisava de familiarizar-me no dia a dia.

Mas, pera aí! Não me quero adiantar aos fatos. Quero lhes contar, por isso é preciso lembrar! Lembrar para acordar. Lembrar para esquentar o vivido. Lembrar o suor dos dias quentinhos. Minha vida aqui foi um mudar de vida e começou justo ao chegar em Belém do Pará, há seis de julho de 2017, graças à bolsa estudantil OEA-PAEC financiada pela CAPES, que ganhei em dezembro 2016, quando ainda morava em Caracas, Venezuela.

Lembro o dia em que pisei em terras paraenses. Foram me buscar no aeroporto dois colegas venezuelanos, a Ana e o Greivin, para me dar as boas-vindas. Nesse momento, uma das sensações fascinantes que tive foi olhar para o céu e ver as nuvens-algodão espalhadas naquele pedaço de cosmo desconhecido para mim, uma terra que me mudaria muito, que me ajudaria a me fortalecer como mulher, como artista, como escritora, como poeta, como amiga, como filha, como venezuelana e como sul-americana.

Um mês passaria, antes de eu começar o Mestrado em Artes. Foi a meados de agosto de 2018 que tive meu primeiro dia de aula no PPGARTES na disciplina Pesquisa e Procedimentos Metodológicos em Artes, ministrada pelas professoras Ana Cláudia Leão e Maria dos Remédios. Falei à turma minhas intenções de querer trabalhar com sexualidades e subjetividades contemporâneas em uma comunidade de mulheres.

-Beleza! Até aqui, tudo ok! Risos.

A verdade: sou pisciana e minha lua está no signo do Leão, e, como minhas amiguinhas bruxas sempre me falam, às vezes quando água e fogo se juntam criam muitas fumaças na cabeça e os olhos não enxergam direito o caminho. Então, no meio da minha excitação, eu me deixava levar por meus desejos, e estava ansiosa por juntar-me às outras mulheres nessa firme convicção que ainda tenho, de que as mulheres são exemplos de luta, força poderosa de transformação social, política, econômica e familiar, nos atuais sistemas patriarcais, capitalistas e neoliberais, posto que somos vítimas potenciais da violência machista, e por isso muitas de nós sofrem ainda práticas de ódio, como violência doméstica, violência por ser mulher, assédios de todo tipo, feminicídios, estupros...

Rememorado aquele dia de aula, e nessa imaginação que sempre voa muito alto, às vezes é necessário apanhá-la. A professora Cláudia Leão me falou: -espera você "esfriar", porque você chegou muito excitada de uma viagem e é melhor conheceres primeiro nossas realidades socioculturais para assim aclarar tuas ideias.

Era a primeira vez que eu saía da Venezuela, e sempre havia almejado conhecer outros países, principalmente outras culturas de América Latina e América do Sul; por isso, quando eu cheguei nesta Amazônia paraense, cheguei tipo -olha só para esse céu e para esse Rio

← Foto



**macabritafotoarte**  
Aeroporto de Belém - PA



Curtido por **claudialeao** e outras 19 pessoas

**macabritafotoarte** #fotodiário #nãolugares  
#streephotographyS7 #fotorua #novasexperiencias  
#avidavai #avidaé #photography #celular #2018

Autora Maryori Cabrita

Ver 1 comentário

3 de outubro de 2018 · Ver tradução



3- Instagram  
@macabritafotoarte

Guamá, e certamente fiquei tremida, fiquei enamorada, levitando como nuvem! -Bom, estou exagerando, o clima não prestava- Risos. Mas quando te acalmas e amadureces, você reflete melhor- Risos

Eu me acalmei, e ao caminhar desde à Perimetral-1630 até o PPGARTES, que fica na Magalhães Barata, entendi que não sabia falar português direitinho -realmente não sabia falar porra nenhuma! Nossa, foi o momento para só rir de minhas ingenuidades- Então, é obvio né! Ali foi que as palavras da professora surtiram efeitos. Parei e me vi alheia a tudo. Me perguntei: Como é que eu iria chegar até qualquer comunidade para falar num grupo de mulheres temas tão difíceis de contar como são as nossas sexualidades, intimidades e vida sexual? -Mana, minimamente as mulheres de quaisquer comunidades iriam me afastar de seus lares, um, nem me conhecem, dois era estrangeira, três nem eu me conhecia nesta Amazônia. Risos. E mais, por que elas teriam que me falar disso, não é mesmo!? -sorri de mim mesma, tomei um chopp de muruci, um dos frutos que eu mais gosto daqui, e disse a mim mesma, isso de momento não vai rolar, né! melhor escolher outro caminho na minha pesquisa em artes- Risos.

Pensei, o que eu comumente faço? Lembrei -eu sou uma fotógrafa de rua, né! Então resolvi apanhar a câmera e deixar fluir minha língua, minhas cordas vocais, minha garganta, meu corpo inteiro para reconhecer e familiarizar-me: onde é que eu estava? Com quem é que eu estava interagando agora no cotidiano? Como é que eu me vejo nessa Amazônia toda? Por isso tracei meu percurso como um #Fotodiário na minha conta de Instagram @macabritafotoarte, e isso me fez pisar no chão! rs, rs, rs...

Precisava retornar a mim, usar a ferramenta que mais eu conhecia: a câmera, que levo comigo desde os 15

← Foto



macabritafotoarte

Belém, Brazil



Curtido por I.ba2 e outras 19 pessoas

macabritafotoarte #perimetral #barriomarco #celular  
#fotodiaria #dispositivosmoveis #caminhando  
#belemdopara #parabéns #2017 Autora Maryori  
Cabrita

6 de outubro de 2017 · Ver tradução



anos de idade. Então o caminho certo me pareceu ser usá-la como um dispositivo de registro para me familiarizar nestas cores amazônicas paraenses e neste clima quentinho! Lhes confesso, eu sempre fui melhor criando imagens no campo das artes visuais do que falando delas.

Neste instante, minha prática artística estava ligada a meus processos de arte vida e à minha formação permanente como feminista no campo das artes. Porém, se eu havia aprendido algo ao longo de minha vida nas artes e no fazer artístico, muito antes de assumir-me feminista, era que justo na práxis se encontram os caminhos ou as respostas que estamos procurando.

Em princípio, fiz como qualquer fotógrafa de rua -viver e olhar o comportamento da luz-, pois estava em um lugar muito quente e úmido e para alguém que não mora aqui isso não é qualquer coisa, pois de fato muda tua percepção da iluminação natural. Aqui a luz é muito intensa. O céu nos tempos de verão e na época não chuvosa é de um azul intenso, e quando o sol já está quase indo embora as cores são entre vermelhas e violáceas. O clima sempre interfere na trajetória da luz, em seu comportamento no sensor da câmera. Lembremos que a luz é a matéria prima da fotografia; sem ela, é impossível fotografar. A fotografia é a escritura de luz e sombra.

Além do processo técnico da fotografia, o #Fotodiário na minha conta do Instagram @macabritafotoarte começou a traçar um primeiro estágio de voltar a um velho aprendizado de meus tempos de estudante de fotografia, quando era apenas uma garota de 17 anos de idade e assisti às aulas de fotografia com xs mestres da Fotografia cubana e venezuelana, o Ramón Grandal e a Gildã Pérez.

- Maryori, as melhores fotografias muitas vezes não



macabritafotoarte

Belém, Brazil



Curtido por I.ba2 e outras 43 pessoas

macabritafotoarte #steemit #fotodiario #fotorua



5- Instagram  
@macabritafotoarte

estão afastadas de nós, às vezes devemos procurá-las ao virar no canto onde moramos, e justo ali, ao sair ou chegar em casa, aparece a cena que nós queremos-

Meu ofício de fotógrafa de rua normalmente acontece no devir. Eu vago tal como uma gata na rua. Há gatas que fazem um trajeto à casa para se reconhecer na rua, aprender-se aí, deixando sinais ao passar, pisar suas próprias pegadas e criar assim suas próprias lembranças. Porque sabemos o poder que as imagens fazem em nós e têm sobre nós! E a partir dessas conexões reflito sobre a vida, crio imagens, faço imagens, e elas vão alimentando minha prática artística e construtora de meus imaginários pessoais.

Certamente a casa está onde ficamos, seja lá, na Venezuela, ou aqui, em Belém do Pará. Fazemos o lar do que acolhemos em nossos andares, olhares, gostos e sentires. Fazemos ligações no caminhar, quando a horizontalidade do olhar se junta a esse horizonte que são @s outr@s.

-Olhar as folhas caídas no chão ao tempo que uma mulher vai embora levando as sacolas do mercado, ou pensar na magia do Rio Guamá. É a arte de fazer o olhar no cotidiano!

Mergulhar na poética da vida; deixar-me levar pelo andar livre, olhar as formas cotidianas deste imaginário social, econômico e cultural da Amazônia paraense. Foi interessante olhar as formas desse ser prestativo e receptivo dos paraenses; cheio de cores, floresta e guardas chuvas. Seu caminhar de chinela, seu transitar em bicicleta, seja como meio de transporte ou meio de trabalho. A grande devoção e emoção que lhes produz o Círio de Nazaré, e como a cidade se paralisa toda. As ruas da cidade ficam empolgadas, titilantes com o Círio. A gente fica em festa, a gente se aproxima, tudo se enche de alegria e os rostos se iluminam de intensa

fé; uma fé que se espalha em amor fraterno e se come no tempero da maniçoba, abundante em cada um dos lares e fogões paraenses. O Círio de Nazaré é o acolhimento espiritual do materno. A grande mãe paraense rindo e celebrando a vida, na vida dos paraenses. Ela esquenta seus corações, os enche de ternura. Ternura, fé e sincretismo. Ali todos se olham em plural.

Aqui, me acostumei a viver a umidade da chuva forte na metade do ano, e a seguir suando muito na outra metade, no verão. Olhar os carrinhos de frutas andando pelas ruas da cidade, sentir a calma num lugar quente. Comer açaí com peixe no Ver-o-Peso. Tomar cerveja com @s amig@s ao final da tarde. Conhecer as águas salobres nesse céu de tarde airosa e os cânticos dos passaros.

Talvez por isso um amigo venezuelano, Marlon Zambrano (jornalista e escritor) falou-me um dia: "tuas imagens tornam-se domésticas, esse cotidiano que se volta familiar, como se fosse meu lar, porque nelas vejo jeitos de meu bairro"

Esse jeito do bairro é o jeito da vida que se faz e está no cotidiano. Agimos – reagimos aos afetos. Nós nos afetamos sempre. Cosmo inevitável que nos extrapola ser um/uma em ser com as/os outras/os. Trocamos nos afetos. Somos um plural indissolúvel. Nós socializamos no cotidiano, nós aprendemos nessa socialização. Minha língua aprendeu na rua o sotaque paraense. Dirigi de novo uma bike, coisa que não fazia desde os dez anos de idade. Por isso, aprendemos a viver vivendo, dia a dia, experimentamos esse presente e passado que se apresenta atrás de nós, as pegadas nos pluralizam.

Sempre falava em aulas de fotografia: somos um elo interligando imaginariamente as outras/os e ao mesmo tempo outros elos nos tensionam, nos puxam, empurram, nos movimentam, nos dançam. Nossos corpos

são como as raízes das árvores, lá embaixo, na terra, bem no fundo, as árvores se interligam com as outras árvores, criam um ecossistema e resistência de vida, e agem conforme as tempestades, geografia e clima. Nossos corpos se aclimatam, se olham em sua geografia humana. Então é impossível não ser parte de um grande ecossistema de afetos, de relações socio-afetivas que nos pulsam, puxam, empurram, sustentam, derramam, gotejam, alimentam, ensinam, abraçam. Sem esquecer que no pior dos fatos, os afetos também acontecem em um marco de relações de poder públicas e íntimas, onde o sistema patriarcal e capitalista impõe através de seu machismo, racismo e sexismo racionalizado, práticas para ferir, marcar, explorar, aniquilar, prostituir, sepultar, estuprar e matar a muitas mulheres e crianças no mundo inteiro.

Nós criamos afetos, porque criamos uma cultura da vida, ainda que ligada à morte. Então como pensamos a vida, pensamos a morte, vivemos nossas relações e como ela se vive. Isso é olhar nossa cultura como práticas de relações socio-afetivas, socio-sexuais, socio-econômicas e sociopolíticas. Nossas práticas de vida as quais não estão afastadas do emocional, nem dos sentimentos que costuramos, deixam em nós memórias que transcendem, percorrem nossos corpos, tanto no individual como no coletivo. Nossa vida mergulha numa cachoeira de relações diversas e múltiplas e também acolhe lembranças que nos marcam. Criamos então cultura dos afetos, e espiritualidades dos nossos tempos sociais, políticos, culturais e econômicos. Nossos bairros falam de como mediamos, atuamos e nos expressamos conforme a isso. Nada em nós é por acaso. Somos construídos em sociedade. Em cultura de afetos, de vivências, experiências! Por isso meu olhar media aquilo que me afeta, me emociona, me ensina, percorre minha pele, meu corpo. Construí em mim me

← Foto



macabritafotoarte

Belém, Brazil



@MACABRITAFOTOARTE/2018



Curtido por I.ba2 e outras 15 pessoas

macabritafotoarte #fotodiário #fotorua  
#streephotographyS7 #fotocalle #2018 Autora  
Maryori Cabrita

5 de junho de 2018 • Ver tradução



6 - Instagram  
@macabritafotoarte

mórias líquidas desse sentir, viver, aprender a amar!

Eu me achei nesse andar em comum e em plural, quando me vi nesse rosto paraense, é o que devem dessa América do Sul, paradoxal, amazônica, diversa e plural, está nesse gosto apimentado ao sentir-nos prestativos no cotidiano, onde demostramos afetos de guia e cuidado. Acolhemos o rir o tempo todo! Reinventamos nossas resistências, repensando caminhos e formas de trabalho coletivos; criamos, imaginamos a arte de viver a nosso jeito e ao ritmo de nossas florestas, respeitando-as.

Dançamos ao som de nossa percussão ancestral africana, pois ela ressoa fortemente em nossos peitos.

Me vejo, e nos vemos num caminho de vida não linear, sempre diverso, abraçad@s junt@s -ainda que em meio às mais terríveis explorações de nossas terras.

Nós caminhamos com intimidade humana: uma se olha em outra realidade social e cotidiana. E eu vejo o que inevitavelmente vai tocar-me no doméstico, no íntimo, no público, como dinâmicas interligadas de/para/sobre a vida; e principalmente minha vida como mulher e meu olhar nessas outras mulheres, homens e crianças. Porque a vida é socialização. Reconhecer que precisas d@s outr@s para fazer caminhos, trocar afetos, agir e interagir em nossas múltiplas formas de encontrar-nos, comunicar-nos, projetar-nos, ver-nos e amar-nos. Nesse fazer fazendo-se. Nesse encontrar-se é que a gente constrói cultura de amor pel@s outr@s.

-Meu #Fotodiário em @macabritafotoarte é uma metodologia orgânica, que age como processo aberto, inconcluso e inacabado. O olhar testemunha seus encontros e não me faz esquecer dos lugares e anedotas que eu teci aqui; desse sentir o povo quentinho e undífero da Amazônia paraense.

← Foto



**macabritafotoarte**  
Mercado de São Braz



Curtido por **yllen\_pina** e outras 16 pessoas

**macabritafotoarte** #fotodiário

#cidadasdeusas#fotoS7 #fotorua #streephotography

#2018 autora Maryori Cabrita

13 de dezembro de 2018 • Ver tradução



64

7 - Instagram  
@macabritafotoarte

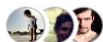
← Foto



**macabritafotoarte**  
Belem Do Pará, Para, Brazil



@MACABRITAFOTOARTE / 2019



Curtido por **jss.vargas** e outras **16** pessoas

**macabritafotoarte** #fotodiário #açai  
#streephotography #fotorua #fotocallejera  
#streeptoto #2019 autora Maryori Cabrita

há 3 dias • Ver tradução



8- Instagram  
@macabritafotoarte

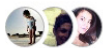


macabritafotoarte

Ver O Peso



Instagram  
@macabritafotoarte



Curtido por **jss.vargas** e outras **23** pessoas

macabritafotoarte Hoje, dia da feria do açai. Feira que começa todos os dias na madrugada, mas eu cheguei as quase 5 da manhã e não logrei estar quando as embarcações chegam ao porto do Ver O Peso. Espero fazer isso antes de eu partir daqui. Obrigada @paula\_vanessa\_silva e a @fotoativa por me convidar, muito grata!!! .



66



macabritafotoarte

Avenida João Paulo II Belém Pará



Curtido por **realmonto** e outras 22 pessoas

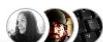


10- Instagram  
@macabritafotoarte



macabritafotoarte

Belém, Brazil



Curtido por **eglisam** e outras 43



68

11 - Instagram  
@macabritafotoarte

← Foto



macabritafotoarte

Estações Da Doca



@MACABRITAFOTOARTE/2018



Curtido por ange\_neny e outras 34 pessoas

macabritafotoarte Paisagem da Estação das Docas  
#fotosbelém @photobelem #fotocores #atardeceres  
#streephotography #encontros #2018 Autora Maryori  
Cabrita

10 de abril de 2018 • Ver tradução





**macabritafotoarte**  
Belém, Brazil



**macabritafotoarte** Ontem comecei a última etapa deste recorrido de dois anos, e quase esqueci de pôr uma foto do primer Cirio de Nazaré que vi depois de pisar terra quente no Belém do Pará. O Cirio é uma das mais importantes tradições daqui, então não posso deixar de lado aquele partilhar com minha amiga a Glaucine 😊. #fodiário #meuprimerciriodenazaré #2018 #boa #abençoada #avida #memorialqu #natória #fechandociclos #streetphoto autora Marvori Cabrita



## 2.2- Quando fui lá >>> a Nossa Senhora de Livramento



14- Acervo pessoal,  
Nossa Senhora de Livramento, 2017

A vida de fotógrafa te leva a conhecer novas pessoas, andar por novos caminhos, fazer novas amizades. Assim aconteceu com a Yorgana, uma venezuelana estudante de mestrado em Planejamento do Desenvolvimento na UFPA. Ela me convidou a fazer o registro fotográfico de sua pesquisa em agricultura familiar, lá na Nossa Senhora de Livramento, que fica na rota de Igarapé Açu, no interior do Pará, num território quilombola, titulado como tal desde 2008. Lá conheci muitas famílias, personagens que dão vida a esse povo cheio de resistência, mulheres e homens como as senhoras Teresa Costa, Maria de Fatima, Goulart de Lima, que me deixaram entrar ao calor de seus lares, e entre boas-vindas eu vi como suas mãos cultivam a terra e protegem suas roças. Durante os dias que fiquei ali, acordei com o cheiro da floresta de albas vermelhas, com um café da manhã sentada no quintal, escutando aos pássaros, com o som da natureza na alma.

Lá, em Nossa Senhora de Livramento, reafirmou-se para mim que o amor de seus lares acolhe os espíritos dos primeiros antepassad@s escrav@s, antepassados que lutaram com sangue e suor por sua liberdade, liberdade ademais refletida nos cultivos das roças, na pesca, herança deixada até hoje como cultura de trabalho e alimento principal das famílias de lá.

No Livramento, conheci o sabor ancestral indígena do Pará, através de pratos típicos como o peixe a lenha, o vatapá, o tacacá no tucupi, o cuscuz, entre outros (isto aconteceu a partir da festividade da Virgem de Nossa Senhora de Livramento, que deu origem ao nome da comunidade).

Essa experiência me faz pensar a fotografia como escritura visual, me volta a um exercício consciente do que a linguagem fotográfica faz do visível, o fato de um olhar que “representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representa a criação de um testemunho” (Kossov, 2001, p. 26). Não obstante, registrei até onde o povo me deixou estar próxima a sua cotidianidade.

As imagens fotográficas mostram minhas subjetividades, e também uma ética de respeito a essas pessoas que fotografei, elas nascem de meu agir sobre o mundo que estou vivendo com elas. Da socialização com el@s. A fotografia que eu fiz, naquele momento se realizou em laços afetivos, os quais se foram costurando entre conversações, sorrisos e partilhas em seus lares. Das trocas, convivências através de uma xícara de café, por exemplo. E el@s me deixaram como presente a imagem que levo del@s em mim.

A fotografia que olha nos afetos, aprende a escutar as histórias pessoais d@s outr@s como aprendizagem de vida, respeita a narrativa familiar do que as pessoas são e encontram em um mundo onde sua agricultara é tudo, porque é produção não só de alimento, senão também de conhecimento da vida agrícola de um país! Lá, as técnicas para lavar à terra passam de geração a geração, como ferramenta cultural e além disso fonte de vida! Lá, os laços de vidas se fazem com as mãos, enquanto vão te dando um pedacinho del@s com alegria, paixão, coragem e resistência >>> Lá, elxs lutam e trabalham com fé!



15- Acervo pessoal  
A senhora a Teresa Costa,  
Nossa Senhora de Livramento, 2017



16- Acervo pessoal  
Mossa Senhora de Livramento, 2017



17- Acervo pessoal /  
Nossa Senhora de Livramento, 2017



18- Acervo pessoal  
Nossa Senhora de Livramento, 2017



20- Acervo pessoal  
Nossa Senhora de Livramento, 2017



19- Maria de Fatima, Goulart de Lima  
Nossa Senhora de Livramento, 2017



21- Acervo pessoal  
A senhora Teresa Costa  
Nossa Senhora de Livramento, 2017



### 2.3- O encontro de duas águas de Pará

Conquanto caminhei como fotógrafa de rua, mais fiquei surpresa da diversidade das águas. Cheguei a Mosqueiro, onde pela primeira vez senti uma praia de água doce -para mim- natureza extraordinária pelos tons marrons, violáceos e vermelhos que têm. Nadar na poética de duas águas. Rio e Mar se abraçando nas águas criativas de lemanjá. Elas mergulhavam em mim, dando-me força nesta Amazônia paradoxal.

A experiência com lemanjá a conheci um pouquinho mais em Icoaraci, em 2017, através da minha amiga irmã peixinha a Bianca Levi (filha como eu de lemanjá), justo no dia de nossa Mãe, o 8 de dezembro, onde por primeira vez estive por perto da religiosidade ancestral paraense dos Orixás.

Agi na espiritualidade de nossas raízes africanas. Senti movimentar meu corpo quando entrou em ligações extra-sensoriais com os paraenses que iam ficando e olhando para o mar, para lemanjá, abraçada de preces e ao ritmo do Carimbó.

Levar este caminho de familiarização através da fotografia me faz lembrar que somos misturas, um corpo sul-americano cheio de uma biodiversidade única e não repetível, costumamos uma cosmologia cheia de sincretismos religiosos, de uma espiritualidade com contradições, desenhada entre os mitos indígenas, os africanos e a religião católica.

Nas vivências que ainda tenho em Belém, sinto que sou parte agora deste trópico plural e paradoxal, atravessada também por essa múltiplas biodiversidades -climas, territórios, águas, igarapés, rios, etc.- Se alguma coisa aprendi neste devir e na vida de fotógrafa e artista visual é que o amor se constrói. E dita construção não nasce sozinha, ela nasce das relações socio-afetivas que fazemos, das trocas, desse sentir-se, ver-se, expressar-se dentro de uma experiência cultural, social, humana, justo donde a existência dxs outrxs estão presentes em meu caminho.



23 - Averno pessoal  
Mosqueiro, 2017



2017, Acero P. del  
Masquero, 2017



25- Acervo pessoal  
Dia de Iemanjá  
Icoraci, 2017.



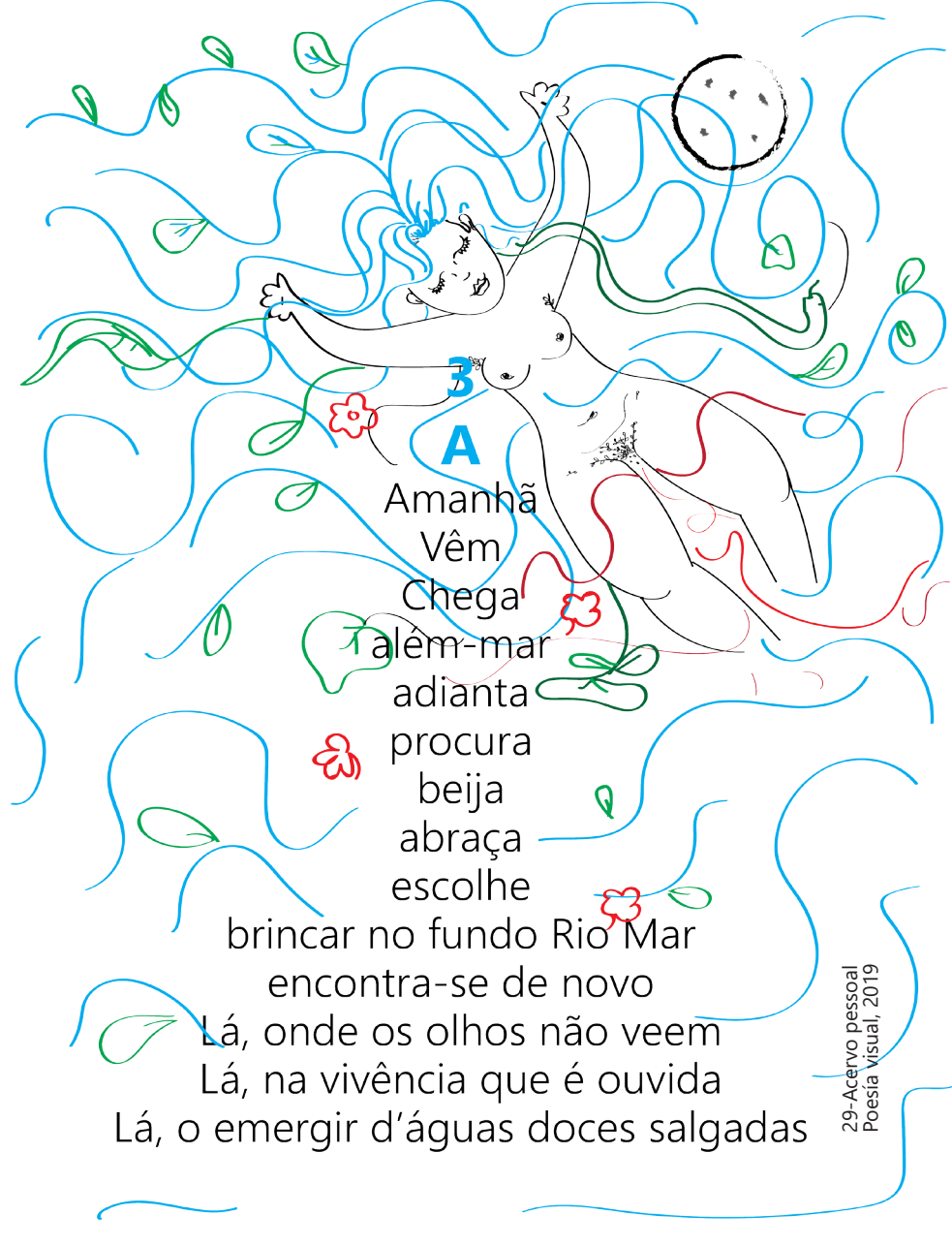
26- Acevo pessoal  
Dia de Iemanjá  
Icoraci, 2017



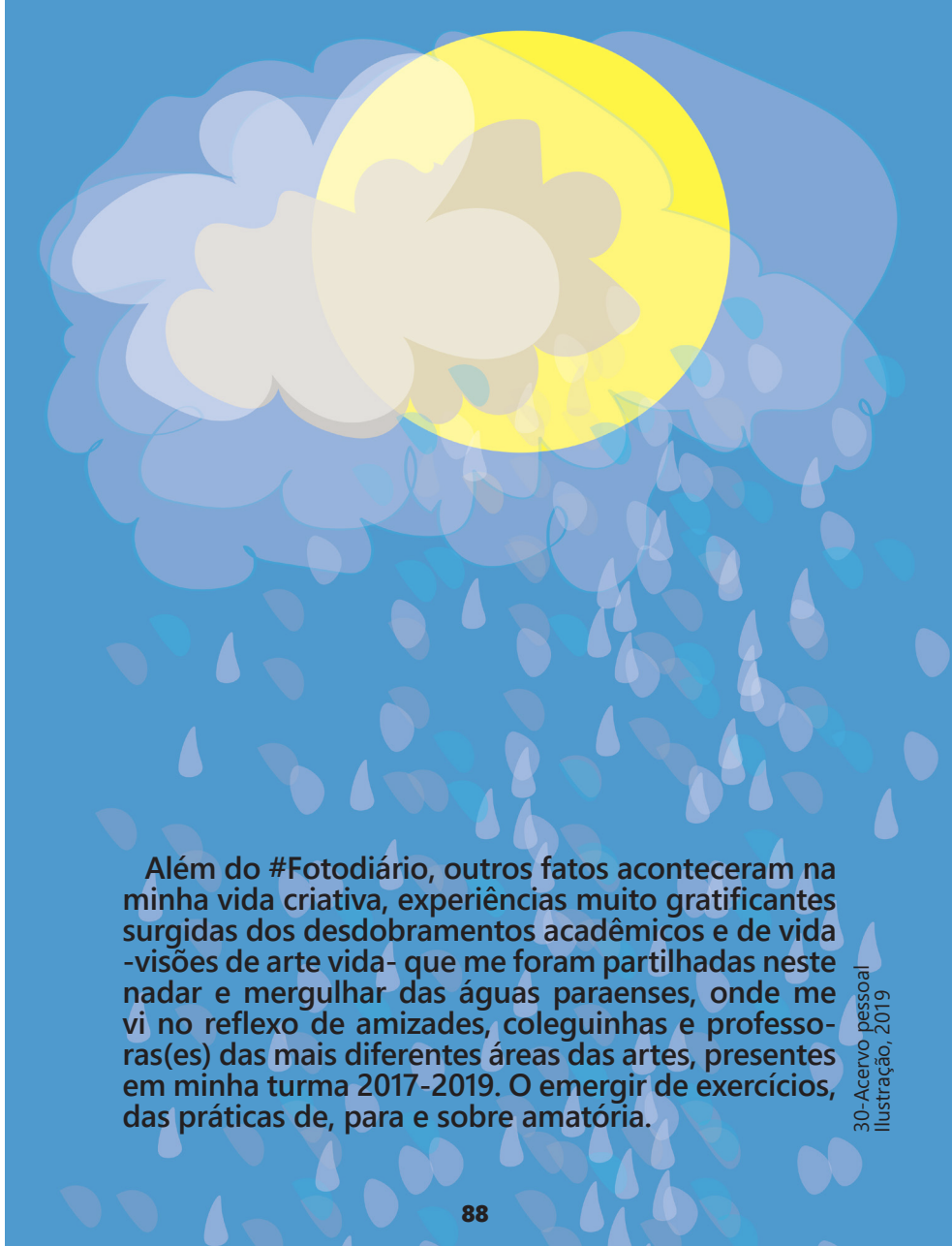
27- Acevo pessoal  
Dia de lemanja  
Icoraci, 2017



28- Acervo pessoal  
A Edilene Rosa e a Bianca Levi  
Dia de Iemanjá  
Icoraci, 2017



3  
A  
Amanhã  
Vêm  
Chega  
além-mar  
adianta  
procura  
beija  
abraça  
escolhe  
brincar no fundo Rio Mar  
encontra-se de novo  
Lá, onde os olhos não veem  
Lá, na vivência que é ouvida  
Lá, o emergir d'águas doces salgadas



Além do #Fotodiário, outros fatos aconteceram na minha vida criativa, experiências muito gratificantes surgidas dos desdobramentos acadêmicos e de vida -visões de arte vida- que me foram partilhadas neste nadar e mergulhar das águas paraenses, onde me vi no reflexo de amizades, coleguinhas e professoras(es) das mais diferentes áreas das artes, presentes em minha turma 2017-2019. O emergir de exercícios, das práticas de, para e sobre amatória.

30-Acervo pessoal  
Ilustração, 2019

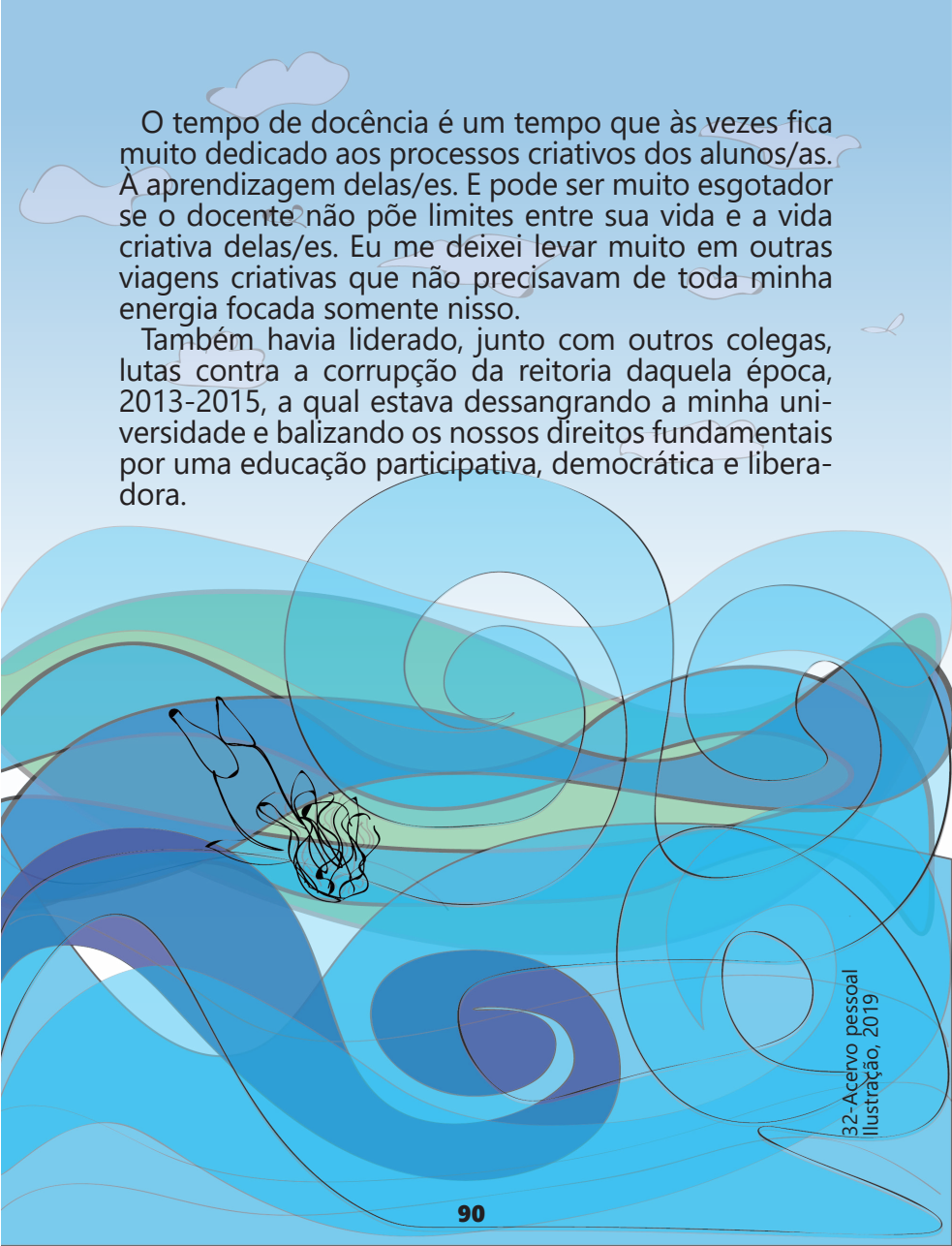


31-Acervo pessoal  
Ilustração, 2019

### 3.1- A escolha é nadar

Em 2017, achei em mim inconstâncias e incertezas por não ter ainda um trajeto muito claro na minha pesquisa. Pois realmente não tinha nem a mínima ideia do que eu iria fazer em seguida. Risos! Achei que, além de não ter o Sul mapeado, igual era o momento de estar aqui, no agora, era não só um caminho que eu havia escolhido, almejado, senão um caminho realmente necessário, precisava deste espaço de trocas contínuas, de retroalimentar-me e partilhar de experiências arte vida.

Isto me afastava dos processos de formação da Venezuela, lá onde por mais de uma década dediquei parte da minha vida em orientar e guiar na área prática a muitas/os alunas/os nas aulas de fotografia e linguagem plástica, em várias Universidades e principalmente na Universidade Nacional Experimental das Artes (UNEARTE), o que me deixou sem espaço pessoal para dar-lhe a minha vida como artista visual, sem um respiro, um espaço de reflexão. Um espaço-tempo para escrever e reorganizar ideias. Ouvir minhas ideias.



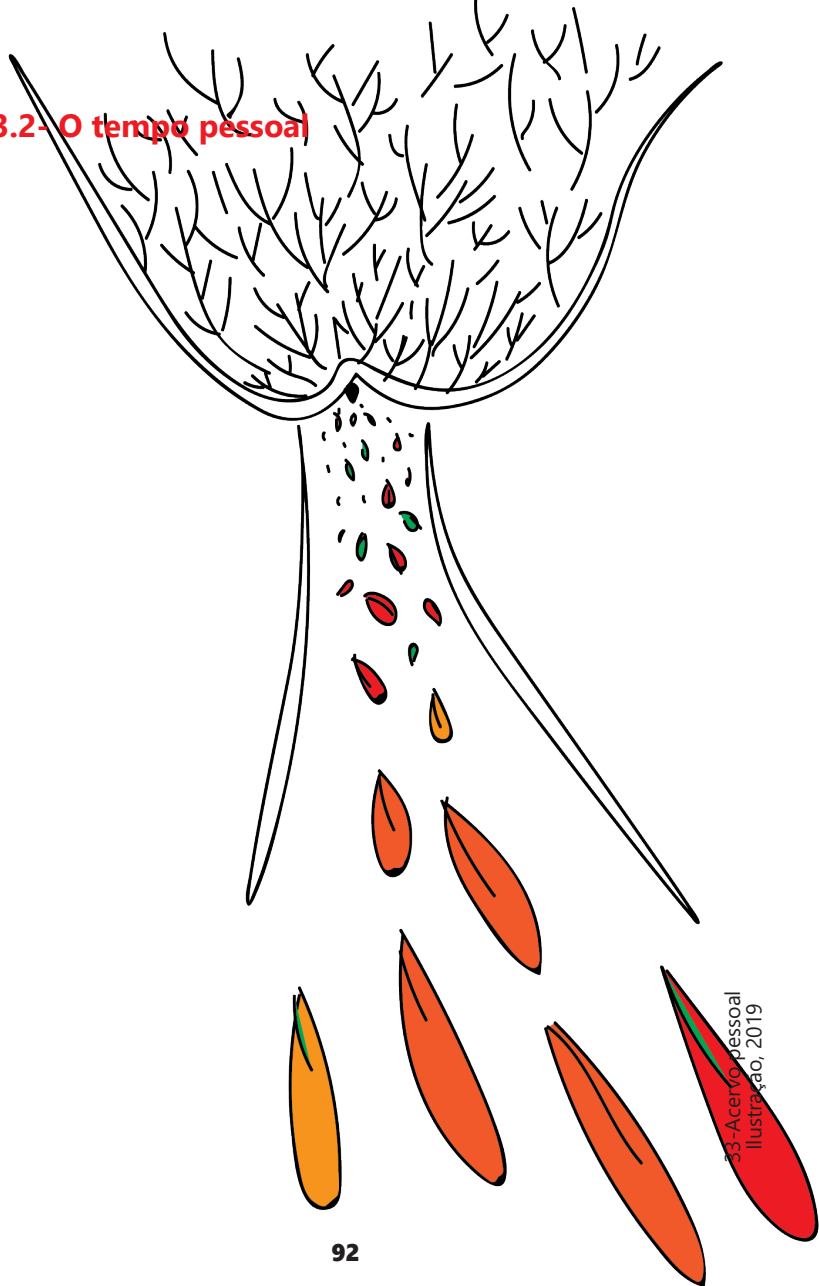
O tempo de docência é um tempo que às vezes fica muito dedicado aos processos criativos dos alunos/as. À aprendizagem delas/es. E pode ser muito esgotador se o docente não põe limites entre sua vida e a vida criativa delas/es. Eu me deixei levar muito em outras viagens criativas que não precisavam de toda minha energia focada somente nisso.

Também havia liderado, junto com outros colegas, lutas contra a corrupção da reitoria daquela época, 2013-2015, a qual estava dessanguando a minha universidade e balizando os nossos direitos fundamentais por uma educação participativa, democrática e liberadora.

As lutas e os processos de formação em aula haviam ocupado tanto, mas tanto tempo na minha vida que pouco me dava para me repensar em meus processos artísticos. Respirar. Sentir: o que acontecia neles? Mergulhar na fertilidade criativa! Havia postergado meus processos pessoais. Por quê? Porque assim como toda atividade artística, todo fazer se nutre, se alimenta das trocas sociais, do que nos acontece afora, no mundo exterior, pois também é uma atividade que precisa de silêncio, de meditação, de profunda introjeção e reflexão! E assim, a artista e a pesquisadora podem se encontrar, criar um diálogo de pensares e sentires da prática e da teoria, desse esquentar de águas, ao se perguntar o que estou fazendo na práxis? O que tento falar? O que me motiva? Naquele tempo meus imaginários se estavam aproximando do meu corpo e do corpo familiar de meus tempos líquidos, da erótica de meu corpo. De minhas pulsões femininas. E ao mesmo tempo era um afirmar-se criadora de imagens e imaginários múltiplos-femininos. Mas para chegar lá, eu tinha que nadar nesse rio por baixo do rio. Nadar em mim. Ir embora. Caminhar novos lugares.

“cada mulher tem aceso potencial ao Río bajo Río, esse rio por baixo do rio. Ela chega até ele através da meditação profunda, da dança, da arte de escrever, de pintar...da imaginação ativa ou de qualquer atividade que exija uma intensa alteração da consciência. Uma mulher chega a esse mundo-entre-mundos através de anseios e da busca de algo que ela apenas vê com o cantinho dos olhos. Ela chega lá com artes profundamente criativas, a través da solidão intencional (ESTÉS, 2014, p.45)

### 3.2- O tempo pessoal



33-Acervo pessoal  
Ilustração, 2019

Estar aqui, chegar aqui, a Belém do Pará, longe de minha terra, não foi por acaso, foi uma decisão de vida criativa, um quer estar fora! Não é fácil cruzar fronteiras, pensar de outro jeito, começar neste espaço acadêmico, onde traço esse reconhecer-me pessoalmente como artista e pesquisadora em artes! Acho que ali foi onde encontrei uma segunda prática Amatória, que só começou abrir-se quando usei o tempo direcionado a mim, ou o que alguns psicoterapeutas falam, dar-se um tempo para o si mesmo. Isso significava tomar-me um tempo pessoal. Um tempo de intimidade na escrita. Que sou eu conhecia. Que anda a meu próprio ritmo pélvico. Esse tempo que não pertence a ninguém, era dar-me tempo para ser um eu >>>comigo mesma, e, isso faz parte da arte de viver, de entender que meu fazer artístico estavam dentro de uma experiência interior que precisa do tempo:

[...] é ocasião para que a vida se mostre, é com ele que contamos para fazer a fenomenologia de uma existência, o tempo pode trabalhar a favor da desocultação... Mas aquilo que pode se dar, só se dá quando encontra a abertura humana que o acolhe [...] (TATIT, 2004, p.43)

Conscientizar-me no fluxo de minha vida artista foi um desafio todo. Pensei em desistir -não lhes menti- Porque o mestrado tem seu tempo limite. Então a vezes fiquei um pouco apavorada!

[...] O humano não tem força para abreviar nada e quando insiste colhe o fruto verde, antes de amadurar, tudo tem seu tempo certo. Vão ver a semente? A gente semeia e é preciso esquecer a vida guardada debaixo da terra, até que um dia, no momento exato,

independentemente do querer de quem espalhou a semente, ela arrebenta a terra desabrochando o viver[...] (EVARISTO, 2018, p.91)

Mas a minha orientadora a professora doutoranda Claudia Leão havia-me dito: -Mana, o processo de pesquisa irá andado, é! Assim ao princípio tu nem percebas, ele dará os sinais certas, tá! -Entendi isso, depois de ver os soles cair na Perimetral e achar feixes de luz até nas águas mais escuras e turbas de minha existência-

Como estudante, decidi fazer minha parte e simplesmente deixar ao tempo passara em mim. Que o tempo-Rio fizera sua parte. A professora a Claudia pediu para a galera da turma-2017, fazer um caderno de incidentes, que partiam de leituras feitas em aulas sobre o livro Incidentes de Roland Barthes. Confesso, eu não fiz desse jeito, mas se decidi tomar notas de certas leituras que eu fiz e reorganizar minhas inquietações em folhas de papel. Pois achava que alguma coisa sairia daquilo. Por tanto não poderia lhes chamar de incidentes, mas se um jogar informações pra fora, um (des)internalizar o que até esse momento, finais de ano 2017, fazia como prática artística há tempo. Por tanto, as imagens-anotações aqui jogadas, são os exercícios que eu fiz nas aulas ministradas pelas professoras a Claudia Leão e Maria dos Remédios.



• El discurso de la otredad es retomado en la fotografía feminista, las experiencias verbales, lo que se vive en Carhe-Procesos.

Se hacen visibles los estereos ocultos de la mujer - Sujeto/objeto - El cuerpo desnudo

Después de ~~ser~~ estar pudorosamente reservado a la ciencia y al arte clásico. Comienza a ser objeto de consumo

Principalmente el femenino

- Economía política
- Pornografía
- Publicidad
- Fetiches

Como mirada controladora.

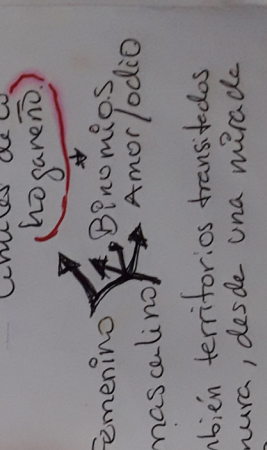
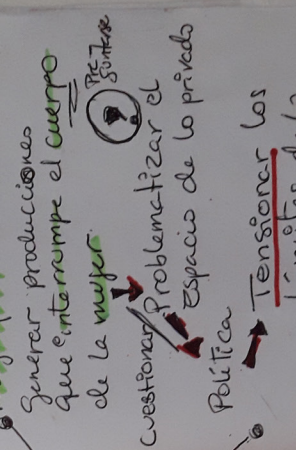
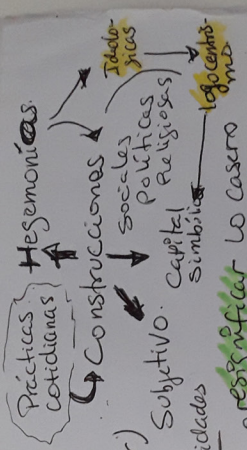
• El voyeurismo, el erotismo, la seducción, el dolor, la emancipación... son estrategias relacionales que se instrumentalizan para y desde el cuerpo.

Identidades - resignificar lo casero

Generar producciones que entorpecen el cuerpo de la mujer

Questionar el espacio de lo privado

Política - Tensionar los límites de lo hogareño



El cuerpo en la fotografía feminista se convierte contra el discurso positivista culturalmente establecido, una nueva forma de emancipación. El cuerpo es liberado, solemizado. VIVIR EL CUERPO

El cuerpo desconocido por ignorancia y uso.

Sujetos: Actos Amorosos

• Busco también territorios transitedos por la ternura, desde una mirada amorosa.

**Capitalismo**

ha alimentado la represión.

Interioriza con de la casa como sistema social paródico.

**Normalización**

Androcentrismo  
100%  
Ginecentrismo

Dispositivos heteronormativos del psicoanálisis

En todo hay relaciones

¿Cómo hablamos de género, de sexo?

Normalización se ejerce de nuestras prácticas

Como formal. Correlatos no los podemos an que reseramos

estamos no existe su género su historia su psicoanálisis

selección de su cuerpo

se la mujer durante la confina a la casa

Disciplinar. Se la confina a la casa

Disciplinar. Se la confina a la casa

Disciplinar. Se la confina a la casa

Disciplinar. Se la confina a la casa

Disciplinar. Se la confina a la casa

Disciplinar. Se la confina a la casa

Disciplinar. Se la confina a la casa

Disciplinar. Se la confina a la casa

Disciplinar. Se la confina a la casa

Todos operamos Poder, ahora como prácticas que se nos han hecho

Desde la visión de Foucault. Buscar recibir por precio

¿Qué es una vida plena?

Todo el tiempo circula. El poder se ejerce

Vertical. Horizontal. Sexualidad. Foucault.

Disciplinar. La forma en que el poder circula

El sujeto retiene

El sujeto retiene

El sujeto retiene

El sujeto retiene

El sujeto retiene

El sujeto retiene

El sujeto retiene

El sujeto retiene

El sujeto retiene

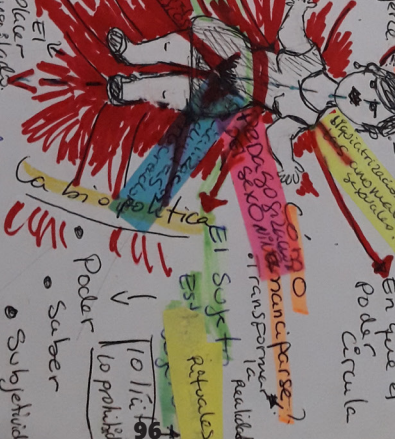
El sujeto retiene

El sujeto retiene

El sujeto retiene

El sujeto retiene

El sujeto retiene



Historia de la Ciudad

Estos en un país extraño hacen que tus emociones afloran con una fuerza.

hoy una Señora como de 60 años me contó problemas que estaba pasando con su marido. en relación a su hijo "al fello" y comenzó a explicarme que yo preguntarle cosas por cierto todo me dirigía a lo que pasó a pesar de que no era a parar a no su donde. Puran te leé transcurso me sorprende con le teno ahí me parece que debía bajar y a garrar otros Ônibus Ni entras llegaba a quedé pensaba en sol evento.

En la noche mi en trans con versaba con Gorgana de mis días. En la pesquesca. En con tre muchos cose que no había que no do ver que con sus reflexiones y mis tra compaño me preguntó si me trabajaba en la oficina que le había dicho que no quería. Le comente que por lo que me había dicho que no quería. Le comente que por lo que me había dicho que no quería.

que yo preguntarle cosas por cierto todo me dirigía a lo que pasó a pesar de que no era a parar a no su donde. Puran te leé transcurso me sorprende con le teno ahí me parece que debía bajar y a garrar otros Ônibus Ni entras llegaba a quedé pensaba en sol evento.

que yo preguntarle cosas por cierto todo me dirigía a lo que pasó a pesar de que no era a parar a no su donde. Puran te leé transcurso me sorprende con le teno ahí me parece que debía bajar y a garrar otros Ônibus Ni entras llegaba a quedé pensaba en sol evento.

que yo preguntarle cosas por cierto todo me dirigía a lo que pasó a pesar de que no era a parar a no su donde. Puran te leé transcurso me sorprende con le teno ahí me parece que debía bajar y a garrar otros Ônibus Ni entras llegaba a quedé pensaba en sol evento.

que yo preguntarle cosas por cierto todo me dirigía a lo que pasó a pesar de que no era a parar a no su donde. Puran te leé transcurso me sorprende con le teno ahí me parece que debía bajar y a garrar otros Ônibus Ni entras llegaba a quedé pensaba en sol evento.

que yo preguntarle cosas por cierto todo me dirigía a lo que pasó a pesar de que no era a parar a no su donde. Puran te leé transcurso me sorprende con le teno ahí me parece que debía bajar y a garrar otros Ônibus Ni entras llegaba a quedé pensaba en sol evento.

que yo preguntarle cosas por cierto todo me dirigía a lo que pasó a pesar de que no era a parar a no su donde. Puran te leé transcurso me sorprende con le teno ahí me parece que debía bajar y a garrar otros Ônibus Ni entras llegaba a quedé pensaba en sol evento.

que yo preguntarle cosas por cierto todo me dirigía a lo que pasó a pesar de que no era a parar a no su donde. Puran te leé transcurso me sorprende con le teno ahí me parece que debía bajar y a garrar otros Ônibus Ni entras llegaba a quedé pensaba en sol evento.

que yo preguntarle cosas por cierto todo me dirigía a lo que pasó a pesar de que no era a parar a no su donde. Puran te leé transcurso me sorprende con le teno ahí me parece que debía bajar y a garrar otros Ônibus Ni entras llegaba a quedé pensaba en sol evento.

que yo preguntarle cosas por cierto todo me dirigía a lo que pasó a pesar de que no era a parar a no su donde. Puran te leé transcurso me sorprende con le teno ahí me parece que debía bajar y a garrar otros Ônibus Ni entras llegaba a quedé pensaba en sol evento.

36 - Acevo pessoal  
Caderno de incidentes  
Bélem 2017



Não ciente de tudo em meus processos, havia, sem sabê-lo, tornado o transcorrer do tempo numa prática Amatória. Porque o tempo pessoal não é ficar deitada sem fazer nada, implica outras coisas além da espera.

O sol paraense quentinho abre caminhos. E enquanto escrevi isto, vejo o passar desse tempo suado. Escorrido nas minhas costas, né! O tempo não passa em vão! Vai acontecer no viver além! Isso quer dizer o que? Bom, às vezes se fica tanto tempo na vida dxs outrxs que esquecemos de nós mesmas, para ter espaços justos e necessários de pensar e refletir nesse eu social construído, nesse eu sentimental e nesse eu afetivo e sexual. Vi que o tempo me mostrou minha vida como se fosse uma história

[...] têm personagens fazendo parte dela, a presença que eu tinha nela. A história que eu queria contar era minha e talvez eu não poderia com tudo, mas poderia fazer dela novos caminhos, novas direções" (TATIT, 2005, p.94).

Não obstante, o tempo se mostra nossas relações afetivas, e por isso esses personagens não apareceram por acaso. Chegaram a mim através de minhas novas amigas aqui em Belém do Pará. Mulheres muito próximas, causalidades da vida, sincronismos lunares, para sanar-me enquanto mais conhecia a elas e suas vidas. Com elas fui tecendo um incidente barthesiano, compaixão e empatia ao descobri que minha vida e a vida delas tinha uma fissura familiar, uma queda d'água localizada justo no colo da mãe; e para isso tive que fazer exercícios de escuta de minhas amigas e essa começa na série Poéticas do Pessoal.

### 3.2.1 Poéticas do Pessoal

De novembro a dezembro de 2017, havia encaminhado uma ideia, uma semente, uma busca, na série Poéticas do Pessoal. Tomei a premissa da feminista Carol Hanish e seu conceito de que o Pessoal é Político, manifesto em 1969, na segunda onda feminista. Este ativador político era para desenvolver um trabalho em artes sobre as relações socio-afetivas das mulheres e o lar. Minha intenção ainda era, como falei no #Fotodiário, trabalhar pelo menos com uma quantidade reduzida de mulheres. Risos! Comecei esse vínculo-afetivo com três mulheres trabalhadoras da padaria O Canto de Pão, que ficava perto da casa onde morava esse ano, na Perimetral. No entanto, o desenvolvimento de me aproximar de suas histórias de vida não resultou do jeito que esperava, e só minha amiga Glaucine Viana me falou de sua vida. Foi ela quem aceitou abrir as portas de seu lar e me deixar conhecê-la e criar o caminho, uma possível pesquisa em artes.

A ideia ficou ali, porque no caminho outras experiências se uniram a essa série fotográfica Poéticas do Pessoal.

Essas imagens fotográficas que fiz caminham entre o gênero da fotografia de rua e o gênero do retrato. Minha intenção era me aproximar dos territórios legitimados pelo patriarcado como domésticos: a casa, a família, onde se constroem relações de micro poder da família tradicional heteronormativa; desdobrar e deslegitimar o retrato encaixotado dessa memória social branca, onde “a mulher da família se identifica ao interior da casa... pois a rua era o domínio da escrava e a prostituta” (LEITE, 2001, p. 63) -as duas últimas que faz referência são



38- Acervo pessoal  
A família da Glaucine  
Bélem, 2017



39- Acervo pessoal  
Glaucine Viana  
Bélem, 2017

as mulheres índias, as africanas, e as não brancas.

Queria mexer no retrato tradicional, na cena familiar. Repensar o retrato de família onde a figura central fosse a mãe trabalhadora não branca, tão presente em nossas sociedades americanas, e não o pai como tradicionalmente se concebia outrora. Porém, queria criar uma prática artística e fotográfica colaborativa, participativa, onde tanto elas como eu fizéssemos conexões vinculadas a como é que entendíamos esse imaginário simbólico da sexualidade no lar, a maternidade, a vida de casal e da mãe sul-americana. Dar sentido a uma outra mirada que ressignificasse seu papel como sujeitas atravessadas pela sociedade e a economia do patriarcado.

Para chegar até lá, precisava de maior fluidez do idioma, coisa que não tinha no momento. Risos! E foi difícil conseguir falar temas onde o imaginário machista que levamos em nós, em pequenas dinâmicas óbvias de nossos cotidianos, pudesse ser visibilizado. E por isso, para me aproximar, usei a técnica de entrevistas não estruturadas, onde começaram a sair imagens referentes a nossas memória afetivas-familiar e sexo-afetivas, que pudéssemos reconstruir, do jeito que haviam ficado no corpo as lembranças.

A intenção era, tanto elas como eu, construir e recriar, em imagens fotográficas, cenas referentes a esse lar que haviam construído em seus corpos cotidianos. Criar essa consciência de e sobre o corpo lar, a partir de reconhecer que somos um corpo construído por outros e outras e isso o levamos em nós e nas tradições que marcam ou marcaram os nossos úteros.

Mas quanto mais perto estava de achar o caminho,

surgiram conversações com a Glaucine e outras amigas venezuelanas Ana Duarte e Yorgana Yajure (amigas venezuelanas) referentes a situações não curadas com as nossas mães. O tema do amor da mãe que conhecemos desde nossa infância guardava muitas vivências de violência e violência de gênero em os nossos corpos! Entendi que meu caminho era revisar o arquétipo da mãe, coisa que eu pensei que já havia curado.

O tempo de partilha com elas me estava falando dos degraus que eu teria que pisar, do tempo de caminhar sozinha de volta ao lar, tinha que ir ao self da mãe boa e da mãe má, das avós, mas não exclusivamente para falar delas, era tempo para me aceitar e ver meu self ferido e raivoso.

-Estava cheia de uma dor intensa, algo que não conseguia enxergar, uma agulha me punçava no pescoço, a sensação de desconforto rugia em meus ouvidos! - A psicanalista Clarissa Pinkola Estés, explica que isso é

[...] o self/mulher-lobo, e pedia tempo para se movimentar, para falar, para ter raiva e para criar. É um self formado nas questões espirituais do nascimento e da morte (ESTÉS, 2014, p.50)

E continua...

[...]Se precisa caminhar pelo deserto... é um lugar onde a vida se apresenta muito condensada. As raízes das plantas se agarram à última gota d'água e as flores armazenam umidade abrindo apenas de manhã e ao final da tarde (ESTÉS, 2014, p.50)

Havia enxergado que o tempo pessoal se abria como um oceano em mim, que tinha que nadar para chegar até os tempos de minhas histórias de vida íntima-fami-

liar, onde minhas experiências do passado delineavam práticas de ódio. Eu estava agora mexendo nas coisas velhas, mexendo nas minhas lembranças líquidas, nadando em meu primeiro lar. Eu havia conseguido escrever algumas coisas no ensaio fotográfico “Desde Elas e Para Elas”, apresentado no Fórum Bial de Pesquisa em Artes 2017, intitulado, Arte Como Engajamento político ou função estética? Não obstante o texto ficava na timidez! E no fundo não falava do que realmente me levou a fazer nus na fotografia. Achei um vazio em mim que ficava flutuando no ar, mas ao mesmo tempo me parabenizava ao ser capaz pela primeira vez de expor uma escrita que falava de mim, despida, nua, vazia e a momento sem respostas!

[...] A psique de uma mulher pode ter chegado ao deserto em virtude da ressonância, devido a crueldades passadas... Por isso, muitas vezes uma mulher tem a sensação de estar vivendo num local vazio, onde talvez haja apenas um cacto com uma flor de um vermelho vivo, e em todas as direções 500 quilômetros de nada. No entanto, para aquela que se dispuser a andar 501 quilômetros, existe mais alguma coisa. Uma casa pequena e admirável. Uma velha. Ela está à sua espera... Não seja tola. Volte, pare debaixo daquela única flor vermelha e siga em frente percorrendo aquele último e árduo quilômetro. Aproxime-se e bata à porta castigada pelas intempéries. Suba até a caverna. Atravesse engatinhando a janela de um sonho. Peneire o deserto e veja o que encontra. Essa é a única tarefa que temos de cumprir (ESTÉS, 2014, p.52)

Essas respostas foram chegando gota a gota, e começaria só depois de uma tragédia na primeira alva do 2018.

### 3.2.2 O Tempo de brincar (A Antonella e a Flavia)



40- Acervo pessoal  
A Antonella e a Flavia  
Perimetral, 2018

Eu ia e ria no meio da noite. Era feliz e nostálgica naquele fim de ano de 2017. Minha saudade a levei arrumada e bem bonitinha com flores e batom vermelho. Eu só queria curtir a vida: comer, dançar e não parar de rir, até aclarar nos albos daquele 1º de janeiro do 2018. Mas na plenitude daquele sol quentinho, de volta à casa, ainda bêbada da festa, abri a porta da residência, caminhei pelo corredor e vi na janela da minha vizinha, a Valentina, a sua mãe, Coromoto. Tinham os rostos pálidos, chorando tanto, tanto, como se suas almas estivessem pedindo pra sumir dali!

Eu as conheci na perimetral-1630, mas a gente não era muito amiga; a gente por acaso se cumprimentava em razão das pessoas que conhecíamos em comum e pelos motivos que nos ligavam: a nacionalidade venezuelana (ela do estado Apure, e eu, do estado de Trujillo); as duas pertencíamos ao programa de bolsas OEA-PAEC, só que de anos distintos, e ficávamos em áreas acadêmicas diferentes, digamos a vida acadêmica dela era bem alheia à minha, transcorria no Campus do Guamá, onde fazia sua maestria em engenharia. Além disso, ela vivia com sua mãe, a Coromoto, e suas duas filhas pequenas, a Flavia (8 anos) e a Antonella (6 anos).

Naquela manhã do 01 de janeiro 2018, a vovó das crianças me falava de fato a terrível tragédia: o esposo dela – o senhor Colina, pai da Valentina, avô das meninas, foi esfaqueado inúmeras vezes em casa, no estado de Apure, lá na Venezuela, justo nessa madrugada de fim de ano, enquanto a gente ainda nem pensava que a dor bateria à porta. Umas horas antes

a gente somente curtia a noite. A gente paquerava. A gente comia, bebia, dançava, ria, festejava a vida. A gente ia e vinha em felicidade. A gente pedia nossos desejos ao céu do futuro, alvorando boas-vindas!

Mas os albores me ensinaram que nem tudo está cheio de boas vindas, na vida às vezes temos que chorar, e muito, e se abraçar de outro jeito, abraçar-se para o consolo, pois no fundo isso nos irmana. Quando um ser amado morre, dói pra caralho e até nos ossos! Falava minha vovó Ida Garcia em vida -a morte só tem um jeito na vida, nos unir e nos separar-

Lembro cada uns dos lutos que tive que transitar sozinha aqui em Belém do Pará. Lembro que cheguei a Belém recém falecido meu padrasto, o Enders Blanco, que morreu no dia 11 de maio de 2017. Ele sofreu um infarto uma tarde qualquer. Logo veio a despedida do meu amigo e mestre da fotografia cubano-venezuelana Ramón Grandal, em de 4 de outubro de 2017. Essa perene recordação do efêmero que nós somos, no agora! Do efêmero que me resulta tudo! Do apertado que fica o peito! Do que a gente deixa lá, no fundo dos túmulos, junto a nossos seres amados, é uma parte inesquecível de nós que se vai com elx: um amor partilhado, as lembranças que ficam e dão forma às ausências, o que toca olhar em fotos, em cofres, em algum anel, em algum troço de papel, em alguma palavra esquecida. Os enlaces que tentamos fazer das nossas memórias para que nem tudo morra. -A vida é dos vivos. A morte não demora. Talvez são as clarezas que mais aprendi quando se está vivo, se viaja, se é estudante, se é mulher, se é pobre e se é estrangeira!

A morte do pai da Valentina uniu a gente através da prática de irmandade, ainda sem conhecer-nos muito bem, apesar de ser vizinhas e com amizades em comum; praticaríamos o que nós, as feministas, chamamos de sororidade através da dor diante uma perda, uma prática Amatória, que vêm do latim sóror, que significa “irmãs”.

Olhar-se como irmãs na vida vai além da amizade ou de se reconhecer como venezuelanas, era agir conforme uma situação de dor e perda que precisava de solidariedade e de empatia. Aquele dia, a Valentina e a Coromoto não sabiam o que fazer. Como elas iriam para Venezuela sem grana? Como conseguiriam despedir-se dele? Desse homem que tanto amaram, que foi um pai, um avô e um esposo. O pilar da família Castillo. Liguei para a professora doutora Iracilda Sampaio, pois ela sempre foi para nós, xs estrangeirxs que chegamos pela OEA, um grande apoio em todos os momentos, e ciente da crise Venezuelana, comentei o fato da morte do pai da Valentina, e que a gente não contava com o dinheiro para a viagem delas até lá. A nossa profa. Iracilda criou uma rede de mensagens pelo WhatsApp, pelas redes sociais e conseguiu coletar o dinheiro que se precisava. Depois de muitas horas, a rede de ajuda se espalhou e a gente conseguiu a grana! E nesses momentos de intensa irmandade, lhe falei a Valentina que eu ficaria com suas filhas na minha casinha, até elas voltarem a Belém e assim ela e a Coromoto poderiam sair tranquilas para a Venezuela.

Eu poderia haver ignorado a situação, mas quando você é feminista e acredita que as mulheres tecemos

redes de apoio, ajuda e compreensão, a gente faz empatia e pratica o amor expresso na solidariedade e na mão irmã. Essa mão irmã alheia vai apoiar, muito além do abraço de consolo, essa mão amiga vai dar as chaves para abrir a porta e desenvolver o caminho que vai pela frente.

Desde a madrugada de 2 de janeiro fui uma tia para aquelas crianças. E eu agradeço todo esse mês que a gente conviveu, brincou, se cuidou em família. Aprendi o difícil que é ser mãe adotiva por um mês de duas meninas. Aprendi a sentir medo se alguma coisa lhes acontecesse.

Ser responsável de duas meninas que tu não conheces bem, te ajuda a valorar a infância, quando mais elas o precisavam. Pois, no meio de uma tragédia, as mães e as crianças sofrem muito. Que além de ser a vida como é, às vezes tão crua e violenta, a gente jamais está só e o importante nasce e se reafirma quando a gente se ajuda entre nós, as mulheres, e se dá, através de um ato de companheirismo, irmandade e agir em rede para afrontar as perdas.

Aquelas duas meninas me ensinaram a rir muito, a virar criança! E lembrar que eu também tive uma infância bonita, com seus momentos ruins, sim, mas nem tudo foi mal. Em verdade tive a possibilidade de crescer em condições econômicas e culturais privilegiadas, então tenho que reconhecer isso, né!!!



### 33 O sabor das águas salgadas



Em março de 2018 comecei as aulas de Escrita Memorial ministrada pela professora Wlad. Ali, apresentei o desenho de Composição Poética, que era um exercício visual, no qual ela pediu para que nós construíssemos nossos próprios Sumários de teses. Naquele momento eu não tinha muita clareza sobre o que ela pedia. Sinceramente, como é que eu iria construir o sumário sem sequer ter certeza da minha tese? Eu havia aprendido de outro jeito a construir o sumário (índice) lá na Venezuela. E as metodologias de um país a outro são interpretadas e construídas de forma diferente. A mudança neste sistema educativo te faz ter que pensar de outro jeito e agir em outras perspectivas para fazer as coisas. Tais mudanças estruturais me sacudiram, e meu corpo as rejeitava. Fiquei doente um par de dias, tratando de pensar como é que eu iria fazer esse sumário, pois não me achava nas aulas de nenhum jeito! E certamente intitular algo nunca foi uma de minhas fortalezas na hora de escrever – reconheço ali meu ponto fraco. Eu escrevo primeiro, ou faço uma imagem e depois disso é que eu dou um nome.

O fato é que nas aulas as coisas eram diferentes, entrava nessa zona do alheio e da estranheza que produz uma nova aprendizagem. Tinha que imaginar como é que os leitores iriam me ler através de um sumário, pois isso seria a bússola que lhes permitiria navegar nas minhas águas. Então o compromisso era criar essa bússola -e até o dia de hoje, em 2019, não sei se consegui para vocês-. K, k, k...

Ao não conseguir entender profundamente os processos de composição de que falava a professora

Wlad, me encontrei frustrada. O fato de haver presenciado as aulas me mexeu intensamente. Mexeu na flor espinhosa que eu levava no peito, e desde esse instante não parei de chorar o tempo nas aulas. Pela primeira vez, decidi sorver gota a gota o sabor salgado de minhas lágrimas, deixá-las escorrer na frente de todes, ver nos olhos da turma como eu tomava um banho de lágrimas, sem intenção nenhuma de pará-las. Tomei o sal, para curtir-me! Nadei nas águas salgadas desse mar profundo e complexo que é minha existência como mulher atravessada pela violência machista venezuelana.

Me dei a tarefa de construir um mapa mental de como é que eu era atravessada por essa energia da pesquisa em artes, desde minha vida familiar e da perspectiva feminista como venezuelana. A professora Wlad me falou -Acho que é um plano muito grande para tu dar conta de tudo isso! Reduz mana, reduz!

Bom, é verdade! -Risos- Mas eu não me havia explicado direitinho com ela, porque meu portunhol não deu para muito. -Risos- Mas lhe expliquei, além do percurso acadêmico, o plano de composição poética, que para mim era um plano político, o desenho de como eu vejo a vida das mulheres e minha vida, e em particular os caminhos que eu decidi nadar! -Risos-

# Feminismo

Estudos de Gênero  
Epistemologia do saber  
Subjetividades

Filosóficos  
Psicológicos  
Sociológicos  
Culturais  
Artísticos  
Científicos

paradigmas

Emoções  
Sentimentos  
Sentidos

Estratégias  
Ferramentas

(de)construção



114

Perspectivas  
de para e sobre a vida

sujeito social  
sujeito político  
feminino/masculino

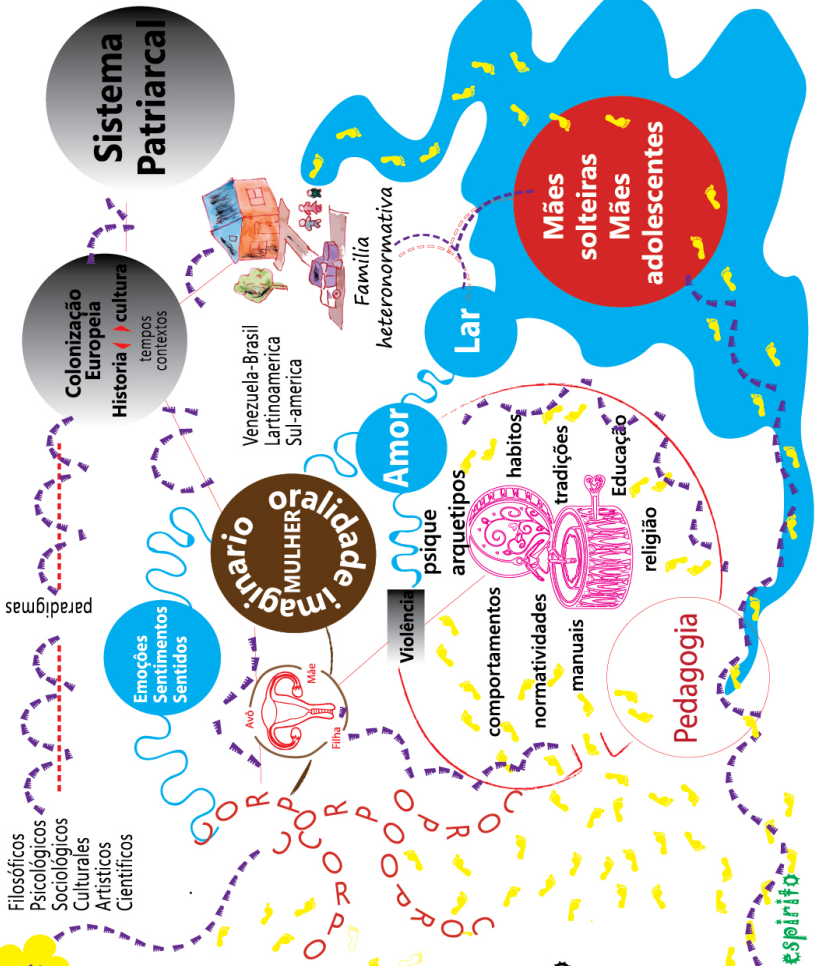
Uma vida para a liberação  
desse material simbólico  
machista e capitalista  
estabelecido nos corpos

Ecologia do  
corpo-alma-espirito

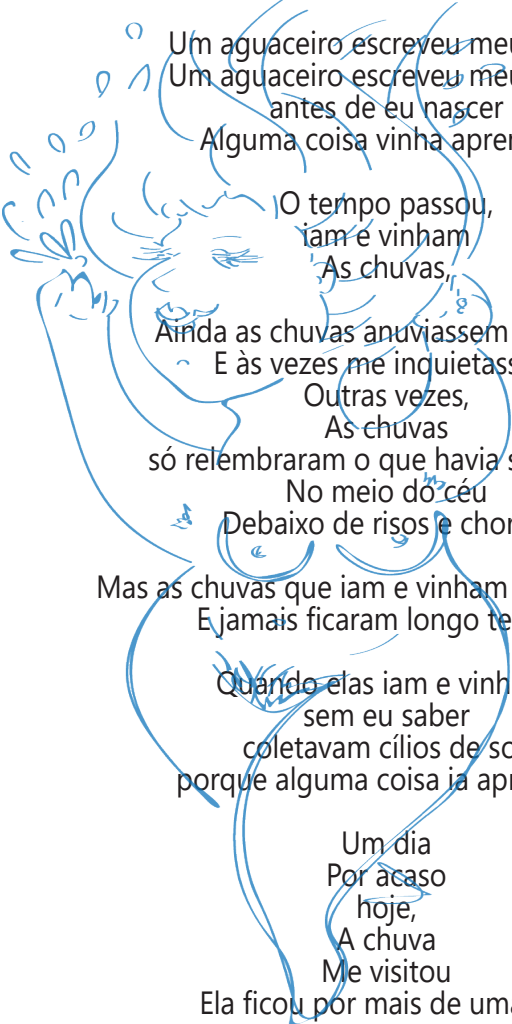
Energia vital

Relações com o outro  
Produção de afetos

42-Acervo pessoal  
Plano de composição  
Bélem, 2018



### 3.4- O Ritual das Águas



Um aguaceiro escreveu meu nome  
Um aguaceiro escreveu meu nome  
antes de eu nascer  
Alguma coisa vinha aprender!

O tempo passou,  
iam e vinham  
As chuvas,  
Ainda as chuvas anuviassem meu dia  
E às vezes me inquietassem  
Outras vezes,  
As chuvas  
só lembraram o que havia sido feito  
No meio do céu  
Debaixo de risos e choros.

Mas as chuvas que iam e vinham me acolhiam  
E jamais ficaram longo tempo.

Quando elas iam e vinham,  
sem eu saber  
coletavam cílios de sol,  
porque alguma coisa ia aprender.

Um dia  
Por acaso  
hoje,  
A chuva  
Me visitou  
Ela ficou por mais de uma vez

chegou com o tempero dos ventos  
Agitando os cheiros da flor aberta,  
E foi faxinando e dançando  
ao ritmo de uma cachoeira que jamais eu havia ouvido.  
uma cachoeira de água doce acanelada

E ela varreu,  
e dançou  
de dentro pra fora  
E varreu,  
e dançou  
de aqui pra lá,  
E varreu,  
e dançou  
de cima pra baixo

E  
logo,  
logo  
só me levou  
até acima das nuvens,  
para me deitar  
Alguma coisa tinha de aprender.

Relembrei a melancolia de fevereiro  
Do dia que eu nasci.  
Quando acordei na hora,  
o céu aclarou também!  
E vi para cima,  
E vi para baixo  
E vi todos os lados  
E vi,  
Vi no meio do mato

a vida batendo  
Vi os pássaros ir e vir,  
E cantando-nos que vem e vão  
Olhando-nos e namorando frente ao Rio Guamá  
Vi o frescor que te acalma depois de um dia molhado!

E num piscar de olhos,  
havia aprendido já alguma coisa.  
Por exemplo, a encher meus pulmões até o fundo, e me  
lembrar a força que sempre tive ao nadar até nos cami-  
nhos mais estreitos!



Assim foram se dissipando os dias de assombra-  
mentos. Lembrei o que minha amiga e colega de  
Mestrado Marina Trindade me falou um dia, quan-  
do apresentava, ainda muito atrapalhada com meus  
sentimentos, minha voz quebrada e ainda chorosa, a  
tese que agora vocês estão lendo, intitulada: Ama-  
tória, práticas artísticas de uma feminista que rees-  
creveu parte da memória líquida de seu corpo (este  
título diferente do que eu apresentei naquele tempo,  
pois como tudo na vida muda, ele também foi mu-  
dando, até chegar a ser esse que é hoje). A Marina,  
ao ver-me chorando, me falou uma dica da psicóloga  
junguiana e feminista Clarissa Pinkola Estés, que eu  
ainda não havia enxergado nessa oportunidade: -Mi-  
nha flor, é bom que tu chores, quando a gente chora,  
a gente descarrega a dor que sente, seja qual for, o  
seja de onde ela derive, é pra te ajuda a sanar, e tirar  
de Si, qualquer coisa!-

O que ela me falou é totalmente certo, o corpo sabe, o corpo não esquece, o corpo tem sua memória corporal, sua memória líquida, e ele não pode conter toda a raiva, a fúria, a tristeza, sem se queimar ou explodir, ele vai conseguir falar essa raiva, essa fúria, no choro, e vai acontecer qualquer dia, simplesmente é assim -como aconteceu comigo. Ele enxugou- encontrou o caminho para tirar suas tristezas, caminho para refletir o lixo tóxico que ninguém quer ouvir, mas que é preciso ouvir, e que era preciso que eu escutasse. Eu decidi falar do lixo tóxico e podre que está na sociedade machista, capitalista, estupradora, e o que faz conosco, as mulheres!

O dia em que eu apresentei pela primeira vez as portas de meu lar -meu corpo- frente a uma plateia -meus colegas- chegou com cachoeira salgada saindo de meus olhos e em plena apresentação, e talvez nesse dia, como em outros, não consegui falar direito minhas ideias, foi difícil dizer: -minha mãe e eu fomos estupradas!

Lhes direi, precisei chorar uma infinidade de vezes sozinha e frente à plateia da aula para conseguir escrever esta tese, e me faz feliz saber que desenterrar o que me doeu não foi nada ruim, tirei de mim o lixo tóxico guardado!

[...]É um erro que os outros considerem que, só porque a mulher está calada, isso quer dizer que ela aprova a vida que leva...Existem ocasiões em que se torna imperioso liberar uma raiva que abale os céus. Existe a ocasião — muito embora ela seja rara, um dia decididamente ela aparece — para se liberar todo o poder de fogo que se tem (ESTES, 1999, p. 268)

Manas, deixem-me falar uma coisa, quando uma tira de nós o que fere profundamente, te liberas das culpas que te criminalizam, como se tu fosses a culpada, quando os únicos realmente culpados são os estupradores e as injustiças que alimentam as sociedades machistas, misóginas e patriarcais!

Usei a raiva contida e saída da minha cachoeira para o caminho de transformar essa dor em força criativa; e por isso continuo aqui fazendo-me e reconstruindo em imagem e palavra, sem remorsos! Alimentando a força instintiva e poderosa para sair da mágoa: essa que foi difícil para falar em público, devido a tantos anos de silenciamento familiar, auto silenciamento e culpa. Chorei e disse com todas as letras a violência do abuso, assédio e estupro que vivenciou meu corpo e o corpo da minha família.

[...] As lágrimas são um rio que nos leva a algum lugar. O choro forma um rio em volta do barco que carrega a vida da alma. As lágrimas erguem seu barco das pedras, soltam-no do chão seco, carregam-no para um lugar novo, um lugar melhor. Há oceanos de lágrimas que as mulheres nunca choraram por terem sido ensinadas a levar para o túmulo os segredos dos pais e das mães, dos homens, da sociedade, bem como os seus próprios. O choro da mulher sempre foi considerado muito perigoso, pois ele abre os trincos e os ferrolhos dos segredos que ela carrega. Na realidade, porém, para o bem da alma selvagem da mulher, é melhor chorar... Para as mulheres, as lágrimas são um princípio de iniciação para o ingresso no clã das cicatrizes, essa eterna tribo de mulheres de todas as cores, todas as nacionalidades, todos os idiomas, que no decorrer dos séculos passaram por algo de grandioso e que mantiveram seu orgulho (ESTES, 1999, p.278)

Ou em palavras barthesianas “o corpo amoroso tem como duplo um corpo histórico” (BARTHES, 2007, p.60). Esse corpo histórico -meu corpo- escorre lágrimas, raivas, fúrias... Chorar requer reconhecer a esse corpo atravessado de experiências vividas, de sensibilidades à flor da pele. As lágrimas, minhas lágrimas, não possuem uma só significação, elas, gota a gota, únicas e irrepetíveis, são mais do que eu ou alguém chorando, e não é romantismo, é estar consciente que o choro chega de diferentes maneiras ao corpo e aos corpos. Cada qual chora de diferentes maneiras, por diferentes fatos e em momentos diferentes. Cada qual vive e derrama sua própria história.

Uma pode escrever a história de suas lágrimas, dar-se conta dos momentos que chorou: como é que é esse chorar? que nos conta o choro? O choro às vezes fala de dor, mas também pode falar de risos, né? Chorar nos une de diferentes maneiras. Chorar é um ato de amor, de auto amor involuntário. Uma se vê ou olha a alguém chorando e de repente se vê envolta em compaixão, em empatia. Por isso ainda as lágrimas foram secas, pois temos modos de chorar, assumimos as gotas, cada gota descarregada de maneira diferente, como parte de nossas histórias boas e ruins.

As lágrimas me levaram a não me esquecer das lágrimas-risos partilhadas com minhas outras feiticeiras e curandeiras de minha vida: a Ninoska, que está lá na Venezuela e deu-me mensagens de resistência a não desistir, através do WhatsApp, justo quando mais precisava dessa parceria e bálsamos de fé na minha vida. Essa prática Amatória, entre mulheres,

que é lembrar para a outra sua força, acolhê-la com palavras amorosas, sejam elas um fragmento de um texto que lhes chegou por ali, com um simplesmente "estou aqui! amiga, te amo!", com esses pequenos gestos de ternura, tu podes seguir em frente!

A Ninoska é uma mulher que sempre te conta algo que ela acha engraçado, e sempre faz isso com muita performance, muita comédia; para me ouvir rir, me fala até das coisas mais miúdas do cotidiano, por exemplo -Ei, minha cabrita montaras, vou a te contar uma coisa que achei muito engraçada que aconteceu ontem! -Mana, tu sabes né! a gente tem problemas da água na Venezuela. Então, ontem era o dia que chegava água à casa. Beleza! Mana fui a tomar banho e estava feliz e cantando, quando de repente a água sumiu e fiquei toda ensaboada, e meu Jose (o marido dela) nem estava ali, para me passar água que temos coletada no balde. Beleza! Saí toda ensaboada e no corredor me escorreguei, caí de cu, mana! De repente chega água de novo e eu toda jogada no chão -k, k, k...!

Chorar também é um caminho para se encontrar de novo, o riso é ir até a beira do mar para se acalmar.

As/os sulamericanas e latinoamericanas nos gosta rir. Rimos por qualquer coisa, né! Por isso temos esse rir apimentado até nos momentos ruins. Falamos na venezuela "reímos para no llorar" (rimos pra não chorar)



**3.4.1- O escorrer da ferida  
(Obra teatral "Grito")**

44- Acervo pessoal  
Registro obra "Grito"  
Belém, 2018

Enquanto ia mergulhando nas salgaduras de meu mar nesse 2018, minhas aulas no PPGARTES me encaminhavam para decidir o que iria eu fazer na minha pesquisa. Risos. Minha orientadora Claudia Leão ficava me perguntando, quando tu vai me mostrar o escrito? Porém, eu sumia de sua vida. Risos!

Conquanto o tempo corria, aceitei o convite do ator Alex Vilar, lá no Espaço das Artes, na rua Tiradentes, para ser a fotógrafa documental da obra teatral "Grito", obra que ele dirigia junto ao ator Breno Monteiro. Esta montagem não tinha fala, só movimentos corporais em cena, e a intenção era apresentar a violência e as práticas de ódio nas diferentes situações cotidianas que a gente vive; representar a essa sociedade que diante de fatos como latrocínio, assédio, violência familiar, estupro, bullying, xenofobia, homofobia, pedofilia, os vê como alheios à vítima. Essa máscara social, esse ver pelo cantinho do olho os fatos, fazer de conta que nada acontece, aceitar o silêncio, a censura. Ser parte da normalização da violência machista, sexista, racista, classista, fóbica... e tornar-nos parte da cultura sexista, machista, fóbico, racista, estupradora...

Chegar até o conceito de violência proposto pela obra Grito aconteceu na experimentação mesma. Assim me comentou Alex Vilar -para encontrar os movimentos e o discurso ou objetivo de uma cena, usamos alguns ativadores, pois usamos eles para atingir algum objetivo, como por exemplo expor a raiva, a dor, o desconforto, o choro, a fúria, a cólera, etc. Usamos estes motivadores para entender como os corpos dos atores reagem a eles e criam imagens

simbólicas e afetivas a partir dali, e logo ver se isso funciona ou não na montagem de uma cena, e é claro, trabalhamos com o processo de construção das cenas que desenvolvem violência, muito destes atores contêm uma carga emotiva muito forte, requer muito compromisso corporal na cena, pois são agressivas, um tem que puxar e isso se tem presente no trabalho autoral-

Uma das coisas que me interessaram nesse processo de construção foi, além das práticas, o Alex e o Breno aplicarem ao final de cada uma das práticas cênicas atores de ternura e afetos, o que se dava para abaixar a energia pesada, relaxar os músculos, descarregar o corpo da tensão do imaginário de violência; e assim a gente voltava ao normal e saía dali tranquilo, feliz, abraçados/as e rindo!

Essa obra, Grito, além de escorrer minhas feridas, mexer em mim, nas imagens mais velhas da minha vida, como foi o fotografar, o registrar cenas de estupro, latrocínio, pedofilia, violência doméstica... me levou a pensar nas práticas de ternura como espaços necessários para ativar o auto amor ou amor próprio. Voltar às minhas minguas uterinas, olhá-las, cheirá-las, aceitá-las em seus fatos irreversíveis e é claro abraçar meu útero, meu corpo de afetos novos. Achar minha ternura! Criar novas lembranças líquidas de amor a mim - a todo meu corpo - As lembranças de doçuras de meu mar.



45- Acervo pessoal  
Registro obra "Grito"  
Bélem, 2018

### 3.5- O Tocar da Criança Perdida

Na medida que me encontrava aceitando a dor, a voz da minha prof. Ana Flavia, na aula que ela ministrou, Atos e Processos de Criação, falou um dia para a turma -gente, desenhem uma imagem da sua pesquisa, e me digam onde é que vocês estão aí.

Éguaaaaa... eu fiquei sinceramente apavorada! Olhando só para esse caderno de notas! A sala ficou em silêncio, ou fui eu quem ficou em profundo silêncio, não ouvi a ninguém naquela meia hora, mergulhava naquela folhinha meio branca do caderno, olhava, e minha mão e o lápis estavam quase imóveis. Essa pergunta me sacudiu a vida, o papagaio havia caído ao chão!

Essa ação-pensamento me fez confrontar o lugar onde eu estava. Onde eu me achava na minha pesquisa?

Desenhei em meu caderno e depois na lousa para a turma uma criança sozinha andando por um caminho estreito que, lá no fundo, bem no fundo, se achava uma mulher de pernas totalmente abertas qual montanhas, mostrando-me sua vulva, que era ao mesmo tempo uma caverna escura, ali, bem na minha frente, esperando-me!

Lembrei logo e fugazmente do conto de Vassilisa, da psicóloga Clarissa Pinkola Estes, no livro Mulheres que Correm com Lobos. Aquela garotinha procurando fogo em seu caminho. De modo que eu estava procurando-me nesse caminho, achando o meu fogo, ao tomar espaço-tempo para me intimidar de

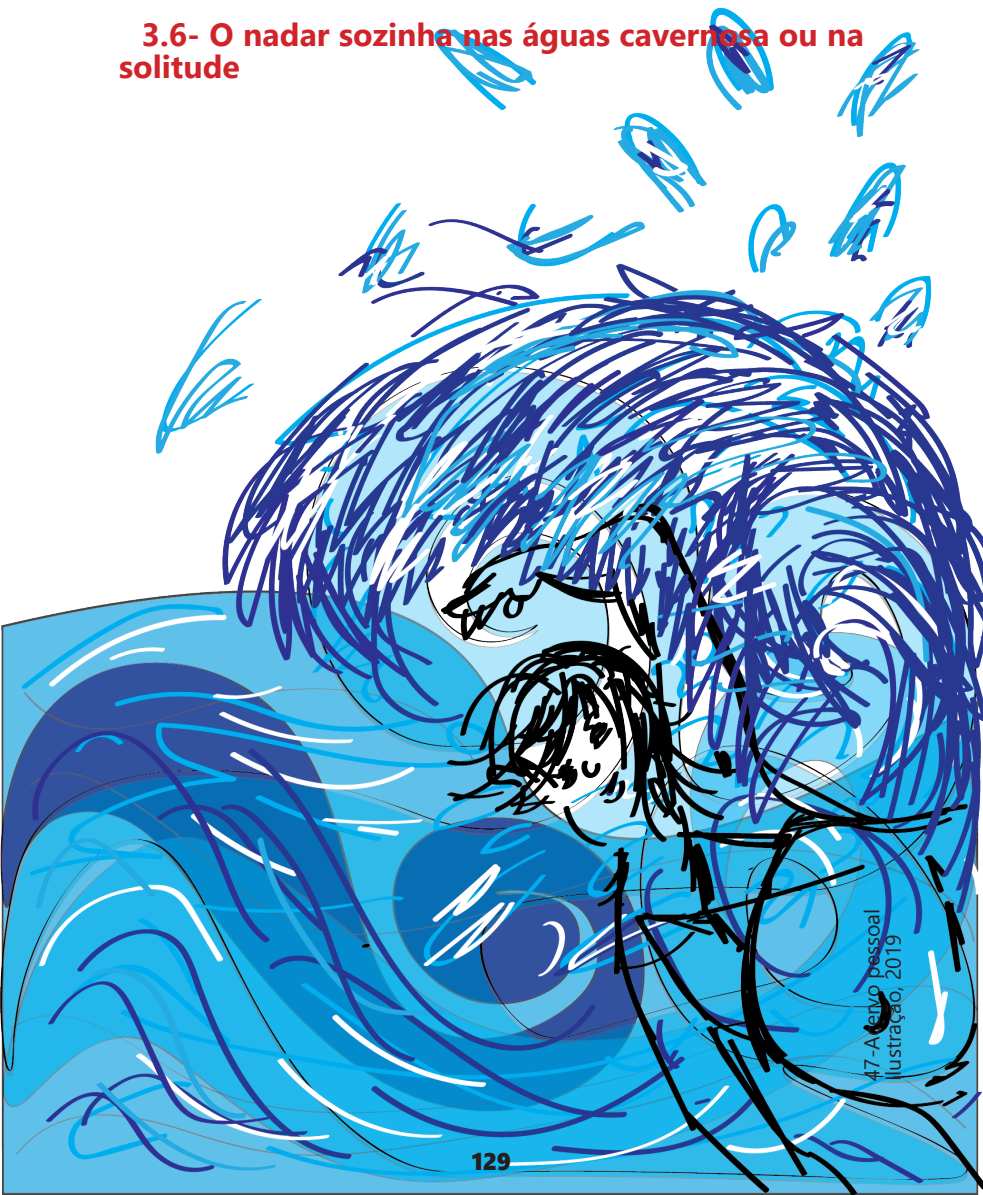


46-7. Livro pessoal  
Cardoso de notas Bé-  
lem, 20/18

meus processos de criação, seja uma linha, um gesto, um movimento, um som, uma palavra, um grito, um suspiro, um pera aí? Num momento a outro minhas minguas foram me levando a uma outra prática Amatória, a solidude; quer dizer, as condições do próprio devir da prática artística me levaram a me isolar, propositalmente, a estar num período de reflexão e de interiorização; isto não significava estar em solidão absoluta, era para refletir-me e tomar banho de cheiro, voltar-me a meus espaços reprodutivos-criativos, manifestar-me forte e frágil, dura e branda, amorosa e carente, alheia e reconhecível. Para reconhecer-me nas e com as imagens que estou produzindo. Nessa auto representação constante em e sobre meu corpo. Um desenvolver o autoconhecimento, de me encontrar ao invés de tentar fugir e de me aceitar como realmente sou, uma mulher, uma artista usando as artes para praticar amor próprio e encerrar ciclos de seu passado.



### 3.6- O nadar sozinha nas águas cavernosa ou na solitude



47-A nevo pessoal  
ilustração, 2019

Eu havia passado por uma devastação florestal de minha caverna, eu achava que para reflorestá-la era necessário semeá-la de novo, pois aquela caverna devastada eram depressões profundas, não curadas, e eu tinha que localizá-las, pelo bem da minha vida criativa, da minha saúde emocional, sentimental, uterina e corporal. Eu tomei o tempo da solidude. Me afastei a quilômetros de minhas amizades aqui no Belém do Pará. Me mudei da Perimetral e me fui até Val de Cães, um lugar onde o silêncio é moradia dos pássaros. Nada ali acontecia. Podia ouvir bater meu coração deitada na cama. Procrastinava? Sim! Demais! Risos- cheirar a floresta molhada. Tomar café recém feito e olhar a assunção do novo dia na sacada. Ali a luz do sol me banhava, os ventos do amanhecer se espalhavam na casa. E os dias de suor da Perimetral desapareceram de meus dias. A tranquilidade daqueles meses me permitiu, além de me isolar, acolher-me de flores.

Durantes esses meses de “isolamento”, decidi interagir um pouquinho com meus amigos da turma nas aulas. Permanecia a momentos muito calada. -Um dia Edilene Rosa falou para mim no grupo da turma que temos em WhatsApp que tinha saudade de minhas intervenções em aula e de minha voz. A Bianca me falou fora da aula um dia qualquer, Mana, cadê você? Eu abracei a ela e lhe disse Estou bem! simplesmente estou me tomando um tempo para escrever sobre minha mãe; e por isso preciso de estar sozinha, em solidude!

-A solidude provocava esse silêncio, mas também me fazia florescer novas ideias, agir poeticamente de outro jeito, provocou uma produção diferente, a busca não só de interioridade, senão de espiritualidade, da desocul

tação de minha floresta feminina e masculina, o lugar de resgate do útero e o útero-filial ferido, a criação de novos sentires, um nadar na minha memória undífera, um reencontrar-me nas águas da criação. Viver-me nos quatro elementos como alimentos férteis para cultivar minha natureza instintiva de mulher criadora e criativa. Que seríamos nós sem as nossas florestas imanentes? Que seríamos de nós sem movimentar a terra? Sem orvalhá-las de água? Sem deixá-las sentir seu ar? Sem colocá-las ao sol? Sentir como o corpo quente transpira fogo, tem sede e recorre a vida! Mudando a nossa pele. Mudando-nos por dentro e fora?! Somos natureza, não é?! E a natureza precisa de seus elementos naturais para sobreviver a qualquer devastação, para curar-se de qualquer intento de apagamento.

No caminho de estar sozinha, recebi ajudas. Não é que uma se isola inteiramente. Só que priorizas teu tempo para estar sozinha e não ficar atrapalhada em projetos de vida de outros/as.

Então um anjo de carne e osso me apoiou muito, foi meu querido amigo Juan Silva, ele se sentou comigo um dia para organizar as ideias de minha dissertação, olhar aquele plano que eu fiz para a Escrita Memorial, olhar a bibliografia, ler as crônicas, ver as imagens feitas -colagens e fotografias- enfim, rever tudo o que estava feito até então!

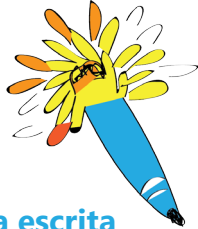
E concluímos: primeiro abraçar com gosto a criança que grafava o meu corpo. Porque sei que minhas procuras começam justo bem ali, na minha infância, justo nos albores da minha vida familiar e perigosamente domesticada, silenciada e censurada. O útero filial da queda!

Esse desenho me fala que antes de olhar-me nas trevas dessa caverna, vejo que o corpo deitado sou eu! “assim como o barulho contém o silêncio. Dororidade, pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada...” (PIEDADE, 2018, p. 16). Justo ali foi quando comecei a cheirar, a sentir minha mágoa, a sentir minhas carências, a sentir aquela criança rejeitada, a essa garota não amada, nem por mim, nem por ninguém! A essa mulher estuprada, assediada e ausente de seu amor próprio! A sentir aonde precisava voltar. Voltar a essa dor causada a meu corpo e a meu útero; reconhecer-me na herança de violência ao útero materno-filial e as quedas da árvore paterna.

Eu moro desde minha infância no mundo das imagens visuais. E por isso fiz dele um lugar familiar, que nasce sem palavras. No entanto as imagens visuais não são silenciosas, nem apagam as palavras, as imagens como as palavras são pensamentos e espiritualidade que caminham pelo corpo inteiro. As imagens são lembranças de meu corpo. E o corpo tem sua própria memória, ele fala de um jeito ou de outro. O corpo está cultivado de trocas afetivas, culturais e sociais, “somos seres sociais afinal das contas, e internalizamos as ideias através da socialização” (NGOZI ADICHIE, 2018, p.33).

No entanto, o fato visto, sentido, não surtiria efeito se não ao escrever a grafia de minhas feridas, a possibilidade de fazer da minha escrita um lugar de fala, o lugar de pertencimento da dor, da minha [...] dororidade, vem da dor... A palavra dor, tem origem no latim dolor. Sofrimento moral, mágoa, pesar, aflição, dó, compaixão. Não há dor maior ou menor. Dor não se mede. É de quem a sente. Dor dói e ponto (PIEDADE, 2018, p.17).

### 3.7- O lugar da minha escrita



48-Acervo pessoal  
Ilustração, 2019

Quando decide-se estar sozinha com a dor. Uma se desdobra. É um ato natural, antiquíssimo, animal, instintivo. E o corpo o pede e age em consonância com sua dor. Se abre ao tempo de chorar e sentir seu luto. Escutar a cachoeira que sai e inunda ao corpo. Enxugar o que sente e dói pra caralho! é voltar num processo de introjeção e observação profunda. Se lembra o que foi feito? Se lembra a ferida. Não para nos fazer autoflagelo! É um ato absoluto de relembrar-se, reconstruir pedaço a pedaço, gota a gota as partes de uma imagem passada espalhadas no cantinho dos olhos. Reescrever a memória líquida, que é a memória dos fluídos que foram tomados por un outro e sem consentimento do corpo. A cura vem depois de o luto, e sentir o luto é saber que se ama ao corpo em sua perdida . Eu havia perdido nalgum momento os horizontes de meu corpo. E para amá-lo de novo, devia criar-me de novo, renascer, reescrever-me de novo. "Criar é create em latim, significado de produzir, fazer (vida), produzir algo onde antes não havia nada. É o ato de beber água do rio poluído que provoca a suspensão da vida interior e, por consequin-

te, do exterior” (ÉSTES, 2014, p.357) Isto faz parte do processo de criação de uma nova vida. Minha vida em Amatória, não é qualquer coisa, uma parte dela está para enxugar as águas escuras e coléricas da minha caverna, e a imagem da caverna materna que habita em minha feminilidade e memória sexo-afetiva.

Por isso olhar as imagens que fiz de mim, de minha mamãe, e avós há tempo atrás. Me encheram de valor para me adentrar na minha vida, e não era uma ação individualista, não para só falar desde uma escrita que parece ser autobiográfica, não! É mais que isso, não o ego preenchido, era uma dívida que tinha comigo mesma: ao me permitir-me ver nas fissuras, nas cicatrizes, nos choros, em minhas escolhas, em aprender que para tu podas amar, precisas começar por cultivá-lo em ti- E para fazer isso, o caminho havia que andá-lo sozinha- Por isso a escrita em solitude, é uma prática Amatória! “Um único ato de criação tem o potencial de alimentar um continente. Um ato de criação pode fazer com que a corrente abra caminho pedra adentro” (ESTÉS, 2014, p.341)

Havia chegado diante a dor, o lugar de fala, o posicionamento de uma escrita necessária. A realização de crônicas, mas logo, logo vocês a leram. Essas crônicas que eu fiz e refiz, e foram o ativador para despir meu selfie e corpo ferido, magoado nestas folhas. O que me ensinou, nada estava por inteiro dito, estava por se reescrever.

A escrita reafirmava seu papel de ativador da memória corporal e sexo-afetiva. Lugar para “confrontar os segredos coletivos, e verdades desagradáveis da histórias muitas sujas...(RIBERO, 2017, p.79) ... romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado” (RIBERO, 2017, p.90) e no meu caso as crônicas começou a dar morte a certos medos, a certos assombramentos, e como diz a escritora Conceição Evaristo, em seu livro Ponciá Vicêncio “relembrar o fato era como sorver a própria morte, era matar a si próprio também.” Matar à censura encaixotada. Deixar que minha voz fala-se o que precisava ouvir, que minha voz fosse aparecendo quebrada e nua, desatando-se nos nodos ignorados por há tempo, da voz recontando-se e falando-lhe em voz alta ao corpo, suas memórias. A voz que tomou tempo para encher-se de forças e falar-se “era mi momento para hablar, escribir, hacer, sentir, construir amor en mi propia existencia”.

“o amor cura. Precisamos compreender que nossas angústias, sejam elas quais forem, precisam ser ouvidas por nós mesmas, calar a dor é sofrer duas vezes. (Lívia Natália, 2016)

As feridas que de um jeito u outro voltavam. Repetindo dor. Fogo ardendo cima da água. Me fizeram acreditar: tinha que escrevê-las inúmeras vezes até esgotar delas qualquer poder sobre mim; não podia ser mais forte do que eu, a mágoa como vítima de violência, assédios e estupros. Não mais, não! O sofrimento já foi! Reescrever a ferida até o cansaço, foi criar uma prática Amatória da libertação, não só para abrir gaiolas, foi estar ciente que minhas vivências poderiam ser socializadas nas artes visuais

e isso ajudará a outras mulheres a olhar-se e saber que podemos volver-nos amar, procurar-nos, tomar as ferramentas que temos nas mãos e fazer delas um caminho para curar-nos. Podemos reescrever-nos de novo, com amor. -*Sentir a ternura da vida até nas coisas mais simples, como amoleça dos pães doces recém feitos e quentinhos molhados numa xícara de café desfazendo-se em nossas bocas em uma tarde qualquer!*

### 3.7.1- A prática da doçura e sentir-se terno

Uma vez que as crônicas sobre violência estavam feitas, conscientizadas, não havia como voltar atrás! Minhas crônicas eram o acesso a essa intimidade, um lugar que agora não era somente meu, também é de vocês! Assim como existem essas histórias contadas, não obstante decidi diminuir o azedo da violência sofrida pelo meu corpo, para achar-me na doçura, na ternura de meu mar, a procura de um tipo de alimento autoconsciente que fosse mais carinhoso com a memória de meu corpo, assim como eu ativei a memória afetiva e sexo-afetiva ruim das sociedades violentas, machistas e estupradoras. Diante disso, devia cuidar da minha saúde emocional, fazer uma prática Amatória pra me mimar. Amassar minhas partes brandas. Sentir-me nas outras eu criativas que não é a fotógrafa, senão a artista gráfica.

Segundo a psicóloga Tatit em seu livro Conversas Sobre Terapia:

[...] as experiências de vida que precisam ser vividas, pensadas, e, aqui, o pensar é de outra ordem; e se forem experiências muito amargas, vai ser preciso curtirlas, naquele sentido que dizemos a cidra e um certo tipo de laranja têm de ser curtidas...deixando-as numa

água que vai sendo trocada até que percam todo o amargo, para depois serem transformadas em doce (TATIT, 2005, p.45)

Pensei, o que me ajuda a me liberar de momentos tristes ou amargos? Lembrei -eu gosto muito de ilustrar, e em certa medida havia começado a ilustrar alguns de meus rascunhos poéticos. Assumir a ternura como prática Amatória e assumir querer ser terna é contrapor o ódio e qualquer tipo de violência. Almejas sentir a vida morna, macia. Um amor outro, saudável. Um amor melhor. É assumir almejar esse auto amor terno, que não deixa de ser amor para as outras e outros. Te abres a novos sentires e pensares, pois desejas ser melhor pessoa e mostras outras dimensões de ti mesma. Onde teus afetos e ver outras possibilidades de sentir-se, expressar-se, compreender-se. É estar porosa, arejada na vida, para ter a capacidade de aprender das fortes chuvas que a gente vive.

Essas ideias adocicadas em rascunhos poéticos foram uma semente na minha intimidade e na criação dos Memes Poéticos, em Amatória. Uma procura dessa outra eu, que desenha a ternura e doçura de outras mulheres que imagina e habita, como uma forma também de pensamento e criação, onde a empatia faz parte do processo, porque cada corpo contido nos Memes Poéticos reafirmam a natureza múltipla, plural e diversa que somos.

# Ella

.....

Ella intento zafarse de sus brazos,  
Él, miraba sus labios enrojecidos  
Ella, sonriente le dijo: *¡ya es tarde!*  
Él, dijo susurrando a su oído  
*aún tenemos tiempo para amarte.*



# Ellos

---

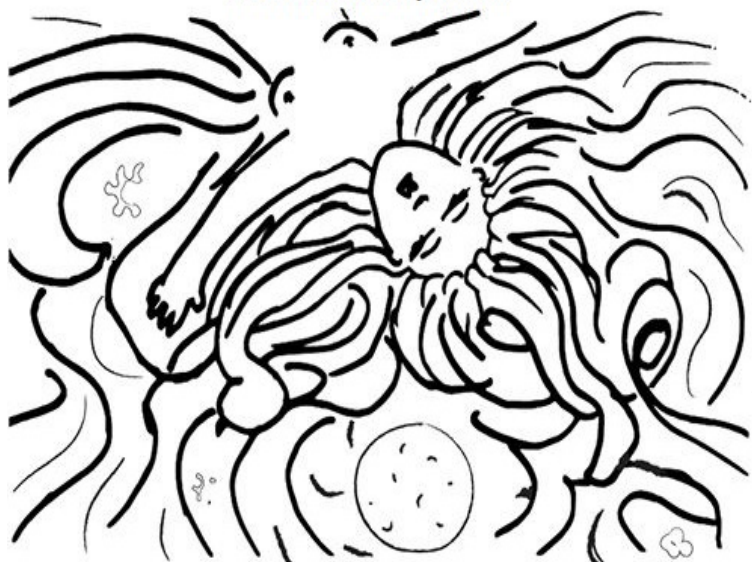
Acariciados por la lluvia  
Beso a beso  
se confesaron amantes



# Nosotras

---

Somos  
El Canto de la luna  
Hojarascas de sueños  
Horizontes desvestidos en la aurora  
Nubes de mar  
Lluvia fértil  
Alma de tierra húmeda  
Uroboro bendito y eterno



51-Acervo pessoal  
Rascunhos poéticos, 2018

### 3.7.2- Memes poéticos (2018-2019)



52-Acervo pessoal  
Meme poético, 2019

Os Memes Poéticos -os quais seguirei fazendo, pois não acabam aqui-, nasceram como exercício de vida auto afirmativa. Lembrancinhas do importante que é criar mantras de afirmação nessa lua imanente de nossos espíritos femininos, selvagens e múltiplos. De nossas diferentes forças intelectuais e emocionais, de nossos direitos a falar e ser ouvidas, decidir sobre os nossos corpos, de nossos direitos a nos amar e afirmar-nos como seres criadoras de mundos. Ser as pontes de nossas inumeráveis florestas, cidades, povos, caminhos, rios, mares, comunidades e lares que nos habitam. A redondeza doce dos nossos corpos.

“A doçura se expande, se abre em um pequeno lisonjeador, para logo transformar toda a boca em uma bola doce que pulsa melosa e avidamente e que se amplia para sorver mais. O próprio degustador se arredonda e continua existindo apenas como a periferia fina e cada vez mais tensa dessa esfera de doçura; fecha os olhos e implode por fim: ao assumir ele próprio as características de uma bola, funda-se em um único objeto com o mundo arredondado da doçura” (SLOTTERDIJK, 2016, p.83)

Unir-me a essas vozes criadoras e feministas que usamos nas ferramentas da ilustração para continuar com esse labor infatigável que é fortalecer(nos) em nossos vínculos afetivos e amorosos desde esse adentro e desde esse fora, onde estão as outras/outros.

Em os Memes Poéticos empapei meu útero, curtindo-me de novas sementes (ideias) e cultivando-me em uma nova floresta. Conceber-me de novo, coletar novos frutos, abraçar a esta mulher que sou, terna, doce e cheia de vida! Meus Memes Poéticos estão recheados de flores, para celebrar que as flores são os órgãos sexuais das plantas. Minha floresta está sobre o domínio do mar, para exaltar os múltiplos fluidos salinos dos nossos corpos. Nossas águas e tudo o que cresce em e fora de nós são os nossos símbolos-naturais, nossos símbolos imanentes de amor ecológico. As Deusas que somos e habitamos!

Que tus palabras no callen  
Que tus pensamientos amen  
y la rebeldía de tu espíritu se manifieste

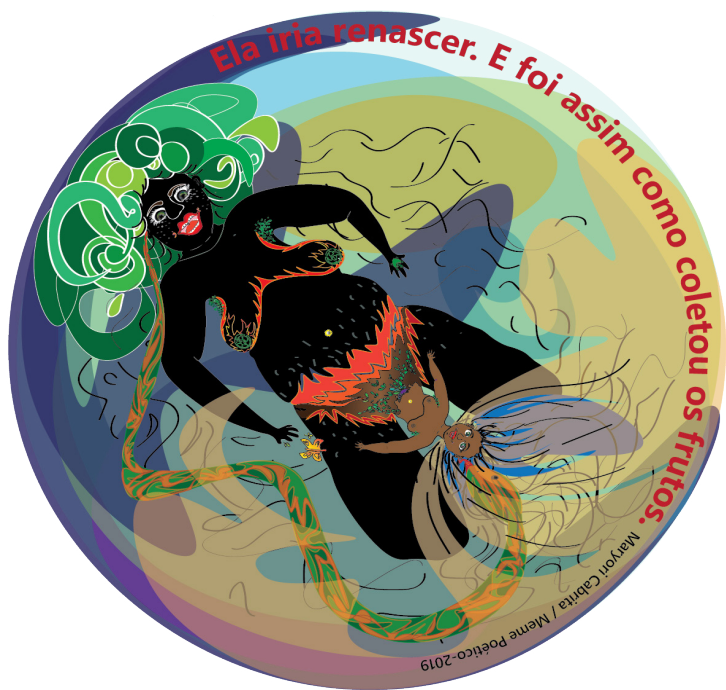


Mayori Cabrita/2018 meme poético @lamirocoya

53-Acervo pessoal  
Meme poético, 2018







56-Acervo pessoal  
Meme poético, 2019



57-Acervo pessoal  
Meme poético, 2019



58-Acervo pessoal  
Meme poético, 2019



59-Acervo pessoal  
Meme poético, 2019

Por isso, você tem direito de chorar sim! O choro faz parte da vida e ainda mais nas sociedades onde a violência e o terror varrem a parte mais importante da vida: a vida mesma, né! Mas lembre-se, há riso e ternura em nós, também! Eles são ferramentas poderosas e modos de replantar vida mais natural e ecológica. Eles nos unem, nos voltam ao amor saudável, à vida!

Não apagar nossos sentires! Eles existem, são nosso fio terra, a chama, a água, a força, o respiro, o instinto pela vida! Todos e cada um deles tem um lugar em nós, fazê-los visíveis e não os ocultar é saber ter um tempo para um "pera aí", ou "como é que é?!" Poder escolher entre um "Sim, quero!" ou um profundo "Não, não aceito, não!" nos ajuda a mudar, saber o que sentimos, o que procuramos realmente em nós, entender o que somos realmente. Seres de emoções e sentimentos que expressam e corporizaram o que lhes transborda além de seu cotidiano! Ou, parafraseando a nossa feminista negra e amorosa Livia Natália, no texto *Eu mereço Ser Amada* (2016), precisamos entender a vida emocional como ferramenta para ser usada a favor de nós, e não para nos contrapor, fazer delas não um cotidiano de tensões, nem soluções, ficando nas catarses só! na queda! No soluço! É fazer do que sentimos potência criativa, organizar-nos, juntar forças, nos irmanar para fazer dessa potência emocional e sentimental um caminho de nos tornar aquilo que nós queremos ser na vida, que almejamos com todas nossas forças, e encontrar em nossos corações, lares e seres a quem amamos, ou amar melhor, sem competências, sem inimizades, sem abusos de gênero, sem violência! Criar um mundo para viver melhor! (NATÁLIA, 2016)





4  
T

**Terra  
Territórios  
Limites?  
Sim!  
Fronteiras**

É o nosso caminhar  
A terra e seus territórios limítrofes  
É o que me puxa  
mexe nas minhas águas  
nas águas exploradas

O respirar de peixe arde  
Eu quero ficar nua  
A viagem a vivemos as duas,  
uma cheira à Venezuela apagada na crise;  
a outra, sua, tá aqui, no Belém do Pará.  
Elas se molham nas águas Rio Mar

*Me vejo  
na queda  
cair sem sombras ao sol*

*Vejo vir as mortes violentas*

*As terras estão em chamas!!!  
a defloração é contínua*

*A violência adianta  
Caminha de noite  
Caminha de dia  
E por perto  
Bem de perto!  
E não fala com a morte  
Fala é com a vida mesma  
Sem fronteiras!  
Sem limites!*

*A violência  
apronta  
o que tem que ser feito,  
toma  
puxa  
engatilha  
Esfaqueia  
Tiroteia  
Saca  
Tira  
Pega  
A qualquer uma!  
A qualquer um!  
e mais se são indígen@s e negr@s*

*el@s estão no Ranking Report  
da violência extrativista, racista e sexista*

*Nossas cidades abundam o cheiro à morte  
Ouça os gritos...  
Ouça os choros...  
As funerárias estão cheias  
Porque a morte também é uma mercadoria  
O caixão é caro! Caro pra caralho!  
E nós nem grana temos! Se por acaso temos para  
comer  
até pra morrer na terra de nós, há que pagar pra ter  
talvez um adeus digno?!*

*A morte violenta se espalha na dor sem tempo  
São os cânticos das noites mais escuras que se po-  
dem ver nas almas de quem o sofre  
O silêncio das ruas às vezes não é por calma, se-  
não por medo de morrer  
Não de velhxs, há medo de morrer nas mãos da  
violência.  
Esta se adianta mais que  
Os governos e sua burocracia.  
Há medo fundado nos olhos, no corpo,  
Porque nas ruas há ódios sedentos  
As práticas dos ódios antigos de nossa história de  
gente branca-patriarcal,  
Pois eles ainda mercadejam  
sem fronteiras, nem limites com as nossas vidas e  
nossas mortes!*



## 4.1- Seja bem-vinda, aqui, no Brasil!

Por onde começar a lhes explicar? eu não sei! Ainda é muito cedo e olhando para o celular - são as 4:30 A.M- nossa, estou em calcinhas e nem lembro quando foi que me despi à noite. Melhor prepararei um café preto e sem açúcar -do jeito que eu gosto! O anoitecer está airoso. Sei que à noite saí pra beber umas cervejinhas com meus amigxs (coleguinhas do mestrado do PPGARTES) e consegui despejar minha mente. Foi tão bom abraça-lxs e partilhar nossos andares da semana.

Ser estrangeira e viver sozinha longe da cultura venezuelana não é um percurso simples, tive que ter fortalezas para aceitar as mudanças inevitáveis neste processo de adaptação cultural e geográfica.



*Pouco a pouco, e um dia por vez  
A língua se aprende  
A minha língua é como de qualquer uma  
de carne viva,  
de uma carne que beija  
de uma carne que sente  
uma língua que titubeia*

*Esta língua que tenta comunicar-se como pode  
Do jeito que aprende  
Do que jeito que sente*

*Eu vou me acostumando com ela  
ao sotaque paraense.  
E esse jambu que fica em meus dentes  
Desses cheiros a Amazônia que mastigo  
Enquanto o tempo passa,  
Eu vivo um dia por vez  
Vivo desse jeito,  
uma se desdobra.*

*Essa língua sem ossos  
É de carne viva e é ardente  
Ela também rejeita o que não gosta  
Ela cospe o que não pode ou não quer entender  
É natural, ela ainda tão molhada,  
foi feita da argila andina-trujillana  
E se fala:  
Pera aí!  
Fala devagar  
Eu preciso te ouvir  
Preciso olhar tua língua muitas vezes  
para eu me acostumar a ti  
à tua maniçoba!*

*E às vezes me perco nos tempos que vão ao ritmo de  
tua língua  
E às vezes não me acho de nenhum jeito!  
Porque esqueci até as palavras de "mi castellano"*

*E me vejo um que outro dia almejando temperos venezuelanos na ponta da minha língua.*

*A saudade lhe chama aqui, no Brasil*

*Yo digo:*

*Lo que tengo es antojo a pescado frito,*

*Con la polarcita bien fría al lado*

*y sentir el sol de las aguas azules y cristalinas de mi Mar Caribe.*



Confessarei: manas, o calor paraense às vezes me resultou sufocante! meu corpo o rejeitou muitíssimo ao começo de minha chegada aqui, em agosto de 2017, quando morava na perimetral-1630. Foram momentos onde não aguentava porra nenhuma com esse calor. A casinha onde morei por um tempão era muito pequena, tão pequena que só tinha duas janelas, que só dava para sacar um pouco da cabeça para fora. Havia muito mofo e umidade nas paredes. Nossa! ficava suando o tempo todo. Sentia que ia desmaiar. Um dia gripei, a febre era muito alta e sem ninguém por perto para me cuidar, aí entendi o que era ficar vulnerável em outro país. A sensação de queda misturada da saudade familiar! Queria aquela sopa de espécies e ovos feitas pelas mãos de mamãe! Naqueles momentos pensava pela febre que arrepiava todo o meu corpo, se foi um erro sair de lá da Venezuela. Tive dúvidas deste trajeto! Mas quem não tem dúvidas na vida e nas mudanças de sua vida?

Cada vez que as/os paraense me perguntam “de

onde você é?”, ao escutar meu sotaque, eu falo, com cabeça erguida: SOU VENEZUELANA! Elxs falam -Seja bem-vinda aqui no Brasil! No entanto, também soube de irmãs venezuelanas e não as julgo por isso, que preferiram passar por colombianas. Pois sei o quanto é agonizante as perguntas recorrentes em nossa presença. Perguntas recorrentes emergindo no ar.

1. Como é que estão as coisas lá na Venezuela?
2. As coisas estão assim tão ruins como falam os jornais?
3. Você apoia a Maduro ou é de oposição?  
-Sinceramente, quis evadir das perguntas!



*Dói muito!  
Me dão um minuto?  
os ânimos estão quebrados.  
E o silêncio recorre a pele como vento frio que arrepia  
Como falar de lá, sem chorar?  
Então, respiro profundamente nesse resistir: existir  
Suportar o bater sangram-te de minha terra no meu coração*



Lhes digo, é complicado a situação que o pessoal vive lá, mentiria se falasse que as coisas estão bem. E como eu não apoio ao governo nem a oposição, então meu olhar pode resultar cheio de entretons. E minhas opiniões podem não lhes dar as respostas desejadas! Nem eu tenho as respostas!

Eu sou feminista e chavista. Sim, chavista! (algumas vez o silêncio chega depois dessa posição). É pode parecer que sou maluca ou ignorante ao falar desse jeito, para quem não conhece nada de minha vida, nem de minhas lutas, e além até podem me julgar e ficar de olhos, como me aconteceu com os colegas opositores venezuelanas/os que conheci aqui e lá, e de quem senti seus desrespeitos por pensar diferente a elas/es.

Ao contrário do que pode se pensar em relação aos chavistas, nem todos somos do Partido Social Unido de Venezuela (PSUV), assim como há muitos brasileiros que apoiam a Lula, mas nem por isso são do PT ou petistas. Muitos chavistas e pessoas da esquerda venezuelana não apoiam o governo atual, muitas chavistas-feministas norteamos caminhos opostos ao atual mandatário venezuelano Nicolas Maduro Moros. Mas isso tampouco nos torna a favor da Oposição venezuelana. Em meu caso, jamais poderia ser da Oposição -pois representam essa ultradireita neoliberal, racista, sexista e classista que apoia a intervenção estrangeira dos Estados Unidos, um país que sempre exerceu uma política de guerra em outros países, a destruição de Palestina dá conta disso, ou casos históricos na América Latina como o é o Bloqueio Econômico de Cuba.

Meu país vive principalmente do extrativismo petrolífero e não posso fechar os olhos ante o gabinete presidencial de Maduro, que virou capitalista e só usa "o Socialismo de Século XXI" como fachada para monopolizar o poder estatal e as riquezas minerais presentes no Rio Orinoco, além do petróleo, deixan

do ao povo à mercê de uma guerra sem precedentes históricos. Deixando o povo sofrer pela fome e por suas incompetências, somente para se manter no poder.

Estou dividida em duas partes -ou talvez em mais- uma parte de mim mora aqui, e agradece a vida que leva em Belém do Pará, a outra chora e não pode se afastar emocionalmente da Venezuela. Por isso, passo os dias acreditando que a crise estrutural, econômica, política e social venezuelana vai passar! E chegará o dia onde tudo se tornará melhor. Eu almejo, depois de tantas desgraças, que aprenderemos com nossas escolhas e nossos erros.

Não posso lhes negar o muito difícil que é resistir e existir nestes momentos de precariedade econômica de meu país! Minha mãe, família, algumas amizades de toda a vida estão lá, sofrendo a precariedade no cotidiano. E penso neles a cada minuto. Se terão a comida para sobreviver hoje ou amanhã, porque o salário básico é menos de 4 dólares, e amanhã, pela desvalorização que há, as coisas podem ficar pior! A realidade no cotidiano é desoladora. Mãe sempre me fala dos preços da comida e me diz que comprar agora um quilo de queijo para "rellenar las arepas en la mañana" é um luxo!

Eu falo para ela -Mãe, tu pelo menos tens acesso ao Comités Locales de Abastecimiento y Producción (CLAP) e isso garante o consumo de certos alimentos. Mas, lembra o que acontece com as outras famílias? As famílias sem tetos, as mães que só têm uma renda básica, isso não dá nem para comprar a maioria dos alimentos que se necessitam para o sustento de um

mês, é! Elas se devem estar ainda piores, né! Elas e suas filhas/os como farão? A feminização da pobreza é um fato! E tu pelos menos contas com o dinheiro que eu te envio daqui (assim fazem muitas filhas(os) que estão no exterior e podem enviar algo de grana para suas famílias lá na Venezuela).

Imagina como farão para se alimentar as grávidas adolescentes e principalmente nas populações mais pobres? Sendo a gravidez em adolescentes um problema histórico nos países da América Latina e América do Sul.

Recentemente no Jornal venezuelano O NACIONAL (2018) li:

...a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pelo Fundo de População das Nações Unidas (Unfpa) que na América Latina e o Caribe são as regiões com uma tendência de crescimento na gravidez entre meninas menores de 15 anos. Estima-se que, a cada ano, 15% de todas as gestações na região tenham menos de 20 anos de idade e 2.000.000 de crianças nascem de mães entre 15 e 19 anos de idade.

É lógico intuir que as cifras de gravidez na adolescência aumentarão, assim como os abortos clandestinos e o abandono de crianças, a morte de neonatos, partos de risco... enfim, tudo fica para pior, assim como a crise econômica interna e o bloqueio internacional piora a situação a um estado de emergência de saúde pública nacional. As/os venezuelanas/os estão morrendo nos hospitais!

Fechem os olhos e imaginem os seguintes cenários:

Filas gigantes para conseguir o que se pode e com a grana que se têm, alimentos ou medicamentos. Vejam, os alimentos estão muito caros de um local para outro! A especulação aumenta e está no cotidiano. Isso resulta quase numa travessia para comprar alguma coisa básica para tua família. O qual foi simples deduzir, as pessoas preferiram comer que comprar métodos contraceptivos. Numa crise econômica dessa magnitude, a prioridade é a comida! não acham mesmo?

Ademais, os métodos contraceptivos também são escassos ou se conseguem a preço do chamado mercado paralelo ou mercado informal, baseado num sistema cambiário flutuante, dolarizado e sem controle de preços por parte do estado, pois quem coloca o preço do dólar é a banca da economia internacional, através de meios não oficiais e ilegais (que se somam ao lava jato, o contrabando, e outros métodos para obtenção de divisas); e por isso os vendedores formais e informais põem o valor de alimentos e medicinas de acordo a esses critérios internacionais e não oficiais, sem ligar se isso afeta ainda mais a crise econômica e emocional das pessoas. Pois diante dessa realidade é compressível que o povo fique descontente, raivoso, depressivo e furioso! E sem deixar do lado que tanto comerciantes como compradores estão envoltos nessa parada cambiária. E simplesmente atuam dentro da mesma hostilidade monetária. Pois o salário atual flutua de 4 dólares a menos, o que equivale a 18.000 Bolívares -e um quilo de queijo tem um valor aproximado de 15000 Bs (salário de dezembro, 2018).

Outro exemplo, se há pouco acesso a diversos métodos anticoncepcionais, isto dá a entender que nem todas as garotas poderão comprar as pílulas anticoncepcionais que lhes foram receitadas pela/o ginecologista, que é de acordo a seus hormônios e corpos. Os hormônios e o sistema menstrual, assim como a libido atuam segundo os diversos tipos de corpos femininos que existem. A camisinha tampouco será uma prioridade, pela escassez ou pelo preço que se encontram no mercado negro. Lembremos, em crises a prioridade das famílias é comer!

A saúde sexual envolve mais que a compra de pílulas, está relacionada intrinsecamente ao Sistema de Saúde Pública, o qual na atualidade está deteriorado, com falta de insumos médicos, com pessoal médico terceirizado, não tendo a capacidade de atendimento indispensável que garanta a saúde e a vida de alguém.

Meu povo não sabe como será o amanhã, se uma nova tragédia virá e levará a pouca vitalidade que ainda lhes resta. Nosso maior erro foi acostumar-nos a viver da renda de nossos campos petrolíferos. Viver à mercê da guerra pela terra, e por isso a Independência em Venezuela parece um mito, um conto que alguma vez escutei na escola, onde existiam heróis patrióticos libertando-nos dos opressores e trazendo-nos a imagem bonita da democracia. Irônico saber que a democracia não é como nos livros de história. A democracia que eu vivencio está muito longe da soberania venezuelana, essa onde nasceu o libertador dos libertadores Simón Bolívar.

Nossa soberania venezuelana é como nossas mulheres, violentadas por nossos mandatários e políticos, manipulando nossa economia de acordo com seus interesses pessoais. E particularmente pra dar mais e mais recursos às potências estrangeiras. Não só Estados Unidos tem o controle, Rússia e China também. Pois eles são quem gerencia o sistema produtivo capitalista global!

A soberania é ofertada a quem melhor possa pagá-la, vendida de boas intenções. Intenções que até hoje só favorecem às classes privilegiadas e aos dirigentes políticos; as populações pobres dificilmente terão porcentagem do néctar das riquezas, que por direito nos pertence. Muita bobagem dizer isso, né! Para quê ajudar aos pobres a sair da pobreza? Se eles são quem mantêm o sistema econômico, político e social dos ricos e dos políticos! Imagina, se as coisas fossem diferentes, a quem eles poderiam governar? Quem levariam para as cadeias? Os políticos de meu país não ligam para o povo! Pois a justiça é cega e privilegia os privilegiados! E ao mais indefeso o deixa sentir todo o peso da lei e da fome! Com tal pobre não é coisa de gente branca e rica, não é mesmo! Imagina se os pobres deixassem de existir, quem alimentaria a pirâmide do capitalismo neoliberal, né?

Na Venezuela que eu conheço nos ensinaram que precisarmos de heróis, de um Messias para nos salvar. Por isso o Guaidó se autoproclamou messias dos oprimidos. Neste momento, não sei o que é pior, se o autoritarismo de Maduro ou o desrespeito do deputado da Assembleia Nacional Juan Guaidó, vendendo-nos aos Estados Unidos. Tamanha excruciada nos tocou viver a nós, xs venezuelanas/os!

Minha Venezuela amada está caindo aos pedaços, consumida na fome, na tristeza e vitimização. Temos uma vida extremadamente precária. Meu povo está abatido e de mãos atadas, sem possibilidades de enxergar outras lideranças políticas e econômicas. Somente se assomam às angústias, o dia a dia para levar comida ao lar que resiste em sua própria instabilidade emocional e em seu emagrecimento induzido. Entretanto impera “la viveza criolla y el bachaqueo”, insegurança, cólera, hiperinflação monetária e obscuridade -até o sistema hidroelétrico o Guri, que abastece a 70% do país, pela falta de manutenção e provavelmente por sabotagem internacional, o povo ficou ainda mais vulnerável, sem luz e nem água nos lares (2). O povo mais pobre é quem mais sofre, e está dessangrando-se em vida. O salário mínimo, repetirei, são menos de 4 dólares mensais e provavelmente amanhã seja menos!

Tudo isto me produz uma profunda melancolia e choro cada vez que ouço ou vejo o que acontece lá!

#### **4.1.1- Um me aproximar aos deslocamento desse sentir-migrar.**

Sempre me considereei uma boa ouvinte na hora de escutar a outras/os. E sempre me aconteceu que, quando andava pela rua sozinha e me parava nalguma praça para me sentar, ou já no ônibus, por acaso, se me aproximava alguém e me contava sua vida, até chorava. Na minha juventude me dava tédio que me achassem psicóloga de rua ou lenço de lágrimas, mas com o tempo me pareceu até importante escutar os horizontes de vida das/os outras/os, porque aprendi

que as relações afetivas, o transitar da vida de cada pessoa tem uma própria luz na boca da noite. E que a empatia só pode se olhar ao deixar de ver teu próprio umbigo! Assim foi como entendi por exemplo o porquê as feministas reflitam sobre suas doridades. Entendendo que a dor que possui cada mulher fala da vida mesma ligada a uma trama de realidades sociais, econômicas, políticas, culturais, raciais e até de deslocamentos, como são as migrações.

Lembrei da minha amiga Valentina, que conheci, como lhes comentei, na Perimetral. Ela é uma mulher venezuelana, mão solteira, de 28 anos de idade, que me falou um dia quentinho de dezembro: -quando cheguei em 2016 a Belém do Pará com minhas duas crianças, a Flavia (7 anos) e a Antonella (5 anos), só levava, além das nossas malas cheias de sonhos, minha fé por lutar por uma vida melhor para elas duas, me fui da Venezuela quebrada, chorando, porque sinceramente eu não tinha esperanças de sobreviver lá. Eu vi nela sua força ao não desistir de seu mestrado em Engenharia na UFPA, nem do espírito de guerreira que tem nas veias como Mujer LLanera venezolana. Vi se levantar com todos os seus pedaços nos momentos mais tristes de sua vida, como foi o assassinato de seu pai, em 31 de dezembro de 2017, lá em Venezuela, no estado de apure, e a perda de seu bebê no passado ano, 2018.

Entendi que muitas mulheres venezuelanas-imigrantes estamos nesse processo de adaptações culturais e passando por fatos que nos mudaram rápido. Ali entendi que não podemos esquecer que existem diversas realidades nas vidas das/os outras/os. Que

nem todes passamos pelos mesmos fatos, nem todes as/os venezuelanas/os somos as/os únicas/os imigrantes do mundo, se lembrarmos do México, Colômbia, Cuba e Haiti, ou tudo o que acontece na Palestina, perdas humanas incalculáveis, uma cidade permanentemente em chamas!

No entanto, as/os venezuelanas/os estamos vivendo um momento histórico de profunda crise política, social e sobretudo econômica, que jamais havia se vivenciado nesse impacto inflacionário como está agora, e do jeito inumano como se está vivendo no cotidiano, o governo não pode, não, ocultar o sol com um dedo as nossas penúrias! Os fatos atuais falam por si só, a qualidade de vida lá é paupérrima: existe uma hiperinflação sem precedentes históricos, altos índices de escassez de alimentos e medicamentos, a incapacidade de consumo da população, a pulverização do salário das e dos trabalhadores, os índices de pobreza aumentaram e portanto a fome se incrementou ainda mais nas populações vulneráveis, o aumento da delinquência e insegurança, e além, se soma o deterioramento dos serviços públicos e o progressivo colapso do sistema hidroelétrico nacional, que impossibilita o acesso à água potável, às telecomunicações, e agrava ainda mais os atendimentos de emergência na saúde pública e hospitalar, ademais da escassez de gás e da falta de transporte público.

A migração para as/os venezuelanas/os foi uma das saídas para a crise que nós atravessamos. Muitas/os embarcam a territórios de América do Sul, principalmente pela facilidade de traslado nas zonas frontei

riças: um, por ser mais econômico e dois, porque só se precisa da cédula de identidade, segundo acordo sobre documentos de viagem e de retorno dos estados partes do MERCOSUL e estados associados.

A verdade é, não contamos agora na Venezuela com o Serviço Administrativo de Identificação, Migração e Estrangeria (SAIME), pois até hoje em dia está praticamente colapsado e paralisado para a obtenção do Passaporte venezuelano, o que a nós nos possibilitaria ir por avião a outros destinos. Por isso a população vai por terra até a Colômbia e o Brasil e são assim acolhidos como refugiadas(os).

Segundo o Organismo das Nações Unidas para Migração (OIM) e a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), o número dos migrantes venezuelanos(as) até outubro do ano 2018 em o mundo inteiro alcançou os três milhões -até então -

Conquanto vai aumentando a migração venezuelana, outros fatos aconteceram, como o deslocamento de comunidades indígenas venezuelanas, da etnia dos Waraos, que estão vivendo nas ruas da cidade de Belém.

Outros jornais relatam aumento de violência de gênero e feminicídios, principalmente às mulheres venezuelanas, as quais foram assassinadas, traficadas, vítimas de racismos, classicismos e xenofobias em países como o Peru, o Equador, a Colômbia, e aqui mesmo no Brasil, em Boa vista.

O qual me leva a uma experiência de arte vida da artista, feminista e venezuelana Génova Alvarado em sua foto performance intitulada "Gramas de Oro". Em 2016,

ao nos comentar na sua conta de Facebook o porquê dessa obra, diz que:

“En varias oportunidades en las que he viajado a la frontera con Brasil, se me ha confundido y dado por sentado que soy una más de las muchas mujeres Jóvenes que viajan a estos territorios a vender sus cuerpos a cambio de unas gramas de oro, en las minas venezolanas. La prostitución y desaparición de mujeres es una de las consecuencias más abrumadoras y tabú que existen desde años en los territorios de la Minería bien sea legal o ilegal. Mas sin embargo yo, por más que expliqué y comenté que iba a Boa Vista a un intercambio cultural jamás dejaron de un lado sus suposiciones, en base a eso reflexionó y me pregunto ¿Acaso llevo en mi rostro la silenciosa y negociada vulnerabilidad del cuerpo femenino ante el negocio de oro? Pues sí, solo por viajar en un bus que estaba lleno de mineros y algunas mujeres prostitutas, hacen de mí una más del montón”.

Sabemos a realidade histórica existente da prostituição no sistema patriarcal, e a realidade permanente em territórios de contínua exploração mineira, onde claramente há trabalhadoras sexuais. Isto me faz entender o que produz o deslocamento forçado e massivo nos territórios fronteiriços. Também o que as mulheres e as mulheres venezuelanas vão a sentir em outros países onde podem ser olhadas nos preconceitos referentes ao mito do corpo feminino, o sexo e as sexualidades -territórios formados e informados culturalmente através do olhar masculino.

Todas as mulheres e as mulheres venezuelanas que passam pelos territórios fronteiriços, neste momento, por serem mulheres, dentro da maquinaria de violência simbólica do patriarcado, são apontadas nos cantinhos dos olhos como -PUTAS, VADIAS! Não obstante,

não pretendo dizer que as trabalhadoras sexuais são menos humanas ou que seu trabalho está mal! Não! Não pretendo fazer entender que as/os migrantes venezuelanas/os são mais vítimas. Não! Todo migrante de qualquer nacionalidade pode ser vulnerável e ver violado seus direitos humanos! Só quero manifestar como se ativa a imagem mítica da existência de um “corpo pecaminoso nas mulheres”, sendo isso um discurso bíblico presente em nossas sociedades ocidentalizadas, e apontar o colonialismo nos corpos, o sexismo no olhar, como parte desse tecido ideológico de gênero, instaurado em nossos imaginários socio simbólicos, cuja estrutura judeu cristã ou católica ativa as antigas crenças sobre o mito da suposta verdade contida no sexo feminino, emanado de um relato mítico bíblico do pecado original que sai à luz pública- e situa as mulheres num imaginário sociocultural onde o sexo alvo e “pecado” se interligam como verdades sociais e culturais.

Em uma estrutura patriarcal, onde as práticas mínimas de misoginia, sexismo e, é claro, micros gestos e palavras ressaltando véus machistas ou o que é o mesmo dizer, práticas de ódio, faz abrir mão das dinâmicas sociais onde a microfísica do biopoder visibiliza o que ainda não é costume e está fora da ordem do patriarcado, ver mulheres viajando sozinhas, sem a presença do parceiro, irmão, esposo, pai, ou de qualquer figura masculina, que possa “representar sua imagem, proteger sua dignidade de fêmea”. Por isso, para os/as praticantes do machismo, isto lhes dá a pensar que elas -nós, mulheres migrantes- estão procurando “paus” lá fora. Elas são PUTÁS, VADIAS! e portanto isso ativa em

seu cérebro a ordem patriarcal de ser vistas e sentidas como mulheres a ser “condenadas”, “punidas”, “julgadas” socialmente, porque vão contra as “boas maneiras de uma moça”, de uma mulher de casa, de uma menina do lar.

[...] Lembre-se de quando Eva atingiu Adão a comer a maçã, lá no Paraíso? A culpa de Eva, de ter feito a humanidade cair em “pecado” e perder o “paraíso”, nos acompanha há milênios. E nesse ponto que a dororidade se instaura a percorrer a trajetória vivencia por nós -Mulheres- Mulheres pretas, brancas, de axé, indígenas, ciganas, quilombolas, lésbicas, trans, caixaras, ribeirinhas, faveladas ou não, somos Mulheres (VILMA, 2017, p19)

-Por exemplo, lembro do pai de uma amiga brasileira, que ao saber que era venezuelana, solteira e sem família, começou a me assediar e a me falar deste jeito:

-A gente precisa sair a se conhecer melhor e tomar-se umas cervejas, topa?

- E eu sempre ignorava a ele, ou lhe falava não!

Mas toda vez que ele por acaso me via na rua, ia até onde eu estava e me falava desse jeito! Como se por ser estrangeira, venezuelana e solteira tinha que aceitar suas insinuações! -

O mito da Eva é mito fundacional de nossas sociedades ocidentalizadas, e ele se flexibiliza de acordo ao que foi construído no interior de nossas casas mentais e sexuais, ou seja, em nossos imaginários sexo-culturais, coletivos e individuais, e se forma a ideia que as mulheres estamos disponíveis para os homens- É uma mulher sozinha ainda mais.

Por isso o mito, em muitos casos, se ativa como um aguaceiro caindo nos tetos furados das nossas casas, até inundando-as. E ao não ser aceitos, começam a flutuar os preconceitos do racismo, sexismo e fobias e por isso as migrantes recebem punição da violência masculina e feminina como práticas de ódio para enfatizar as diferenças não só pelo gênero, senão também pela cidadania que se tem nos contextos.

As mulheres nos imaginários patriarcais ocupam um lugar determinado, tanto na casa como na rua, onde seus genitais femininos serão usados para fins específicos, seja para satisfazer o gozo do macho, ou para reproduzir os filhos do macho. No entanto, as mulheres brancas terão um valor superior sobre as outras mulheres, em relação ao racismo estrutural presente nossos lócus sociais. No caso do exemplo da artista Genova, que nomeei, ela, além de ser mulher, possui traços indígenas que serão valorados como se ela fosse prostituta. Pela cor de pele o patriarcado nos cataloga e discrimina. As mulheres pretas e índias, historicamente pertenceram à rua, por sua condição de escravas nas épocas da escravidão e escravidão sexual do colonialismo (nosso caso o espanhol em Venezuela e o português em Brasil).

Tanto elas como os prostíbulos serão vistos do mesmo jeito, o lugar de acesso onde existe uma mercadoria que pode ser comprada ou apanhada, lugar do pecado, lugar onde o proibido é possível, onde a dupla moralidade existe, se aplica! Pois os corpos femininos devêm a coisas, objetos sexuais, objetos de gozo, e por isso tem um valor, e esse valor vai ter no mercado um uso e um consumo na esfera patriarcal

e, portanto, será índice dos ativos econômicos do capitalismo.

Ainda que as mulheres tenham agenciado avanços históricos em direitos humanos em vários países do mundo (não em todos), sabemos que a prostituição continua sendo uma realidade de exploração nos sistemas de produção capitalista. As mulheres temos um valor, sim! Um valor em grama de oro, um valor em grana! E esse valor mobiliza grandes quantidades de dinheiro, mantém a pirâmide do patriarcado. O valor do corpo das mulheres, o valor delas nas migrações, permite ao sistema econômico patriarcal criar novos usos públicos e de trocas no mercado. Seja para serem usados como imagem ou traficadas na migração. Facilitando a prostituição, a pornografia machista, a escravidão sexual... e com isso a fomentação das práticas de ódios, como: sexismo, racismo, fobias e machismo.

O que quer dizer isto? A maioria de minhas irmãs e irmãos venezuelanos saíram para conseguir uma melhor qualidade de vida, pois, por enquanto minha terra venezuelana parece não poder lhes oferecer o mínimo para viver, como é o direito à alimentação, a salários justos e ao sistema de Saúde Pública de qualidade. Mas as migrações não são um caminho de flores, muitas e muitos não chegam com essas mesmas condições nem econômicas, nem legais a outros países, pois sabemos que existem "migrantes oficiais", "migrantes não-documentados", "não-autorizados", "ilegais" ou "documentados", cuja quantidade é impossível estabelecer com precisão e que pode torná-los/as presas fáceis para exploração laboral, prosti

tuição, tráfego de pessoas, sem deixar de lado outras formas de violência e ódio que se expõem em esses países com xenofobia, violência sexual, estupros, feminicídios, homofobias, etc.

Estamos num mundo onde a economia capitalista, patriarcal, neoliberal está globalizada por cima do local ou regional de cada país, o que afeta ainda mais aos países de América Latina e do Sul, porque lhes toca funcionar nesse 'campo de jogo', onde são os países mais industrializados quem decidem as regras da economia e do cotidiano. Parte dessa rede econômica é gerenciada pelas máfias e grandes gangsters a nível mundial, como parte do neoliberalismo, fluindo nas dinâmicas de exploração e tráfico humano, venda de drogas e armas. Essa economia global e mercenária sempre age de acordo com os tempos como um negócio lucrativo na tradição do sistema patriarcal.

Historicamente, a América Latina foi submetida às regras desse mercado, nesse campo de arranjos internacionais, onde os países imperialistas serão os maiores favorecidos ao aproveitar as vantagens de nossas vulnerabilidades econômicas e migratórias.

[...] Lembremos o imperialismo faz parte integral da globalização. A globalização não é um processo no qual a maioria dos países participa em pé de igualdade, realizando igualmente atividades de intercâmbio e produção (MILANOVIĆ, 1999, p. 4).

### **4.1.2 O racismo e a xenofobia se vivenciam muito quando se é estrangeira numa universidade brasileira.**

Poucas vezes passei por maus-tratos em Brasil. No entanto, soube de minha amiga Ana e de outras colegas estrangeiras (não venezuelanas) que em seus programas de Doutorado ou Mestrado fizeram comentários cheios de preconceitos machistas, racistas, classistas e fóbicos. É por isso que para elas adaptar-se em Belém do Pará não foi uma experiência muito boa!

Não posso lhes mentir, ainda com essa realidade constrangedora, eu estou feliz por ficar aqui! Cheguei almejando pisar a terra paraense não só para fazer um Mestrado em Artes, no Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade Federal do Pará, cheguei também para me abrir e alimentar-me de outras experiências de vida e aprendizagem.

Sempre me senti protegida pela lemanjá por me trazer até aqui! Ademais a maioria do pessoal daqui é receptivo e prestativo comigo. -Mas sei que nem todo mundo é desse jeito. E nem minha realidade é igual às outras!

Em relação a isso, na Venezuela, muitas vezes presenciei xenofobia, homofobia e machismo por parte de meu povo (até professoras/es de minha universidade) a muitos migrantes que chegaram lá. Então a maioria de nossos países de América Latina e do Sul, sofreremos de muitas práticas de ódio -preconceitos- que acontecem no cotidiano. As fobias e os machismos são sem dúvida uma realidade cruel que lamentavelmente é muito legitimada em nossos imaginários americanos.

Não fico “surpresa” ante as práticas de ódio, desse jeito! Eu disse à minha amiga Ana: mana, tu não lembras quantas pessoas estrangeiras eram maltratadas na Venezuela? Lembras que nas Mercedes, zona de gente branca e rica discriminavam a muitas mulheres e homens de acordo com a sua vestimenta ou cor de pele. Mana! Tu pela primeira vez encarnas fora do território venezuelano os preconceitos sobre tua pele, e diante a essa xenofobia e racismo, soma-se o machismo por ser mãe solteira!

Ela me contou: -agora vejo por que algumas colegas -mulheres brancas- do doutorado me olhavam com ódio, e nem entendia o porquê. Eu tento ser muito forte, mas às vezes me vejo muito vulnerável por ser a mulher negra e mãe solteira. Mana, levar a pé este doutorado, uma pesquisa, onde a tua pior pedra no processo é a academia mesma, lá, no programa podem ser até cruel com uma mãe-estudante, pois amiga, não posso simplesmente esquecer que tenho a minha criança, a Miranda (4 anos), ela depende de mim, e o mundo acadêmico ao invés de facilitar processos de vida acadêmica saudável, te discrimina e as vezes até te assedia!.

[...] mas a academia é um universo muito masculino, com códigos muito específicos. Perpassa tudo até num pós-doutorado o colega consegue finalizar mais facilmente porque as obrigações com a maternidade, por exemplo, são da esposa, da sogra, da babá. Tem sempre uma mulher cuidando, o que facilita o trabalho masculino. Para eles a culpa é não fazer, para nós a culpa surge quando fazemos. As estratégias nesse universo são muito brancas, e assim é que nós somos instados a produzir, produzir, produzir...sozinho (DE HOLANDA, 2018, p.214)

Depois de muitas trocas de afetos e falas, dessas que te alimentam a vida e te ensinam o importante que é falar entre amigas, desaguar tuas raivas, como parceiras e não inimigas, refletimos muitas vezes como é que funciona o preconceito de nossos imaginários machistas de supremacia branca na pele, como em qualquer parte das américas, a cegueira que dá, no trabalho, no lar e até no mesmo campo acadêmico, se pratica violência simbólica, em práticas sofisticadas para camuflar o ódio às mulheres negras, indígenas e mais se são mães!

### **4.1.3 Resistir além-mar**

Quando se está fora do que sempre se conheceu, o andar torna-se uma viagem de resistência, de crescimento espiritual, uma viagem ao (auto)conhecimento e ao fortalecimento do "eu social". Tudo resulta novidade. Uma se pode encontrar um pouco perdida, pegando ônibus errados -mais de uma vez aconteceu comigo- Risos! caminhando pelas ruas que jamais pensei caminhar, organizando-me às formas diferentes que estão aqui, diferentes da minha Caracas, procurando endereços, perguntando com gentileza "como se faz para chegar aqui?", tocando as portas para me encontrar de novo, para me reconhecer e encontrar-me em esses rostos e ritmos do carimbó paraense.

Desfruto dos sorrisos de minhas amigas e amigos paraenses; uma parte delas/es me ajuda a sobrelevar as tristezas, as angústias e a melancolia de minha terra.

*Gosto a maioria do tempo ficar em silêncio,  
escutando e olhando,  
olhando o quem se têm para partilhar e dizer,  
Justo onde os horizontes das nossas existências  
São tocadas ainda sendo tão diferentes!*



Parte dessa luta por resistir e (re)existir em países onde os políticos se viram mais contra o povo que a favor do bem-estar comum de nossas comunidades, senti na rua paraense em 2018, quando ganhou o Jair Bolsonaro como o Presidente de Brasil, representante dessa ultradireita de supremacia branca que emerge de novo em América do Sul. Fechando-nos a uma realidade geopolítica internacional auspiciada pelos Estados Unidos, que aposta a seus interesses de capitalismo neoliberal, e ao mesmo tempo nos volta a discursos de conservadorismo moral e um novo colonialismo na era 2.0 como mecanismos econômicos, sociais e civilizatórios que falam desse patriarcado neoliberal.

[...] que está nessa profundidade histórica em insistir a presença de um pilar, um cimento pedagógico de todo poder, que o torna fundacional na estrutura social, como é o patriarcado...emergindo o mandato masculino como primeira e permanente pedagogia de expropriação de valor e conseguinte dominação (SE-GATO, 2016, p.16)

Por isso a atitude do atual governo do Jair Bolsona-

ro de querer a Reforma da Previdência com o fim de tirar dinheiro dos mais pobres do país, entre esses os idosos, as mulheres e as viúvas. O governo pretende confiscar parte do dinheiro das aposentadorias e dos benefícios que hoje têm na seguridade social. Além disso, se falou em querer apagar as aulas de sociologia e filosofia nas escolas e universidades. Estas são disciplinas fundamentais que geram entre os mais jovens o pensamento crítico, porque ativam a consciência política. Os intentos de corte de verbas na educação universitária, de querer eliminar as bolsas que são dadas para desenvolver pesquisas científicas e humanistas de um país, nos dá conta de que o neoliberalismo Estado Unidense está gestando em Brasil algo que pode ser observado na Argentina, através da presidência de Mauricio Macri, quando foi eleito como presidente em 2015 e deu início a demissões massivas de trabalhadoras/es, aumentos extremos nos serviços de luz, gás, água... fortalecendo assim uma economia de mais riqueza para os ricos e mais fome para os pobres e trabalhadores/as e com um sistema cambial ainda mais dependente dos dólares dos Estados Unidos.

Portanto, ainda que o Brasil seja alheio a minhas realidades socioculturais venezuelanas, que vivencia outras medidas econômicas dos Estados Unidos, apoiado pelo Grupo de Lima, nossas histórias partem da mesma ferida histórica do colonialismo, que levamos na pele. Muitas de nossas cicatrizes, raivas, fúrias, lutas e dores não me resultam tão diferentes nem distantes.

No cotidiano se evidencia a instrumentalização da supremacia branca e o poder de intervencionismo Estado Unidense sobre a soberania de nossas Américas.

Exemplos do que falo podem ser lidos nos jornais, em janeiro de 2019, quando o secretário de Estado americano, Mike Pompeo, falou que o governo dos Estados Unidos pode intervir militarmente na Venezuela se for necessário. E sem se importar da Constituição da República Bolivariana de Venezuela, onde afirmamos que somos nós que decidimos sobre o nosso país, livre e independente de qualquer interferência estrangeira!

Estados Unidos só procura os nossos campos petrolíferos e mineiros, e por isso apoiou publicamente e por televisão o Golpe de Estado de Juan Guaidó.

Ele quer apagar as nossas vozes. Apagar as vozes das nossas comunidades negras e indígenas, dos mais pobres, dos estudantes e trabalhadores/as. De vozes insubordinadas, vozes que gritam “América Latina e América do Sul será livre de qualquer tipo de novo colonialismo!”



61-Acervo pessoal  
Registro do Greve Geral  
maio, 2019

Como feminista nunca aceitarei intervencionismo algum, a força é seguir em frente com #ELENÃO (pois Jair Bolsonaro é uma extensão de Trump).

Devemos ir contra qualquer “mutação colonial em nossas estruturas sociais, políticas e culturais...justo onde o Estado mostra seu DNA masculino” (SEGATO, 2016, p.20)

Por isso, muitas/os de nós não desistimos, estamos de pé na luta, agenciando-nos como povos em resistência permanente! Olha só as mobilizações recentes no Brasil! A Greve Geral está tomando as ruas! Pois o povo não cala sua boca, viu!

#### **4.2- Esse chegar lá, perto da morte**

Mamãe sempre me fala:

Filha procura recolher-te mais cedo!

Mas quando eu saio:

eu só quero caminhar

Beber

Compartilhar

Escutar

Olhar

viver

viver meu presente.

Isso é errado?

Querer viver o que eu desejo no momento?

Se sou culpável de uma coisa na vida

É porque eu gosto de abraçar a noite

Respirar a solidão noturna

Eu sei!  
vocês sabem!

as ruas são faca para os pescoços de muitas mulheres.

Nem tão livres estamos todas as mulheres  
Nem tão livre estamos na plenitude do século das  
redes sociais.

P.S. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil já tem a quinta maior taxa de feminicídios entre 84 nações pesquisadas. E, a despeito de possuir diversas políticas de proteção à mulher – como a Lei Maria da Penha, que entrou em vigor em 2006 – o País ainda convive com rotina de uma mulher morta a cada duas horas.

Continuando com minha travessia paraense, na medida que fui acostumando-me à intensidade do sol e suas cores em meu olhar, lembro aqueles compartilhados entre o pessoal do mestrado (agora meus amigos e amigas) nas aulas e ainda mais as coisas que fazíamos além do acadêmico, para nos encontrarmos. Depois de terminar as aulas de Seminário de Investigação com o Professor Orlando Maneschy, que aconteciam nas quartas feiras, saímos ao anoitecer ao bar Os Dois Carlos, que fica na Três de Maio, e entre bebidinhas ríamos e se fosse preciso nós desaguávamos.

Lembro um anoitecer onde fiquei um pouquinho bêbada. De caminho a nossa parada de ônibus em São Braz, meu amigo o Renan Coelho olhou para a calçada e um homem estava bem ali, no chão, quase

inconsciente, rodeado por muitas pessoas que falavam: ele estava roubando a gente! Mas ficamos na dúvida pelo jeito da roda. Vimos como aquele homem era despojado de alguns de seus pertences. Foi uma cena apavorante!

Eram 10:30 PM e a gente sentiu-se triste ao presenciar aquele latrocínio. Ficamos pensando no quão desprotegida/o a gente fica na rua ou em qualquer lugar. O Renan ajudou aquele homem a se levantar enquanto podia. Recolhemos para ele as poucas coisas que ainda tinha. Depois daquele momento, entre ficar tristes e surpresos ante a indolência humana que nunca deixa de nos tremer, nos abraçamos e pegamos cada um de nós nossos ônibus. Era hora de recolher-nos em nossos lares.

Cheguei por conta das 11 P.M às Residências Marex -ali as noites eram tão silenciosas e com tanta solidão que tu nem imaginas que alguma coisa ruim poderia acontecer aí. -O Danilo, um rapaz com quem dividi o aluguel da casa, me falou que essas residências foram construídas para os militares e por isso, mesmo eles tendo saído dali, nenhum ladrão entrava, pela seguridade militar que ainda havia. E certamente durante os meses que morei ali, o maior barulho eram os cânticos dos pássaros e os guardas da residência andando na bike com seus apitos: um código para avisar que tudo está em segurança na zona.

Penso agora nos quantos anoiteceres caminhando na escuridão, e depois de ver cenas arrepiantes como aquela que lhes contei, reflito sobre esse terror que a gente sempre vive no cotidiano. Estamos em

um mundo tão cheio de ódios, de práticas de ódio, que ficamos normalizando muitos tipos de violência no cotidiano, e te acostumamos a olhar para os lados e agradecer por ainda estares viva! Cheguei viva! Mas eu me pergunto: isso é vida?

Há tantos fatos violentos que acontecem no cotidiano, seja na rua, nas casas, nas escolas, nos hospitais, na delegacia, na universidade, etc... que eu agradeço ainda ter fé em viver! É difícil viver num mundo com práticas de ódio, onde os afetos amorosos em público são olhados com punição. Como me falou a Claudia Leão, enquanto a gente jantava na sua casa. -Estamos tão acostumados à violência que, quaisquer ato de amor, ternura, afetos na rua e na frente dos/as outros/as, por exemplo, os beijos e mais se são entre casais homossexuais incomodam, incomodam sim! até o ponto que as pessoas querem matar a elas ou eles, por não serem heterossexuais! Éguaaa gente! E tu olhas como toleram mais quando se espanca a uma mulher na frente de todes! Isso sim é bom, se tolera, né! mas o amor não! Uma mulher vai e se beija com alguém e ao outro dia decide beijar a outro, ali ela já é vadia, né! Ou seja, o amor não pode se dar livremente, mas a violência se caminha livre, não é!? -

Praticar a ternura e o amor livremente é visto como fraqueza e não como um ato de amar nossas diferenças, escolhas de vida, sexualidades, jeitos de vida... Estamos em sociedades onde ainda se cultiva a cada dia mais as intolerâncias, sobretudo àqueles que são diversos, plurais, e é claro, pensam diferente da pirâmide do poder patriarcal e neoliberal.

Penso em tudo o que nós, como povo, sofremos para ainda não perder a vontade de seguir em frente! Eu nunca me acostumarei a ver sangue de alguém no chão, seja de quem for! Toda morte de qualquer tipo de violência deveria nos doer nas almas! Mas na pirâmide neoliberal e patriarcal, até os mortos são discriminados por seu status social, sexo e cor de pele. O que me levou a me lembrar dessa canção cheia de fúria na voz da cantora Elza Soares “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, que resume o sentimento de luto permanente que as comunidades negras, por exemplo, levam no peito e o porquê de suas lutas no campo das artes, na academia, na política e em toda a estrutura social e econômica em que elas e eles vivem e vivenciam a carne viva.

Em Brasil, desde os tempos da escravidão, a combinação entre machismo e racismo resulta em maior violência letal contra as mulheres negras em relação às indígenas, não brancas e mulheres brancas.

Isso me levou a procurar o que acontece em outros territórios em relação à migração venezuelana, e pesquisando na Revista Red Iberoamericana social, a feminista, escritora e colunista venezuelana, Dra. Esther Pineda, consultora de gênero y equidade, socióloga e mestre em estudos da mulher, nos comenta:

[...] estima-se que nos processos migratórios venezuelanos foram conhecidas segundo Nações Unidas (2018) um 2% de mulheres venezuelanas sobreviventes de estupro com idades entre 15 e 49 anos. Ademais explicou que uma pesquisa feita pelo jornal venezuelano “Efecto Cocuyo” fez uma somatória e revisão dos fatos relatados em diversos meios de comunicação desde março até o 22 de novembro 2018

encontrou 188 mulheres venezuelanas em nove países que foram resgatadas pelas autoridades judiciais daquelas nações ao ser vítimas de trata de pessoas, muitas delas obrigadas a prostituir-se e em condições de escravidão sexual (PINEDA, 2019)

O fato é, se algo devemos agradecer às diferentes e às mais diversas feministas, movimentos de mulheres e feminismos ao redor do mundo, são seus estudos, pesquisas e militância, que nos dão conta da realidade letal e violenta que ainda vivem todas e cada umas das mulheres ao redor da mãe terra: sejam elas cis, lésbicas, transexuais, negras, brancas, latinas, indígenas, seja como for -incluindo as crianças- (como os mais vulneráveis do sistema machista, patriarcal, neoliberal, capitalista) nossas vidas seguem estando em riscos na rua, no trabalho, na universidade, na escola, e na casa – a última, é onde a violência doméstica pode se tornar a mais letal, pelo caso de feminicídios e abuso infantil que se registram- No entanto, temas como o assédio em universidades ou escolas são situações recorrentes, de igual relevância, por ser tratarem de práticas de ódio que ademais são muito mais silenciadas pelo poder institucional.

### **4.3 O amor que bate, mata e estupra!**

*Nací un 25 de febrero de 1983, y la palabra consentimiento era desconocida. La vida cotidiana estaba vestida de tabúes.*

*Hoy, tengo 36 años de edad y vivo todavía en la cultura de la violación sexual, y veo, leo, como se justifica al violador y se criminaliza a la víctima.*

*Nos dicen a las violadas:*

*¡que eso nos pasó por calenturientas!*

*¡Por andar vestidas como putas!*

*¡Por putas!*

*¡Por busconas!*

*¡Por estar solas, salir solas!*

*¡Por tomar!*

*Esta mujer que fue violada, jamás la educaron de pequeña a defenderse de posibles violadores; y mucho menos a pensar que están ocultos al cruzar la esquina, que pueden venir de una mano amiga, ni pensar, viven bajo el mismo techo que te cobija.*

*Cuando fui creciendo, jamás me entere de la cantidad de niñas, niños, adolescentes, mujeres que padecieron esta violencia sexual y estructural.*

*¡Ni sabía de las muchas que murieron calladas por el dolor que las marcó!*

*Y que las pocas que lograron hablar fueron demonizadas como putas histéricas.*

*histéricas,*

*¡Prefiero estar de lado de las putas, histéricas, brujas, calenturientas, busconas, piernas alegres!*

*Gritar a viva voz, los culpables son los machos con rostro de familia: tíos, primos, hermanos, padres, sobrinos, abuelos, amigos.*

*Crecí en una época llena de disculpas a ellos*

*Y se pasaba por alto el roce de manos masculinas sobre nuestros cuerpos*

*Que las miradas viriles no estaban hechas de malicia,*

*Que las intenciones fálicas no eran lascivas.*

*En la época que yo crecí, nunca oí hablar de>>>*

*ultrajes, muertes, golpes, abusos y violaciones de mujeres,  
homosexuales, lésbicas, niñas y niños.*

*Nací a imagen de mi madre, mi tía, mis primas, mis abue-  
las y muchas otras mujeres con un asco que se naturaliza en  
nuestros cuerpos a temprana edad*

*¡Relegando nuestra capacidad de amarnos!*

*¡Nací cuando aún mi madre no comprendía lo que era ser  
violada, aunque su cuerpo ya lo había encarnado!*

*Aunque su piel intentaba olvidarlo*

*silenciándolo*

*Por miedo*

*Por ignorancia*

*Por asco*

*Por culpa*

*O quizá*

*Por ser la niña que confió en de la mano amiga*

*Nací del sufrimiento de otras*

*Nací con el sufrimiento de otras*

*¡Crecí con heridas y luego aprendí a no callar más, aun  
habiendo callado!*

*Crecí para recordar que curar*

*es concientizar que la piel de anaconda que tenemos y  
hemos mudado,*

*lleva además del animal "bíblico", veneno de lucha, y no  
olvida que existe el hedor y el sudor de*

*opresores y violadores presentes y antiguos.*

*Hasta que el abuso, el sexismo, el racismo, el tráfico, la vio-  
lencia sexual de cualquier tipo a nuestros cuerpos no acabe,*

*no viviremos libre ni plenamente nuestros cuerpos.  
Cuando tocan a una mujer sin su consentimiento  
nos tocan a todas,  
Cuando hieren a una, nos hieren a todas.  
Cuando una muere, una parte de nosotras muere.  
#nosqueremosvivas #niunamenos #niunamas*



Como mulher e venezuelana, sou ciente dos perigos que enfrento no cotidiano, e até certo ponto não são diferentes do que acontece em Caracas-Venezuela, onde também há permanentemente violência contra todas as mulheres cis, lesbianas, indígenas, negras, brancas, transsexuais, estrangeiras, não brancas, etc.

Nos últimos anos, não temos cifras oficiais sobre os feminicídios, estupros, violência doméstica em meu país... Não tenho certeza quantos casos de violência de gênero acontecem na atualidade. Segundo o Instituto Nacional de la Mujer (INAMUJER), entre janeiro e agosto de 2017 se registraram 254 feminicídios na Venezuela.

Outras estatísticas internacionais de organismos unilateralistas como: Unilerc, ONU Mulheres, UNFPA e outros, certificam que cada ano umas 66 mil mulheres são assassinadas em contextos de tolerância de violência contra a mulher em América Latina, incluindo América do Sul e o Caribe.

Essa realidade acompanha a nós mulheres desde outrora, a violência contra a mulher existe em maior ou menor medida em qualquer parte do Mundo. Pa

rafraseando a feminista e antropóloga Rita Segato, o grande problema da violência contra a mulher, seja na rua ou na casa, é devido a compartilharmos a mesma linguagem de violência do patriarcado. O problema não é exclusivo das mulheres, nem os únicos culpáveis são os homens, devemos começar por reconhecer que nós reproduzimos e perpetuamos práticas de ódio no cotidiano, entre as mulheres, os homens e as crianças. Atuamos sistemicamente no sistema de supremacia branca patriarcal machista, racista, homofóbico, xenofóbico, e portanto vai existir a cultura de assédio, cultura que autoriza a punição e o feminicídio e a cultura do estupro, como instrumentos não só de poder, senão como instrumentos que primeiramente autorizam e legitimam a existência de desigualdades entre homens, mulheres e crianças.

Por exemplo, na cultura machista-patriarcal, a prática de ódio às mulheres, se diz que o estuprador só estupro porque a mulher estava sozinha na rua, com roupas inapropriadas, ou porque a moralidade delas permitiu que se fizesse aquilo. Se justifica os estupradores pelo que fizeram, se culpa a vítima por estar ali. Segundo a linguagem machista que compartilhamos como prática cultural, as mulheres boazinhas e bem-comportadas estão ocupadas no lar e não andam exibindo-se nas ruas. Isso só acontece com as mulheres safadas, pois “a rua foi feita para os homens”.

Portanto, a casa, o lar que o machismo e as religiões cristãs e judaicas tanto defendem, são em sua maioria o território das maiores ênfases de violência contra milhares de mulheres casadas ou vivendo com seus companheiros. “O doce lar” que é tão vendido até

hoje em dia é o território onde muitas delas são estupradas, abusadas, assassinadas, maltratadas por seus companheiros. Sem deixar de lado a realidade de violência alarmante que acontece na vida das crianças.

Ainda sendo ciente que eu sou uma mulher, caminho entre as trevas da cultura de ódio do sistema patriarcal, que assassina, assedia e estupra, pois vou lá, na proteção de lemanjá. Com muitos medos, como qualquer mulher, mas isso não me deixa ficar paralisada, talvez porque desde os 15 anos de idade decidi ser fotógrafa de rua, e em certa medida isso me fez seguir pela frente no caminho. Sempre agi conforme minhas lutas, e a rua é um desses territórios que não posso deixar de lado, nem deixar de andar sozinha, seja de dia ou no meio da noite.

O cotidiano me leva a entender que nossa vida íntima gira nessas práticas de ódios, e isso me afeta em meu caminho como artista visual, pois além de ser fotógrafa de rua, eu faço colagens. As colagens são exercícios para visibilizar essa violência extrema que ouço, toco, vejo, que me puxa o útero, me esfaqueia o corpo. Porque cada morte, cada estupro, cada violação quebra, apaga, corrompe os nossos direitos humanos fundamentais de viver uma vida livre de qualquer tipo de violência, exploração, racismos e sexismo. Temos direito a viver e viver sem medo. Esse medo, esse ódio, é o que me arrepia e me constrange por dentro e por fora. Onde as intimidades das mulheres e as crianças sempre foram públicas. Porque sempre foram manipuladas, gerenciadas, mercantilizadas pelo patriarcado e o capitalismo, sempre atuando seus mecanismos e culturas de opressão.

4.3.1 Esse rasgar o amor e o sexo ferido nas mi-  
nhas colagens (2017-2019)



62- Acervo pessoal  
Heliamphora, 2017

As seguintes séries de colagens que foram selecionadas para o final desde livrinho são processos ainda inconclusos e inacabados. Podem olhar mais colagens no Instagram @amatoria\_2019, como parte de meu interesse por socializar meus exercícios visuais.

Minhas colagens representam momentos onde eu senti essa violência patriarcal, racista, sexista. E sobrepõem esse sentir-se e refletir-se fragmentada pelos ódios. Esse estar em contínua luta e em permanente resistência. E ver como nossas relações amorosas são castradas, batidas, atravessadas pela cultura do estupro e a pornografia machista.

Ver no sexo feminino, na feminilidade, uma constante luta por expressar uma liberdade sexual e amorosa. Sexo afetiva. Expressar minha necessidade ao decidir quem entra e sai de minha xoxota!

Esse pensar o político, como política da subjetividade, é o ativador de minha consciência crítica como sujeita política, que sente e padece as agressões feitas aos outros e particularmente aos corpos das mulheres e crianças, que na atualidade são os maiores afetados em nossos sistemas sociais, econômicos, culturais e familiares do sistema patriarcal neoliberal.

Os dados mundiais sobre violência de gênero não enganam. Em maior ou menor medida, existe em cada uma das nossas sociedades violência de gênero. Existe a cultura da misoginia. As mulheres somos odiadas por ser mulheres. E esse ódio passa em práticas cotidianas miúdas, óbvias, que foram normalizadas e naturalizadas como “verdades sociais, morais”, tornando-as assim discursos públicos e familiares. Pois os ódios que estão camuflados em nossos ter

ritórios (casas, escritórios, mercados, publicidades...) foram focalizadas como fatos naturais para manter-nos nesse binarismo biologista e social, criando uma suposta diferenciação de poder entre machos e fêmeas. Por isso, os homens brancos acreditam em tomar tudo pela força. Acreditam na guerra. Acreditam na colonização. Acreditam que tudo o que é público, portanto político, lhes pertence. E como as mulheres particularmente são vistas como objetos políticos, e não sujeitos políticos, são portanto tomadas e gerenciadas como dados, como objetos de uso. Como carne de exportação. Como corpo para ser possuído, explorado, prostituído e estuproado.

A realidade que nós mulheres vivemos, ainda em pleno século XXI, século das comunicações 2.0, com todo o feminismo espalhando-se em cada canto de nossos territórios, e com todos os progressos obtidos e os agenciamentos feitos historicamente sobre os nossos direitos sociais, econômicos e políticos em América do Sul e América Latina, ainda com tudo isso, nossos corpos são territórios de exploração reprodutiva e sexual. As mulheres negras, índias, brancas, lésbicas, transgênero, pobres, ricas, ciganas, virgens, prostitutas, religiosas ou não, continuamos sendo batidas, estuproadas e morrendo nas mãos de amigos, amantes, esposos, tios, pais, avós...

A verdade é que nós vivemos na ferida, na dororidade histórica de nossos povos e de nossas mortas. A morte violenta, a morte por ódio ainda nos persegue a nós, as mulheres, e através das máscaras sociais de um amor patriarcal que se nos foi cultivado em outrora.

Nós amamos da maneira errada porque os espelhos não nos abrigam, eles nos machucam. Amamos da maneira errada porque superficializamos nosso auto amor, centrando-o na beleza física e desprezamos a mulher que vive por detrás daquela imagem. Bell Hooks, em *Vivendo de amor*, debruça-se sobre o tema do envolvimento amoroso, demonstrando que, infelizmente, nos falta um afeto que nos proteja de relações doentias e opressoras. (Lívia Natália, 2016)

O caminho para nos despatriarcalizarmos é abrir mão das práticas desse amor cotidiano que nós fazemos. Começemos por perguntar-nos: como é que nós construímos nosso auto amor ou amor próprio? Como cultivamos nossos afetos? Como são nossas relações socio afetivas com as e os outros? Como exploro e como é explorada minha sexualidade? Como entendo o amor comigo e com os demais? O que são para mim relações amorosas? Eu faço amor? Eu me amo? Realmente, nos sistemas em que a gente vive, ama-se? Fazer-nos perguntas sobre como entendemos os diferentes tipos de relações amorosas que gerenciamos em nossas vidas nos ajuda a ir lá, dentro e fora de nós mesmas, mirar-nos como uma outra levada por seu corpo histórico, que fala de todas e cada uma das vivências e experiências que desdobra o agir na vida, o amar a vida.

“Conheço mulheres que fazem a sua vida orbitar em torno de um “ele”, deixando-se construir, diuturnamente, pelos humores da relação. Todas nós vivemos ou viveremos uma relação estruturada nesta desproporção afetiva. Chamo assim o desnível de afeto e envolvimento entre homens e mulheres. Cabe a nós alimentar a relação, como os alimentamos de comi

da e sexo. Cuidamos dos nossos parceiros e os maternamos exercendo sobre eles o lugar feminino que, muitas vezes, é o único, na visão masculina, digno de dedicação amorosa...Nós eventualmente tentamos substituir as mães, na esperança de aumentar as possibilidades de amor. E ele, na maioria das vezes, não vem" (Lívia Natália, 2016)

Estar perto de nós mesmas e estar perto do que realmente almejamos sentir como amor. Perguntar-nos sobre nossas vidas amorosas são uma prática amadora! Eu não posso lhes dar um conceito de amor! O como é que se faz a despatriarcalização do amor e desse amar. Realmente não tenho respostas! O único que eu sei, e posso lhes garantir, é que o amor machista mata e mata todos os dias. Deixa a muitas crianças sem mães, e a muitas mães sem suas crianças. Mata os sonhos de vida, o hálito de vida muitas mulheres.

Eu só posso lhes dizer que minha despatriarcalização somente começou quando abri minhas feridas, quando abri mão de minha dor, da dororidade de meu imaginário. De sentir que o amor que vivenciei não era amor. Porque o amor une, não gera ódios no corpo. Então minhas imagens, minhas colagens são esse jogar, cuspir fora o sangue derramado, criar no fogo, procurar interromper as amarras desse amor machista. Manifestar a ferida é manifestar que me dói pra caralho qualquer tipo de violência, exploração, sexismo e racismo que existe e nos atravessa. O amor, repito, é para nos unir, para estarmos juntas, lutar juntas, para encontrar-nos em um amor livre e sem opressões. Lembrem, o ódio age violentamente para separar-nos do bem-viver, do viver juntas em

comunidade.

“Eu mereço ser amada. Nós todas merecemos. E tudo começa nos amando em nossos defeitos, na raiz de nossos cabelos, nas nossas dúvidas e medos. Toda caminhada começa sondando o terreno, mas ninguém anda sem tropeçar: sejamos tolerantes com nossas fraquezas, julguemos menos os nossos atos, atribuam-nos menos defeitos, aprendamos a recomeçar” (Lívia Natália, 2016).

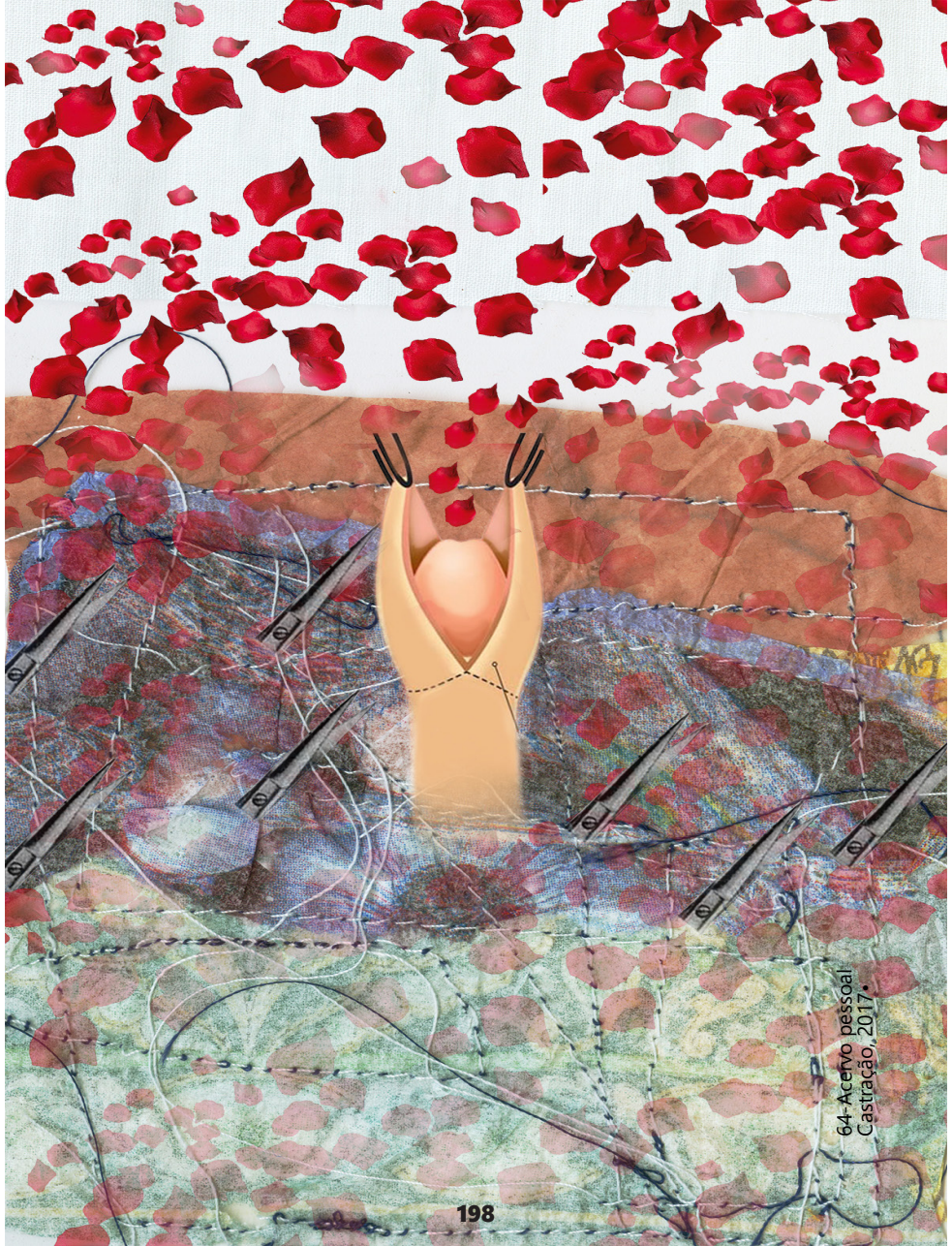
Abram mão de suas ferramentas de vida criativas para usá-las e visibilizar suas raivas, usar a raiva como combustível de criação. Eu usei minhas raivas e dores nas colagens, mas também como uma forma de não me julgar, de me encontrar.

Pensar-me nesse amor que desejo ter comigo e com as/os outras/os e assim praticar um amor sem amarras. Um amor à vontade! Um amor livre. Que minha palavra seja respeitada. Que exista sexo consensual. Porque se a gente faz cultura de tudo, então também podemos fazer uma outra cultura do amor, do sexo, não é?! Então aprendamos a amar melhor e diferente. A ter relações sexuais respeitando os nossos corpos!

Ensinemos às crianças do sexo masculino a respeitar o corpo das meninas. Ensinemos às crianças que elas podem falar tudo, se alguém lhes faz sentirem incomodadas. Acreditar na palavra delas e deles. Não calar suas vozes! Trabalhar desde casa estratégias de vida para viver melhor e nos contrapor ao exercício de qualquer tipo de violência ao corpo!



63- Acervo pessoal  
Ablação, 2017



64-Acevo pessoal  
Castração, 2017.



65-Acervo pessoal  
A maçã se paiseia, 2017





67-Acervo pessoal  
Of the joy of sex?, 2017



68-Acervo pessoal  
Of the Joy of sex?, 2017



69-Acervo pessoal  
Of the joy of sex?, 2017



70-Acervo pessoal  
Of the joy of sex?, 2017



**abc  
de  
amor**

ela pensou que voltaria à casa

nancy  
aguilar  
22  
anos

71-Acervo pessoal  
Abc do amor?, 2018



PRINCIPIO DA AMOR Nº 26

O poder simbólico é para demonstração pública,  
mas o verdadeiro poder se exerce no âmbito  
particular. E esse é o único que importa.



Sentia enorme prazer  
Com a dor e o sofrimento,  
Muita...



74-Acervo pessoal  
Abc do amor?, 2019



SUSPEITO FOI PRESO, PORÉM, NEGA O CRIME.

# assassinada

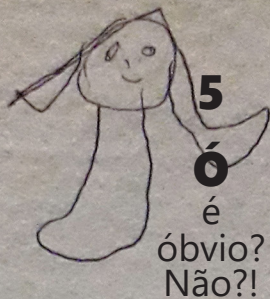
# Doméstica

75-Acervo pessoal  
Abc do amor?, 2018



Dessa forma com Eugênia,  
Ele conseguiu casar.  
E a moça com o matrimônio  
Vivia sempre a chorar,  
Amargurada e sem ânimo  
Numa tristeza sem par.

- 07 -



-Jamais me foi óbvio abrir portas!  
Elas chegaram a mim das mãos alheias  
Então, menina venha e pega as chaves!  
Não tenha medo, não!  
Está na casa 5, viu!  
Sua curiosidade é boa,  
Seja qual for sua procura,  
seja como gatas  
elas sabem muito bem se auto preservar  
no caminho, e  
tranquila, que tudo vai ficar bem!  
Tá pronta?  
Passe,  
passe até lá >>>>  
-Me movi por todos os cantos  
daquelas casas  
Me desdobrei  
E debrucei o olhar  
Procure lá dentro?  
Sim!  
Até os fundos  
O que?  
Lá, onde os olhos não vêm!  
Lá onde seu corpo vai gozar e se dar prazer...

## 5.1- O Abrir das portas!

Quando tinha 27 anos de idade aceitei ser parte do grupo professoral de fotografia da Universidade Nacional Experimental das Artes (Venezuela), onde me formei como licenciada em Artes Plásticas. Era um sonho pertencer como docente na minha universidade. Eu era a única mulher e a mais jovem que formava o grupo de professores de minha área de fotografia, e fiquei empolgada com a ideia de aportar novos rumos nas áreas que eu iria ministrar. Nas minhas aulas de Fotografia I, comecei a gerar micropolíticas feministas sem sequer saber o que era ser feminista ou que eu mesma fazia feminismo em aula. Em verdade só tinha claro uma coisa: a necessidade imensa de repensar a fotografia desde uma perspectiva mais relacionada a nossos contextos venezuelanos, da América-Latina e América do Sul. Que as/os estudantes percebessem a importância de partir de nossos imaginários e responder a esse outro lado de nossas humanidades múltiplas, plurais e diversas, que não eram precisamente o rosto do repertório visual ocidental-branco e da Europa.

Nas aulas, com o tempo, fui afirmando o papel das mulheres fotógrafas. A importância das criadoras visuais. Fui respondendo a essa demanda de ter muitas alunas e alunos. E todas com sexualidades e realidades socioculturais diversas. Essa ideia me levou a debater nas aulas de fotografia o corpo, no campo das artes e no campo das representações artísticas, e o papel subalternizado da mulher, principalmente o que foi feito na pintura, ao revestir-nos a nós, as mulheres, como objeto de cultura, objeto de desejo e

objeto artístico, apropriando-se de nossos corpos, do desnudo, do sujeito feminino, do conceito feminino, da feminilidade, criando identidades e modelando a essa sujeita em estereótipos (HERNANDEZ, 2001, p.122). Nesse tempo ainda não enxergava com clareza todo o sexismo e racismo que existia na história e principalmente na fotografia.

Usei na aula como estratégia metodológica “Memória e alma da Casa”, da escritora e poeta venezuelana Hanni Ossott, um ensaio poético muito curto, baseado na poética do espaço de Gaston Bachelard. O objetivo primeiro era refletir em aula o que entendíamos como casas, como esse “espaço da casa caminha o amor ou a indiferença” (OSSOT, 2002, p.63).

Era justo focar nessa cotidianidade, o lugar comum e óbvio que era a casa, onde criamos nossas sensibilidades mais profundas, onde as crianças, os idosos, as mulheres e os homens socializam o mundo que sentem e como o sentem. Pois, muitas vezes, é nesse lugar que criamos as primeiras desigualdades de gênero! De que maneira criamos meninas e meninos? Como são nossas relações familiares? Nossas relações sexo-afetivas? As realidades se tornam diferentes para cada um de nós quando abrimos a porta de nossos lares. Eu pretendia desfazer o óbvio, desfazer a casa da infância, ir lá onde mora a vida desse dispositivo familiar, que nos ajuda a construirmo-nos como sujeitas e sujeitos políticos, sociais e culturais.

A intimidade familiar mergulha em nossos corpos. Está em nossa forma de perceber as relações afetivas e amorosas. Mediar com suas subjetividades mais

próximas, levar seu olhar justo aonde elas/es moram, onde a prática cotidiana, como lugar social e óbvio que passa despercebido, onde as sensibilidades parecem se ocultar aos outros/as, onde se espalha nossas intimidades, opacidades, censuras e silêncios. Onde se exerce o público (nossas condutas, normas sociais, costumes, crenças), onde toca o íntimo, a intimidade e os nossos corpos. Pensar: como criar uma imagem a partir de um vínculo afetivo, amoroso e, portanto, social?

Queria que a casa, o lar, fosse só uma desculpa para que minhas alunas e meus alunos enxergassem que o mundo da fotografia não trata apenas de objetos e técnicas, é mais do que isso; trata de sujeitas e sujeitos interagindo e agindo a partir do modo como pensam o mundo. A partir de como constroem novas subjetividades dessa "realidade aparente". Sentir que a câmera é um instrumento de mediação, um instrumento político, pois coloca ângulos em nossas vidas, enquadra "realidades" múltiplas, plurais e diversas. Nós, quando temos uma câmera à frente caminhamos em realidades socioculturais plurais, múltiplas e diversas. Vissem o que cada um de nós tem, em seus traços parecidos, mas construídos com experiências diversas e múltiplas. Nascemos e crescemos em diversas condições socioculturais e socioeconômicas. As dinâmicas sociais de uma família de qualquer uma/um variam se nascem em um povo no interior, numa favela, ou numa zona de classe média. Era situar que a casa era mais que um lugar da família, ela está desenhada em territórios socioeconômicos específicos, onde algumas estão em zonas privilegiadas

e outras em zonas marginalizadas e excluídas. Queria que compreendêssemos a profunda realidade sociocultural venezuelana, onde a diferenciação de classe balizava nossas oportunidades de vida. Nem todos tínhamos, nem as mesmas oportunidades, nem os mesmos privilégios.

Ao nos confrontarmos com os mundos que habitamos, poderemos começar “a sonhar e planejar um mundo mais diferente. Um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos” (ADICHIE, 2018, p.28) e isso pode ser possível quando somos capazes de olhar-nos em nossos horizontes, interperlar nossas realidades socio-afetivas. Despedir-se do corpo, de como se vê e como se é visto e visibilizado.

Falava em aula de repensarmos a nós como sujeitas portadoras de uma câmera. Essa câmera é um artefato onde construímos um olhar, e imagens, as quais terminam sendo objetos sociais e culturais. Fazê-las/os pensar o que isso significava para nós, fazer do aparato, a câmera, um dispositivo que nos permitisse criar exercícios de reconhecimentos sociais e contextuais. A ideia era criar uma política da subjetividade, quer dizer, gerar uma consciência desse eu social que interatua em comunidade. Esse eu social em permanente troca. Fazê-las/os sentirem-se sujeitas e sujeitos socioculturais que em seu fazer prático e artístico interagem com sua comunidade e sociedade.

Realmente, eu usava o tema da casa como pano de fundo nos processos de criação há um tempo. Na minha primeira pesquisa em artes, que foi apresen-

tada na UNEARTE em 2008, eu fiz uma instalação de sete casas redondas colgadas no teto, onde tentava construir uma metáfora sobre minhas relações socio-históricas, como a Grão Caracas, a velha Caracas de tetos vermelhos, a casa antiga de minha memória, e a casa vista ela como vínculo de construção social com as ideias sobre cidade, cidadão e modernismo.



Agora abro parênteses, aquelas 7 casas foram um ciclo de fechamentos na minha vida criativa? Eu pensei que sim naquele momento! Não obstante, não era não! Pois apenas estava amadurecendo um caminho na minha vida criativa que só começou justo depois de eu sair dessa casa 7. As noções sobre a casa reapareceram de uma outra forma, graças a minha colega Luciana Borges, que me falou: -mana, as casas astrológicas, representadas em nossos mapas astrais, são as doze divisões do céu- E assim foi como encontrei o elemento ar, que faz parte desta pesquisa em artes.

Mas não me quero adiantar aos fatos. Segundo a astrologia, a casa 7 é a casa do Não-Eu, isso quer dizer, a casa das relações sociais, onde preciso dos outros para construir sociedades mais justas e igualitárias. Por isso, essa era a minha insistência em aula com minhas alunas/os a ver nossas comunidades como casas. Isto me levou a reconhecer-me como feminista, feminista chavista, feminista amorosa y fe

minista em formação. Parafraseando a Bell Hooks em “o feminismo é para todo mundo”, ninguém, por ser mulher, nasce sendo feminista, nem todas acolhem esse caminho, isso é uma escolha e ação de vida. Foi minha escolha fazer do feminismo um lugar de práticas amadoras que vai na procura de sua despatriarcalização; porque estou me reconhecendo abertamente como sujeita política que está em formação, que está se formando como feminista, está criando uma consciência de Si com as/os outras/os, porque quer “ter coragem de avaliar a vida do ponto de vista de gênero, raça e classe, para que possamos entender precisamente nossa posição dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca imperialista” (HOOKS, 2018, p.165)

Aprender desde minhas alunas e alunos, desde seus diversos e mais plurais horizontes de vida, me deu a oportunidade de começar uma nova prática fotográfica, voltar a percorrer meus espaços mais íntimos, próximos. Os mundos pessoais de meus alunos me mostraram que meu caminho era ir até lá, até a casa que havia desenhado meu corpo. Comecei então a despir esses espaços considerados como domésticos.



As/os alunas/os foram as/os ativadoras/es e as chaves pra abrir a Casa número três, que é a Casa de minha mamãe (a Marisela), a Casa dos Gêmeos, o signo dela, meu primeiro lar, onde recebi minha primeira educação de vida, onde construí meus primeiros vínculos amorosos, sexuais e afetivos. Onde olhei minha feminilidade ferida e magoada. Foi o ambiente onde criei vínculos não muito bons com a família e com os homens da família. Pois a casa três, falar, está associada a irmãos / tios / primos, e revela muito sobre a relação tida com eles, “descobrir a existência de masculinidade e feminidade, e, depois, à sexualidade” (RIZQUEZ, 1983, p.39) minha relação com o masculino, com a violência masculina e feminina. E desconstruir essa ideia de feminilidade a partir do olhar masculino.

Era quebrar com o doméstico, íntimo, tornando-o público desde meu olhar fotográfico, e explorar de novo a minha família e minha descendência útero-filial. Comecei como qualquer garota que voltava a seu lar, percorrendo-o através de diferentes e diversos exercícios.

Fiz muitos exercícios de exploração corporal na casa de minha mamãe; séries Desde Elas e para Elas (2003), a procura de sombras e os inícios pela escuridão, a noite, em Imaginários da Sombra -que vocês logo, logo olharão, que se tornou uma descoberta de vida sexual e criativa, que sairá aqui, em Belém do Pará. Não obstante, só quero começar esta explicação com os exercícios ou série intitulada Carne de mim Carne (2013-2014), onde eu fazia fotos no meu espaço familiar com a técnica de virar a lente para que ela ficasse então uma lente macro. Com isso, conseguia detalhes

da pele de minha mãe, avós e irmã e meu cunhado. Carne de mim Carne era esse encontro com as coisas muito miúdas, como as marcas, cicatrizes, luas, pelos, tudo aquilo que a geografia e umidade da pele humana tem no corpo. É que nos faz uma assinatura única e irrepetível, pois na pele se escrevem nossas mudanças e nossas vivências.

Esta prática de reconhecimento corporal é uma prática Amatória, porque me ajudou a olhar, refletir, expor a construção do corpo feminino e sua aparente feminilidade no campo de seu fazer artístico como mulher, expor o que eu interpreto como corpo e sujeita fotografada. É esse perguntar-se: como é que eu corporizo minhas feminilidades? Porque é claro, eu sou antes de tudo um ser construído em sociedade, um eu social. Somos parte desse aprender o individual dentro no coletivo. Os processos de individuação estão interligados aos territórios sociais, políticos, econômicos, históricos, culturais e artísticos.

Ver meus processos de individuação era não apenas o encontro com o feminino e seus mistérios, o insondável, a morte e a espiritualidade, era a busca do significado da minha vida, tornar-me esse próprio Si Mesmo. A individuação é o caminho que vai caminhando com nós mesmos, não é para ter resultados, são processos de aprendizagem em cada etapa da vida e vão ocorrendo o tempo todo, desde criança até chegar a velhice e a morte. É compreender os aprendizados de vida como se nós fossemos uma larva, até chegar a ser borboleta. São os processos de vida-morte-vida, que todas nós temos desde que nascemos!



78-Acervo pessoal  
Carne de mi carne  
Caracas, 2013-14







81-Acervo pessoal  
Carne de mi carne  
Caracas, 2013-14

## 5.2- A casa atelier de meus êxtases

Eu comecei a estar mais consciente de ser produtora e criadora de meu ser feminino múltiplo e com mais força ainda quando deixo a casa de mamãe no ano 2015, e consigo enfim ter meu espaço atelier, meu lar atelier, preencho a essa mulher artista e independente na minha própria casa. Casa que chegou a mim graças às bênçãos de lemanjá, pois foi adquirida através de Missão Vivenda, um programa que começou na gestão presidencial de Hugo Rafael Chávez Frias, para dar vivendas ao povo de classe obreira, trabalhadora e sem teto. Pois adquirir casas na Venezuela é um luxo através das empresas privadas, se necessita ter muita grana, e as/os professores ainda não ganhamos dinheiro o suficiente para chegar a isso.

lemanjá me deu a minha casa. A casa número 6 é a casa do trabalho e dos cuidados com o corpo, ela me trazia um propósito de cura e transformação para o meu trabalho criativo. Nesta casa comecei a fazer de novo colagens referentes ao corpo e à sexualidade. Nesta casa, além de sentir a noite abraçando a minha pele, cheirando meu sexo, alimentando meus apetites sexuais, desbordando-me de desejos e fantasias sexuais, foi que chegou em 2017 a serie fotográfica intitulada O Êxtases da Lilith.

Sim! Cheguei a mim Lilith, a primeira mulher desterrada do Deus-Patriarcal, a desterrada do céu, por revelar-se à lei dos machos. Ela, a primeira fêmea sexual, a ninfa primeira, a primeira rainha do céu e do inferno, a grande Deusa Suja da noite e o dia. Ela, está embaixo e acima de nós, mulheres! Porque ela não

pertence a ninguém e ninguém pertence a ela! Ela é o conhecimento sexo afetivo e amoroso que gravita na independência. Ela nos deixa ser suja, ser um animal de instinto puro. Gozar o cio. Ser fluídos. Pode ser vista como fala Clarissa Pinkola Estés, a Mulher Selvagem que está lá, no Rio embaixo do Rio. No entanto, ela é mais do que isso, ela dança nos territórios marginais enquanto marca e põe fim aos limites entre o bom e mal. Na sexualidade que as mulheres escolhemos, que decidimos, falamos e fazemos, é o que nos dá e gera prazer. Por isso, para o patriarcado, ela tinha que ser a mulher que nos foi negada, imunizada, inumada, não nomeada, maltratada, censurada, animalizada num sinistro sentido, silenciada há milênios. Nela se colocaram os véus de mitos, vergonhas, racismos, explorações e medos. Foi catalogada como prostituta, safada, louca, amante, vadia e liberta. Porque ela não ama com amarras. Não acredita no matrimônio e muito menos com submissão! Por isso tentou à Eva.

E a Eva, ao saborear a êxtases de Lilith -a maçã da árvore da vida (nomeada na história patriarcal como a maçã de Adão) foi questionada, e reprovada, e obrigada a parir com dor. Eva, ao experimentar as palavras da serpente (Lilith), sentiu pela vez primeira a liberdade de ser ela sem preconceitos, decidir sobre seu corpo, ter acesso ao conhecimento do Rio embaixo do Rio, sem restrições, sem véus, nem ordens de nenhum tipo. Por isso Lilith é tão perigosa, ela quebra a vergonha e mostra o que ela quer e deseja ser nesse momento. Nos deixa ter a capacidade de decisão e controle de nossos processos e mundos reprodutivos e criativos.

Apesar da Eva ser uma insubordinada nos primeiros tempos bíblicos patriarcais. A semente da insubordinação e opressão está bem ali, em nós mulheres! Não esqueçam, Maria é somente uma camuflagem do que nós somos no fundo do céu- luz e vida, que é a lua escorrida lá embaixo, onde os êxtases de Lilith nos convidam a dançar, tocar, cheirar, sentir, provar, viver e nos alimentar de nossos orgasmos.

Lilith nos deu como alimento os êxtases dos multiorgasmos. Ela, como nós, somos porosas, pois habitamos o mundo através do corpo. Minguamos. Sangramos boa parte de nossas vidas. Nosso clitóris nos acompanha sempre e é o único órgão sexual cuja função é unicamente dar e sentir prazer. É através dos nossos corpos que a criatividade se libera!

O corpo é tudo, além de nossa vagina e sistema reprodutivo feminino, é o estágio da criança que brinca, o estágio da garota (donzela). Lugar do sagrado feminino, o estágio da mulher amadurecida nas artes sexuais (práticas amatórias). Lugar da força criadora. Lugar da resistência pélvica. Lugar da menstruação. Lugar da lua nos mudando e nos transformando. Lugar desse útero onde as sementes se gestam. Lugar onde a vida pode acontecer. Lugar onde a menopausa amadurece as velhas sábias. Lugar de fluidos. Lugar de prazeres. Lugar do clitóris e seus múltiplos orgasmos. Lugar onde a graça do quadril fortalece a pélvis e protege a nossa matriz. Lugar onde poderemos sincronizar-nos com as outras fêmeas da casa. Lugar onde as águas se desaguam, onde as dores da alma se guardam, onde a dor pode ser compartilhada. O corpo também é a possibilidade de começar de

novo, recomeçar sempre, e renascer todas as vezes que se precise para nos transformar no que se quer!

[...]para mulher a vida se desdobra em torno a esse ciclo de vida profundamente corporal. Por isso sua sensibilidade. Por tanto, seu corpo grita e dói quando se sente inconformada por alguma coisa, e também pode chegar a desdobrar-se de prazeres quando atinge seus interditos morais e sexuais. (CABRAL, 2013, p.267)

Por isso, fotografar-me nua. Despir-me. Umedecer-me. Performar minhas voluptuosidades. Esse ver-me, pensar-me em corpo presente, ausente, sexual, familiar, estranho, miúdo, grande, belo, diverso, etc. E alimentar-me e trabalhar nesse ser múltiplo, diverso e feminino que todas nós, a nosso jeito somos!

A importância de caminhar pelos arquétipos transgredidos, a origem criadora de nossos impulsos criadores censurados de nossas pulsões: deixar falar em seu caos orgástico o poder da imaginação do sujeito feminino não submisso e se muito beligerante, porque está, é por saber que precisa estar em conflito com o repertório visual sexual do patriarcado, e manifestar-se em outro caminho corporal, para ressignificar ideias, formas e imagens dos corpos femininos na prática artística. Desconstruir seu imaginário fálico, e dialogar imaginativamente com as outras fêmeas que estão fora e dentro de mim.



82-Acervo pessoal  
Extasis de Lilit  
Caracas, 2017



83-Acervo pessoal  
Extasis de Lilit  
Caracas, 2017



84-Acervo pessoal  
Extasis de Lilitz  
Caracas, 2017



85-Acervo pessoal  
Extas de Lilit  
Caracas, 2017



86-Acervo pessoal  
Extasis de Liliith  
Caracas, 2017



87-Acervo pessoal  
Extasis de Lijith  
Caracas, 2017



88-Acervo pessoal  
Extasis de Liith  
Caracas, 2017

### 5.3 A casa da ponte do céu

À medida que o tempo passava, outras casas eu iria conhecer. A viagem viravolta mar rio, dentro dessas casas novas e totalmente alheias a mim, lares que falavam mais dos outros que de mim, que são as casas daqui de Belém do Pará. Como intuíram, tudo começou em julho de 2017, na Perimetral 1630, onde muitas coisas aconteceram. Morava no terceiro andar, isto é, na casa três, que, como falam, é a casa da ponte, que significa comunicação com as/os amigas/os, vizinhança e as viagens curtas. Certamente ali aprendi um novo idioma, porque tive que assumir-me criança e aprender a me comunicar de novo e experimentar o suor da comunicação paraense! -Risos- Partilhar vida com minhas vizinhas venezuelanas.

Nessa casa também nadei ao subterrâneo de minhas dores mais profundas. Foi ali onde comecei a escrever as crônicas, foi onde briguei com um ex-namorado, onde fui traída por amizades. Onde acolhi como melhor amiga a uma planta amarela, que reguei com minhas lágrimas. Aprendi a me comunicar com as partes doces de mim, apliquei a comunicação da ternura, que me trouxe boas amizades paraenses. Onde às vezes choramos e outras muitas rimos! Nessa casa pequenina recebi a minha mamãe (a Marisela), que me vinha a visitar a Belém do Pará aproveitando suas férias. Ali a gente construiu novos laços mãe e filha. As duas nos abraçamos muito. Ela viu-me rir muito! Na casa três, lhe contei tudo o que me havia acontecido e quanto eu havia chorado, me desafoguei. Nessa casa descobri, o caminhar da vida mesma é uma viagem em presente contínuo que se apresenta cheia de florestas, assim como os mangues amazônicos, transbordante de água salobre, diversa, plural e com certeza viva! cheia de vida! vida colorida! A vida que eu sou, feliz, amorosa, múltipla e cheia de cores! k, k, k...

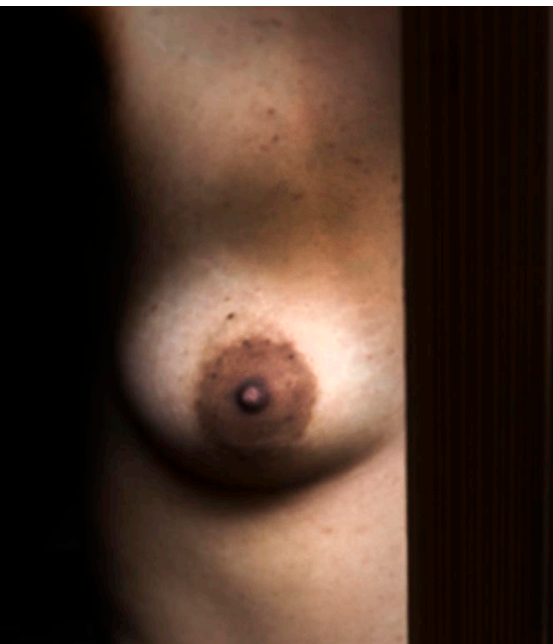


89-Acervo pessoal  
Perimetral, 1630  
Belém, 2017

336



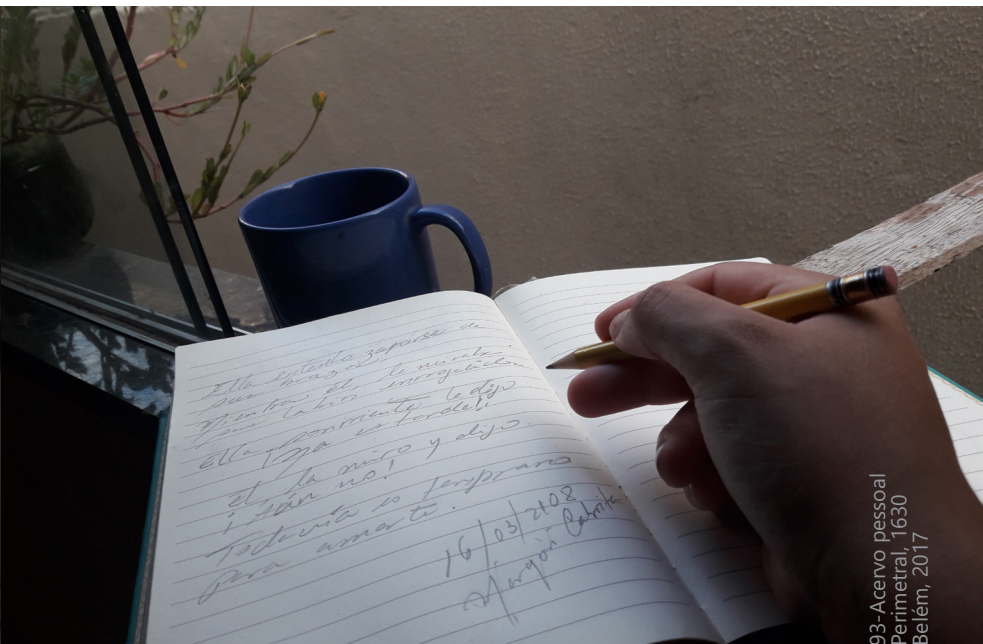
90-Acervo Jussé  
Perimetral 162  
Ba. Lem, 2018



017 - cervo\_pessoal  
Perimetral, 1630  
Belém, 2018



92-Acervo pessoal  
Perimetral, 1630  
Belém, 2017



93-Acervo pessoal  
Perimetral, 1630  
Belém, 2017

### 5.3- A casa dos pássaros e o silêncio em mim.

Em julho de 2018, um pouco antes de mamãe ir embora de Belém do Pará, mais fortalecida com os cuidados dela, dou um passo mais à frente na minhas escolhas de vida, decido me mudar e morar com o Danilo e sua namorada a Elizabete, um casal lindo, amoroso e cheio de risadas, lá no Val de Cães, Residência Marex, na rua Fortaleza, nº 155, onde se me apresentou a casa da solitude. Lá, o caminho de estar afastada do mundo foi minha melhor escolha, me ajudou a escrever junto aos pássaros que me visitavam nas tardes. A tranquilidade dessa casa airosa, seu silêncio transbordante me ajudou a meditar e escrever parte dos relatos sobre minha mãe e, além disso, viajar em setembro para apresentar minha prova de Proficiência de Língua Portuguesa, em Manaus, onde morei na casa de um amigo, e vi o muito que eu havia aprendido e me desenvolvido na minha pesquisa e na vida mesma ao falar e escrever português mais fluentemente, tanto na rua, como em laudas. O corpo agora falava mais do que nunca! Risos. Fechei minha apresentação de qualificação da primeira etapa desta travessia acadêmica de Mar Rio ali. Ali entendi também que minha melhor amiga era eu mesma, me reencontrar, me fortalecer, abraçar-me em solitude! Égua! Foi uma tarefa difícil, uma prática amatória forte, mas não impossível, né! Olha aqui tô! Presente e pensante k, k, k...





94-Acervo pessoal  
Fortaleza, 155  
Belém, 2017



95-Acervo pessoal  
Fortaleza, 155  
Belém, 2017



96-Acervo por  
Fortal, 155  
Belém, 2017



97-Acervo pessoal  
Fortaleza, 155  
Belém, 2018



98-Acervo pessoal  
Fortaleza, 155  
Belém, 2018



99-Acervo pessoal  
Fortaleza, 155  
Belém, 2018



100-Acervo pessoal  
Fortaleza, 155  
Belém, 2018



101-Acervo pessoal  
Manaus, 2018



102 - Azevo, pessoal  
Manaus, 2018

CASA  
Nº 13



105 - Acervo pessoal  
Manaus, 2018

## 5.5- Ir e vir às casas das águas guias.

Em março de 2019, me mudei para a Cidade Velha, 431. Sem ainda estar consciente das casas que eu havia percorrido, cheguei à casa de uma canceriana, cujo mapa astral é só água, minha amiga irmã a Paula Silva, seu lar é o número quatro. Sim! É a casa de câncer, ou seja, tudo nela é água. Dias depois de eu me mudar, apareceu a carta dez de trevo bem nos meus pés – era para me avisar que o caminho já estava pronto e eu já havia coletado o amor próprio, e tinha tudo para orvalhar as flores nesta escrita. Conhecer a Paula foi encontrar a chave para eu nadar até o fundo do céu, onde as águas da mãe e a filha se interligam, onde eu me debati entre ser ou não mãe, onde nadei nas minhas poéticas das águas, onde minha memória líquida se tornou cachoeira de Mar Rio e bebi, nadei, tomei banho de cheiro nas águas salobres. Onde decidi ser Roca. Fogo. Terra. Rio. Mar. Poesia. Cio. Semente. Mãe. Felina. Noturna. Má. Boa. Luar. Mudança. Amor... Riso!

Na Cidade Velha, os laços, os cuidados e as orientações de minha professora Claudia Leão se fortaleceram, pois ela mora a um quarteirão daqui. Minha professora é virginiana, e sua casa é a número 294, em numerologia, somando  $2+9+4: 15 = 1+5= 6$ . O número 6 representa a harmonia e a organização do lar e da família, no entanto a casa dela é mais do que isso, e além disso na astrologia seu signo denota a casa seis, que está destinada ao trabalho e ao cuidado. Todo mundo que conhece o lar da Claudia e do Pablo se encontra com a grande casa ateliê; ali as/os orientadas/os ficamos o tempo todo! É nossa von

tade! Somos acolhidas/os e abrigadas/os, e depois de trabalhar muito, tomamos um tempo para comer, deitar, ouvir músicas, tomar cervejinhas e rir muito! Risos!

A Claudia me deixou ficar em sua casa nos finais de semana para eu concluir a Amatória. Ali escrevi, construí parte deste devaneio de sentires e pensares. Seus cuidados, guias, livros e comidas me deram a tranquilidade e harmonia do lar, nos momentos de muita tensão e mudanças no meu corpo, pois havia recém interrompido minha gravidez. Ela me acolheu e me deu a força e a guia para seguir em frente, ali minhas mínguas sanaram e floresceram outras sementes, as flores que moravam e nadavam no inconsciente criativo da Amatória, que transbordaram em caminho palavras.

Por isso este livrinho recolhe um pouco o andar nadar nessa travessia feita nas várias casas lares, onde a criatividade foi acolhida, sonhada, chorada, rida, amada, odiada, engravidada, abortada, reescrita, vivida, minguada, semeada, esquecida...

As viagens desse flutuar no céu. Ser imagem ar. Em movimento. Ser folha nadando no ar e em cima da água. Ser a viageira. Ser efêmera. Ser passageira! A filha da lemanjá sempre escorrendo-se pelos cantos! Axé!





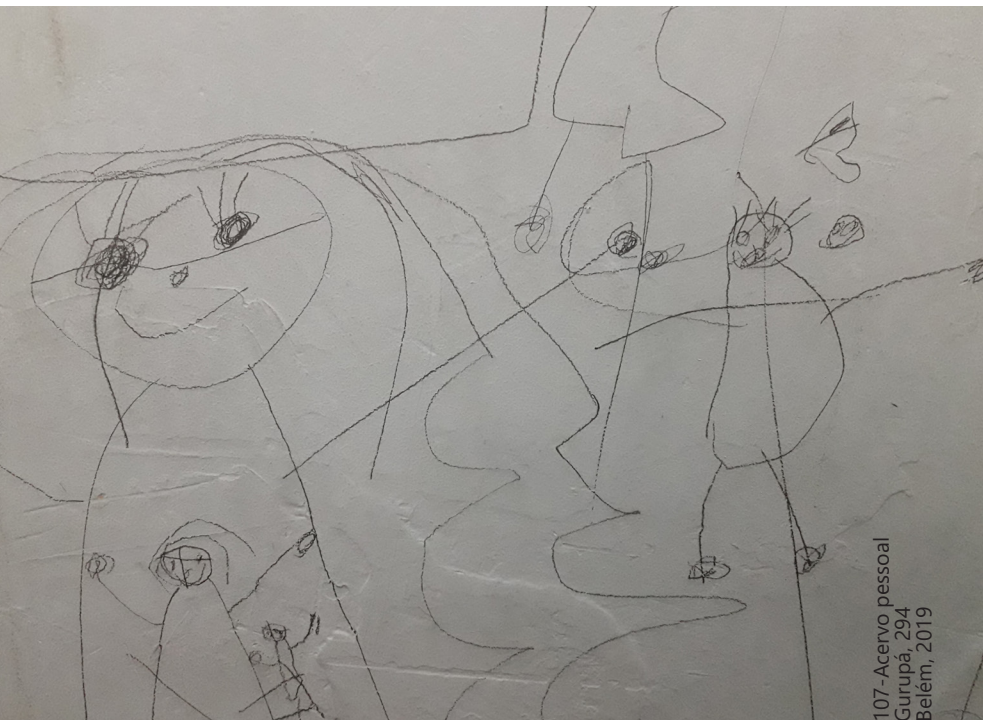
104-Acervo pessoal  
Gurupá, 431  
Belém, 2019



105-Acervo pessoal  
Gurupá,  
Belém, 2019



106-Acervo pessoal  
Gurupá, 431  
Belém, 2019



107 - Acervo pessoal  
Gurupá, 294  
Belém, 2019



108-Acervo pessoal  
Gurupá, 431  
Belém, 2019



109-Acervo pessoal  
Gurupá, 294  
Belém, 2019



110-Açéivo-pessoa  
Gurupá, 294  
Belém, 2019



111-Acervo pessoal  
Gurupá, 431  
Belém, 2019



112-Acervo pessoal  
Gurupá, 294  
Belém, 2019



113-Acervo pessoal  
Gurupá, 294  
Belém, 2019



114-Acervo pessoal  
Gurupá, 294  
Belém, 2019

# 6 R

rs, rs, rs...  
ir rir rindo  
K, k, k...  
As duas  
-Tu e eu-  
Mãe  
Voltamos  
gota a gota  
até as lágrimas virar passarinhos,  
Passarinhos  
saindo lá, daqueles cantos  
a céu aberto  
e nós fomos do riso ao mar  
duas vezes  
três  
quatro  
muitas mais...  
Sejamos barrigas gargalhadas  
Transbordando felicidade  
Eu te vejo mãe  
voar risada  
nuas  
de lado a lado  
Livres  
sem pesos  
Nós somos braços que abraçam  
Sempre amadas.  
As duas  
Tu e eu  
Mãe  
Vivas e muito por vir rindo!

## 6.1-Relatos e fotos de mamãe

As imagens e as experiências contadas neste livrinho nasceram da escuta sensível entre nós duas -minha mãe e eu- que abrimos as memórias de nossas intersubjetividades, as quais estavam imersas no lar, em nossas histórias mais próximas, com o intuito de fazer uma travessia necessária, submergir-nos nas águas salobras, e nos sanar do "self-básico da psique que é ferido desde cedo" (ESTÉS, 2014, p. 200). Seguindo ademais a ideia lacaniana, conscientizei de meu devir histórico-cultural-familiar no estágio do espelho de minha mãe, em que ali, a partir desse rosto, e nesse corpo, refletiu a sua história. É o imaginário de minha mãe interior, como cópia latente da mãe e da avó verdadeira, com os mesmos valores e ideias sobre o mundo, ali, onde minha infância foi construída como sujeito e objeto sexual do patriarcado, e de onde preciso refletir e olhar-me na desconstrução das nossos femininos magoados.

[...] Ir ao encontro da subjetividade, epistemologicamente sugere outro jeito de abordar-se (o superar-se?) da dicotomia antiga sujeito-objeto; é entanto, a reconstrução do devir no tempo e na memória das verdadeiras protagonistas, nas especificidades dos processos, nos entreveros da experiência de vida de Si e do Outro, em seus modos de relação, dos aconteceres da sua própria realidade, e ademais onde uma encontra-se espelhada e até surpresa ao que está na frente de nós ao se reconhecer que existe a vida que se escuta em outras histórias... (CABRAL, 2013, p. 497)

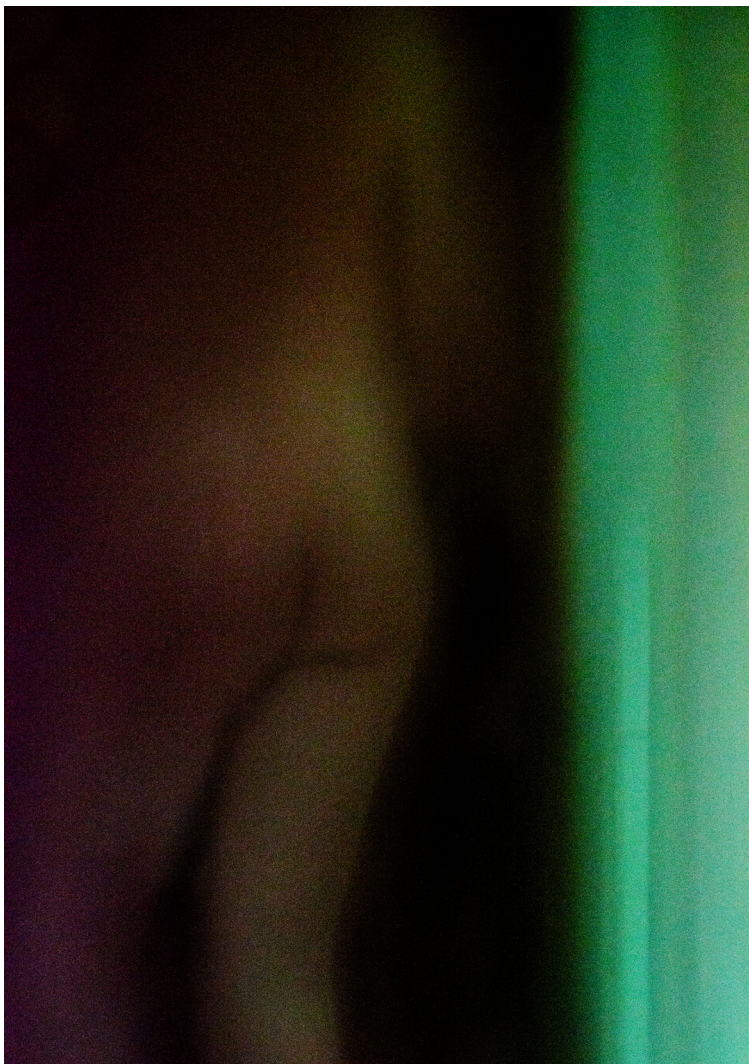
Neste respeito, as lembranças líquidas - Flutuantes. Livres. Airosas. Agrídoces. Risadas Mar. Picantes. Sexuais - me levaram a progredir no doméstico e nas

imagens de minha mãe, os traços, fragmentos da minhas experiências e subjetividades como filha, mulher e fotógrafa. São devires de meus tempos vivenciados em meu primeiro lar. O leite materno que me alimentou. O lar da filha que viu escorrer lágrimas de sua mãe. A memória líquida de nossos corpos e irmandade mudando juntas. A feminilidade da infância. O lar do self da minha mãe boa e minha mãe má. O lar de uma maternidade não planejada. O lar da mãe jovem suando a gota gorda pra levar comida a casa! Da maternidade que se reconcilia com a filha. O lar onde choramos juntas e separadas. O lar amado e odiado. O primeiro lar útero-filial. O primeiro corpo-lar abraçado. A primeira vez que entendi: minha mãe era mais do que isso, atrás dela, além dela, abaixo dela, acima dela, havia uma mulher de carne e osso. Ela foi criança, adolescente, mãe, filha, estudante, trabalhadora sexual, e logo a advogada, a pássaro, a felina, e principalmente a mulher, a humana, a Deusa que me permitiu descobrir, fotografar, para rir-nos juntas das mulheres apaixonadas pela vida que ainda somos.

### 6-1.2 As mães múltiplas

Em Belém do Pará a chuva é costume, como o leite derramando-se nas roças e o açaí! Sua umidade cheirosa me leva até a saudade do colo materno. Saudade da criança, aquela que brincava na chuva, toda molhada, no quintal da avó Ida, há muito tempo, lá nas terras andinas venezuelanas; onde nasce o imaginário feminino-familiar e nosso elo umbilical: vó, mãe, eu.

Enquanto escrevo, penso nelas, em especial na mi



116-Acervo pessoal  
A Marisela  
Caracas, 2014

nha mãe; sua mensagem que chegou ao celular ontem. Quis saber se tudo estava bem comigo, se estou me alimentando nas horas certas, se as coisas no mestrado estão fluindo, se eu necessito saber alguma coisa dela e da nossa família.

Ela sempre pensa em mim, em meu bem-estar. Talvez seja o que acontece com a maioria das mães, não é? Eu só procuro entendê-la, no gesto de maior aproximação, pois a vida não tem sido fácil para nós.

Agora sei o que é a saudade quando estamos longe das pessoas que amamos. Vem as lembranças do que fomos, do que agora somos, a arte de viver no reencontro, a arte de nunca esquecer que somos mulheres presentes, lutadoras e Deusas.

E assim também aparecem as imagens que quis esquecer – ocultas na psique, no corpo dos tempos vividos com ela, do lar que costuramos há muito tempo, no vaivém das lutas pela sobrevivência, nos rastros de um inesquecível mundo patriarcal que nos odeia.

Está claro que sou sua única filha, sua única família - já que minha avó riscou o céu! No entanto ela, na sua ausência, a tem presente no cotidiano, como uma imagem inesquecível de amor. Minha mãe nos tem como seus grandes amores. Penso nesse amor, no amor da mãe incondicional, há séculos ensinado e vivenciado em brincadeiras de casinha e bonecas. A cultura de supremacia branca patriarcal dominante é letal. No seu modo mais simples desgasta a energia de nossa ecologia vital, de nosso imaginário feminino-familiar, quando nos faz crer e viver imaginando-nos mães em tenra idade, quando nos faz pensar

somente desse jeito, somente para casar, para re-produzir. Onde está uma outra criação para nossas vidas? Minha mãe, vivendo nesse amor incondicional, tem o temor de me perder, ficar sozinha o resto da vida sem mim, sua única razão de vida. Ela sempre me diz: - Quando for mãe, aí você vai ver a ligação de uma mãe com sua filha-

Será isso o que acontece mesmo, é?

### **6.1.3- A escolha de ser mãe ou não!**

Às vezes acreditamos saber muito da vida, das nossas vidas. E resulta que nós estamos enganadas! Hoje enquanto continuo esta viagem de recordações, re-escritura de lembranças, as imagens passadas vêm a mim, e corporizam a minha mãe da infância, e esta Maryori ainda inconclusa, em aprendizagem, formando-se ainda, e às vezes esquecendo-se de si. Me pergunto sobre essa sentença de ser mãe.

Minha escolha de vida por ainda não ter filhx provém de minha infância. Da infância que vivenciei do lado das melancolias da minha mãe. Das quedas profundas de seu corpo. O corpo daquela mulher adolescente que lhe tocou voar sem descanso nas profundezas de tormentas escuras, para algum dia encontrar-se nos dias claros. Essa mulher, lhe tocou aproveitar o que seu corpo e beleza lhe deu e sobreviver num mundo desenhado no pau-centrismos dos homens andinos, caraquenhos e venezuelanos.

Desde minha infância jamais desejei ter filhx algum. Jamais quis isso na minha vida. Esse instinto maternal abundante na minha família, nunca o almejei. Pade-ci as agruras de uma infância marcada pela violência

psicológica que produz as águas escuras de uma maternidade accidental, não desejada. Assumida porque não tinha como voltar atrás! Morei com uma mãe que às vezes parecia uma completa estranha, seca e pouco carinhosa. Mas essa mãe que muitas vezes odiei, era a mulher que, no entanto, admirava mais que todos! Por ser uma mulher que transpirava uma feminilidade corajosa e forte. Felina!

Sabemos há tempos a celebre frase de Simone de Beauvoir: ninguém nasce mulher, torna-se mulher. A sociedade a torna, com a finalidade de ser mãe e re-produzir seu sistema branco, sexual, sexista, heteronormativo e de exploração sexual. Portanto, a maternidade sempre foi um mecanismo de controle social, político, familiar, legal, sexual, regulador e explorador do sistema reprodutivo feminino, para submeter nossos corpos e sexualidades femininas a satisfazer a vontade masculina e as paternidades familiares não responsáveis, pois os homens são os menos afetados, e os mais beneficiados, enquanto não carregam os filhos e não são vistos como máquinas reprodutivas e cuidadoras de filhos. Esse fato da construção social da maternidade está muito bem explicado e agenciado até hoje pelas mais diferentes e mais diversas feministas do mundo inteiro.

#### **6.1.4 O como a Marisela se tornou minha mãe?**

Em 1982, num povo quentinho que ficava no interior do estado Trujillo, a pequena semente que iria ser uma flor criança caiu por acaso no útero de uma adolescente trujillana. A Marisela só tinha 16 anos de idade. Ele, o Carlos, tinha 10 anos a mais do que ela. Ela, pequena, magra, cabelo cumprido, olhos verde

água marina. Ele, o homem de muitas luas aquecidas, caminhava procurando namorar virgens pelos povos. Ela, garota inocente de Carvajal, povo onde morava, conhecia uma vida sem muitos sobressaltos, seu mundo era seu lar e seu pequeno e muito quentinho povo. Ele havia tido sexo como qualquer macho venezuelano, à tenra idade. Ela nem sabia o que era praticá-lo! Deus livre as moças que percam seu prezado tesouro, lá embaixo! Ele sabia muito bem as artes de esquentar os ouvidos das garotas bem portadas e a fina arte de seduzi-las. Ela, toda tola, se deixou seduzir pelo conto do amor que dá dádivas ao príncipe azul. Ele a tomou como galo pisando galinha. E sumiu do melhor jeito que eles conhecem, você está maluca, essa filha não é minha, é de qualquer um! Ela ao tempo viu-se tão cheia como a lua. Lhe tocou sumir de seu lar materno, ficar sozinha com sua criança nos braços. Assim foi como ela aprendeu a arte do amor machista, a se tornar mulher, mãe-solteira, vadia e puta por ser mãe jovem e solteira. Ela era a mulher que vi se tornar minha mãe!

[...] Quando nossa vida sexual começa, ela costuma vir cedo demais, e nasce, muito comumente, de um afeto unilateral: nós amamos aqueles homens, que não nos amam (Livia Natália,2016)

Talvez, nunca quis acolher a maternidade por causa de sua história. Ser mãe jamais passou pela minha cabeça. Jamais, nem mesmo namorando! Achei que ser mãe era ficar numa gaiola, um mecanismo social para ferrar a vida das adolescentes ou das mulheres. Sei lá! Minha mãe era a prova viva disso. Eu era sua gaiola, enquanto ela uma jovem que no fundo que

ria ser pássaro e não ter responsabilidade alguma. Eu não queria essa gaiola na minha vida. Talvez, se alguém ler isto, dirá, "você ainda não se apaixonou". Ou que o relógio biológico falará algum dia. Pode ser! Eu não nego a possibilidade de algum dia desejar engravidar, desejar com a alma, com o espírito, com o corpo! Que meus sentimentos e sentidos possam almejar uma filha/o.

Para mim, querer engravidar é querer cuidar em todos os aspectos: econômicos, emocionais, espirituais... acolher conscientemente a essa nova vida, para que ela floresça em/com amor bom, o melhor amor possível que eu possa dar a essa/e sujeita/o que chegará a esta terra, para sentir-se segura(o), cuidada(o), amada(o).

Eu abortei quando tinha 25 anos de idade, e estava pronta a licenciar-me em Artes Visuais, no Instituto Universitário de Estudos Superiores em Artes Plásticas Armando Reverón, atualmente Universidade Nacional Experimental das Artes, lá na Caracas-Venezuela. Engravidei de um rapaz estudante das Artes, da área de Pintura. A gente não se amava. A gente só curtia. Ficava. Transava. Tinha desejos sexuais um pelo outro. Gostávamos disso, do sexo, não do amor, do amor de casal, a gente estava muito longe de nós dois. Quando soubemos que estávamos grávidos a vida nos torceu. Nossos cuidados anticoncepcionais não valeram porra alguma! A realidade nos batia na cara! POSITIVO no teste de sangue. Queríamos desaparecer aquele dia. A gente não estava pronto pra ser nem mãe, nem pai! Os dois vínhamos de famílias disfuncionais, de mães disfuncionais. Eu sinceramen-

te não tinha a fortaleza, a disposição, com a idade que tinha, 25 anos, de ser mãe alguma.

É preciso querer, querer de verdade, dar esse passo tão decisivo na vida. Além das dúvidas que sempre haverá, é uma escolha de vida, tanto para a mãe, como para essa pequena semente que ainda não tem humanidade alguma, nenhuma forma humana.

Eu fiz uma escolha, decidi sem julgamento, nem pressões de meu parceiro sexual, de fazer a interrupção voluntária da gravidez, com todos os riscos que isso poderia trazer numa sociedade venezuelana onde o aborto é ilegal e penalizado como delito. A gente poderia ir pra a cadeia pelo simples fato de escolher o que era o melhor para a minha vida reprodutiva como mulher naquele momento, que não é somente engravidar.

Nós temos direito de escolher uma vida mais digna e não violenta, por um ventre livre de exploração e opressão! E não parar nossa luta por nossos direitos sexuais e reprodutivos >>> tomando o grito de luta de nossas irmãs no mundo inteiro e espalhamos como bandeira "Aborto legal, seguro y gratuito para no morir! A gente não está encontra da maternidade, senão a favor de uma vida mais digna, entendendo as diversas realidades e as violências que nos atravessam" #AbortoLegalYa

Escolher também é um grande ato de amor próprio, não é egoísta, não! Pensar na vida que se quer acolher.

Escolher nos leva a ser conscientes de que a vida não

é simplesmente viver, é saber viver. Saber que as relações afetivas, sociais e econômicas nos atravessam. Eu nem emprego tinha para sustentar uma criança, que necessita de grana para alimentação, roupas, consultas com o pediatra... além de amor.

Para amar como mãe se tem que ser muito consciente das implicações psicológicas, econômicas, e socio-afetivas que é cuidar de outra/o o tempo todo. Uma criança requer tempo. Um tempo que eu não desejava dar. Por isso escolher é uma prática Amatória, porque se entende a dimensão humana-social, econômica, cultural, emocional, amorosa, afetiva, familiar que se tem nesse momento.

Enquanto escrevia, logo me vi tomando novamente uma escolha sobre meu corpo, minha prática sexo-afetiva, minha produção sexual e amorosa como mulher. Me confirmo ainda mais cheia de incertezas com a vida mesma, conhecendo as minguas de meus ciclos menstruais, ainda levando em conta de meus dias férteis, pois não uso pílulas anticoncepcionais, senão o método da tabelinha, que até então me havia funcionado perfeitamente. Me enganou. A gente ficou na noite de lua cheia de abril. A gente se cuidou. A gente até tomou as pílulas de emergência. Pois surgiu uma dúvida. E certamente nossos cuidados não deram certo. Fomos férteis demais! Ficamos grávidos. Por enquanto!

E agora essa imagem materna da minha mãe. Ser mãe? Novamente tocava as portas de meu útero! E eu estou muito longe de querer deixar esse bater de portas ficar.

Retomei minha postura de seguir em frente, e abor-

tar de novo! Não falei para ele que já havia feito uma interrupção voluntária de gravidez, 11 anos atrás. Tinha medo, medo talvez de ser julgada por isso! Dele duvidar de me ajudar. Sou estrangeira e sem minha família por perto. Escolhi calar. Me fiz passar por desconhecida do processo. Realmente meu primeiro aborto foi numa clínica. Aqui, tinha que passar por um aborto de métodos caseiros, através da ingestão vaginal e oral das pílulas Misoprostol. Os riscos eram maiores, pois as condições eram ainda mais clandestinas e com um estado de vulnerabilidade maior. Sem seguro médico. Só tinha por perto a minha amiga Paula, e falei para ela de minha escolha. Chorei. Me desfoguei. Ela me apoiou em todos os momentos! Mas não falei para ela de meu histórico médico. Por medo talvez de ser julgada! Sei lá! Aqui confesso o que não falei!

Tenho 36 anos de idade e não tenho vontade de ser mãe. Nenhum instinto materno me aflorou. Não quis cultivar a semente! Fiz o que era preciso fazer. E pra dizer a verdade, ambas as decisões são difíceis. Ser mãe é uma escolha, e não ser mãe também é! As duas escolhas implicam um compromisso grande com a vida mesma! As duas são um caminho de vida. Nenhuma é fácil. As duas deixam marcas emborráveis. As duas podem não dar certo! As duas vivem dentro de meu mar! E uma delas poderia me matar!

A Deusa-mãe, minha deusa-mãe lemanjá, com quem falei inúmeras vezes sobre isto, sabe o que poderia habitar em mim. O amor de agora é de outro ritmo, de outra natureza. A mãe que eu vejo em mim é aquela que escolhe uma vida criativa em artes, e

esta ainda é para se fazer sozinha.

O moço me acompanhou nesta escolha, entendeu minha postura. A respeitou! Na verdade ele tampouco queria ser pai! A maioria dos homens gostam é só de transar, sem responsabilidades, né! É eles ainda vivem uma vida muito mais fácil que a vida das mulheres, ainda mais na reprodução sexual. O caminho deles nestes assuntos jamais foi tão espinhoso como o de nós, mulheres. Eles podem sumir ou ficam ali, quietinhos! Esperando alguma coisa acontecer. Eu agradeço que ele pelo menos não sumiu e aprontou tudo para dar certo! Agradeço que ele foi responsável neste processo e não um obstáculo nesta escolha. A decisão de nossas vidas! Pois em Brasil, interromper voluntariamente a gravidez é um delito, e estava exposta a ser pega, além disso como estrangeira, posso ser mais vulnerável!

No ano de 2018, vi, acompanhei, acolhi o aborto de uma amiga. Ela não falou para mim que estava grávida, só me ligou desesperada! Pediu-me ajuda para levá-la até um hospital daqui de Belém, pois a dor era insuportável! Quando a gente chegou até lá, os médicos e enfermeiras olharam para ela com ódio. E assim começou o pesadelo, deixaram ela sofrer, sofrer... e sentir a dor em público! Vi o sangue dela escorrendo no chão esperando pela atenção médica. Enquanto passava o tempo e sua dor aumentava, decidiram levá-la a outro hospital. Vi de repente sua barriga explodir, escorrer placenta e o feto, tudo saiu! Ela começou a chorar... a nadar em lágrimas... Gritava >>> meu bebê! meu bebê! Aquele dia choramos juntas com todas nossas forças. Fiquei no hospital

até ela se recuperar. Lhe falei>>> Mana, tu não tens culpa não! Eu também abortei e às vezes pelo bem da vida temos que dar um passo difícil, que é triste sim! Porém, não nos torna uma má mulher, uma pessoa cruel ou uma má mãe. Você está passando por momentos econômicos difíceis e não tem grana para manter outra criança em sua vida. Você nem emprego tem ainda! Tuas filhas e tu estão comendo do que podem. O marido teu sumiu! –Atrás dela há toda uma história e quem é a gente para julgá-la? Cada quem vive sua vida e sabe muito bem o que sofre dentro dela! Não acham, né!?

Continuando com minha experiência. Escolher uma intervenção nessa parte sensível, o útero. A prática de um aborto clandestino significa um alto risco na saúde. Por exemplo, meu sistema reprodutivo feminino, como de qualquer das milhares de mulheres que a nível mundial se expõem em países onde tal prática é crime, é todo um perigo de saúde pública, o risco de morte levita como os pássaros que riscam o céu.

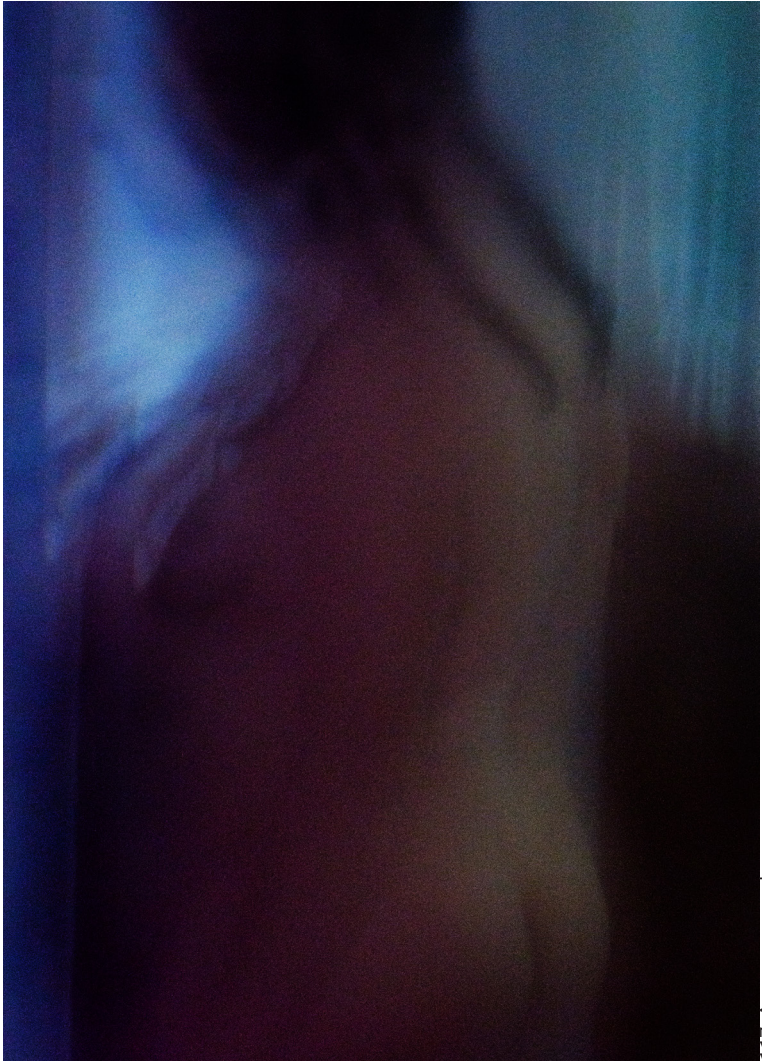
Somente imaginem a vulnerabilidade das mulheres mais pobres, elas abortam em condições mais insalubres, com menos possibilidades de apoio. Sem talvez mãos amigas! A certeza de violência sobre seu corpo poder ser muito maior e funesta.

Talvez chegará o dia em que os perigos que enfrentamos nós, as milhares de mulheres de qualquer idade, ao escolher a interrupção voluntária da gravidez, não serão um risco em nossos panoramas corporais, sociais, culturais, políticos e legais. Em que ser mãe será uma escolha e não uma imposição, obrigação

sociocultural ou uma consequência de um aparato social, capitalista e neoliberal que incide numa educação sexual que promove, há séculos, a exploração e reprodução sexual desde muito cedo das mulheres e adolescentes, para manter é claro os índices de população de mão de obra, a fim de que ela jamais envelheça e esteja pronta e em permanente atualização.

A exploração da reprodução sexual ajuda também para a atualização do tráfico de pessoas, tráfico de crianças, a prostituição, a pornografia machista e a escravidão sexual. Lembrem, a reprodução sexual e seus altos índices de gravidez aumenta o mercado da exploração sexual, e a quem beneficia isso? À pirâmide do sistema econômico patriarcal, capitalista e neoliberal.

As imagens de minha mãe vêm a mim, quando também decidi não ter mais filhas/os. Não ser mãe novamente. Ela também escolheu interromper voluntariamente sua gravidez, duas vezes, ou três, não lembro! A verdade me chega uma. Sei que era muito jovem, talvez tivesse menos idade que eu agora. Eu lembro que minha mamãe estava naquele tempo com o Pedro -um grande amor dela- mas o relacionamento deles era muito instável. Muita briga! Muitos ciúmes! Eles sempre terminaram e voltaram. Foi um dos tantos relacionamentos tóxicos que minha mãe teve. E sei que ela decidiu abortar em casa. Lembro da imagem dela grávida ocultando-se para mim e logo suas dores no banheiro, escorrendo-se! Com o passar dos anos, e bate-papos, ela me falou -filha, tu queres saber o porquê eu abortei aquela vez? Ter um filho/a é mais que os nove meses de gravidez!



117-Acervo pessoal  
A Marrisela  
Caracas, 2014

Isso em verdade não é nada! É o que vem depois, por diante! É quando o trabalho de ser mãe começa. Às vezes tu podes ter um teto e nem por isso ter as condições emocionais para tê-lo. Muitas vezes, a maioria das vezes, os homens não ligam para as necessidades de uma criança. Eles se acostumam a deixar a responsabilidade toda para a mulher, quando o trabalho são para duas pessoas. Criar sozinha uma criança é uma tarefa de vida que nunca acaba e já contigo se faz duro e pesado! –

O último aborto de minha mamãe aconteceu quando ela morava com meu padrasto Enders. Já cada um tinha 43 anos. Elxs tinham uma vida de casal boa. E certamente ser mãe e pai não lhes produz desconforto. Mas os mistérios da vida são incertos. Mamãe teve um aborto espontâneo. E aquela célula não conseguiu crescer. Anos depois, mamãe deixaria de minguar e começaria a etapa da menopausa. E essa etapa de mãe almejando ser avó algum dia!

“Minha mãe  
foi uma péssima mãe  
de criança pequena” (ANGELOU, 2018, p.172)

Nem todas as mulheres sabem ser mães. Se tornam (a maioria das vezes) sozinhas no processo. A maternidade é isso mesmo, cair e se levantar. Mas nem todas conseguem levar uma maternidade bem-sucedida, com as exigências socioculturais que o sistema patriarcal impõe. Historicamente, a diferença da pa-

ternidade é, sem exagerar, a grande ausência nas vidas das crianças.

A educação, a moral das crianças, recaiu nas mães há tempos, como uma grande roca suspensa em seus braços e peitos. Porém, muitas mães farão o que for possível – por exemplo, disciplinar de forma autoritária e violenta! Algumas tiveram que se endurecer, assumir-se “pai e mãe”, signos desse patriarcado em casa.

Parafraseando o discurso sobre o poder de Joice Berth, ao referir-se a Foucault em seu livro “o que é o Empoderamento?”, posso entender a construção social que recaiu nas mães dentro do sistema patriarcal-ocidental, branco, eurocêntrico, cis heteronormativo (incluindo as comunidades tradicionalmente excluídas, marginadas), onde foram disciplinadas historicamente pela educação ocidental, de religião católica, sexista, racista, classista...

[...] verifica uma espécie de microfísica do poder, articulado ao Estado, mas que atravessa a toda a estrutura social... de como os corpos e a educação são controlados por uma imposição normatizadoras...a disciplina fabrica os indivíduos, é uma técnica específica de poder que domina aos indivíduos...Enquanto o sujeito é colocado em relações de produção e de significação, é também desse modo, colocado em relações de poder ( BERTH, 2018, p.14)

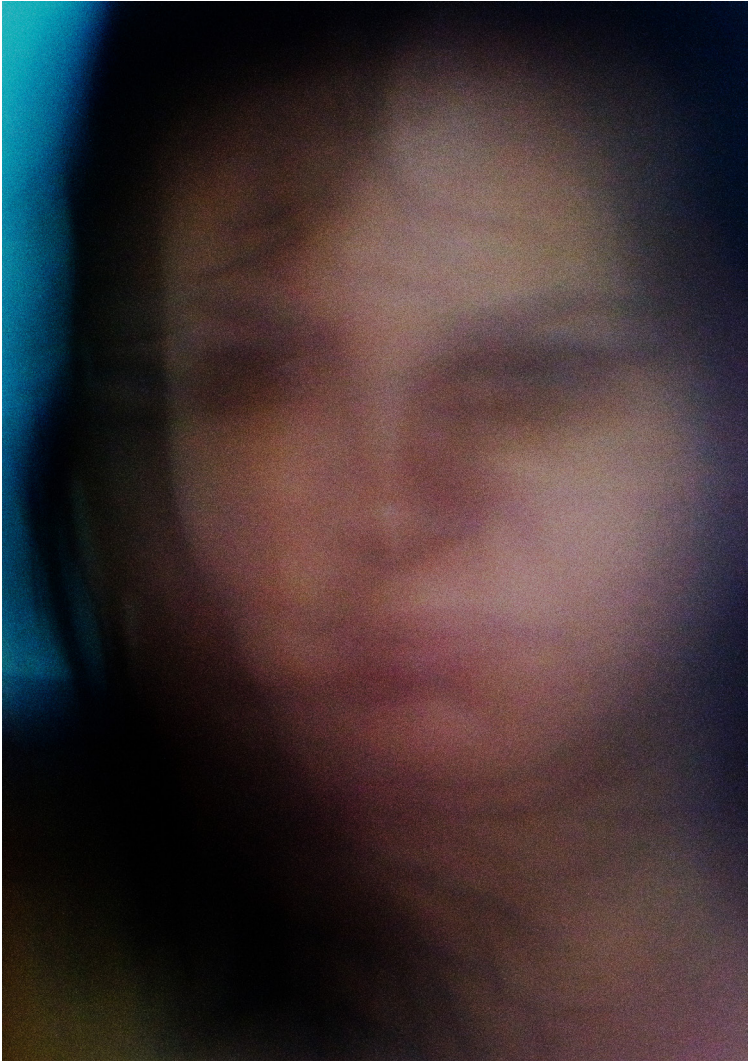
A esse respeito, Bell Hooks, em seu livro “O feminismo é para todo mundo, políticas arrebatadoras”, diz que:

[...] muitas mulheres acreditam que uma pessoa que tem autoridade tem o direito de usar de força para

manter a autoridade. A maioria dos pais e das mães utiliza alguma forma de agressão física ou verbal contra suas crianças. Uma vez que mulheres ainda são as principais responsáveis pelos cuidados das filhas e filhos, os fatos confirmam a realidade de que em um sistema hierárquico de uma cultura de dominação que empodera mulheres (como o relacionamento mãe-criança), é muito comum que usem força coercitiva para manter o domínio. Em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social. Grupos dominantes mantêm poder através da ameaça (aceita ou não) de que castigo abusivo, físico ou psicológico será usado sempre (HOOKS, 2018, p.99)

Ninguém sabe ser mãe. Sabemos por acaso o que elas vivenciam dia a dia?! O que elas trouxeram de suas mães em sua infância (as nossas vós)? Lembrem também quem não teve mãe. Então, a relação da figura materna se torna ainda mais complexa. Ou a pauperização da vida das mulheres e mães na Venezuela, a raiz da crise, onde a feminização da pobreza é uma realidade permanente, latente e atualizada. Essa mesma feminização da pobreza vista em países de América do Sul, América Latina e África. As migrações permanentes, as guerras por recursos minerais em terras fronteiriças, as guerras por terras petrolíferas, como a Palestina. Isso também afeta o bem-estar de crianças e mães e aumenta as possibilidades de práticas violentas na educação das crianças.

As mães em muitos casos terminam sendo, além de culpadas pelo sistema patriarcal, os alvos de tudo o que acontece. Então se reproduzem novas práticas de ódio no seio do lar e no cotidiano das crianças. A violência feminina surge então como dispositivo pe



118-Acervo pessoal  
A Marrisela  
Caracas, 2014

dagógico de repressão sexual, ou exploração sexual e controle da infância. E serão também as mães que em muitos casos permitirão uma sexualidade masculina sem responsabilidades nas relações sexo-afetivas. Entanto as mães seguem ensinando aos filhos um tipo de violência aceitável, onde se autoriza a visão masculina do sistema patriarcal a controlar o comportamento sociocultural da mulher na rua e na casa.

Minha mãe viveu sua vida a sua maneira, e eu sou quem para julgá-la?! Estou para achar-nos em nossas diferenças. Eu a compreendi tempos depois, quando ela se tornou uma melhor mãe na minha vida de adulta. Quando lembrei que ela também foi uma criança rejeitada.

## 6.2 O imaginário útero-filial da criança Marisela

Antes de ela nascer, em 24 de maio de 1965, em Trujillo, terra andina venezuelana, Marisela sentiu o abandono de seu pai (Pablo Emidio), só pelo fato de nascer e de se lembrar da minha avó Ida: mulher magra, de pele argila avermelhada pelo sol, cabelos de seda pretos e compridos, até as nádegas, de cara pequena e olhos azuis celeste que maravilhavam as pessoas.

Minha avó havia decidido não cumprir as obrigações conjugais. Numa época em que as tradições das boas maneiras sustentavam a moral judaico-cristã e ainda a aplicação, por exemplo, do Manual do Carreño, livro publicado no ano 1853, de origem mexicana. O manual percorreu todas as casas latino-americanas e sul-americanas desde o século XIX até

o século XX e estabeleceu-se como instrumento pedagógico de contenção dos corpos e suas pulsões, legitimando a ideologia cristã sobre a importância de se comportar de determinado jeito nos lugares públicos e “privados”, como o lar, a família, a escola, o trabalho. O livro contém lições e conselhos sobre os deveres das mulheres, a obediência ao marido, a família e a dedicação aos filhos, bem como o controle de suas pulsões e desejos.

Então, como castigo pela sua desobediência, o jeito que meu avô Pablo Emídio encontrou para descarregar seu ódio por seu comportamento foi não a ajudar mais na manutenção de seus onze filhos e filhas. Além disso, não reconheceu a filha mais jovem (minha mãe), manchando sua honra diante do olhar punitivo e cultural da sociedade andina-venezuelana da época. Ainda não satisfeito com tais atitudes, fez do lar o tormento cotidiano de minha mãe, ao fazê-la beber sua amarga negligência, lançando-lhe sempre um olhar enregelante, ignorando-a até a sua morte.

Por isso, desde criança, quando olhava nos olhos de minha mãe e de minha avó, uma tristeza profunda me ligava àquelas expressões. Nem percebia que nossos olhares eram parecidos, que representavam a ausência dos pais. Eram todas expressões carregadas de melancolia, como se alguma coisa perdida permanecesse no curso da vida.

### 6.2.1- O amor perdido de mamãe.

Uma noite, depois de jantar, sentadas na sala da casa, perguntei a mamãe por meu avô Pablo Emídio, e ela me falou primeiro do perdão; então, contou-me: - Eu sonhei com ele um dia quando tu ainda estavas no meu útero, ele já havia morrido faz tempo. Naquele sonho ele pediu que eu o perdoasse por tudo, por sua negligência e crueldade, e foi o que fiz: Eu o perdoei naquele portal. Quando acordei, pela primeira vez senti teu avô perto de mim, ou talvez fosse isso o que eu ansiava ter, sei lá. Ele realmente enfim estava me protegendo nesse caminho tão difícil que era estar sozinha, adolescente, mãe solteira e ainda rejeitada por teu pai e vovó Ida, filha! Eu sabia que meu pai tinha sido um homem que cometeu muitos erros na vida, porque foi educado assim, para ser severo no lar. Naquele tempo, entre os anos sessenta até quase os oitenta, na Valera, as mulheres de meu povo deveriam permanecer caladas, fazer as coisas do lar e principalmente aceitar as ordens do pai ou esposo. Mas, filha, que eu podia fazer? Era uma menina, a vida antes era assim, com esses costumes. Ainda com as mulheres já tendo conquistado o direito ao voto em 1946, no interior da Venezuela, a maioria não tinha ensino, não sabia ler, nem escrever! O direito das mulheres e das crianças de terem uma vida livre de violência era algo desconhecido, por um simples fato: a ignorância nos governava diariamente. Por isso, aceitei que assim era meu pai, o produto irreversível dessa sociedade, e o que eu podia fazer por mim, para melhorar minha vida e a vida que agora acolhia meu

útero, era me despir dele, procurar sair da dor que ele me causou para seguir adiante. Assim, naquele sonho deixei, enfim, o peso do passado de meu pai. Estava livre, pelo menos da imagem de ódio dele!

Foi isso o que minha mãe, por exemplo, procurou nos homens? Tentou encontrar a proteção que jamais encontrou em seu pai? Vi como os homens que ela amou só se aproveitaram dessa carência afetivo-amorosa, fazendo-a acreditar que estavam em sua vida para construir a casinha da família tradicional, tão projetada em nossos imaginários andinos. Ao final, foram cruéis, magoando-a com deslealdades, mentiras, violências psíquicas e, às vezes, até físicas.

Essas intimidades – reveladas por minha mãe – representam o imaginário simbólico das experiências primordiais que tem sido a construção da memória da vida de nosso feminino familiar, pois minha avó Ida, contou-me que também foi abandonada por sua mãe e pai, e educada por seu avô, que a tratou com violência por muitos anos, antes de se casar, já desesperada, com Pablo Emídio (meu avô). Erro que só olharia depois, quando com o tempo ele também começou a violentá-la. Minha avó não me contou muitos detalhes sobre essa violência, só me deixou uma coisa clara: aos 15 anos, uma vez, estávamos no quintal:

- Estude muito e seja independente, porque os homens não estão nem aí para nos ajudar, a maioria é ruim, só pensam que as mulheres existem para lhes abrir as pernas e satisfazer seus desejos, sem se importar se querem ou não. Eles simplesmente usam a força e seu poder para nos magoar.

## 6.2.2- A ferida inesquecível

Sei que nem sempre podemos falar direitinho sobre as dores ou ferimentos que levamos escritos no corpo, no sexo, no olhar. Há feridas inesquecíveis. Emborráveis. Gotas de sangue que jamais se esquecem. A confiança quebrada. O medo que bate de frente. Aceitar-se vulnerável. Deixar-se possuir pelo silêncio. Não gritar e gritar só por dentro. Esconder-se de si mesma, como coelho apavorado.

Sei o difícil que é falar, denodar a gargalhada. Respirar sem quebrar-se, ou quebrar-se para falar o que se sente no fundo de nosso mar. Minha mãe tardou muito para se desafogar, para sentar-se a meu lado. Lembro quando me chegou sua história. Foi um momento difícil, não estava preparada para ouvi-la. Minha ferida era muito profunda e sangrava tanto, pois era muito recente, por isso eu somente entendi a minha mãe muito tempo depois. Depois de muitas brigas entre nós. Depois de sacar o veneno de ódio que nos atrapalhou por tanto tempo. Depois de costurar a confiança. Tivemos, porém, que passar por rios lágrimas, e chegar até esse fundo frio do Mar, para torná-lo morno, aquecer nossos corações, secar-nos das grandes tempestades que ela e eu sofremos juntas. Quando nos aproximamos? Não saberia achar o momento exato, esse deixar de ver-nos como mãe e filha, e começar a ver-nos como simplesmente mulheres, encontrando-se uma ao lado da outra; igualmente feridas e sem raivas. Foi só quando ficamos nuas. Não de corpo! Falo das vestimentas morais e sociais que acostumaram nossa pele e feminilidades magoadas a censuras e silêncios, foi isso o que abriu a porta da empatia entre nós.



*Ela, era minha mamãe*

*Marisela só tinha 13 anos quando um ex-namorado de sua irmã, que sempre visitava sua família, a convidou a visitar uma tia dele, que estava doente. Ela aceitou e eles foram pegar o ônibus. Quando desceram na parada, só havia floresta, eles começaram a caminhar, e de repente ele a empurrou e falou-lhe: Cala a boca, porra! Ou te deixo sem roupas, e ficarás nua até chegar a tua casa! Ela, assustada, ficou calada, chateada. Ele, para assegurar seu silêncio, tapou sua boca, rasgou suas calças e penetrou a ela. Ela, era minha mamãe!*



Mamãe e eu reconhecemos o que não tivemos nem cultivamos: sinceridade e uma comunicação mais aberta e sem vergonhas. Não havia nada para julgar! Éramos animais feridos! Talvez se ela não tivesse tido medo de falar do sexo livremente comigo -ela e eu- nós pouparíamos lágrimas e desconfortos. Mas nosso passado é como é! Minha mãe era muito jovem e não tinha muitas ferramentas de vida para combater este mundo de opressões e masculinidades machistas. Cabe repensar-nos neste presente, neste hoje impostergável. Usar a informação agenciada hoje, usar essa sabedoria derramada nos diversos feminismos. Usar essas lágrimas e riso de Lívia Natália (2016) para falar e usar o amor e a raiva a nosso favor:

[...]O amor cura. Precisamos compreender que nossas lágrimas precisam ter lugar, nossas angústias, sejam elas quais forem, precisam ser ouvidas por nós mesmas, calar a dor é sofrer duas vezes. E a nossa alegria? Nosso sorriso, nosso contentamento, a dança que nosso corpo rotundo faz quando andamos, precisamos reconhecer nisso tudo partes do que somos.

Repito, o passado é como é, e talvez nós, mamãe e eu, tivéssemos tecido estratégias para não nos magoar dos tabus sobre relações sexuais. E nós tivéssemos nos defendido desta cultura do Estupro. Uma cultura do estupro muito bem afundada no sistema patriarcal de América do sul e América latina. Mas não foi, há que seguir em frente e repensar-nos neste presente, neste hoje impostergável, abraçar-nos sem inimizade nem rancor.

Só podemos dizer a vocês, leitoras e leitores, não se cale a boca, fale com suas crianças, amigas, fale

sem medo, procurem alguém de confiança e falem, a gente não está sozinha! Abra seu coração, ouvir-nos é preciso, e hoje mais do que nunca devemos desmantelar as práticas cotidianas de ódio, pois estas ajudam a fortalecer aos estupradores a seguir agindo, atuando e se escondendo por trás de máscaras e personagens (pais, irmãos, tios, avôs, primos, amigos). Quero deixar claro que há mulheres que são estupradoras. Devemos ficar de olhos para denunciar qualquer prática que seja para expropriar, explorar, estuprar, violentar a quaisquer pessoas.

Lembrem, o ódio se oculta em nossas sociedades em práticas normalizadas e naturalizadas, práticas de ódio às mulheres e crianças. Estamos alimentando um sistema onde para os estupradorxs somos esse "Outro constituído como simples objeto, sexualizado na intenção erótica de um sujeito, o ato já é alienação do outro" (DUSSEL, 2013, p. 57). Ou, em palavras da antropóloga e a feminista Rita Segato, "o uso e abuso do corpo do outro, sem que este outro participe com intenção ou envolvimento compatível".

### **6.3-Mudança inevitável**

A última vez que falamos com meu padrasto era cedo, pela manhã. Ele, ainda na cama, falou-nos por telefone: - estou me sentindo mal, vou à casa da minha mãe - a senhora América, sua mãe, havia morrido de câncer em 2010, creio. Eu estava em aula e minha mãe trabalhando. Nem lhe passou pela cabeça que a poucas horas iria piorar. Ao meio-dia, do dia 9 de maio de 2017, meu pai morreu no quarto de sua mãe, no Barrio Urbina, em Caracas.



119-Acervo pessoal  
Na tua ausência, papai.  
Caracas, 2014



120-Acervo pessoal  
Na tua ausência, papai.  
Caracas, 2016

Um tio dele nos explicou: - Enders estava conosco, inclusive havia tomado café de manhã com seu pai e, de repente, quando estavam no quarto de sua mãe, caiu no chão! Chamamos a ambulância, eles chegaram logo e o levaram! Mas no caminho já era tarde demais, o coração dele deixou de bater! Os médicos nos confirmaram que ele havia tido um infarto fulminante.

A morte é assim: inesperada, intempestiva, arrasa tudo o que foi planejado, muda a vida toda! Depois de sua morte, a vida de Marisela (minha mãe) mudou ainda mais. Seu companheiro, por quinze anos, deixou de pertencer ao nosso mundo, à nossa família, ao nosso cotidiano.

De todos os ex-namorados ou companheiros de minha mamãe, ele era o segundo pai que eu havia aceitado. Eu o quis muito, de verdade! Ainda sinto sua falta. Vi nele o amor por minha mãe. Por isso escolhi fotografá-lo; acolher sua imagem para não esquecer ou compensar sua ausência nessas fotografias.

Depois do funeral, procurarmos rir, mamãe e eu, das ocorrências de papai. Sempre lembraremos com amor o tempo que vivemos junto a ele, e arquivamos as memórias boas perto de nós! Dali a um mês, eu já iria ao Brasil, estudar mestrado em Artes na Universidade Federal do Pará. Aquele momento era o nosso tempo para rirmos juntas. Penso que, na verdade, foram muitas mudanças para minha mãe em tão pouco tempo. Entretanto, a vida é assim. É inevitável não mudar, ainda que não queiramos, nem percebemos que as mudanças estão sempre em curso. E meus

planos de viagem estavam prontos, ela sabia disso!

Minha mãe me ensinou a lutar desde criança, a fazer da arte minha vida, mas quando a sinto engaiolada a mim, este sentimento me produz profunda tristeza, às vezes. Quero vê-la libertar-se em seu ritmo, ser o elemento ar, viver em sua vontade, com voz própria, sem esperar que eu volte. Ela ainda é tão jovem, tem amor para dar e dar-se, tem a arte de viver e se reconstruir. Voar!

Espero que seu luto seja passageiro. Aprimoro esse sentimento em meu coração. Sempre converso com ela, para que procure o caminho certo, para se encontrar de novo com ela mesma, retornar à mulher que é, felina, como certa vez ouvi alguém dizer sobre ela. Dessa maneira a conheci desde criança: rápida, audaz, valente, dinâmica, perspicaz, aguda, bruxa, intuitiva, inventora, aventureira, ousada. É dessa mulher que fiz múltiplas fotografias, nua em nosso lar.

#### **6.4- Kathy, ela e eu**

A casa foi onde ela costurou seu microcosmo de vida. Seu lar é seu refúgio: onde parece sentir-se livre, sem máscaras, sem personagens. Ela esquecia no lar que havia tido uma outra vida. Um mistério que havia ocultado de mim por muitos anos, e só me foi falado, pelo que me recordo, no ano de 2016.

Esse dia, entre o café da tarde a as conversas, ela decidiu falar-me seu grande segredo, o segredo que revelou essa outra mulher que na minha infância estava escondida. Essa outra mulher, a Kathy.



121 - Acervo pessoal  
A Marrisela e ela  
Caracas, 2014

Quem era a Kathy? Ela havia sido uma grande escolha na sua vida, e o preço para garantir a sobrevivência das duas. E quem era eu para julgá-la? Quem era eu para criar um juízo sobre sua vida? Ela havia se dado de todas as maneiras, incluindo seu corpo, por mim. Eu a olhei, forte e vulnerável, lutando sempre com unhas e dentes, como a felina defendendo a possibilidade de um porvir, e que jamais se conformou em ficar sem estudo, procurou obter o bacharelado e depois entre muitos vaivéns formar-se advogada em 2001.

Sua escolha como Kathy foi o melhor que ela pôde fazer naquele tempo, afinal, era uma adolescente sem ninguém ao lado, numa cidade difícil, Caracas, vivendo e tentando que não fenecêssemos de fome. Decidir prostituir-se, ser a Kathy, foi um jeito que ela viveu amargamente e aguentou por anos. Agora compreendo por que, às vezes, quando criança, encontrava-a no quarto chorando. Desdobrar-se em duas pessoas não foi uma tarefa simples: uma Marisela, a estudante-mãe, e a outra, a Kathy, sua personagem da clandestinidade, a trabalhadora sexual. A mulher que também amei, que mesmo oculta de mim era também minha mãe.

Sei que tal escolha mudou sua perspectiva de vida e os seus relacionamentos amorosos. Ela não me conferiu esse segredo, só o expulsou de si mesma, para acabar com a autocensura que a feria, e com o medo de que fosse punida por mim, o grande amor da sua vida. Naquele dia, entre as migalhas do café da tarde, choramos! Abraçamo-nos muito! Nossos peitos se agitavam de tão forte emoção; beijamos nossas

lágrimas. Não tínhamos nada a perdoar, não precisávamos de redenções, éramos simplesmente seres humanos; só necessitávamos seguir comunicando-nos mais uma com a outra, porque, em nossas vidas, muitas coisas ruins aconteceram! Ainda estamos bem vivas e juntas, amando-nos como mãe e filha, como as mulheres que, nessa humanidade ainda vulnerável, possuem a fortaleza de reagir, mudar e enfrentar o porvir!

### **6.5- Minha mãe é uma Deusa do cheiro**

Minha mamãe, em sua recente visita a Belém do Pará, após um ano de minha estadia na cidade, saiu comigo para caminhar. Em várias situações, na rua, alguns homens falavam de sua beleza, ou outros simplesmente ficavam olhando para ela. Um dia um motorista falou: Nossa, fique aqui em Belém e eu vivo com você! É claro, minha mãe nem entendeu direito o que ele estava lhe falando, e por não compreender o idioma eu era quem traduzia para ela. Ela somente ria, e era lindo vê-la rir!

A risada entre mulheres, que provém de histórias apimentadas e sexuais, é ligada ao prazer saudável, já que nasce de experiências partilhadas e da sabedoria de mulheres para mulheres, o corpo se acorda, assim também as emoções. É isso que o riso faz, ele "... não é unidimensional... é algo que compartilhamos com nosso próprio self bem..." (ESTÉS, 2014, p. 388), sensibiliza o encontro entre mãe e a filha no mesmo nível de empatia, de sororidade, ao reconhecer na outra a horizontalidade da sua sabedoria sexual, e uma vez mais "... o riso reorganiza, põe em ordem, reafirma a

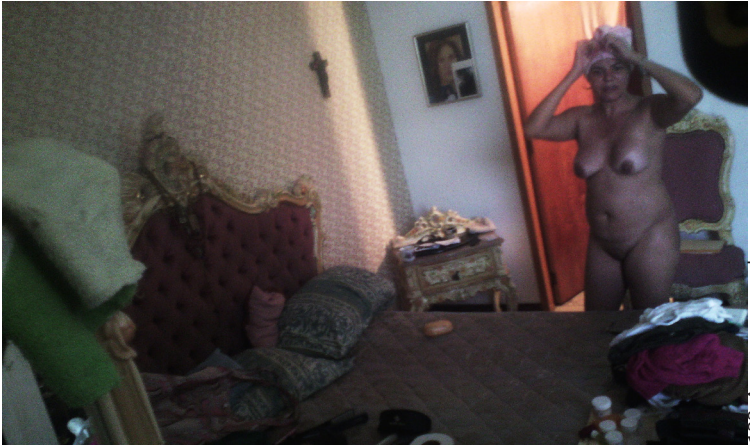
força e o poder, deixa as pessoas alegres com maior consciência do amor, elevadas pelo Eros, quando ele desfaz as tristezas e as isola da raiva..." (ESTÉS, 2014, p. 390).

Agora, falamos abertamente das relações sexuais (coisa que jamais aconteceu com a mãe dela). Isso me permitiu dar um passo possível para honrar nosso corpo, o corpo dela como mulher, de maneira que sempre se deixou fotografar por mim. Sem medo de ser olhada por outros ao estar nua, deixou-me compartilhar sua imagem, e assim rompemos os silêncios e as censuras de uma geração a outra, criando a possibilidade de uma cumplicidade para mudar a vida uterina-familiar-amorosa em nós.

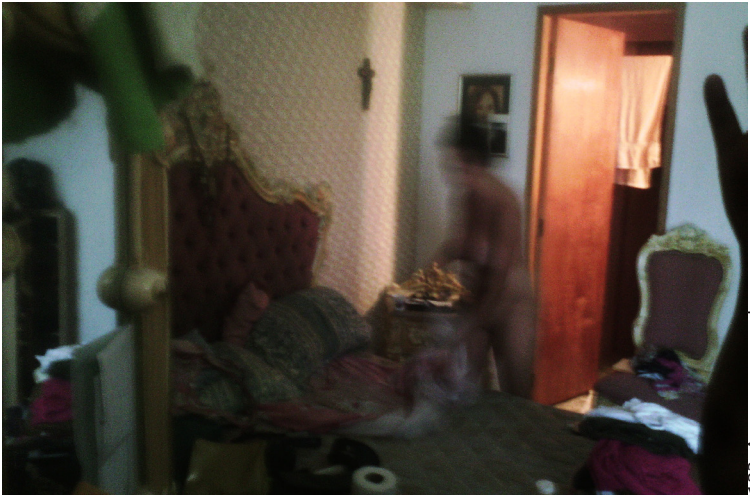
Por isso, até hoje, sempre falo com ela em tom de brincadeira:

- Mamãe, quando você morrer, vou fazer duas filas no velório: uma para nossos familiares e amigos, e outra, que vai estar lotada de todos os homens e namorados teus, que vão chorar-lhe esse dia em teu velório! - O sorriso e picardia dela brilhavam, sentíamos como os pássaros se espalhando pela casa.

Ela tem "... um aspecto da sexualidade feminina que, nos tempos remotos era chamado de obsceno sagrado... com o significado de uma sabedoria sexual..." (ESTÉS, 2014, p. 379). Ela me leva à risada da Deusa Suja, essa gargalhada que acontece em momentos íntimos entre mulheres. Rir muito alto é para as mulheres um meio de libertação e culto de seus apetites sexuais, levando consigo o cuidado da energia sexual selvagem, e, portanto, sagrada, como uma comuni



122-Acervo pessoal  
Mãe e eu  
Caracas, 2016



123-Acervo pessoal  
Mãe e eu  
Caracas, 2016



124-Acervo pessoal  
Mãe e eu  
Caracas, 2016

cação natural orgânica e cósmica entre espírito, alma e corpo. Se liberam as censuras. Minha mãe, eu e todas as mulheres temos esse cheiro da Deusa no riso.

## **6.6- As imagens da minha mamãe**

Direciono meu olhar à Marisela, minha mamãe, a primeira mulher que conheci como feminidade, e assim liberei meus silêncios para compreender nossa história sexual e de amor, pois ainda somos seres inacabados, procurando-nos na construção de imaginários que nascem de mulheres para mulheres, desligando-nos da tradição arquetípica e representativa da ordem sexual masculina.

As imagens selecionadas são partes de muitas fotografias captadas em diferentes anos de convivência com minha mãe, no percurso de uma vida e da comunicação entre nós, em nossos próprios tempos e ritmos. Minha mãe é a imagem sempre em movimento, flutuante, como seu signo, gêmeos; às vezes perto, outras vezes bem distante.

Meu olhar fotográfico permitiu-me “observar a transformação de alguns dos rituais da vida doméstica, desestabilizando assim os limites entre o público e o privado, e a criação de um novo valor social” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 146). Procuo então esse outro valor de resistência que fornece meu papel como produtora simbólica na criação de imagens que nasceram, como falei anteriormente, das experiências de vida de mulheres que interagem na sua “dimensão ontológica existencial” (CABRAL, 2013, p.149), e que dentro de uma rede de relações de poder determina-

ram, até certo ponto, as ações e reações na vida. “O amor é um percurso trabalhoso para quem aceita a travessia. Não é fácil. Passa por relativizar o peso das relações afetivas” (Lívia Natalia, 2016)

Vê-la através da câmara é lembrar a mulher que revitaliza e valoriza seu tempo para cuidar do corpo, tomar banhos de cheiro para ativar a energia; convidando-me a dançar com o cheiro da vida. Por este motivo, tomei esse espaço de feiticeira, invocando as deusas e as santas que moram em nós e nos fazem acreditar na ativação energética e na proteção do amor. Porque o amor salva, o amor cura! “Enquanto treinamos o afeto amoroso por nós mesmas” (Lívia Natalia, 2016)

As fotografias digitais, produzidas com a câmera Nikon D3100 e com o celular, são uma experiência com a luz ambiente e com o instante, sem a preparação prévia de cenas. Os desfoques, o flou e a granulação forte nas imagens são intencionais, na construção de um olhar que foi desafiando os silêncios, sempre no momento em que estávamos nuas, que era o ritual que fazíamos ao chegar à casa, onde nos despojávamos daquilo que estava lá fora.

A prática do nu fotográfico me permitiu construir um olhar sobre seu corpo, sem procurar estéticas ou estilos estabelecidos. Ao atuar na cumplicidade dessa vida considerada “privada”, minha mãe deixou-se fotografar desnuda, e assim poderá “ser, então, consumida de maneira pública” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 146). Estar agora em frente à câmara é estar em forma de imagem construída pelo meu olhar, mas também como corpo para ser olhado como signo artísti

co. Como prática artística, torna-se ação pública, ao ligar-se às relações afetivas e socioculturais de quem olha, e ao mesmo tempo aproximar-me de um olhar, de uma perspectiva entre mulheres. Isto foi a construção de subjetividade amorosas, como política de subjetivação dessa arte onde as sujeitas interagem desde seus horizontes íntimos.

Onde tanto ela como eu precisávamos circular esta experiência, partilhar nossos atos de amor para as outras, posto que se é possível encontrar o auto amor o amor próprio, porque todas nós “precisamos ser amadas... Sair do eixo de rivalidade entre mulheres... precisamos irmanar nossas histórias” (Lívia Natalia, 2016), porque além da dor, temos dentro de nós muito amor para dar, temos a capacidade infinita de tecer afetos. Ser, além de mulheres, seres humanos, dispostas a construir um melhor mundo para nós mesmas e para todes! Porque temos fé na vida e nas pessoas! O amor une, é alegre, se espalha, compartilha o riso, e sempre será nossa melhor resistência de vida! Sejamos ri risada!



125-Acervo pessoal  
Mãe e eu rindo  
Belém, 2018

*Mamãe, eu te amo!*



7

I



*Ir >>>  
Até lá >>>  
Onde elas estão  
Feito mãos conchas  
Minha Ida Garcia  
E logo  
logo  
viajar  
de  
volta  
ao caminho  
da minha Dilia Rubio  
A memória feito carinho  
Feito as vovós das minhas memórias  
de Criança Gulosa  
Rs, rs, rs...*

## **7.1 A memória feito carinho de minhas vovós.**

Vou lhes contar sobre a minha querida Ida Garcia, aqueles olhos riscando céus. Depois. No caminho voltarei a Dilia Rubio, braços de pão macio recém-saído do forno. A Ida é minha vó materna, e está num tumulto há algum tempo, nas terras quentinhas do município de Carvajal. Dilia ainda está viva, e mora no município de Valera, às vezes em sua casa, ao lado de meu tio Antônio, e outras vezes na de papai. Elas nasceram na mesma terra, às vezes quente e às vezes fria, onde, no ano de 1983, Marisela me pariu, aos 17 anos, numa sexta-feira, 25 de fevereiro, meio-dia, no município Valera, estado Trujillo (Venezuela).

Meu útero-andino é o útero-filial de minhas vovós e mamãe, leva o cheiro de uma infância que conheceu traços de uma cultura caseira, de casas abertas onde tudo se partilha. Onde todos sabem da vida de todos! A comida às vezes era feita no fogão e outras vezes na lenha. As ruas trujillanas têm cheiro de pães quentinhos partilhados no quintal e molhados numa xicara de café com leite. O povo de lá é igual de doce que seus doces caseiros se desfazendo na metade da língua. Nas casas podes olhar aos homens-remansos e as mulheres andinas, sempre produtivas no labor do lar e no cuidado dos filhotes brincando na rua. Todas ali contemplam o passar do tempo através da janela. Vidas do sol bebido. Cadeiras que vão aparecendo ao passo de uma lua vespertina. Da tranquilidade de dias tão quietos que -em mim- uma garota de cidade, de vida de cidade, comida empacotada, acostumada as antenas dos carros, aos supermercados, ao Metrô de Caracas, a um dançar sem dança, a ritmos de ruas enlouquecidas e sem rumo, me era inquietante a calma de meu povo andino. Sentir os passos sem

pressa. À espera do fruto pronto e certo. O canto de galos no nascedouro. O cheiro de quintal molhado. A vida de um passo por vez. A paz da lua na rua. A risada da família aparecendo uma ou duas vezes ao ano naquele lar das vovós, e sentias suas vozes espalhadas em cada uns dos contos-alegres, das anedotas-alegres; dessa oralidade de vidas tecidas nelas.

As duas vovós são traços de minha herança corporal, e o que há de fêmea na minha sociedade andina venezuelana. Suas peles brancas são muito comuns nos territórios andinos. Territórios onde a cultura do machismo branco está cheio de preconceitos, devotas à religião católica ou judeu-cristã, e por isso, olhando com receio para qualquer outra religião. Muito da história delas está monopolizada no andar dos machos alfas andinos e venezuelanos, onde a vida de casal se fazia para eles e por eles. A vida de lá, ou pelo menos a que elas encarnaram, me foi contada em fragmentos, contadas qual sussurro na orelha, contadas para não sentir que nelas existia queixa no vivido – mas que, ao final do dia, logo, logo nossas conversas falavam de uma dor. A dor não as deixou dançarem livres na vida familiar. E eu vi essas dores presentes na densidade de seus olhos pesados. Vi alguma parte delas magoada por seus parceiros. Se arrependiam de uma parte dessa vida familiar -a vida do casal, a vida suportada ao lado dos homens que amaram -meus vovôs-

Eu vi nos olhos delas, olhos pesados de tempo, rasgos de ódio, o ódio a uma violência masculina não dita. Mascara propositalmente, por medo. Havia nelas um silêncio moral dobrado nas roupas. Lágrimas nas calcinhas e remendas nos lençóis. É difícil descrever suas afeições, a violência machista andina, que nunca era criticada, só

acontecia, porque nas épocas delas, as mulheres não tinham sobrenome próprio, o sobrenome delas existia através do sobrenome do pai ou do marido. O respeito se dava através deles e não delas. A obediência das mulheres era uma norma social, assim como aceitar que seus corpos jamais pertenceram a elas, pertenciam aos maridos, à casa, à faxina, aos filhos e filhas. Jamais a elas!

Somente vi os olhos delas brilharem nas épocas de dezembro, nas grandes festas de natal, quando nós estávamos muito juntas, e a rotina era outra. O partilhar de nosso prato tradicional, "hallacas, pan de jamón, ensalada de gallina, pernil y paneton" em família, os presentes para elas, onde só existiam as lembranças alegres e assim se desvanecia qualquer sofrer momentâneo.

Algo delas está na melancolia de meu olhar. Minhas vovós vivem em mim como tempos vividos e não vividos. A criança amante de suas comidas, de suas "Arepas". A criança que sempre gostava de comer, comer cada bocado saído delas. Da criança gordinha cheirando as fumaças das panelas grandes. Os temperos de cada uma de minhas vovós eram diferentes, mas estão tão misturados em mim, em minhas lembranças de criança gulosa, que eles se misturam como quem mistura água, sal e farinha de milho e amassa e amassa, amassa... até ter consistência a uma generosidade amalgamada num tempo, numa massa grande, branca e macia; grande e irrepetível como são as recordações que levo delas, cheias de afetos, afetos temperados nesse dar que conheci nas mãos delas. Dar demais, dar sem pedir nada em troca. Ainda com fome e com sede elas davam mais do que receberam de qualquer um.

Às vezes lembro como minhas vovós iam separando aquela grande massa das arepas, massa feita com carinho e ternamente acolhidas em suas mãos-conchas\*, mãos-mãe, mãos-avó, mãos-calos que sabiam muito bem a arte de madruguar e viver acordada até tarde na vida do lar. Enquanto as rememoro, faço esta travessia de lembranças líquidas, que me levam a uma distância óbvia e tácita, quilométrica, neste estar fora do país e distante do passado. Distanciadas pela vida e pela morte. Relembra-las me leva a um amor outro, ao amor da fêmea-filial, da serpente, tão antiga como elas, que mora nas nossas pernas. A sinceridade de suas mãos me leva às lembranças-quentinhas de seus úteros. Quem sabe estou movida pela saudade? Mas a saudade não é uma forma de amar? De criar imagens em nós? Levo em mim fotos feitas de saudades! Não é por acaso isso uma prática amatória? Relembra-las, nossos atos de amor na vida e lembrar aquilo que nos liga aos atos mais simples deixados por elas. Levar-nos a perceber as coisas feitas à mão, as coisas simples, que parecem perder-se no cotidiano. Essas mãos fizeram nossas vida mais calmas e relaxadas.

Não lhes damos o valor social que merecem. As mães-vovós fazem a vida para todos nós mais despreocupada e o paradoxal disso é que a vida delas termina sendo um trabalho com uma carga emocional e laboral maior do que seu corpo aguenta. Labor que até hoje em dia as vovós pobres, do proletariado, dos campos, das populações do mundo inteiro, são as maiores trabalhadoras de todas as sociedades machistas. Suas aposentadorias talvez nem dão conta disso! Exploradas desde que o tempo é tempo e dinheiro. Explorados sem descanso. Nem feriados. Sejam sinceras, muitas mães e vovós trabalham o dobro,

não só em seus empregos, mas também no lar, enquanto a maioria dos homens ainda são os grandes ausentes dos labores caseiros.

As mulheres andinas, venezuelanas, da América Latina e do Sul, e aqui mesmo do Brasil, vejo como ainda vivem em condições de exploração social e econômica no lar, porque os homens e xs filhxs ainda não assumem sua responsabilidade como gestores e coparticipantes no exercício dos labores caseiros. Graças ao feminismo entendi que essa comida feita com carinho, esse dobrar a roupa, passou de lado sem receber nada, nem uma remuneração justa. As condições de vida das mulheres trabalhadoras mantêm ainda o status quo dos homens, do patriarcado em casa.

Voltando a minhas vovós, deusas de minha ascendência, e além das fotos que eu fiz! Fotos-lembranças, fotos-coisas, materialidades do que eu sentia por elas, nascidas de tempos vividos e esquecidos, pois não há anedotas dessas fotos. Recordações só. Não esquecer como fisicamente eram elas. Sou como qualquer ser humano que foi feito de imagens, imagens jogadas em meus imaginários, onde brinquei entre a tradição do aprendido na fotografia e esse olhar que ia construindo de meus afetos nelas.

Mas existem outras imagens, imagens imateriais, feita de rastros, é o que já não tenho por perto! O que só levo em meu coração, um pouco da energia delas em meu andar, onde as duas são minhas guias, guias neste processo de cura artística-emocional. Desse constante aprendizado e despojo de Si. Despojar-me de qualquer culpa. Culpas que talvez não existiam, culpas-gaiolas que aprisionaram sentimentos, e que eu decidi escrever-abrir

aqui, para liberar-me e liberá-los de mim. Abrir a boca-sigilo das fêmeas. Abrir as heranças de nossos silêncios.

Soube tão pouco da vida delas. Delas como mulheres e não como mães. Soube dessa vida faxinando as redundâncias cotidianas e extremamente caseiras. E elas, cadê as mulheres que moravam nessas peles, nesses corpos, nesses olhares melancólicos?

Às vezes penso nas "Arepas" feitas por minhas vovós! No quanto comi de suas mãos-concha! E penso, será que ali, em meio a esse fogão quentinho, elas descarregavam suas alegrias e tristezas? Aquela massa de farinha de milho amassada se tornava em pequenas bolinhas. Bolinhas que iam achatando-as em suas mãos-conchas. Será que elas faziam alguma recordação de nós? E assim nossos nomes florescessem em suas mãos! Sei, alguns de nós éramos mais amadxs que outras. Ainda com suas preferências, eu sentia prazer por comer aquelas "Arepas", que secretamente me falavam da ternura excedida de seus corpos. Talvez, exagero demais! E elas nem pensavam coisa alguma, enquanto aquela massa "para las arepas" era feita. Simplesmente a generosidade era assim expressada na forma achatada de uma Arepa, cheia de sentires, pensares, responsabilidade, rotinas... toda embrulhada nessa cultura andina, que elas conheciam melhor que ninguém, e iam ao ritmo da vidas delas, nessa fumaça de tempo morno, aquecendo o que era feito de amor mãe e trabalho do lar, jamais remunerado, jamais pago, só posto para dar, e dar até que as mãos e corpos não aguentem.

Com o passar do tempo, a ausência delas se percebia nessa atividade rotineira da cultura venezuelana. A velhice se tornava implacável. Já o espaço delas não cabia

em nenhum lado; a cozinha era de outras mãos-mães, das minhas tias, e de outros temperos alheios àquelas mãos-conchas que a criança-gulosa costumava cheirar e comer. Elas agora estavam sempre bem ali, no quarto deitadas ou nas cadeiras, sentadas solitariamente, esperando por alguma ternura assomando-se a seu lado!

Agora, olho os cheiros deitados de suas ausências. De aquilo que nenhuma fotografia familiar, nenhum retrato, nenhum álbum, nenhum registro que eu fiz em fotos dará de volta os lugares depositados e partilhados na minha memória individual. Elas não são minhas fotos. Nem aqui. Nem agora. São recordações de um eu, levados ao corpo delas, do que eu comi, feito nas mãos-conchas delas.



*Belém, 29/05/2019*

*Queridas vovós!*

*Oi vovós, estou muito bem! Me perdoem, algumas vezes as odiei e outras muitas, muitas vezes, as amei. As amei na intensidade das flores espinhosas que ao passar te ferem desde criança. Partilhei minha dor com vocês em silêncio. Levei seus gestos de resistências nos momentos de receio ante a vida, para depois acordar que alguma coisa podia mudar em mim, que algo desfz as dores poderosas do cordão filial que nos teceu alguma vez em tristeza e culpas, para nos olhar em meio de nossos sentires como mulheres. Mulheres que apesar das carências, logramos sobreviver a nós mesmas! Lhes amo!*

## 7.2 Ir até ela, minha querida Ida Garcia

Minha vovó Ida, o tempo passou, me sinto muito mais amadurecida, tranquila e forte. Enquanto escrevia isto, te lembro sem nostalgia. Dancei naquela casa feita "Bahareque", fui até lá, naquela tarde, quando a gente partilhou café preto naquelas canecas de esmalte, e me dei conta que o amor se havia cultivado inconscientemente entre as duas, não poderia saber quando aconteceu. As duas havíamos tirado de Si a moralidade chata que te afastou por ser eu uma filha sem pai. As corações que a nós nos mantinham afastadas foram-se esquecendo, enquanto as coisas aconteciam sem pressa. Sei que ficaste nua, sem receios, totalmente aberta a mim, e fomos juntas semeando há tempo atrás a empatia. Talvez tenha sido naquela conversa tardia a meus quinze anos de idade. Sei lá! Quando uma lágrima escorreu em tua caneca esmaltada pequena com café preto, bem preto como a noite e ouvi a mulher/mãe que me falava. Ouvi as entranhas sangrentas e raivosas por um passado que era e não podia ser mudado. Vi tuas mãos apertarem teu útero dolorido; quem não supera nunca a perda de uma filha. Ouvi o que definiu tua feminilidade num mundo de machos andinos, o que te fez tornar-se mulher ao parir onze sementes-vida. Filhas e filhotes, espalhados na Venezuela e outros agora indo morar em outros países pela crise venezuelana. Soube da violência que deixou meu avô em ti ao te deixar sozinha entre tantas crianças, ainda morando na mesma casa. Nessa tarde senti como te tornaste uma pedra de rio mexida pelas correntes da vida. Essas que te levaram as vezes até a solidão e te trouxeram de volta ao fundo de teus pensamentos mais difíceis de esquecer:

## Cira Elena

**Cira Elena tinha 18 anos de idade quando morreu, lá no Barrio Campo Alegre (Valera-Venezuela). Um dia, eu lhe perguntei a vovó Ida sobre ela: como foi que ela morreu? E falou-me como era a luz apagada de seus olhos. Como às vezes lembrava o sorriso dela! Como era impossível esquecer sua voz procurando-me, até receber na sala três disparos nas costas, por parte do Eliceo, o ex-namorado dela.**

**-Neta, minha alma se quebrou aquele dia, ao encontrar-la aí, no chão; vê-la morrer em meus braços, ensanguentada, olhando para mim, escutando suas últimas palavras: -Ele me matou, mamãe!**



127-Acervo pessoal  
Ela é Cira Elena  
Belém, 2018

Me vejo nessa imagem triste de nossa história familiar, como a herança-dor da minha vovó Ida, ao sentir sua perda nessa compaixão de luto que me colocou perto do útero dela.

Mas quando as doenças delas foram aumentando ainda mais por sua velhice, suas vontades de viver também foram se apagando, e fui almejando aqueles olhos de céu profundo, que ficavam às vezes fechados, mais lá que cá. Aquele céu vida estava perdendo seus azuis. Vi como foi esquecendo-se pouco a pouco da mulher que ela era. Vi a ela virando criança, a criança ansiando o peito quentinho da mãe que não conheceu, procurando os afetos e cuidados de uma criança sem lugar nenhum, gritando por um amor, um amor que almejava ter, e pensando friamente o pouco que recebeu de nós, sua família.

Lembro o rosto dela cada certo tempo, em esses retratos que eu fiz dela na minha época de estudante em artes, como tratando de reencontrar-me naquele olhar-azul. No fundo eu sei que o consegui, porque ela gostava que eu a fotografasse, que a viesse, porque antes das fotos havia uma conversa, uma conversa de seus tempos de moça, da moça que era feliz quando saía pra dançar escondida, sem permissão de seu avô, quem, ao se dar conta de suas fugas de casa, lhe dava surras ao chegar! Mas ela quando me contava se ria também dessas surras. As duas ríamos!

Vejo nas fotos que eu fiz a vaidosa e sedutora que ela era! Perfumada o tempo todo, arrumada com os melhores vestidos que a família lhe comprava todos os anos em seu aniversário -19 de janeiro- o dia das

mães, e claro, em natal. Ela escovava seus cabelos compridos, adornava seu pescoço com pérolas, e sua pequena boca pintada de batom vermelho. E prontinho ficava feliz, ficava radiante, com raios de sol caminhando em seu andar. -Ainda lembro o presente que eu acolhi em meu armário, seu suéter azul celeste, o favorito dela, que deixou de usar até sua morte um 23 de novembro de 2011.

Lembro daquele papagaio acompanhando a ela em cada uma das viagens que fez a Caracas. Desta grande mala verde que me acompanha em Belém do Pará. Ela sempre viajou a Caracas, tinha saudade de suas filhas, tê-las por perto dela –bom, algumas mais que outras-

Ela não gostava da grande cidade, porque a grandeza da vida de lá não estava na família, senão nas coisas, sempre nas coisas. Então a gente só trabalhava no barulho das coisas. Porque as coisas eram tudo e pensá-las o era mais. A simplicidade da vida, tomar café ao final da tarde, sentada na cadeira vendo a vida passar, falar de qualquer coisa em família ficava para depois, depois de a gente trabalhar até tarde. Ela costurava pequenos travesseiros, sozinha, nos dias que não havia com quem falar, nos dias que o lar somente acolhia as brincadeiras de meus primos. A vida de minha avó, da velha da família, se tronou silenciosa e solitária. Suas palavras já não me eram compreensíveis, e eu vi que ficava esquecida em um tempo outro! Um tempo afastado de nós, atrapalhada em seus pensamentos, e nesse caminhar lento e pausado procurando suas filhas ou sua mãe na casa, uma casa onde ela não construiu o lar.



*Minha gratidão por trazer para mim  
a sabedoria familiar , vovó Ida Garcia!*



128-Acervo pessoal  
Ela é vovó Ida Garcia  
Caracas, 2009



Lembro dela como se fosse ontem; mas não pela saudade de querê-la viva. É uma saudade da aprendizagem da vida. Do que ela deixou em mim, além de lágrimas. A morte dela acabou com seus sofrimentos mais profundos. Com essa dor e desamor que sentiu de criança. Querê-la de volta neste mundo seria desprezitar meu amor por ela. Ela deu sua vida, saúde e cuidado a nós, sua família, que somos muitíssimos, e isso já é mais que suficiente, né! Seus últimos hálitos de amor me lembram a vida que ela deu. Prefiro ter recordações da minha vovó Ida recolhendo frutas no quintal, lá em Campo Alegre (Trujillo), onde levamos seu corpo e choramos sua morte; onde seu povo a chorou, porque ela naquele clima quentinho e às vezes fresco, naquela grande árvore imensa de abacate, permanece sua essência e a essência de minha tia-tia Cira Elena! Axé a suas vidas!



### **7.3 Agora, caminho a vovó Dilia Rubio**

Agora, caminho até a vovó Dilia, meu olhar se torna levemente diferente; ela é a presença atravessada pela ausência de meu pai-biológico Carlos, quem pouco conheci. Só existe alguma foto onde eu estou a seu lado, na casa da minha vovó Dilia. A única casa paterna que conheci com laços fortes na minha infância.

Pra dizer a verdade, alguma vez fui à casa de papai, quando ele ainda morava no Barrio Santa Ines, no interior do estado de Trujillo (Venezuela). Eu tinha talvez 12 anos de idade, e ao chegar lá não tinha nenhum quarto esperando-me para deitar, só havia o quarto de hóspede e os quartos de minhas irmãs. Nada ali tinha alguma presença de meu corpo, alguma lembrança que poderia acolher aquela flor criança que fui. Nem as coisas miúdas falavam de meus laços com ele. Nos dias que fiquei ali, a gente só se olhava para o almoço ou o jantar. A gente falava tão pouco que o silêncio se escorria com os passos nessa casa grande e no olhar de três dobermanns assustadores. O silêncio me confirmava sem palavras: não havia afetos em nós! Meu único sentimento era achar tristeza e solidão. Só almejava não querer permanecer ali por mais tempo. Nem minhas irmãs estavam por perto para me sentir acolhida. As conversações de meu pai se resumiam ao simples: Olá! Como você vai? E depois ele só assistia à Tv ou olhava para algum outro lado. Nessa casa, dois desconhecidos talvez tentaram se aproximar, e não deu certo!



129-Acervo pessoal  
Ela é vovó Dília Rubio  
Belém, 2013

Na casa de minha vovó Dilia Rubio, meu rosto se enchia de felicidade. Ela sempre me acolheu na generosidade imanente de uma Deusa-Mãe, quando olha a uma filha perdida, procurando afetos que não achava em ninguém. Ela, imagem minha e a imagem da maternidade voluptuosa, cúmplice da criança-gulosa. Porque as duas amávamos comer, comer demais, comer com gosto. Ela fez de minhas lágrimas derramadas pela rejeição de meu pai, comidinhas e uma das mais gostosas era "Tortas de plátano con queso", era bolo feito carinho, preparado nessas mãos-conchas, mãos-gordinhas igualzinha as minhas. Lembrar a ela, nesta distância óbvia, é sentir que ela está sobrevivendo a esta queda econômica venezuelana. A seus 90 anos, era para ter uma vida melhor. Infelizmente, fazemos o que economicamente podemos.

A vovó Dilia Rubio foi uma mulher de poucas palavras; era ainda mais sigilosa que vovó Ida, uma tinha que arrancar-lhe as palavras da boca, e falar do que não lhe prestava. Uma dava conta das sofrências dela quando por acaso resmungava, e ia para outro lado, então ali, caminhava até a mata de limão, na sombra, esperando a que alguma de suas netas perguntasse: -O que foi? o que aconteceu, vovó? E ali falava algo, não tudo. Mas tentava. A gente lhe dava abraços e eu lhe dizia, vamos lá vovó, vou te dar umas massagens nos pés. Dali ela saía feliz daquela sombra de limão. Risos!

Quero saber mais dela, mas é tão difícil falar-lhe! Papai Carlos pouco me deixa ouvi-la e, bom, meu tio Antônio nem celular tem, então, toca olhar nas imagens esse tempo passado, o que faz parte de mim,

o que não consegui dizer-lhe antes da morte de sua filha Goya, minha tia. A luz da sua vida, a caçula da família Cabrita. Minha tia era o tesouro dela. Pois jamais consegui fazer que ela voltasse de seus assombramentos e desamores. Minha tia foi diagnosticada faz tempo de esquizofrenia, e isso aconteceu logo depois de perder a seu namorado num acidente de carro. Ele capotou em um precipício. Ela o amava tanto, tanto, que o amor que sentia por si mesma se foi com ele. Nunca imaginei que uma mulher poderia perder a mente por amor a alguém. Jamais pensei que isso poderia ser um disparador da loucura dela. Eu me perguntava como ela havia colocado todos os seus anseios e sonhos de vida nele. Como o amor a um homem poderia ser tão desmedido? Ela era uma garota tão feliz, lembro dela passar pelas ruas do município Valera, e ver aos homens ficando fascinados da beleza dela. Beleza exuberante e voluptuosa, divindade de corpo talado a Vênus. Não entanto, esta era uma vênus de força imanente antiga, a vênus Von Willendorf, e me deslegitimava de meu imaginário de meus tempos de adolescente, a beleza industrializada das mulheres brancas, magras e estilizadas do Miss Venezuela. Sua doçura depositada nos gestos, nos gestos daquele olhar ouvinte, fixo, atento, na voz de seda abrangente. Naquela cabeleira que gostava de escovar quando era criança, pois era tão negra e abundante como a noite. Tudo nela era lua cheia.

Porém, uma tristeza apertou o coração da vovó Dilia, aquela garota já não era sua filha, não do mesmo jeito que ela pariu e amamentou. Não do mesmo jeito que ela era antes, quando iluminava a casa com seu

andar. Sua garotinha ficou em algum lugar de aqui, de ali, de lá e de cá. Perdida em algum lugar dessa casa. Muitos anos passaram, muitos mais, e minha vovó desistiu de cura alguma, pra que ela voltasse ao nosso mundo. Minha vovó ficou triste, já conforme com tê-la sonolenta de tantos remédios: meio-viva, meio-morta, meio acordada, meio ela, meio outra. Se acostumou a viver com a garota volúvel, às vezes era doce como mel e outras azedas como facas recém afiadas.

A minha vovó me falou de um desejo sussurro: -não queria morrer antes dela! Mas como deter o tempo, se ela era a nossa vovó? Há amores de mães tão gigantes assim? Tão grandes, e rezam não morrer antes? Não sei se o Deus-cristão dela ouviu seu sofrimento. Não sei! Só sei aquele acordar numa manhã de julho do passado 2018, o som do WhatsApp vibrando em meu telefone, a voz sofrida de minha prima Diliana, me falando de fato o acontecido na madrugada: a minha tia Goya havia morido! E me chegou à imagem da cabeleira negra que eu escovava de criança. Do pouco que a gente se falou nos últimos anos.

Minha tia Goya foi internada primeiro num sanatório, em Trujillo, pois, semanas antes dela estar lá, havia fugido da casa da vovó -coisa que aconteceu há anos quando tentou suicidar-se- Mas desta vez foi encontrada sem roupas, totalmente nua, golpeada e estuprada na rua - Então, para a família era difícil mantê-la sob controle, os medicamentos não surtiam mais efeitos. Sinceramente, os medicamentos escasseavam devido à nossa crise econômica venezuelana. Dificultava levar ao pé da letra o regime

dos remédios. Então o ideal era tê-la em controle de especialistas e, por isso, passou a outro sanatório uma semana depois, mas em outro estado, no estado Zulia. Em seu primeiro dia lá, na madrugada, alguma coisa aconteceu com os pacientes do sanatório. A maioria deles começou a brigar, brigar e brigar, tão cruelmente que a minha tia -segundo os médicos de lá- foi muitas vezes espancada no corpo e no rosto, até perder seus últimos hálitos de vida. Minha vovó, já muito velha e flutuando em seus pensamentos, ficou sabendo semanas depois, e foi quando chorou!

Me pergunto se ela lembra aquele sussurro que me falou alguma vez. Esse ir-se depois dela. Agora minha tia não está, e eu ainda não sei o que sentir. Eu lembrei a única foto familiar, uma foto onde a gente comeu muito e riu muito uma noite qualquer, quando minha vovó Dilia, minha mamãe e eu saímos a jantar. Agora ela é sereia da cabeleira escura nadando na lua cheia, nadando nas minhas lembranças.

O amor tem muito de recordação, da recordação que nós fazemos das pessoas que amamos e talvez não estão. Uma tece lembrancinhas, faz lembrancinhas de suas ausências na presença de nosso andar. Meu andar está nas imagens delas em mim, e nos pequenos fragmentos do que chamamos fotografias, intimidades de um olhar, olhar feito carinho, feito de nossos encontros e abraços! Elas minhas mais velhas, minhas vovós e tias, são as velhas sábias que habitam em mim!



*Daqui a pouco a gente volta a comer junta! rs, rs, rs...*

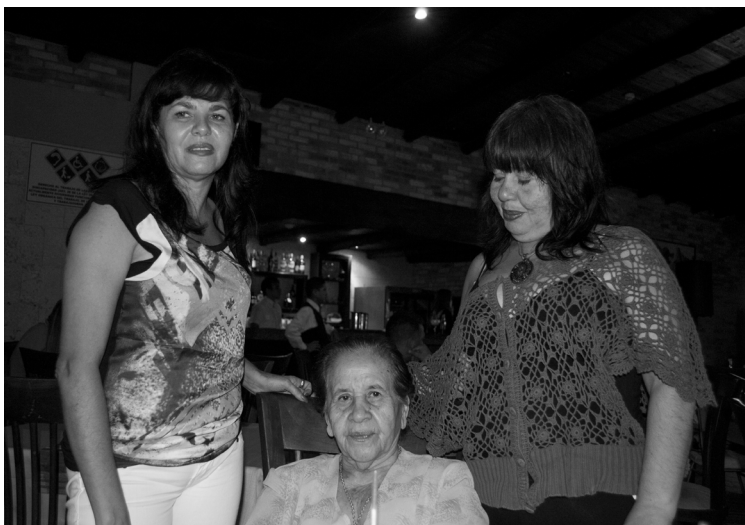


T30--Acervo pessoal  
Ela é vovó Dília Rubio  
Valera, 2013





*- Até mais minha tia Goya!*



131-Acervo pessoal  
Mãe, vovó Dilia e minha tia Goya  
Valera, 2013



8

A

*As águas me escorrem lá embaixo,  
e nado*

*nado sem medo à mingua*

*Desço os degraus*

*Viajo no escuro*

*Onde as mãos sombras*

*são feixes de luz*

*Elas*

*mexem*

*guiam*

*agitam*

*inquietam*

*me levam*

*me sentem*

*me amam*

*Reescre(vem) o meu corpo*

*Orvalham as flores que estão em mim*

*Nesta feminista que ama, se ama,*

*E agora se é feliz!*

## 8.1- A Flor Criança

Num tempo atrás, a Maryori se havia tornado uma mulher amadurecida, cheia de uns 30 giros do sol! E muitas luas minguaram embaixo dela. Luas, mudanças de vida, com seus tempos bons e ruins! De sangue feito tempo-dor. Quando havia olhado para si, os fatos irreversíveis, porém não inesquecíveis, de sua vida, ensinando-lhe o explícito, o passado é como é! O que estava feito não tinha volta, e seu corpo, mais que ninguém, sabia disso! Durante anos, havia sorvido gota a gota seus ódios e os ódios dxs outrxs. De modo que ela queria tirá-los de si!

Ela sabia o que seu corpo guardou-guardava. O que seus olhos viram e o que não viram, pois eles foram arquivando até inconscientemente o seu devir. No entanto, suas mãos não eram cegas, não eram mudas, e a convidavam a descer e descer os degraus até chegar ao subterrâneo de suas memórias líquidas, onde as lembranças ecoavam suas paredes uterinas. Lá, na escuridão, dava para ver alguns feixes de luz no caminho sinalizado >>> o que era como olhar o rio embaixo do rio! Enquanto o chão pélvico aguentava a vida levada pela cultura-moral feita à medida e para o cacete dos homens venezuelanos!

Embora, ela pensou inconscientemente -Não será um erro descer até lá embaixo? Não é melhor virar de costas? Viver do jeito que eu sempre vivi? Não abrir fechaduras, não! Viver-se seca, e me esquecer ainda mais, cada vez mais, até a morte chegar a mim? A quem poderia interessar minha vida? O que eu vivenciei desde terna idade não é para nada novo, nada extraordinário, né?! Qualquer uma passou por isso



125-Acervo pessoal  
Imagínarios da sombra  
Carácás, 2013

alguma vez, e, senão, alguém perto dela o viveu ou ouvir falar-

Para ela, os fatos vividos na sua vida nunca foram nada extraordinários, eram tão corriqueiros como trocar de roupa. Na sociedade venezuelana parecia que tudo poderia ser descartável. Quando ela assistia aos jornais de Venevisión ou RCTV (canais de tv de sua época), a vida de qualquer uma era qualquer coisa, e tudo virava espetáculo.

No final das contas, a mãe e a tia-madrinha dela lhe haviam ensinado a fina arte de emudecer os olhos para não querer ter memória de nada. De nada do que alguma vez viveu sua pele, a pele da pequenina Flor Criança.

Será isso o que acontecia nela? Ela era tão menina, tão inocente, tão Flor Criança! É certo que sua família pensou que o tempo faria esquecer qualquer excesso de confiança cometido pelo "garoto pecador" no corpo dela. E elas pensaram, fizeram crer que o tempo em sigilo simularia sua parte como toda história quando se repete mil vezes até se tornar verdade! Depois de tudo, a família queria voltar a seu cotidiano e ao cotidiano de uma Flor Criança tranquila, brincando como de costume na Caracas barulhenta.

Era lógico pensar, ninguém voltaria ao passado (a exceção dela) pois os fatos se falavam a portas fechadas, e ninguém falava disso abertamente! Ainda menos mulheres e crianças. Os sigilos baixavam o olhar- Porém aquelas realidades sociais e sexuais que na atualidade podem ser consideradas práticas de ódio, práticas machistas muito bem apanhadas do

sistema patriarcal venezuelano, não eram valorizadas naquela época como discurso de violência de gênero e violência infantil. Aqueles fatos eram silenciados, a gente se calava a boca! Se autocensurava! As famílias, pelo costume moral, procuravam se afastar de fofocas. Porque a honra familiar era tudo!

Naqueles anos 80, a família da Flor Criança havia sido educada na cultura andina, onde as fêmeas levavam sua feminilidade dentro dos costumes de uma cultura andina mítica-religiosa muito constelada na ideia das Marianas

[...] O termino foi acunhado por Evelyn Stevens em 1997, faz referência ao culto da Nossa Senhora Maria ou la Virgen María, associada a sistemas de representações cristalizadas em crenças, princípios e valores cristãos atribuídos y exigidos como qualidades morais à mulheres, quem deve possuir virtude, honor, pureza virginal, castidade, lealdade, vergonha sexual e nas que se identifica e se deposita a honra de toda a família com a pureza sexual feminina (CABRAL, 2013, p.238)

Essas raízes antigas pertenciam àquelas épocas coloniais dos senhores espanhóis. Onde as mulheres deviam proteger sua honra a qualquer jeito. Deviam, tinham que sentir a vergonha sexual! A perda da pureza lá embaixo era muito mal vista. De modo que os abusos sexuais, assédios ou estupros às crianças, os atos de pedofilia, eram cometidos na maioria das vezes por familiares homens ou pessoas muito próximas ao entorno da casa. Quando isso acontecia se escondiam por vergonha.



134-Acervo pessoal  
Imagários da sombra  
Caracas, 2015

À medida que o tempo passou, e Flor Criança esqueceu de sua lembrança-segredo familiar; da lembrança-dor que somente o corpo sabia! Nela uma vergonha estava escrita na sua pele. Sentia no espelho um ver-se errada, e o pior é que ela não lembrava o porquê de sentir-se desse jeito.

Como o tempo apronta e muda tudo, ela como qualquer criança mudou; e ficou grandona, muito grandona, e já não era mais Flor Criança, era adulta, de luas minguadas, e de Flor brotada, aberta e robusta, sentindo-se alguns dias tulipa e outros dias lírio da noite. Sempre cheirosa entre as cheirosas, seduzida como qualquer uma pela arte de amar-se e a arte das práticas amatórias que às vezes acolhia a sedução de alguma abelha macho pra sentir o gozo arte do orgasmo entre dois. Mas essa Flor Grandona de muitas luas minguadas sentiu um dia qualquer a primeira dor-esquecida. E o devir de memórias líquidas escorrendo-se sem parar nos cantos de seus olhos.

O tempo em sigilo se havia quebrado, e a Flor Grandona Maryori, ao que parece, nem tudo esqueceu! A maré baixa mexeu, mexeu o fundo de suas cavidades uterinas, e ao cair a noite um sonho profundo a fez descer num tempo outro, um tempo líquido, dolorido e denso. Pouco a pouco o corpo deitado na cama ficou retraindo-se em posição fetal, aquele corpo grandão, 70% água, movimentando-se e gemendo de seus esqueceres. Voltava a ser uma menina pequenininha, a Flor Criança, esquecida, repousada nela, ficando acima de suas águas, e no ato de reconciliação, de amor a ela, trazia de volta a sua pele, a pele onde haviam escrito a vergonha. Então, banhou



135-Acervo pessoal  
Imagínarios da sombra  
Caracas, 2015

a criança de ternura, tornou vida a infância jogada no escuro. Tirou de si essa infância tomada por um outro, desses outros de confiança, desses rostos familiares que haviam lhe obrigado a engolir seu primeiro ferimento.

A Maryori abraçou a sua Flor Criança de boca fechada! Lavou o rosto dela com lágrimas de ternura, a convidou a dançar nas águas salgadas e cheirosas da vida. E assim brincaram juntas daqui pra lá e daqui pra cá, estiveram no escuro, naquele lugar monocromático que já não era para nada assustador, lá existiam feixes de luz dançando com elas. O rir ressoava nos passos de seus brincos, se espalhava no rosto da Flor Criança Maryori. Quando a flor criança esvaneceu-se



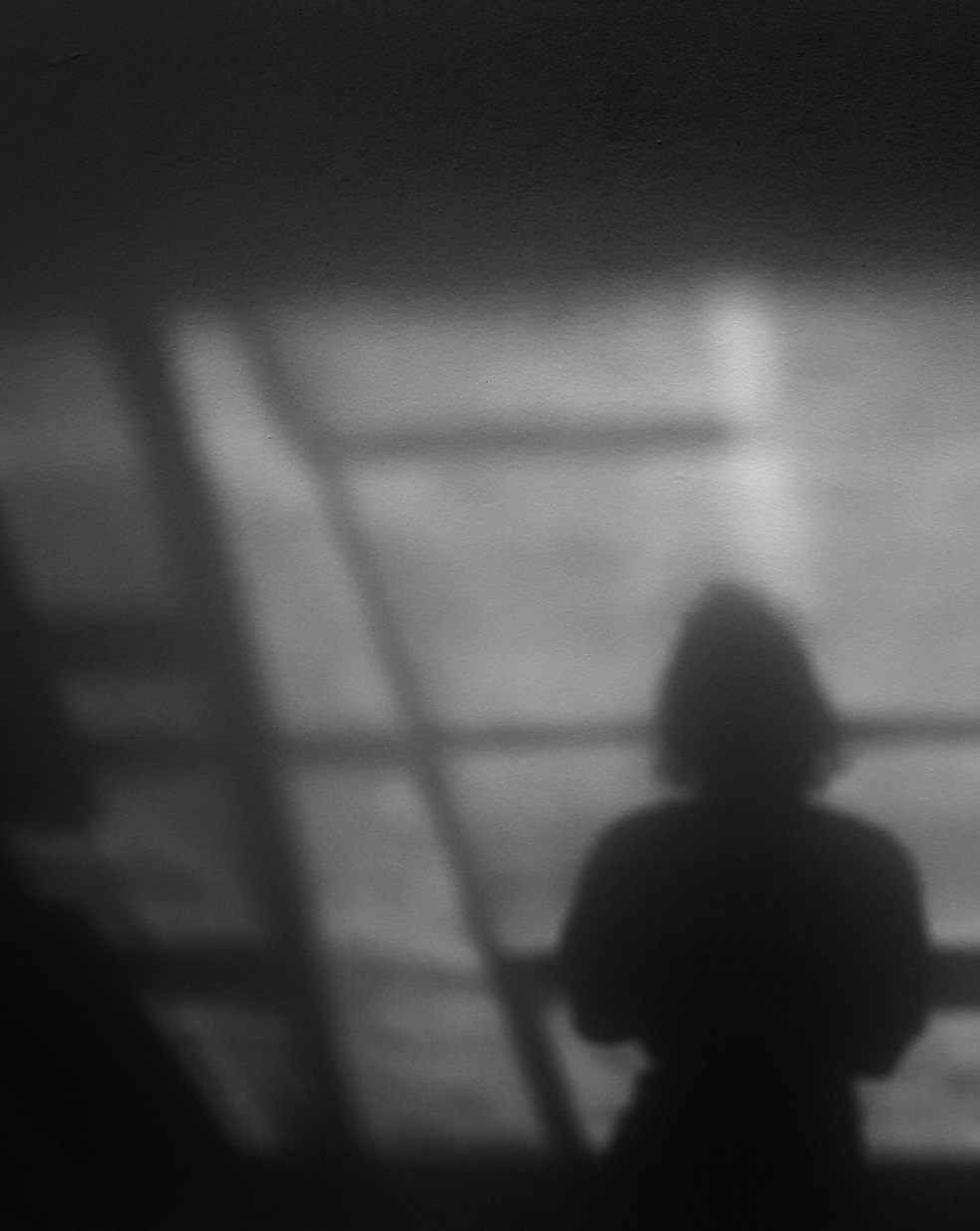
136-Acervo pessoal  
Imagínarios da sombra  
Caracas, 2017

entre seu sonho, foi o momento que a Maryori acordou, acordou ao lado de sua mamãe, e não sentiu ódio algum! Viu-se calma, queria compreender o que agora encontrava-se nas suas mãos, no corpo inteiro.

Conquanto os dias passaram, a Maryori, num ato de busca pelo amor próprio, fez uma prática amatória antiquíssima, apesar de sua história ser uma a mais entre tantas que acontecem nos lares de seu país. Suas mãos tinham a voz alongada da Flor Criança, e talvez fosse porque no fundo se uniam ao ecoar de flores crianças antigas, as de outras mulheres que caminhavam junto a ela com marcas parecidas, e lhe davam força pra seguir em frente.

Suas mãos lhe pareciam agora como as mãos de muitas tantas, mãos bálsamos, porque podiam escrever uma história não dita, e por isso suas mãos não lhe permitiam se esquecer de nada. Elas tinham uma voz retumbando no fundo delas, que se espalhava por inteiro em seu corpo, essa voz era eu! A que usou a escrita para jogar, tirar de si, o peso da vergonha, da culpa, da desilusão e do ódio familiar.

Eu escrevi a seguinte crônica para dar punho e letra ao passado de meu corpo, da minha sexualidade, e aprender que ainda nos momentos mais ruins, conseguimos sair do fundo e nadar até a beira do mar, ver-se no horizonte desse sol e dessa lua banhada e espelhada que uma é, e uma pode encontrar em sua vida através de qualquer meio que se use para sanar e dar voz aquilo que nos magoou!



### 8.1.1 NÃO ERA UM SONHO!

*Quando tinha 30 anos, sonhei que era uma criancinha de 5 anos talvez. Minha mamãe e minha tia olhavam para mim e perguntavam-me as duas, bem na minha frente, chateadas: que aconteceu com teu primo, no banheiro? -ele falou para mim, bora, bora, é hora de brincar, brincar nus na chuva, na chuva do banheiro!-*

*Acordei e pensei: o que foi isso? Fiquei intrigada, constrangida! Não falei com ninguém no momento. Mas, nos meses seguintes, comentei para minha mamãe, né! E infelizmente não era um sonho, é! Confirmou-se o fato. Meu primo Alexander, quando era um garoto de 16 anos de idade, no tempo que a gente morava junto em Parque Carabobo, havia abusado de mim.*

*Minha mãe falou-me: -Te levei ao forense para que examinassem teu corpo e graças a deus teu himen permanecia intato! Só foram carícias, e por isso a gente não fez denúncia alguma para a polícia.*

*Entendi de fato o porquê de não gostar de ficar por perto de meu primo Alexander nas reuniões familiares.*

*P.S. Esta crônica foi escrita gota a gota e inumeráveis vezes, até eu abreviar a dor, até ela desaparecer, como falei em laudas atrás. E isso foi como viver o luto da minha primeira morte.*

Aprendi a tenra idade o significado de um corpo silenciado. Não culpo a mamãe, ela era muito jovem e ignorante e nesses tempos não ensinavam as mulheres como criar estratégias assertivas para proteger a filhas/os de possíveis depredadores sexuais. Não culpo-a pelo que fez. Para o nosso povo andino-venezuelano, a honra era muito importante para a imagem pública das mulheres. As mulheres, crianças-meninas e as mães sempre eram muito medidas pelo rigor das normas sociais, depositadas na imagem dessa boa mulher de casa. Mamãe tinha muito medo que eu, sendo uma criancinha apenas, ficasse ensombrecida pelas fofocas familiares e alheias.

Foi assim como minha família e muitas famílias venezuelanas sustentaram um tipo de "proteção" às crianças, sob um mundo cheio de falsas moralidades familiares.

Talvez seja pelo que diz a novela mamãe & eu & mãe, da escritora negra Maya Angelou: "a coisa mais importante que se pode ter é a reputação. Não roupas, nem dinheiro, nem os carrões... É se a reputação for boa, se pode conquistar qualquer coisa que quiserem no mundo" (ANGELOU, 2018, p.35)

Minha mamãe, Marisela, repetiu para mim incessantemente, desde cedo, que minha reputação era tudo na minha vida, sem ela não seria ninguém, não teria valor nenhum para o mundo lá fora. Esse lugar de "privilégios" e respeito social, costurado de gente branca, ficava não na inteligência que poderia ter uma menina -a inteligência era coisa de machos-, ela ficava no meu sexo feminino, na proteção de meu hímen. Sem isso só poderia ser uma putinha na família e lá fora.

Em meu contexto andino e venezuelano (e acho que em América Latina também) existe a semente espalhada de uma linguagem performativa e dramática, que foi muito bem elaborada nas pinturas, desenhos, gravuras, esculturas e escapulários, onde estão presentes as múltiplas representações simbólicas da "Virgem Maria", ou devoção as "marianas". Isto, como estratégia pedagógica, ajudou a corporizar e encarnar em nossos territórios corporais, familiares e socioculturais, um aparato discursivo, autorizado e legitimado como verdade cosmogônica sexual. Sendo códigos institucionalizados no seio familiar, e próprios de uma feminilidade político-religiosa de obediência, castidade, dor, sofrimento, a solidão a magreza, a passividade, a espera, a paciência, e a clausura (neste caso muito presente nas mulheres andino-venezuelanas).

Portanto, o sigilo, o segredo familiar, é um dispositivo que pode mascarar a violência sexual, e autorizar, criar um lugar social, cultural e psicológico para os ferimentos sexuais. Se aceita a dor de uma violência sexual (seja esta assédio, cantadas de rua, estupro). Se encobre os fatos e ao mesmo tempo se encobre a quem fez a violência. Assim se esculpe uma ideia na vítima: sua impossibilidade de justiça social, pois sua dignidade está posta em dúvida tanto no pessoal como no território político, social e familiar, assim como seus direitos humanos. Se reafirma a ideia de que quem deve ser punida é a vítima, e esta deve ser atravessada de cara a seu sexo ante outro dispositivo disciplinador, sentir vergonha, a qual cria culpas na maioria das mulheres ou em qualquer criança.



138-Acervo pessoal  
Caracas, 2014

## 8.2- A Criança Gulosa!

Quando o passado era um passado muito longe, e a Maryori era flor-criança ainda, que gostava de brincar de carrinhos e de ver a lua na Caracas barulhenta. A Caracas titilante de favelas presépios ao redor do Waraira Repano\*. A lua daquela noite. Imanente. Poderosa. Radiante. Antiga como as Deusas noturnas, preenchida de histórias e mitos nunca antes contados. A lua que cobria a vida e a morte, pela primeira vez, dançava com seus tambores ao redor da inocência de flor-criança. Flor Criança sentiu dor de barriga e ganas de fazer xixi, foi até o banheiro, abaixou suas calcinhas e viu vir a lua minguada, escorrer, escorrer, em sua dor, lá embaixo. Escorrer nas suas pernas. Surpreendida e acalmada, pois só tinha 9 anos de idade e com teimosia falou pra sua prima Jhoana –pode me

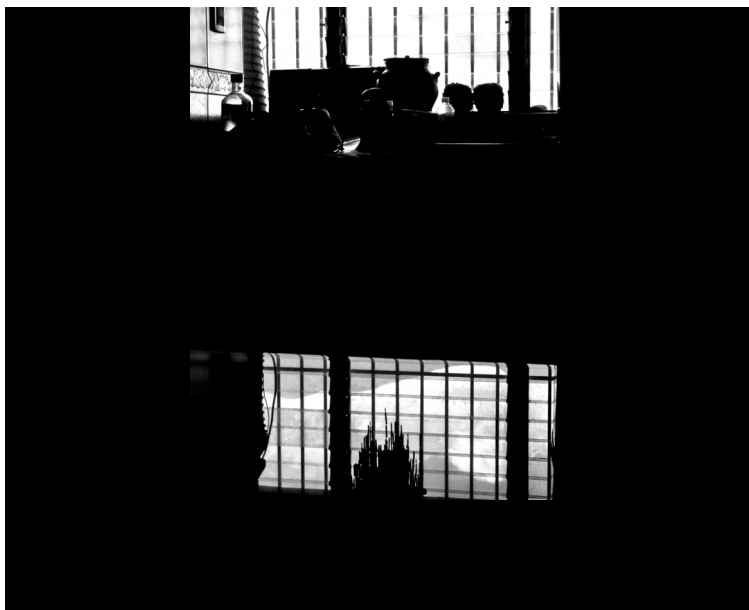
dar um absorvente seu? Acho que já chegou minha vez! Não conte pra mamãe, eu falo para ela! Mas ela não imaginava o quanto isso mudaria seu corpo. Sua primeira lembrança líquida era esse simplesmente escorrer águas avermelhadas, uma primeira mudança das tantas que iriam a vir.

Talvez era de se esperar que o dançar vida-morte-vida da lua se aproximaria antes do que normalmente acontece com muitas. A Maryori, desde que era criança de leite, sempre foi adiantada. Espertinha. Curiosa. Inventora. Por isso, a flor-criança que viu escorrer-se, não sentiu pesar por se tornar uma menina mais grande. Ela era já responsável dela. Do jeito que ela conheceu em casa, tinha que ser espertinha com suas tarefas da escola e do lar. Autossuficiente. Independente. Ela era um tanto malcriada, por ser filha única. A Filha única de mamãe. Mas aprendeu sempre que as crianças grossas não amadurecem. Não crescem! Sua mamãe sempre lhe ensinou -não prestava ficar parada a esperar ajuda de alguém para resolver a vida -!No deje para mañana lo que debe hacer hoy!

No entanto, com os anos, a Maryori, além de ser Flor Criança, que ia-se tornando cada vez mais grande, mudando cada vez mais no seu próprio corpo, onde viu brotar seus mamilos, a bunda, contornear mais suas pernas, alargar seu quadril e sua vulva parecer um bichinho cabeludo. Pelos por aí, pelos por cá e pelos por lá, no axila. Assim como seu corpo crescia, seu apetite também. Ela sem dúvida era uma Criança Gulosa, e gostava muito de comer, sobretudo chocolate, pães e biscoitos com café com leite.

A Criança Gulosa nunca achou mal ter prazer pela comida, gostar de comer. A maioria do tempo ficava sem sua mãe no lar. Ela gostava do barulho da televisão e da rádio que se ouvia em toda a casa, e assim não se sentia tão sozinha, tal como muitas crianças que horas e horas passavam sem sua mãe, por causa dos trabalhos. As mães solteiras tinham que trabalhar e muito, para trazer comida à mesa, pagar as contas de luz, água, gás, aluguel e educação de suas filhas/os cada mês. A vida das mães solteiras era muito dura, pois elas dependiam delas mesmas. E arrumar um emprego quando se é mãe solteira, jovem e sem pouca educação é difícil. Sempre os salários eram mais baixos. As mães faziam mágica com o dinheiro. A mãe de Flor Gulosa sempre foi muito espertinha com o dinheiro e sempre lhe deu melhores oportunidades de vida. A mãe (a Marisela) de Flor Criança Gulosa nunca chegou a ter essa vida tão boa na infância, muitos brinquedos e bolos de aniversário. A Marisela lembra que seu primeiro bolo de aniversário aconteceu aos 18 anos.

Flor Gulosa era às vezes malcriada e quando era bem pequenininha chorava muito se sua mãe ia trabalhar. Separar-se de sua mãe desde cedo sempre foi uma tarefa difícil. Mas como tudo na vida, e mais na vida da classe trabalhadora, o tempo é dinheiro, e o dinheiro põe comida e paga as contas. Então ela foi se acostumando a essa rotina de ver sumir a sua mãe ao fechar a porta da casa e revê-la só quando ela voltava à noite. A vida cotidiana é muito de rotina e trabalho. E assim foram anos e anos ou mais. A maioria de seu tempo o passou ao lado de Omaira, uma moça de Trujillo, do povo de onde todas elas nasceram.



139-Acervo pessoal  
Imagínarios da sombra  
Caracas, 2014

A doce moça Omaira cuidou da Flor Criança como se fosse sua filha. E a Omaira havia se tornado uma irmã para Flor Criança. E Flor Criança adorava tê-la por perto, estar com ela na cozinha, ver como preparava a comida. A Omaira lhe ensinou a fazer Arepas, a fritar tajadas, a fazer bolo de Chocolate. Com ela aprendeu a arte de amar através da comida. Ela havia se tornado Criança Gulosa, gostava de cheirar os temperos saídos das mãos da Omaira, cheirar a mistura depositada nas panelas, assentada no fogão da casa.

Quanto mais lembro de como era Criança Gulosa, do jeito que eu a lembro, a vejo crescer como uma

menina muito solitária e calada. Introversa. Ensimmada. Distraída. De amizades mínimas, que podiam ser contadas com uma mão. Ela não gostava muito de juntar-se às meninas, porque para ela as meninas eram muito chatas e se entediava com seus brinquedos de bonecas Barbie. As únicas duas amigas que tinha eram a Pamela e a Katherine, e talvez eram amigas pela proximidade que tinham. Todas moravam no mesmo Conjunto Residencial Parque Carabobo Plaza. Ela morava no último andar, o 33º, e suas duas amigas moravam no 10º andar.

No apartamento da Marisela, a mãe da criança-gulosa, as coisas eram tão limpas que elas brilhavam aos olhos. A mãe da criança-gulosa falava que seu lar estava todo decorado com a elegância do estilo Luís XV ou alguma coisa pitoresca e variada, o qual entretinha um estilo rococó latino misturado com artesanaria andina-venezuelana.

A Criança Gulosa jamais entendeu de jeito nenhum o porquê de haver tantas coisas chatas na sua casa. Se com nenhuma podia ela brincar! As coisas somente estavam ali para se limpar e brilhar ainda mais! Muito chato era o mundo dos adultos pra uma criança. Nada no lar encaixava na sua cabeça. Como é que uma criança poderia ser feliz? O lar não estava feito para uma criança brincar? -Ela ainda não havia entendido que no mundo dos adultos, de seus adultos, as crianças que nasceram não nasceram imaginadas desde o horizonte de uma criança. Para o mundo dos adultocentrismos, o mundo imaginativo de uma criança transcorre no quarto, num caderno e na escola. -Agora entendi por que muitos adultos esquecem

que o primeiro lar da imaginação afetiva e sexo-a-fetiva mora, está, se encarna, se corporiza no corpo, brinca com o corpo-

A Flor Criança Gulosa falou para sua mamãe que o dia lhe havia chegado! A noite que viu escorrer a lua minguada, ali embaixo de suas pernas. E lembrou-se enquanto falava para sua mãe, que a Marisela era um tumulto aberto. Nunca calava a boca! -Puxa, amanhã ela falará para todos na família o que me aconteceu! Semelhante vergonha eu terei que passar!- Enquanto passava isso pela sua cabeça, sua mãe lhe recitava como se estivesse brigando com ela: Maryori, uma boa menina é... ou seja tu que está menstruando, se dá a respeitar, e agora mais que nunca te debes cuidar... todos os homens vão a quer uma coisa tua, desabrochar o que tu tens lá embaixo... lembra, a reputação é tudo para nós, mais ainda nas nossas vidas como fêmeas, ninguém quer uma safadinha... Eu não quero putas em casa...agora qualquer um pode te engravidar, eu não te aceitarei grávida em casa, se isso acontecer te deixo na rua! Minha casa, minhas regras! Você entendeu? Fala Sim, mamãe, ouviu?! Saber se você realmente entendeu minhas ordens! A criança gulosa falou: sim, entendi o que a senhora falou!

A Criança-Gulosa entendeu o que era o sexo?! Seus primos já lhe haviam contado algumas coisas e ouviu a suas amigas da escola explicando-lhe o que a elas também lhe haviam falado outrxs. A informação sexual sempre chegava de boca a boca e por qualquer um, mas não das mães ou dos pais -elxs jamais falavam com clareza e nem do jeito certo- não para a emancipação e autonomia das crianças ou adoles



140-Acervo pessoal  
Caracas, 2015

centes. Se falava com tabu, com tantos tabus que uma não entendia nada. Então, a informação sexual era para uma desinformação sexual com os corpos das crianças. Na verdade, a relação com a informação sexual era mais sobre como os homens entendiam que as mulheres deviam dar sua virgindade para eles. A virgindade era uma dádiva para eles.

A informação sobre a sexualidade sempre se deu mais por encontros fragmentários, difusos, estranhos e até esquisitos. A criança-gulosa, por acaso, havia pegado um filme que tinha a imagem de Bambi. Ela gostava mesmo de assistir a desenhos e mais a desenhos de Disney! Nesse dia, assistiu ao desenho de "Bambi", mas não apareceu naqueles quadrinhos o filhote cervo. O que viu bem na frente de seus olhos foram batalhas entre muitos corpos, pessoas com

roupas esquisitas despindo-se, mulheres peladas. Nuas. Sem quase pelos na xoxota. Todas Magras. Branquelas. Corpos perfeitos. Louros a maioria. Elas apareciam muitas vezes ajoelhadas, pedindo e pedindo para os homens, eles bofeteavam a elas, as espancavam, a pele delas às vezes ficava como avermelhadas, as afogavam com seus paus, com aqueles pênis grandes, eretos, como se fossem cavernícolas puxando os cabelos delas. Elas não davam a sensação de disfrutar porra nenhuma, gritavam até de um jeito esquisito! Como de mentira – A criança-gulosa pela primeira vez assistiu a um filme pornográfico, onde o sêmen escorria como bandeira de vitória nos corpos daquelas mulheres branquelas. A criança-gulosa agora entendia os gemidos feitos por sua mãe algumas vezes, quando fechava a porta do quarto ao chegar seu namorado. A verdade, os muitos namorados que a Marisela chegou a ter.

No entanto, Criança Gulosa só sentiria o que era ter um corpo de grandona, logo de passar alguns anos e diante a uma sociedade venezuelana de muitos tabus, onde poucas estratégias de educação, pedagogia sexual existiam para entender em família ou sozinha suas mudanças corporais e a proteção de sua sexualidade ante possíveis perigos de assédios ou acoso sexual. Ela entenderia sua vulnerabilidade da pior maneira, quando os perigos que havia lá fora, para as meninas, o havia conhecido por acaso. Quando viu sentir a sensação de arrepio, de cólera, de asco no corpo, ao ser olhada por qualquer um, daquele jeito nu. -Nunca esqueceu esse dia. O dia em que mais odiou seu corp



141-Acervo pessoal  
Imagínarios da sombra  
Manaus, 2019

### **8.2.1 A Saia Laranja**

*Eu tinha 10 anos de idade, era segunda feira, e iria como de costume ao cinema sozinha. Me arrumei com minha saia favorita; ela era laranja e tinha no lado esquerdo uma flor tecida. Quando saí da minha casa, no meio da rua que dá para o cinema do Barrio Parque Central, apareceu um homem alto, magro, branquinho. Ele começou a falar para mim cantadas de rua, e o que a saia laranja fazia ver nas minhas pernas, nas minhas nádegas e demais partes do meu corpo.*

*Ele começou a me chamar de algum jeito; começou a caminhar até onde eu estava. Não havia ninguém ao redor, estava sozinha de frente aquele cara! Pela primeira vez, tive medo de estar sozinha! logo, eu comecei a me afastar daquela rota, até correr muito, muito... Sei que cheguei à casa e atirei no chão aquela saia; a guardei numa sacola e... Jamais voltei a me arrumar com ela. Esse dia, odiava-me a odiava a meu corpo ainda mais.*



## 8.2.2 Criança Gulosa conhecia o ódio a seu corpo muito bem!

A verdade, a Criança Gulosa já conhecia o ódio. Ela começou a odiar seu corpo pela primeira vez, num tempo quando era muito Flor Criança, tinha talvez uns 5 ou 6 anos de idade, sei lá! Ela costurava com muita imaginação um grande sonho. O sonho de ser dançarina de ballet-clássico. Imaginava-se o tempo todo dando voltas com o tutu e se tornando aquelas dançarinas que olhava no Teatro Teresa Carreño, em Bellas Artes (Caracas), onde aconteciam os grandes espetáculos de Ballet nos anos 80.

A mamãe de flor-criança a tomou da mão um dia, e foram até Parque Central, onde ficava uma academia de Ballet. E como qualquer criança, ficou emocionada: ao fim cumpriria seu grande sonho e iria dançar! No entanto, saiu uma moça daquela academia de ballet e falou para sua mamãe:

A moça: A criança não tem as condições físicas para ficar aqui, não!

A Marisela: -Como é que é? Não tem não? Pode me explicar melhor?!

A moça: Ela é gorda e esse tipo de dança precisa de meninas magras; como aquelas que estão lá, viu! O melhor para sua criança gordinha é começar uma dieta, e quando estiver pronta, pode voltar. Por enquanto não tem chance nenhuma aqui!

Aquele dia Flor Criança viu a sua mamãe chateada sair de lá, e via escorrer nela uma lágrima nas bochechas, pois o sonho de ser dançarina de sua filhinha

não aconteceria! Ela explicou a sua criancinha que dariam um jeito! Sua mamãe queria que ela fosse feliz, e decidiu levá-la ao pediatra. Fizeram um plano dietético. A Flor Criança pela primeira vez conhecia o significado de ser gorda e gulosa.

Foi a primeira vez que viu-se Criança Gulosa e foi quando acreditou ter alguma coisa errada no seu corpo. Sim, errada! Porque a sociedade venezuelana estava normalizada em estandartes de beleza transnacional, como o famoso certame de beleza Miss Venezuela, criado em 1952. Esse evento nacional havia se tornado um ícone venezuelano na imagem feminina das mulheres. A cultura pop da beleza venezuelana, transmitida em rádio e Tv em cada canto e em todos os lares de Venezuela, tal como a devoção ao beisebol. Essas duas coisas e o Petróleo, são os maiores símbolos venezuelanos de importação internacional.

Lembro que essa foi a primeira vez que a Criança Guloso conheceu a palavra dieta e o que isso significou em sua vida corporal. A tortura cotidiana de levar ao pé da letra o plano dietético. O plano que mostrava o rigor da norma social sobre o conceito de corpo e de beleza nas meninas e nas mulheres venezuelanas. Tinha que ouvir as piadas da família espalhando-se ao saberem pela boca de sua mamãe como foi rejeitada na academia de ballet por sua gordura. Entendeu como a família e sua mamãe podiam ser cruéis ao reafirmar e reproduzir em pequenas e constantes piadas que a magreza era sinônimo de beleza. A gordura "era feio para uma fêmea", segundo a família andina, e por isso uma fêmea tinha mais

probabilidade de ser rejeitada social, familiar e culturalmente. Na sociedade venezuelana, a gordura não permitiria a uma fêmea encontrar namorado, se casar, ser feliz.

De modo que a mamãe de Flor Gulosa se tornou uma polícia alimentar no lar, atormentando-a no cotidiano quanto ao que ela devia ou não comer! Tentando que o regime alimentar desse certo! Porque segundo isso, faria Flor Gulosa uma pessoa mais aceita por todes, mais sociável, segura de si mesma e desejável.



*No hay peor tortura para la vida de una niña,  
que sentirse infeliz e insegura en su propio cuerpo,*

*No hay peor tortura para la vida de una niña  
cuando tu cuerpo es territorio de otros y también es  
territorio enemigo,*

*No hay peor tortura para la vida de una niña  
que las personas que más amas,  
sean tus demonios y escriban de márgenes tu cuerpo.*

*No hay peor tortura para la vida de una niña  
que la piel guarde en silencio: innumerables heridas*



142-Acervo pessoal  
Imaginarios da  
Belém, 2017

*que los recuerdos de las tardes felices se olviden y los raspones de las rodillas intentando coger los mangos del árbol sea solo una imagen perdida en la mirada.*

*No hay peor tortura para la vida de una niña cuando las apariencias importan más que sus libertades.*

*No hay peor tortura para la vida de una niña que amarse en las apariencias y esconderse en sus tristezas.*

*No hay peor tortura para la vida de una niña al hacer de ella, un adulto; arrebatándole la sonrisa por una fingida y agradable para todos.*

*No hay peor tortura para la vida de una niña al sentir sexualizado su cuerpo y solo sea vivido bajo el deseo machista de todos.*

*No hay peor tortura para la vida de una niña cuando se le niega el derecho a vivir su infancia, descarnando de ella, su ágape de cuerpo y alma.*





143-Acervo pessoal  
Imagários da sombra  
Belém, 2017

Foram essas práticas de ódio machistas e seu sexismo normalizado em pequenos atos na minha sociedade o que me deu o nome familiar “la gorda o la gordita” (a gorda ou gordinha), que até hoje em dia me acompanha em todas as reuniões familiares.

O certo é, as inumeráveis dietas que eu fiz por um tempão de minha vida me deixaram, como é de se imaginar, com desordens alimentares, descontrole de peso e desequilíbrios emocionais. Eu joguei tantas dietas no meu corpo que isso afetou grande parte de minha vida amorosa e sexo-afetiva. Esse ir e vir de fluidos jogados como consequência de um sistema alimentar branco e violento não somente modificam a aparência física, como também agridem tua percepção sobre os demais, limitam a autonomia de teu corpo a ser o que eu queres ser, alguém que deve

viver e acolher seu corpo em plena liberdade! Afir-mar-me gulosa aqui é afirmar-me mulher de muitas curvas lindas, voluptuosa, sexual, sensual, feliz, que gosta de comer comidinhas feitas com carinho! Rs, rs, rs...

Toda essa dinâmica deixa uma memória líquida no corpo, experiências líquidas de quanto tu jogas para fora de ti, quanto nosso corpo resiste à dor de ter que suar muito para ter a cintura sonhada de Miss, a gostosinha! Nessa nefasta apologia ideológica de que "para ser bela há que ver estrelas". Viver no incansável, onde a dor induzida exerce um papel importante na manipulação e exploração descarnada do corpo e seus fluídos a querer ser perfeita; quando o que realmente nós somos é seres humanas imperfeitas, lindas na sua natureza plural, diversa e múltiplas de formas.

Minhas estrias, as quais abracei com amor, falam desse entrar na Terra Rio, cheia das raladuras que me deixo de tanto emagrecer e engordar absurdamente! A umidade do meu corpo, a elasticidade, sua dinâmica socio comunicativa e amorosa foi de relacionamentos atrapalhados, girando por muitos anos em volta das calorias > > > de quanto há que suar para queimar a gordura, quanta água debes engolir para urinar, quanto se tem que acelerar o metabolismo pra evacuar, quanto toca drenar de ti, para achar em ti uma imagem outra, a imagem de uma menina, garota ou mulher branca e magra jogada em ti, no espelho de tua vida amorosa, um tipo de fêmea que tu jamais vai ser! Que nem quis ser! Porque ela é irreal, nos foi fabricada, industrializada em nós, para pen



sarmos como objetos, bonecas, caladinhas, manipuláveis, submissas num ideal de humanidade e beleza branca e magra hegemônica.

A missão, como fala nossa querida mãe entre muitas mães feministas negras, a Bell Hooks:

[...]uma perspectiva feminista descolonizada iria, antes de tudo, examinar como práticas sexista em relação ao corpo das mulheres estão conectados globalmente, enxergar por exemplo a sexualidade aos distúrbios alimentares que ameaçam a vida das mulheres (que é uma consequência direta de uma cultura que impõe magreza como ideal de beleza) [...] (Hooks, 2018, p.78)

Temos que abrir mão da boneca branca de nossos contextos socioculturais e econômicos, tirar de si a magra idealizada e estandardizada, a hegemonia da raça branca, que passa por diferentes iconografias míticas, religiosas e da cultura pop. Por exemplo, as musas, a Virgem Maria, a Vênus, a Marilyn Monroe, A Maja nua, a Odalisca, até os racismos e sexismos mais narrados e articulados na história, na literatura das artes ocidentais, as quais são a maioria das vezes de supremacia branca, hegemônica e cisheteronormativa.

Toca desarticular ainda mais nossas histórias míticas e religiosas, romper os padrões de branqueamento do corpo. Ser consciente da escassa ou nula presença de mulheres negras e indígenas em nossas vidas. A elas temos, devemos elevá-la ainda mais a essa corporalidade de musas, Vênus, Marias, Deusas, feiticeiras, criarmos nesses outros personagens femininos míticos, religiosos e pop, onde elas também sejam portadoras de uma cultura criadora de outras corporali-

dades. Eu me vejo nelas, desde minha corporalidade mítica, pois elas me mostraram a erótica múltipla de minha natureza.

Principalmente, eu sou uma mulher latina, não branca, minha árvore familiar é de peles diversas, jamais me achei branca, nem negra, nem indígena, me achei parte dessa mistura que sou, dessa diversidade que há na minha Venezuela e na minha família, onde somos uma mistura rica em formas e cores. Não obstante, não posso negar que sempre tive uma condição social e econômica privilegiada, minha pele clara também dá privilégios, ao não ser negra, nem índia, e isso é claro, me coloca numa posição onde não serei um alvo de exclusão em relação a minhas irmãs negras, mulatas e índias, a elas a magreza, a beleza e o racismo existente em meu país lhe será impactado social e culturalmente de outra forma.

Por exemplo, no ano passado, quando a Isabella Rodríguez ganhou o Miss Venezuela -uma mulher negra, nascida na favela Petare, a mais conhecida de Caracas e América Latina-, as redes sociais destilaram seus ódios, os níveis de racismo e classismo endêmico saíram à luz pública. Quando o desequilíbrio à norma social da branquitude foi quebrada, com ela sendo a

**“ horrible esa cara de  
monoooo— Gagooh  
(@iGagooh) 14 de  
diciembre de 2018 ”**

145-Instagram  
Belém, 2018

recém coroada Rainha, tendo esse alto privilégio no certame de beleza e claramente enaltecendo a estética magra, os rasgos corporais desse fenótipo branco, sua pele de cor escura, negra, não foi tolerada, a tornou-se alvo de inumeráveis mensagens como “agora os negros tem rainha! Essa mulher feia e macaca é nossa rainha? Agora os certâmenes exportam negras...”

O mesmo fato havia acontecido um ano atrás aqui no Brasil, com a Monalysa Alcântara, do Piauí, eleita Miss Brasil 2017, e também alvo de mensagens racistas e classistas, pela cor de sua pele.

Por isso, as feministas abrimos mão das histórias de nossas objetivações, para entender como o racismo e o sexismos se dão de muitas formas no cotidiano, e até em estruturas e instituições onde a beleza é um mercado para exportar mulheres como objetos.

Pois as mulheres (principalmente as brancas) não existiram como objetos mercantilizáveis, objetos de consumo no circuito da arte e na cultura visual das massas. Elas foram e continuam sendo exaltadas como signo artístico dos grandes discursos hegemô-



**Juliana Porto**  
@julianacporto



Credo!!!!!! A Miss Piauí tem cara de empregadinha, cara comum, não tem perfil de miss, não era pra tá aí. Sorry.

#MissBrasil #MissBrasil2017

nicos relacionados ao corpo feminino e na concepção de tipos específicos de feminilidades.

Nesse sentido, como produtora e criadora de imaginários, e principalmente de meus imaginários femininos, exalto um corpo outro, uma corporalidade outra, fora do regime hegemônico estabelecido como estético, belo. Pois está em minhas mãos não contribuir com os grandes discursos políticos patriarcais dessas histórias das artes, afundados nas ideias de um tipo de signo artístico feminino subalternizado no olhar masculino e desse cidadão e cidadã que se quer para cada povo. Na imagem magra e branca, por exemplo, do gênero fotográfico do nu, tradicionalmente pictórico e levado por homens (brancos) para manifestar uma erótica viril, masculina, masturbando-se progressivamente com o ideal de um corpo feminino branco, e cumprir com as fantasias sexuais deles. Borrando e tentando borrar de nós nosso poder de relacionar-nos na vida, com a pele, nossos rostos e corpos de outro jeito. Me repenso como criadora e sujeita sexual nas artes visuais, para poder decidir como quero ou não ser vista, imaginada e sentida por um outro e uma outra.

Desmarcar de meu corpo essa democracia patriarcal, onde a visão masculina branca viril ataca minhas autonomias corporais, que passam não somente pelo olhar do corpo ou por como somos consumidas social e culturalmente, como também por como o nosso corpo é alimentado nesses processos de produção e noção alimentar. Onde o estado exerce um papel fundamental na criação de políticas públicas sobre a produção, distribuição, uso e consumo de alimentos.

Por isso, a estética capitalista continua atualizando os corpos das mulheres brancas e magras como produtos e objetos sexuais e de desejo para criar uma imagem identitária e homogênea de um tipo de cidadania que se quer para o primeiro mundo.

Lembremos que os avanços tecnológicos do capitalismo e neoliberalismo atualizam suas iconografias corporais para se espalhar com maior fluidez e rapidez. Por isso, a fotografia, a publicidade, o cinema, a pornografia, as mídias, as redes sociais e a internet facilitam maior poder de persuasão, e, neste sentido, é importante sempre pensar nas ferramentas que usamos como meio de comunicação.

Em todo caso, o tráfico visual da ideia de beleza e magreza do cidadão neoliberal está pra sexualizar, discriminar, marginalizar, focalizar, marcar, classificar, catalogar de acordo a seus territórios, tipo de cor de pele, idade e posição socioeconômica a cada um desses corpos. E assim propor o ideal de beleza o sonho americano da mulher pop para cada povo!

Essa mulher pop, como objeto de consumo e signo artístico, é um discurso visual para mostrar qual é o ideário da mulher cidadã que se quer, o papel ideológico que se tem dela na economia patriarcal, neoliberal. Entanto, desde o corpo dela se enfatiza um útero reprodutor da sexualidade e processos de exploração alimentar, antiecológica. Desde o corpo dela surge a imagem dominante, cisheteronormativa. Uma arte política para enfatizar que corpo magro e belo é pertence ao lócus social dos homens brancos, apagando assim outros ideários de beleza, alimentação, cultura e comunidade não brancas.

Por isso, as bonecas que nos venderam são parte dos outros tantos produtos de beleza, cirurgia cosmética, academias... para seguir circulando por mecanismos de exclusão e desejo que faz de nós não apenas consumidoras compulsivas, anêmicas, obesas ou bulímicas, como também sexistas e racistas. Para chegar a ter o corpo mercantilizável. Porque tiram fogo a nossas corporalidades diversas. Nos afastam da multiplicidade que nós somos. Estamos cheias de múltiplas cores e formas de nossos corpos.

Querem nos afastar de nossa tropicalidade ameríndia, amazônica, andina, caribenha, carioca, ribeirinha, africana, indígena... somos corporalidades tão diversas e múltiplas como a terra ao dar luz às mais diversas e diferentes espécies de animais, frutas, plantas, flores, águas... Jamais poderemos ser uma só. Nossa ecologia de vida começa por nossos corpos. Nossos corpos são uma floresta imensa e plural. Somos como falou uma amiga artista, pintora venezuelana, a Sofia Saavedra, numa rádio alternativa, de formatação Podcast dedicada à arte Venezuelana > > > "nossos corpos são nômadias, posto nós somos corpos não conformes, não podermo-nos catalogar como sou isto ou aquilo, nos mudarmos, como mudam nossos pensamentos e por isso nossos corpos mudam o tempo tudo, mudam de qualquer jeito"

O ideal da magreza e beleza branca é uma ideologia sinistra para o consumo compulsivas de uma infinidade de produtos dietéticos, fórmulas alimentícias que não estão destinadas a pensar nas pessoas como seres humanas que precisam de uma saúde integral e saudável. A verdade, foi este sistema antiecológi

co patriarcal que criou as enfermidades alimentares, como diabetes, ataques ao coração, obesidade, bulimia, anorexia, justo pelo consumo massivo de seus produtos antiecológicos.

Além disso, a magreza induzida e implacável do patriarcado é sinônimo de fome. Se faz impossível desligar a magreza sem supor que o ideário magro enfatiza a precarização da vida e a precarização da comida, porque a magreza passa também pelo sistema de produção alimentar. Como é que a comida chega ao povo, quais alimentos são esse que chegam para serem consumidos nas comunidades mais pobres? Quantas verduras e hortaliças nós consumimos sem agrotóxicos ou intervenções nos cultivos por parte da empresa transnacional Monsanto? Como é a produção alimentar que realmente se vive, se sente, se corporiza em nossos povos?

A desnutrição faz parte dessa ideologia magra do capitalismo. Por exemplo, as crianças desnutridas e o emagrecimento das mães nas favelas, são corporalidades que falam da feminização da pobreza, pois existe pouca acessibilidade à comida, a renda básica é insuficiente na manutenção das famílias. Entra a dicotomia > > > a classe privilegiada sofre pelo excesso de consumo e, do outro lado da moeda, a classe obreira trabalhadora, no caso dos mais pobres, sofre pela escassez de alimentos, salários de fome, fome, pouco acesso aos bens e serviços de qualidade, como água potável. Estabelecendo-se as claras desigualdades econômicas, culturais e sociais presentes no mundo inteiro, nesse olhar político e ideológico do que realmente é o ideal de beleza e magreza branca.

O caminho para dismantelar ao patriarcado neoliberal é seguir acreditando em movimentos ecológicos. Eu acredito na luta contra empresas como Monsanto, na exploração pela mineração e petróleo ou de quaisquer recursos naturais que violentem a terra e a tornem infértil e em guerra.

Há feminismo que agencia e propõe outras formas de produção de conhecimento alimentar e tentam repensar outro sistema de produção e consumo de alimentos, mostrando a criação de outros tecidos corporais com a terra e os alimentos. Mais ligados à nossa natureza orgânica, onde seja eliminado pesticidas e agrotóxicos, norteados uma política alimentar e de saúde pública de produtos biodegradáveis, pensando a necessidade de diminuir o consumo de plástico que tanto se joga nas praias e rios, matando a nossa fauna aquática.

O caminho é chegar a ter uma educação assertiva, inclusiva e participativa, onde família, as políticas públicas, a mídia e a escola sejam aliadas e copartícipes na criação de alternativas de produção de conhecimento na educação alimentar e copartícipes para nos alimentar com outras estratégias de vida, consoante a nossas terras produtivas e modos de viver vivendo.

Desenvolver outras relações afetivas e mais amorosas na produção da terra que garantam a possibilidade de uma melhor vida e assim amar melhor a nossa mãe terra e por tanto a nós mesmas. Eu acredito que o modo como amamos a nossa terra é o modo como amamos a nossas mulheres e crianças!

### 8.3- A Flor Gulosa Maryori

No ano 2001, a Maryori já tinha 18 anos de idade, era uma grande flor-gulosa, grande como a lua nova, preenchida de sonhos, caminhos por fazer. Já tinha meses trabalhando como laboratorista num local de fotografia. Havia estudado artes visuais e fotografia desde os 15 anos de idade na Escola de Artes Visuais Cristóbal Rojas. Era fotógrafa. Conhecía bem o que fazia. Era o que sempre havia desejado ser desde flor-criança. Agora daqui adiante era uma moça grande. Ao fim, não teria que depender de sua mãe. As coisas iriam melhorar na sua vida. O mundo era seu. Estava em suas mãos. Ainda não iria para a Universidade, mas isso aconteceria logo, logo, de viver o que teria a viver.

*"A independência é uma bebida inebriante que, se tomada na juventude, pode exercer no cérebro o mesmo efeito que um vinho jovem. Não importa que nem sempre seu gosto seja agradável. É viciante e, a cada golpe, você deseja demais" (ANGELOU, 2018, p.75)*

Naquele tempo, a vida de Flor Gulosa em casa não era boa. Quando lembrava que tinha uma casa esperando-a, sentia um aperto no peito. Sua cara mudava. Vinha a raiva. Decepção. Infelicidade. Tristeza. A certeza que as coisas ali tinham anos sem ir bem. Antes dos 15, vivia brigando com sua mãe. As duas tinham um temperamento difícil, os gritos eram furacões e logo cachoeiras caindo em cima dela naquela casa. Por isso, ela preferia estar na rua, em qualquer parte que ali.



147 - Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2018



148-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2018

A Flor Gulosa havia visto a sua mãe perder o rumo da vida, o brilho espartinho em seus olhos, a garra daquela mulher felina que ela conheceu desde flor-criança. Sua mãe Marisela não havia perdido a beleza, isso ainda titilava naquele corpo gostoso. A mãe que ela tinha na frente de seus olhos agia de outro jeito, parecia aquelas donas de casa que haviam deixado de rir, de acreditar na vida. Por alguma razão, somente existia se o marido dela a deixava existir. E isso fazia a Flor Gulosa sentir uma dor no seu peito. Jamais um homem havia mudado desse jeito, subordinando a sua mãe. Pensou-se, quem era ela? Essa não era sua mãe! O que mais admirava dela era a independência que tinha, e agora só era uma fumaça. Era agora somente a mulher de alguém? E a mulher guerreira que viu desde pequena? Aonde ela morava naquele corpo de geminiana? Essa mulher desapareceu nas mãos daquele homem dia após dia, ele lhe arrebatava a felicidade, o poder de decidir o que queria ou não. A flor-gulosa viu passar com os anos como se fosse quebrando, fissurando a autonomia de sua mãe, pedaço a pedaço, parte por parte, a mulher erguida que conheceu algum dia. Talvez, tenha sido essa uma das piores vivências que teve que suportar a flor-gulosa ao chegar em casa.

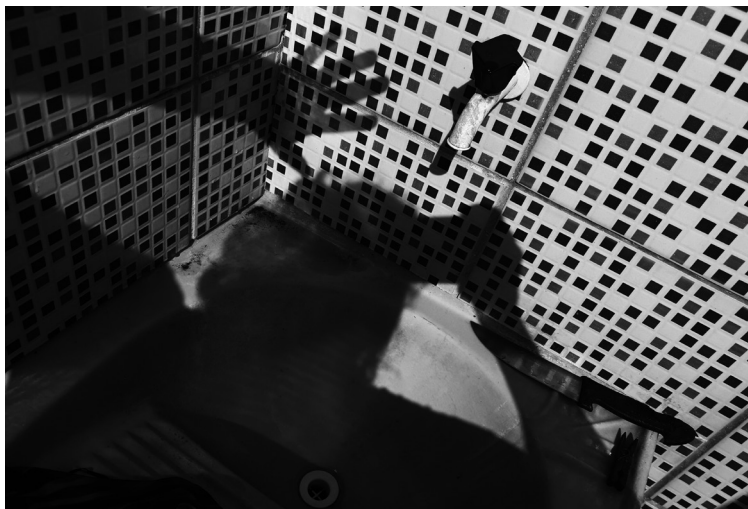
O nome do marido da mãe era Carlos, um homem nascido nas regiões orientais de Venezuela, no interior de Anzoátegui, em Maturín. Tinha estatura média, cabelo negro, pele clara e olhos escuros-morto. A flor gulosa jamais havia passado tanto ódio, cólera, repugnância por uma pessoa, como o que ele lhe fazia experimentar, senti-lo muito dentro de suas vísceras.

-Era chato saber que o lar, lugar onde a gente acredita que vai encontrar calma, tranquilidade, abrigo, abraço, era em realidade um campo de desconfortos; um campo de batalha. Um lugar muito longe de encontro com o amor e a família-

Nos últimos anos, a flor-gulosa viu bem na sua frente, como o companheiro da mãe dela a espancava com a boca. Era a primeira vez que vivenciava a violência verbal de um homem em casa. Ele procurava qualquer coisa para fazer sentir o rigor de sua presença. Às vezes a flor criança tinha a certeza que ele vasculhava o seu quarto, e se deitava na cama dela, para fazê-la sentir-se intrusa, que não pertencia a essa casa, que tudo o que havia ali agora era dele. Procurava de qualquer jeito que flor-gulosa e sua mãe brigassem, ela via de soslaio a cara dele de satisfação.

Conforme o tempo passou, a violência na casa de flor-gulosa era quase habitual. O Carlos, companheiro da mãe de Flor-gulosa, estava começando a ser mais violento ainda, o ódio que esse homem levava na sua boca, no corpo, haviam deixado o estágio de somente falar besteiras a sua mãe. Era de noite, e Flor-gulosa estava deitada em seu quarto, jamais dormia cedo, e escutou o barulho da porta da casa, estavam chegando à casa sua Mamãe e o Carlos. Logo, as vozes se iam apagando. De repente, flor-gulosa ouviu o som de um forte golpe. Havia espancado a sua mãe?! A flor-gulosa saiu correndo de seu quarto e viu que no banheiro estavam os dois. Sua mãe sentada no vaso sanitário com as mãos na cabeça e ele gritava para ela, chamando-lhe de puta, vadia, de má mulher, etc., palavrões típicos de macho. Esse dia, Flor-gulosa não

aguentou mais e para defendê-la pegou uma faca e tentou feri-lo; por sorte, um amigo do Carlos, que presenciava a briga, interferiu segurando sua mão, impedindo que uma tragédia maior acontecesse, pelo menos não de morte física. Esse dia talvez sua mãe acordou de um longo sonho de 5 anos de relacionamento abusivo, maus-tratos, e aperto financeiro. Esse dia a Marisela acordou, entendeu o que acontecia na sua vida. Esse dia a raiva, a dor, e a violência lhe arrebataria a única pessoa que sempre esteve com ela o tempo todo, sua filha. Esse dia viu o que esse homem tentava fazer - acabar com ela. Esse dia viu a possibilidade da morte na sua própria casa. Esse dia entendeu que um amor que fere não é amor. O amor faz as pessoas unirem-se, ao contrário ao ódio, ele se mata, se viola, se aniquila, se consome, se separa. Nos separa da vida. Nos afasta do amor próprio.



149-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019

-No mês do incidente, minha mãe decidiu largá-lo de nossas vidas. A partir dali, deixamos de ser o rosto da vítima acostumada à violência, que vai estragando a vida e a comunicação entre mãe e filha, mas o caminho entre as duas ainda precisava de uma última ferida, uma ferida uterina, para que as duas pudessem abraçar-se em seus horizontes de vida. E para reconstruir-se daquilo passariam muitos sóis e luas debaixo delas. Muitos sangues lunares deviam transitar em mim para ao fim me perdoar.

Tivemos que pôr nossas feridas a nadar, nossos mares e rios. Deixar que as feridas se lavassem com o tempo-água, flutuassem por nós, para desfazer-nos das práticas de afeto que doem, afetam nossas sensibilidades, quebram laços. Pois o ódio afasta, e não une! Por isso, falar, escrever nossas histórias de vida é recontar-nos ao contá-las. Nos faz exteriorizar, refletir o que somos e fomos, o que há por diante, e isso é uma prática amorosa. Criamos um outro eu, um eu mais disposto e consciente que entende que a escrita de si é mais que uma autobiografia, é dar sentido aos discursos violentos que a nós nos atravessam. Ver-nos nessas verdades é dar fim ao ódio que nos apanha. É enterrar o ódio que nos apanhou ou como fala a querida escritora Evaristo Conceição em sua obra Ponciá Vicêncio "relembrar o fato era como sorver a própria morte, era matar a si próprio também" (CONCEIÇÃO, 2018, p.22).

Escrever o passado é escrever não só os tempos vividos, ou escrever certas passagens de vida vivida, é nos voltarmos a estágios de vida-morte-vida, onde uma se encontra com uma outra, alheia, um corpo outro que

mudou e viveu suas experiências amargas e doces. Um corpo que leva suas sombras, não como uma coisa má, mas como fatos verdadeiros que fizeram dela o que é, nem mais nem menos. Para construir o caminho de reconciliação com si mesmo, e em particular com aquilo que a nós nos turva, nos confunde, como se ainda não estivessem resolvidos em nossa existência. É preciso sorver as lembranças para trazê-las de volta, qual mortos, cavar nos túmulos da memória-afetiva corporal, abraçar as nossas próprias sombras, ou como diria o historiador Hans Belting, “as lembranças não são mais que um ato de animação. Só que se trata de uma animação efetivada por corpos vivos... os mortos regressam de maneira invisível cada vez que um corpo vivo o lembra” (BELTING, 2007, p. 234)

### **8.3.1- A Flor Grandona**

Aqueles 18 anos de idade de Flor Grandona seriam, sem sabê-lo, a idade com mais feridas que um corpo poderia suportar a vida toda. Se o lar não lhe resultava doce, a vida lá fora lhe dava a “liberdade” de ser, de ser ela, ou isso era o que sua cabeça achava! A rua era o território de fuga, de esquiva, o lugar onde havia depositado a confiança em sua amiga Jessica. O que ela pensou que ela era!? Ela acreditava que se uma não podia escolher a mãe, pois já nasce com uma, a vida te dava a oportunidade de escolher a tuas amizades. Criar outros relacionamentos, outros laços de amor, outros afetos de vida. Certamente a amizade é uma prática amatória antiga, como as manadas de animais. Somos seres gregários a vida toda, nós socializamos e precisaremos do outro para dar conta da nossa existência. Conhecemos o amor porque ele chega, nos chega

através dos outros, das outras - Somos uma que não se encarna a si mesma, se encarna nas outras e nos outros. Somos tecidos sociais, e isso é o que nos permite criar uma cultura de afetos e de amor-

Mas Flor Grandona vivia numa sociedade donde a cultura do ódio também existia até nos pequenos gestos ou na confiança depositada nas amizades. Pois às vezes não conhecemos bem a todas as pessoas que estão ao redor. E, lamentavelmente, a Flor Grandona, como havia perdido a confiança nela mesma, depositava às vezes cegamente seus afetos nos outros, sem medir se a pessoa era certa! A vida toda havia aprendido que para ver-se feliz havia que agradar a outrxs. Deixar-se levar por os demais. Fingir que era durona também. Fingir o tempo todo que sabia o que fazia, quando em realidade não sabia porra nenhuma!

Sua melhor amiga daquelas 18 primaveras era a Jessica, uma moça que morava perto da casa de sua tia Margarita, lá na rua San Martim. A moça Jessica havia tido um relacionamento com o primo de Flor Grandona, o nome dele era Arly. Então, a Flor Grandona, pela familiaridade que a gente tinha, foi construindo uma amizade. E assim foi, estavam juntas o tempo todo. Daqui para lá, de lá para cá. Até arrumaram um trabalho juntas. Iam para a academia e festas juntas. Era comum vê-las uma preenchendo à outra. E ainda mais depois que o primo de Flor Grandona terminou com a Jessica. A coitadinha da Jessica tinha uma grande queda por ele. E como Flor Grandona era tão boa amiga, estava com ela para ajudá-la a seguir em frente. Mas, no fundo, Flor Grandona ignorava o que sua amiga fazia por trás dela, a raiva que sentia agora por ela por



150-Arquivo pessoal  
Imaginários da sombra  
Caracas, 2013

causa do primo! Nunca entendia por que às vezes a tratava mal, e bom ela ignorava essas pequenas grosserias, pensava que era coisa do desamor que tinha.

Um dia a Jessica convidou a Flor Grandona a uma festa, iriam as duas curtir a noite. Flor Grandona pediu para ir à festa, mas sua mamãe não a deixava ir. Então inventou que iria ficar na casa de sua tia Margarita. A mentira deu certo! E assim foi, o plano resultou! A Maryori saiu aquele dia toda empolgada e, é claro, toda arrumada para a festa, com a ideia de dançar e viver a vida ao máximo, como qualquer garota! Naquele tempo, ela era magra e gostosa, como lhe faziam acreditar os e as outras.

Quando chegou até a festa, já estava sua amiga Jessica e seu outro primo Jeampiero. Ele era como um irmão para ela. Não obstante, Flor Grandona estava brigada com ele. Meses atrás, haviam tido uma discussão em relação às drogas que seu primo Jeampiero estava consumindo. As coisas com ele iam piorar esse mesmo ano. Ele estava vendendo droga. E como vendia muito, começou uma briga com outro gangster da zona. Por causa disso, os supostos amigos dele venderam a vida dele ao gangster. E assim foi, numa noite qualquer, um tiro na cabeça se ouviu na zona. O amado primo de Flor Grandona, o Jeampiero estava morrendo, sangrando no chão, num estacionamento das residências perto da casa onde ele morava. O guarda daquela residência o encontrou quase morto, olhando para algum lado, e o levaram num carro até o Hospital Militar.

-O Jeampiero procurava a sua mãe aquela manhã.

Quando ela chegou, depois de umas horas de agonia, ele morreu. Aqueles olhos azuis do Jeampiero, iguazinhos aos de sua vovó Ida, riscaram os céus, e agora jamais voltariam a rir, a voar de alegria pela vida. Jamais voltariam aqueles olhos a encher de felicidade a vida da Maryori. Seu primo Jeampiero sempre a fez rir, ele era a luz engraçada da família, e cheio de magia.



*-Foi a morte mais dolorosa que eu senti na minha vida. Ele era meu irmão. Com quem brinquei desde criança. Vi e entendi que a vida é curta demais. É efêmera demais. Ninguém tem a vida comprada. Mas a morte se é vendida, e podia ser até comprada, tem um valor, um preço no mercado, neste mundo violento onde qualquer um pode te matar.*



Voltando ao conto de Flor Grandona, aquela noite ela colocou sua confiança nas mãos de sua amiga Jessica. Mas sua confiança foi traída, enquanto dançava naquela noite jovem e inebriante, seu corpo se escorria entre seus dedos, entre bebidas e bebidas. De um momento a outro o som da música que ressoava tão forte nos ouvidos de Flor Grandona foi diminuindo, até apagar-se nela, os corpos se misturavam com a luz intermitente, até sumir. Quando a luz voltou a ela, era demais tarde e...

### 8.3.2 Acordei no Chão

*Tinha só 18 anos de idade. Quando acordei, já era tarde demais! Minha cabeça só dava voltas. Não soube sequer como cheguei aquela casa. Como foi que saí do local, ontem à noite, com aquele cara? Só lembro ter dançado. Agora estava acordada no chão, arrepiada, com dor no corpo, com um cara desconhecido. Nua no chão! Desconcertada. Chateada. Me arrumei como pude. Fui embora daí. Dias depois, fui a fofoca do Barrio San Martin. Era Juana, a Virgem. Uma novela em que a virgem já não era virgem, somente a puta que amancebou com alguém ao sair da festa. Fui estuprada e ninguém acreditou em mim.*



Triste o arrepio dessa manhã. Eu deixei o rosto de uma Flor Grandona esvanecer-se nas minhas mãos. Lavei e lavei tanto, que fiquei cansada de tanto limpar. Limpar o corpo engolido, ferido, machucado, magoado. Como se tentando devolver-me alguma paz. Mas onde fica essa paz se te encontras sem saber de ti? O que era eu nesse corpo? Se o que sempre achei meu, já não estava comigo! Era. Havia sido tomada por alguém. Esse corpo que em tudo me acompanhou, que tanto havia visto crescer. Brincar. Rir. Viver. Chorar. Olhar. Sumiu de mim, sumiu uma noite. Umhas horas. E também vários anos. Jamais fui a mesma. Jamais seria a mesma. A vida toda deu reviravoltas. Os tempos iriam passar e não havia nada que eu me lembrasse, ou pudesse mudar. O Passado que está feito, é! O tempo caminhava com a tristeza, a melanco-



151 - Acervo pessoal  
Imagínarios da sombra  
Caracas, 2014

lia ainda mais profunda de meus olhos. Eu esquecida de mim, tomada num corpo estranho. Eu escorria na estranheza de dias ensolarados. Queria morrer. Desaparecer deste mundo! Viver com a imagem de uma manhã atirada ao chão como lixo. Exposta como carne putrefata na família. Olhada de soslaio. Basculhada ao passar. Transformando minha dor em culpa. A puta Mens Rea que foi jogada em mim. Eu sou a única culpada de minha desgraça? Eu sou suja por me equivocar? Lixo? Ímpia? Vadia? A xoxota alegre? Fofoca minha família, porque minha honra foi esvaziada. Há em mim o delito? O delito de haver acredito em outrxs? De confiar que não estava sozinha? Mas estava! As mulheres estupradas muitas vezes estão sozinhas! Estão porque é mais fácil acreditar nos homens do que nelas.

Para minha mamãe e minha família eu fui, eu deixe isso passar, eu permiti que aquele homem me fizesse isso.

Foi meu silêncio quem outorgou esse direito? Eu fui quem tentou a boca do lobo, para ser mordida!? Não tem culpa quem toma pela força o que não é seu? A virilidade não se julga, deus livre! As mulheres são as provocadoras. As serpentes vaidosas. Eu fui quem incitei a ereção de minha desgraça. Só eu? Maldita sociedade de merda que pensa que sou eu a culpada! Maldito são todos quem ousam expropriar de ti a vontade de viver, a vontade de teu corpo! Minha família, a grande ausente para compreender-me e a grande presente para juntar lenha e incender a fogueira que me levaria até a raiva e a cólera de minha mamãe. Senti que ela capitalizou a dor para ela, e se enfocou em sua dor da moral ferida de sua filha, nas fofocas, em sua reputação como mãe. Então teve que engolir minha dor na intimidade de meu

quarto. Engolir em meu corpo a dor.

Maldita é a ignorância ao acreditar que minha virgindade valia mais que ser estuprada. Eras virgem? me perguntaram. Como se isso importasse mais. A dor que me queimava por dentro valia menos, muito menos que meu hímen rompido?

Como se o estupro tivesse graus de dor. Dói menos, acaso, se é menos puta? Dói mais se é mais santa? Todo estupro é dor, e dói pra caralho! Jamais se esquece, aprende-se a viver com ele. Ainda que esteja curada. Vive-se sabendo o que teu corpo viveu. Que alguém gozou em ti sem autorização, jogaram em ti o suor, os desejos, os fluidos de um outro que crê ter direito de te tocar, jogar em tua vagina, no teu corpo, fluídos alheios a este, sem permissão. Sentir que tens o cheiro de um esperma que jamais desejava sentir!

Esse dia entendi o que era ser mulher numa sociedade venezuelana onde sempre te julgam e te ensinam a te sentir culpável por tudo. Onde a virgindade é supervalorizada por ser um mito fundacional e ao mesmo tempo a forma em como os tabus de vergonha sexual se posicionam e pesam na estrutura social e cultural de uma família. Como teu bem-estar físico e psíquico ficam afastados e vão de encontro aos teus direitos humanos por uma vida livre de violência de gênero e violência doméstica. Se seguirá praticando ódio contra as mulheres enquanto continuamos com essa "concepção dualista dos sexos", que:

"está posicionada na diferencia assimétrica, [e] portanto homens e mulheres depositam as âncoras das suas subjetividades e identidades ao redor dos eixos simbólicos do masculino e o feminino. Assim, os dois possuem dife

rentes códigos éticos e um grande peso moral. A honra feminina recai na honra sexual, e depende do recato e do recolhimento das mulheres, a sua virgindade e pureza devem preservada para que se mantenham virtuosas e dignas. Sua falta é considerada grave e pecaminosa. Significando perdidas a moral e a honra, o prestígio não só da fêmea, senão da família inteira” (CABRAL, 2013, p.238)

Nós, as feministas da América Latina continuarmos desmascarando à cultura do estupro. Faremos público os rostos de nossos estupradores e feminicidas e de quaisquer que ouse apoiar essas práticas de ódio e crueldades contra as mulheres, crianças e comunidades LGTBis. Usaremos as mídias sociais e as ruas para gritar MORTE AO PATRIARCADO! Lutaremos para que haja justiça social e política das vítimas silenciadas e apagadas pelo Sistema Patriarcal. Nós, estamos raivosas de serem estupradxs, assediadxs, apanhadxs, e por isso, lutarmos para erradicar o Patriarcado. Isto é, desenraizar, descolonizar, extirpar, tirar tudo o que ele representa em nossas comunidades e lares. Desmontar as práticas de machismo, sexismo, racismo e exploração de qualquer tipo. Procurarmos sempre construir, costurar, dialogar em família e com nossas amigas práticas de conscientização corporal e sexual, para desmontar preconceitos de gênero e criar a autonomia de nossos corpos plurais. Continuaremos a nossa tarefa diária e feminista, que é e será>>> a escuta, o diálogo e o acolhimento, até hoje agenciado, para ajudar, guiar, fortalecer, apoiar, dar voz, visibilizar às vítimas deste sistema misógino, racista e machista. Além disso, informaremos o porquê é importante somar-se à luta pela despatriarcalização de nossos corpos, comunidades e lares. Porque é uma tarefa diária de todes, fazer do mundo um lugar cada dia menos violento para todes!



151-Acervo pessoal  
Imagários da sombra  
Caracas, 2013

## 8.4 O nadar das mãos da pequena Flor Criança

Quando eu era uma Flor Criança tinha medo do escuro e não gostava da sensação solitária da noite em casa. Essa obscuridade na qual a casa ficava enfeitada, obscura para mim; eu achava que alguém sairia do escuro e me apanharia. Eu corria até o colo de minha mamãe para me proteger da escuridão. Hoje eu rio disso! É lindo relembrar a criança medrosa que era, nalguns momentos, e corajosa que era, em outros.

Esta parte final é para voltar-me à Criança Gulosa que, sendo uma florzinha, não era gulosa só da comida. Havia outros apetites que, ao lembrá-lo agora, são um caminho para pintar minha sombra em contra resposta a essas práticas sexuais de ódio que vivenciei desde muito cedo.

### 8.4.1 O tocar-se na Flor Criança Gulosa

A Flor Criança Gulosa sempre teve curiosidade de se sentir, acariciar, tocar e explorar seu corpo todo. No entanto, essa prática amatória feita por qualquer criança, não era uma coisa que se fazia à plena luz do sol. Se explorar a mãos abertas não acontecia livremente. A bem da verdade, Flor-Criança-Gulosa agia conforme a um ladrão em plena obscuridade, fechando sigilosamente a porta: assim ninguém escutaria o que se passaria nas sombras daquele ato. O sigilo fazia parte daquelas descobertas. Havia medo que alguém soubesse o que ela encontrava, lá embaixo, justo onde sua felicidade serpentava. Por sorte, isso nunca aconteceu! Nunca foi pega!



152-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Caracas, 2017



153-Acevo, Pessoa  
Imaginaríos da sombra  
Caracas, 2017

Tocar a pequena pontilha sobressalente – seu clitoris – que estava lá embaixo, na vulva, recoberta de seus lábios grossinhos, era um jogo que gostava muito de brincar. Nunca introduzia nada, de pequena, só gostava da sensação de mexer-se, friccionar-se com os travesseiros ou com algum bichinho de pelúcia. Resultava-lhe excitante. As cócegas na entreperna a faziam tremer. Apareciam risos convulsivos, como se muitas borboletas saíssem dela e isso lhe parecia fascinante. Descobriu o bem-estar que era cheirar seu próprio rio, aquoso, morno e calmo. As sensações de vida que o palpitar do sexo lhe lembrava. Havia experimentado pela primeira vez o orgasmo clitoral.

Outras aventuras sexo-afetivas acompanharam a curiosidade. A flor criança gulosa, pois nunca gostou de brincar com bonecas. Preferiu sempre outros tipos de relacionamento como o jogo, entre eles, induzir seu amigo Fabian, que era um ano menor que ela, a lhe beijar. E ela via como ele gostava muito da brincadeira que criaram ao roçar seus lábios nos armários dos quartos. Ninguém sabia que acontecia entre eles dois. Só sabiam que eram duas crianças felizes brincando uma do lado da outra. E as duas sabiam que eram cúmplices e não podiam falar para ninguém sobre o que faziam no escuro, pois provavelmente os separariam. Assim foi como, por muitos anos, ele e eu partilhamos um segredo, como fizemos de nossos lugares escurinhos uma viagem de exploração e auto exploração sexo-afetiva, onde a arte de descobrir-nos seres amorosos foi a arte de tocar-nos com consentimento e respeito de um pelo/a outro/a.



## 8.4.2 As Mãos turbação de Flor Grandona Gulosa

No aguaceiro cotidiano de Belém do Pará, minha tulipa floresceu e amadureceu. Eu, agora com meus 36 anos de idade, vejo a prática da série Imaginário das Sombras como exercícios liberados das profundezas de minha alma, tornada em uma arte mais “figurativa”. Sensual. Sexual. Gostosa. Gulosa. Risos! Desperta de si! Nascida no suor e lágrimas da pequena e quentinha casa Perimetral 1630, passando logo à rua Fortaleza, 155, e o que agora faz de mim, nesta escrita, na travessa Gurupá, 431, por enquanto. Vejo, então, que revitalizei as imagens fotográficas que eu já fazia, há tempos, em meus lares, lá em Caracas, só que que agora uso a câmera de meu celular Samsung S7. Assim, a série Imaginários da Sombra pratica uma nova pintura de luz, ou uma “esquiografia”, é dizer, um pintar às sombras. Como explica o historiador Hans Belting, “as fotografias empregam a luz natural para gerar sombras de os nossos corpos sobre um papel sensível à luz” (BELTING, 2007, p. 241). Agora, minhas sombras reescrevem a uma amante e a essa Flor Grandona Gulosa, a minha tulipa florescida que se maõsturba. Usa as mãos que saem dela gostosamente para dar ternura sexual a seu corpo. Corpo que é tanto como sua luz quanto é como suas sombras.

Minhas sombras, falam de uma feminilidade sexual já não oculta nem vergonhosa. Eu me abraço. Toco a sombras de meus próprios desejos e pulsões, nessa intimidade ainda não corrompida, não expropriada nem explorada pelo sistema patriarcal venezuelano e brasileiro.

Sou as Deusas que me habitam, e muitas delas são como Istar, Lilith, Iemanjá, Inna, Maria Lionza. Deusas vida-morte-vida. Sou as Deusas consideradas Sujas, por serem sexuais. Sou uma e todas aquelas que tentaram apagar outrora. Ela provém das antigas terras expropriadas por colonos, onde a vida sexual das mulheres e seus fluidos eram respeitados na sua comunidade. Mas elas a representam como outras tantas Deusas antipatriarcais, nossa memória líquida de amor matriarcal. Imanente. Embora ainda não aceitemos a nossas memórias uterinas, reprodutivas e, portanto, criativas e comunitárias de nossas feminilidades múltiplas, pois elas estão unidas à vida. E a vida é>>> nossos contatos amorosos e sexuais. Por isso nossos corpos e úteros doem quando não são amados a plenitude. Nossos corpos abraçam como bem fala Barthes corpos históricos, por isso de nossos corpos saem as histórias ocultas. Eu decidi mostrar as fluidas e gostosas, de nossas sexualidades, onde as sombras se derramam em sentires e prazeres.

Nossos apetites sexuais, nossos fluidos sexuais, prazeres sexuais, contato sexuais têm seu lugar em nós, e precisam ser falados, contados, expostos para darmos um passo à frente e deslegitimar a tradição dualista de ver-nos como indivíduos que temem a face obscura das Deusas, que nós somos.

Somos indivíduos plurais e por isso construímos nossos afetos e dinâmicas sexuais, mas para chegar até lá, temos que nos conscientizar. Conscientizar o corpo é mergulhar nas sombras da alma e ir até o subterrâneo de nossas histórias, por mais dolorosas que elas sejam, e isso se faz necessário para nos transformarmos no

que queremos ser e nos sentirmos como seres amorosos. Pois, no fundo, queremos sentir-nos amadas, e amar-se começa na prática Amatória de mergulhar nesse tocar. Tocar-se. Tocar-nos. Conhecemos o amor, a cultura do amor se exercita é através do contato. Nossas mãos, como as nossas peles e língua se atavam ao saber diferenciar o frio do quente, a dureza da moleza, o amargo do doce e salgado. Os matizes de nossas vidas subjetivas começam por entender como é que as experiências sensíveis de nossos mundos sociais foram-se aproximando de nós, e isso é falar de como foram construídos os laços de afetos e amor desses contatos com os/as outros/outras.

Por isso, ir a nossas zonas catalogadas como “escuras” e ir às margens criadas por nossas sociedades machistas, onde certo tipo de práticas sexuais são consideradas impróprias e sujas para as mulheres. Entrar naquilo que nos foi excluído, censurado, silenciado, oculto, balizado, misturados na imagem dessas sexualidades ditas sujas, enquanto enxergarmos outras manifestações do sentir, sentir-se, sentir-nos.

Eu me achei nas nossas zonas luares e solares, isto é, a caminhar pela noite até tocar meus amanheceres. Sentir como o sol e lua se encontram cada dia por vez. O beijo do sol e da lua, os amantes eternos que se tocam justo quando ela está a descer e ele a subir. O abraço úmido, morno e fresco. A escuridão e a luz se juntando. Mas é isso e mais. Aquilo nos fala, ao tocar-nos desse jeito, se deslegitima o dualismo monoteísta imposto às mulheres ao tentar castrar nossas sexualidades e prazeres solitários; como é a mãoesturbação.

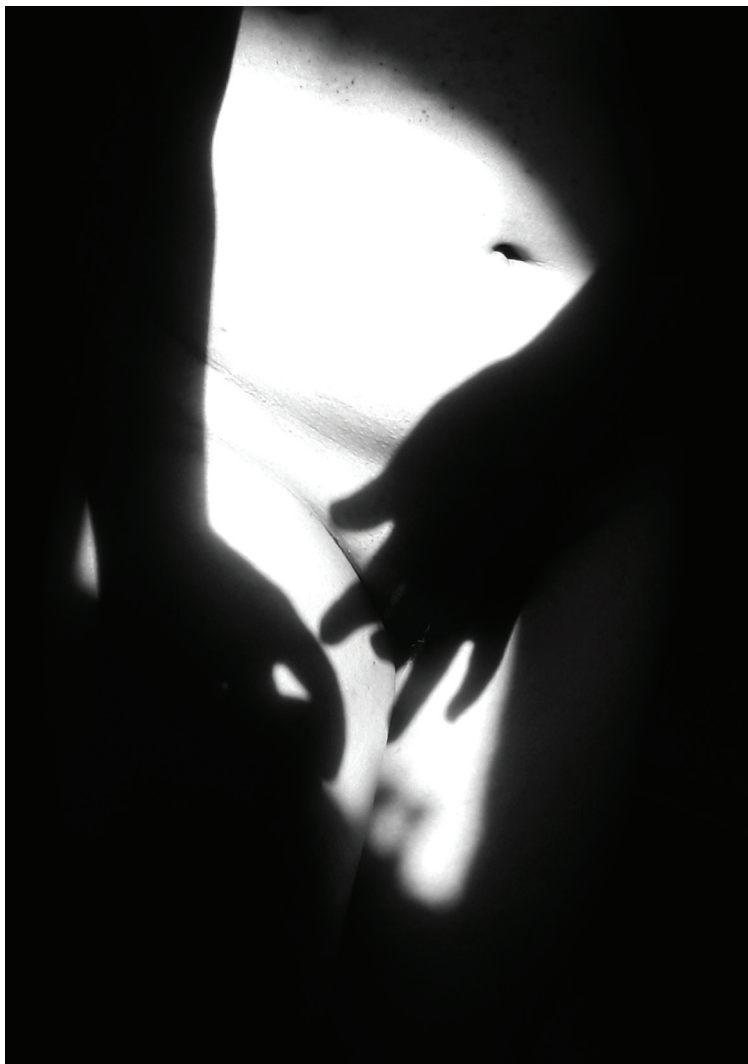


155-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019

Lembremos que as culturas ocidentais impostas a nossos territórios, como as católicas e judeu-cristãs, criaram uma política sexual na noção mítico-religiosa das mulheres submissas, que força as mulheres a práticas sexuais exclusivamente masculinas ou masculinizadas. Proveu-se obrigações sexuais às mulheres, comportamentos sexuais permitidos, as restringiu como sujeitas autônomas, sujeitas com poder sobre suas práticas sexuais. Escrevendo em seus corpos somente os tipos de práticas sexuais legitimadas pelo macho. Então a sexualidade ainda passa por um peso dualista religioso, em que o que não é bom é mau e, nessa ideia imposta, onde não há luz são trevas.

As trevas, como coisa má, realmente ajudaram ao discurso oficial, racista e sexista, da conquista, onde os colonos nas Américas foram os mais favorecidos, e ainda mais a seus intentos de apagamento de uma cultura diferente, que são nossas culturas e comunidades negras e indígenas. Se falava que a cor da pele significava culturas selvagens, pecaminosas, demoníacas, que levavam o pecado do demônio, suas religiões eram só práticas de bruxaria, oradores do senhor das trevas. A escuridão associada à cor negra, a todo culto não oficial.

A bruxas já eram malvistas no patriarcado católico. Portanto, toda prática medicinal, ou conhecimento sobre outras formas de vida reprodutiva, criativa e sexual, das mulheres negras e indígenas, em que existem as curandeiras, as parteiras, as ervateiras, tão cheias de sabedoria de nosso sagrado feminino, foram mandadas à clandestinidade, à obscuridade, ao apagamento, e grafadas em discursos de ódio, nos



156-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2018

quais foram representadas como o feio, o sujo, o mau nas mulheres, incluindo sua cor de pele. Focalizá-las, como nos fala a feminista negra Livia Natália, a serem vistas somente como uma genitália, exóticas, ardentes, safadas, putas, onde os homens descarregam seus prazeres e desejos. Só isso, e não para ser tratadas com amor.

Porém a escuridão sobre nossas irmãs negras durante os tempos da conquista foi exposta à luz da noite e, assim, enfatiza-se que seu lugar público é a rua e seu espaço-tempo só poderia se encarnar no labor, na prática da prostituição.

Por outro lado, a rua foi feita para o prazer sexual dos homens, onde lhes foi permitido todo tipo de excessos nos prazeres da carne e da noite. Criando, com essa aplicação de uma microfísica de poder e prática sexista, a exclusão das mulheres à participação de sua sexualidade, e, ademais, catalogando-nos, desde imaginários de putas acessíveis a todo, até as maléficas por serem "feias", as mães assexuadas por serem esposas, as virgens disponíveis para ser pegas, as santas para serem exibidas ao público como as mulheres boas e comportadas, entre outras manifestações das mulheres como objetos.

Além disso, às mulheres, até certo ponto, se lhes proibiu sentir os benefícios e qualidades da vida noturna. A vida dionisíaca. A excitação como fonte de descarga de tensões. Manifestar abertamente nossa libido, nosso cio, continua sendo um tema cheio de tabus. Quando as mulheres falamos desse lugar se nos apelida de PUTAS!

Então, irmãs, temos que sair do dualismo monoteísta revelado. Temos a possibilidades de nos desfazer de práticas sexistas e castradoras, ser nossas rainhas da vida que floresce em nossas mãos. Ser os feixes de luz até os céus sem estrelas; ou ser a estrela da noite num céu estrelado. Cintilar e cintilar até esvanecer-se de prazer nas águas mornas de nosso sexo gostoso.

Deixem entrar suas Deusas. Eu me encontrei nelas e elas chegaram a mim em Imaginário das sombras, para abraçar as feminilidades sexuais ocultas, aceitar que eu gosto, e gosto mesmo, de me tocar. Me mãosturba! Sou uma mulher cuja paixão pela vida é profundamente sexual e sensual, e amo meu corpo voluptuoso e sexual, exibir meu sexo feminino, como imagem arte vida, voltar a essa importância que é o processo de conhecimento da nossa sexualidade, né!

"A sexualidade como processo de conhecimento é um ato de descoberta, exploração, reconhecimento, consciência do corpo sexuado, que segue os mesmos padrões de ação cognitiva das crianças, e elas estão se explorando, se tocando, se sentindo, se bisbilhotando, se recriando, se olhando, se emocionando, se gostando, se perguntado, se descobrindo, se relacionando... mediante a linguagem de seu corpo sensorial em plena ação/enativo\* e movimento. É um aprendizado que está se conhecendo a si mesmo no cotidiano e em seu contexto de relacionamentos, a partir da ação e de seu próprio corpo, como meio de expressão, relação e conhecimento. E como toda forma de conhecimento, a sexualidade vai surgir e se desdobrar na experiência sensorio-motora, onde há uma complexidade crescente num contexto de organização sexual cognitiva, que implica o emocional e, é claro, o sociocultural. (CABRAL, 2013, p.404)

A sombra é minha, nossa alteridade sagrada. As fronteiras entre corpo e imagem unindo-se nessa Deusa suculenta que eu também sou. Imanente. Sou minha própria poeta, as mãos que reescrevem em seu corpo novas experiências líquidas, ou seja, novas memórias de minhas águas mornas e sexuais. Olhar a umidade de meus desejos e fantasias, ser uma sujeita e criadora de desejos. Eu me como, e gemo de prazer. Pulso. Inundo a criatividade de múltiplos orgasmos. Sentir a satisfação na imagem.

“Havia adquirido poder sobre a consciência do corpo. Só assim, se borraram os contornos entre essência e aparência, que tradicionalmente haviam separado corpo e sombra. Se havia tornado não uma transgressão... senão que a experiência da morte é um sucesso de transcendência...” (BELTING, 2007, p.243)

Nesta prática fotográfica de reescrita de meu corpo, enquanto prática Amatória, ultrapassei a criança que foi violentada, fiz uma nova descoberta sexo-afetiva e isso me permitiu entender, desde essa consciência de si, que nada fica para sempre. Ainda que numa queda, as coisas podem ser mudadas, transformadas, curadas. Nossas mãos têm esse poder.

Vocês podem usar outra ferramenta de vida, todas nós temos alguma, só temos que procurá-la sem medos. E essa pode ser a arte de fazer uma comidinha, uma fotografia ou escrever poemas. Eu fiz fotografias e poemas, como caminhos para me sentir:



E vem  
minha amada,  
Vem perto de mim  
e deixa te beijar  
a pele,

teu corpo nu...  
...macio  
...grande  
de horizontes jamais tocados...

Vem meu bem  
Quero te ver feliz  
meu amor

Tu, bochechas avermelhadas  
no delírio de lábios úmidos

abraça-me...  
não há amanhã.

sou tua minha rainha de luas aquecidas

Vem,  
toma-me  
nas sombras  
Tu minha dama da noite  
minha exuberante dama da noite  
exala teu perfume florescido  
vem a mim  
quero tomar de teu flutuar morno  
ver voar teu olhar no clímax  
toca-te,  
toca-te,  
Sim!  
toca-me  
Sim!  
e  
goza  
até o fundo de teu coração ardente  
desfaz  
desfaz-me  
meu bem-amada, toda e ainda mais!



É transcender ao corpo a um estágio de autoconhecimento, de restituição de sua memória sexo-afetiva que começa sempre desde muito cedo, e devolve-lhe seus sentidos de apetites primitivos, primários, selvagens, mornos, ternos.

A sexualidade é uma viagem de descoberta, é lúdica e imaginativa, o corpo transcende como imagem, vai além da imaginação, pois a imaginação explode com o corpo, atua e transforma o corpo em uma sujeita desejosa de si. O Eros feminino, múltiplo e orgástico, que nasce com a criança que se descobre, e acaricia a seu corpo como se viajasse a outro mundo. Um mundo que só é seu.

“Quando tocou lá entre as pernas, sentiu um ligeiro arrepio. Tocou de novo; embora sentisse medo, estava bom. Tocou mais e mais lá dentro e o prazer chegou apesar do espanto e do receio. Lá em cima a cobra celeste, com o seu corpo, curva ameaçadora, pairava sobre ela” (EVARISTO, 2018, p.22).

Ou em palavras de Clarissa Pinkola Estés [...] há um aspecto da sexualidade feminina que nos tempos remotos era chamado de obsceno sagrado... com o significado de uma sabedoria sexual (ESTÉS, 2014, p.379). Por isso Imaginário das Sombras é uma prática amatória do obsceno feminino que cheira suas profundezas sexuais, como qualquer uma.

Exponho a mãoesturbação feminina como prática e diálogo sexo-afetivo, elevando essa pratica a um estágio de prática amatória ao estar frente a uma câmara fotográfica ou num dispositivo móvel (celular) para tornar a intimidade-sexual como cenário fotografável, logo, performativa, ao construir uma mulher

em gozo, em prazer, em um olhar que se olha desde ela e para ela; ainda as outras ou outros vissem as fotos, ela permanece consigo mesma e contraposta ao imaginário da masturbação que tradicionalmente assistem aos sistemas hegemônicos de representação sexual do capitalismo: a pornografia branca-machista; dedicada à felação, e exclusiva a satisfazer majoritariamente as práticas sexuais do olhar masculino-branco, o olhar do "Pau" ou o Eros exclusivo do Pênis.

Aqui o caminho pintado amorosamente em monocromia são as mãos que tocam o corpo gostoso e voluptuoso que eu sou. A sinuosidade de imaginários úmidos que dão corpo a minha memória líquida, de experiência de fluidos que saem graças ao exercício de minhas mãos turbando-me, para me deixar explorar, sentir, gozar, cheirar minhas fantasias líquidas, sedentas de mim, movimentar essas lembranças undíferas que atravessam meu corpo sexo-afetivo, sexo-amoroso, experimentando-me como um corpo outro que se olha e esquadrinha a seu corpo amado – meu corpo voluptuoso, cheio de uma floresta abundante e rica em umidade.

"O corpo e imagem ao experimentar-se em seu corpo como um outro que é recebido no mundo das sombras exclusivamente como viajante do mundo dos vivos" (BELTING, 2007, p. 245). Diz-se que, com o prazer, o gozo profundo e selvagem, quando se libera tanta endorfina, o corpo fica muito relaxado e fica tão amolecido que uma sente haver pisado um outro plano, no fundo do céu >>> à noite



157 - Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2018

Invoco  
Conjuro  
à noite em mim

Nadar de estrelas mar  
onde está me esperando a mais amorosa de todas  
as Deusas da Lua  
Antiga Deusa babilônica,  
Grande mãe da noite  
A Deusa Istar

Cheguei para transgredir os santos tabus  
O caminhar do animal em cio  
Danço à minha vontade!

Sou bruxa noturna e diurna  
De mim escorrem gotas e gotas de desejos  
fantasias de mim,

meus lábios ecoam paixão  
tremem minhas pernas  
me tornam todas e muitas  
e quero mais e mais de mim

na obscuridade se torna luz  
estou agora no riso de meu mar amar

Sou a escrita líquida que faço de mim  
Sou uma baleia feliz saltando  
cantando meu gozo no fundo do mar.

Mas quando for preciso  
sou guerreira de dentes afiados

e luto com todas minhas forças, não desisto!  
Outras vezes sou sedutora  
e faço de mim  
a ternura da noite ensolarada

Sou um rir guloso

Sou amante de prazeres simples

Alimentar-me  
Procrastinar

Lambo o prato  
e chupo meus dedos

vivo a meu jeito!  
Amo sem amarres

Sou minha vida

Sou minha poesia

Sou minha arte,

e

Sou mais do que isso,

Sou a construção da minha própria fé!





158-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019



159-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2017



159-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019



160-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019



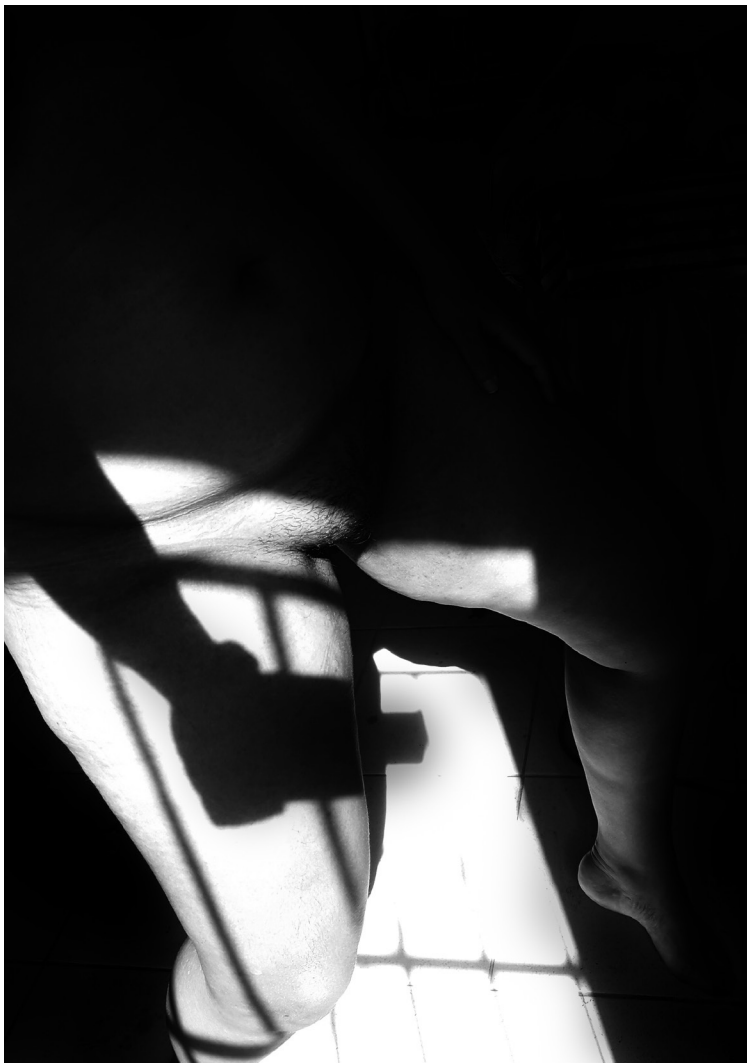
161-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019



162-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2018



163-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2018



164-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019



165-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019



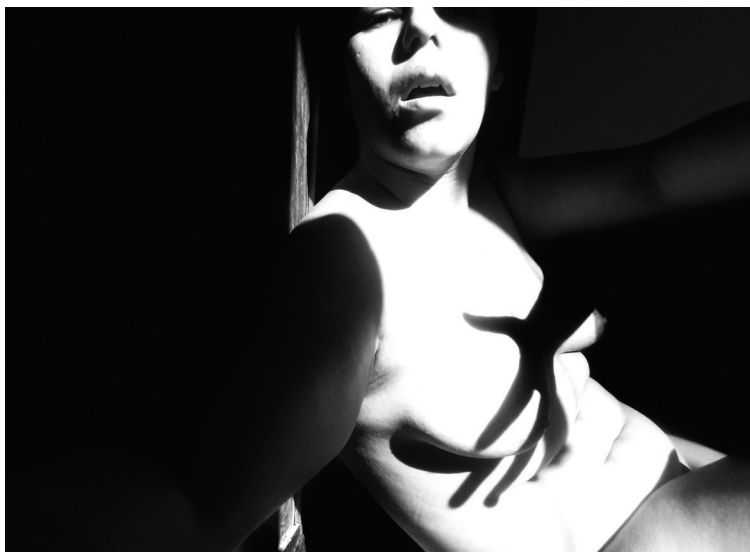
166--Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019



16/-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2018



168-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019



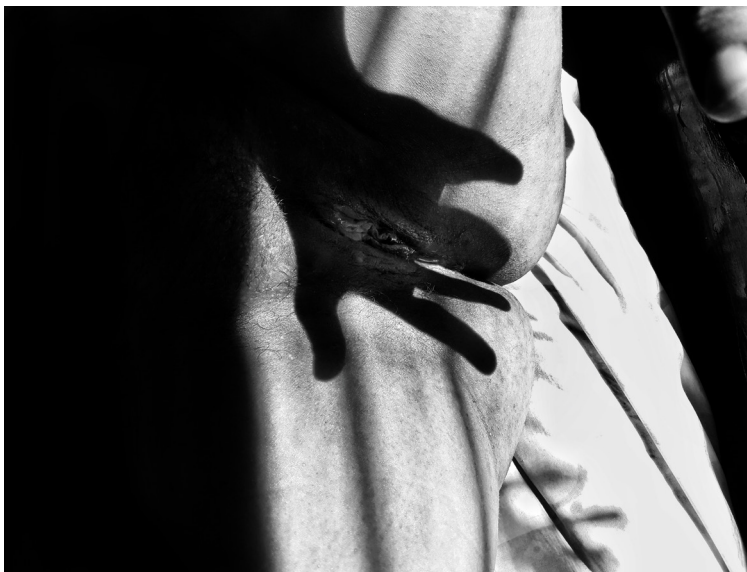
169-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2018



170-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2018



171-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2017



172-Acervo pessoal  
Imaginários da sombra  
Belém, 2019

## 9- Inconclusões

Para seguir refletindo, a série Imaginários da Sombra dentro da pesquisa em artes intitulada Amatória, práticas artísticas de uma feminista que reescreveu uma parte da memória líquida de seu corpo, é mais que o flutuar de pulsões, vai além de eróticos e nus! Não faço preparações de cenários, cada umas das fotografias feitas cá se tecem à iluminação natural, que provém da luz que habita as casas que percorri. Por isso usei a câmera do celular e poucas vezes a câmera Nikon.

Preferi o celular em muitos casos, por ele ser um dispositivo que nós usamos no cotidiano e ademais é muito usado para o partilhar de imagens sexuais entre pessoas e muito desse partilhar transcorre nos espaços considerados domésticos, fazendo desse usar o celular uma ponte de diálogo entre a intimidade e o público, pois esses arquivos (imagens) se conectam ao mundo da Internet e pode ser facilmente viralizado com somente um click nas redes sociais (Facebook, Instagram, Snapchat, YouTube, páginas Web, e muitas outras mais).

Porém, o corpo feminino de mulheres, adolescentes e crianças pode ser violentado com facilidade através do uso desta tecnologia. Se faz importante falar de como esta ferramenta deve ser usada com muita consciência emocional e social, para que nossos direitos de intimidade não sejam violentados, explorados, tornados vulneráveis por familiares, pessoas amigas ou alheias. Informar que existe um mercado das imagens eróticas e pornográficas onde o corpo é uma mercadoria e é catalogado de acordo a idade, sexo,

nacionalidade, cor de pele etc. Lembrar que as imagens tem um poder sobre nós por ser um produto social, e ele circula pelos meios da comunicação, ou seja, para e dentro de uma dinâmica socio-afetiva na cultura das massas.

Por outro lado, fazer meus exercícios, que são práticas Amatórias de um corpo em gozo, corporizar o gozo em cenas que podem ser até explícitas, pelo jeito de se mostrar abertamente, é a possibilidade de ressignificar ao corpo a se construir como corpo amoroso. A possibilidade de oferecer à nossa sexualidade feminina e nossa sombra um lugar positivo no imaginário psicosssexual e socio-afetivo, e não a conotação negativa, como os tabus machistas que circulam no sistema patriarcal capitalista nos têm feito crer que possuem.

Manifestar a importância de ter contato com nossas mãos, tocando os fluidos do corpo, é dar seu lugar de importância sexual às nossas descobertas amorosas e, claro, sexuais. E, assim, não aceitar essa interdição de nos reconhecer corporal e sexualmente a um/a outro/a, nos processos de socialização. A mãosturbação é optar pela autonomia de nossos corpos. Visibilizar o gozo feminino e sua prática como ato de libertação sexual, aprendizagem e amadurecimento de nossa sexualidade, e não exclusiva do sexo masculino.

As mulheres e as crianças, nós mãosturbamos e falar disso nos liberta. Além disso, esse processo de tocar-nos, reconhecerno-nos vai mudando ao passo que nossos corpos mudam com o tempo.

Meu convite com a série Imaginários da sombra, re

almente com Amatória, práticas artísticas de uma feminista que reescreveu uma parte da memória líquida de seu corpo, é a conscientizar que nossos fluidos tem um lugar, sim, em nossas memórias, porque eles são tão antigos como imaginário das sociedades neolíticas e paleolíticas, onde as experiências sexo-afetivas eram respeitadas como processos de individualização. Onde as mulheres foram respeitadas nalgum momento histórico, antes do patriarcado expropriar de nós nossos corpos líquidos. Antes disso acontecer, a sexualidade falava tanto da preservação da vida como da felicidade comunal, de corpos felizes e em gozo consensual. Porque nossas vulvas, clítoris, vaginas, pele, o corpo e a genitália feminina eram sagrados!

Então, tocar-se em solidão e livremente como prática amorosa em Amatória é criar uma iniciação sexual saudável, assertiva e ecológica. Um conhecimento não só a respeito do próprio corpo, mas de toda essa experimentação que se torna informação ao corpo, memória, pode ajudar a entender melhor como o desejo, a libido e a anatomia funcionam juntos. Pois como poderíamos saber o que a nós nos gosta, se não damos a nossos corpos o contato amoroso necessário e terno que precisarmos?

Nós desejamos acariciar e sentir. Vivenciar-nos, experimentar-nos corporalmente, sentir o prazer de nossa pele, vulva, vagina, clítoris nos ajuda a ser mais autônomas e conscientes de nós mesmas, como seres senti-pensantes, sexuais e afetivas.

Ter conhecimento de nossos corpos e das formas mais satisfatórias de obter prazer será fundamental

para as mulheres terem uma vida sexual mais plena em parceria. O porquê de as mulheres necessitarmos de umas preliminares para ter orgasmos, acariciarmos-nos para poder lubrificar nossa genitália. Pois temos o clitóris, órgão destinado e exclusivamente ao prazer feminino, e as outras partes, como a vagina, que necessitamos lubrificar, para que, assim, naturalmente se relaxem os músculos do corpo e se faça possível a penetração, seja com os dedos, brinquedos sexuais ou com um parceiro sexual mais confortável, pois o órgão sexual feminino, que é mais complexo, precisa que cerca de 200 ml de sangue chegue até lá para o orgasmo. Que esse rir de felicidade, né!

Bora, bora, gente! nos proporcionar prazer. Bora, gente! procurar mais práticas Amatórias de arte e vida. Bora, gente, reescrever ainda mais histórias de gozo, risos e fluidos de nossos corpos femininos. Sejamos, cultivemos mais sujeitas felizes e mais livres e sem tabus machistas sobre seus corpos! Façamos uma política da subjetividade em que o prazer e o gozo não nos seja arrebatado. Retornemos, voltemos a cheirar nossas memórias líquidas, demo-nos nossos tempo e espaço para sentir-nos. Deitemos, sejamos orgásticas e múltiplas. Falemos de sexo abertamente. Nós somos flores que sempre precisam ser alimentadas de boas experiências e desfazer as culturas do ódio. Temos que estimular nossos pensamentos sexuais, sentir-nos hot! Para a vontade de chegar, chegar até onde? À nossa criatividade, onde está a felicidade! Pois nós criamos em atividade, na prática e na teoria, e ela a construímos, a imaginamos desde o único lugar que é nosso, nossos corpos!

## 9.1 Palavras da minha orientadora profa. Dra. Cláudia Leão

... as sombras de amar em amatória

sombras são, por vezes seres inanimados do escuro da noite que habitam nossa imaginação... são seres que vivem do escuro, eles vem, eles vão... escodem-se atrás da porta... espreitam da janela, debaixo da cama... pendurados no meio das roupas... e quando a luz apaga... eles atravessam do espelho velho... voam de um canto a outro sobre nós, e brincam... a perturbar nossos medos e vontades mais profundas...

as sombras de amatória, todavia, possuem uma outra natureza... a do amor... feitas na contra luz do sol e do dia, elas tomam formas e tocam para amar, para mãostubar... a si... sombras que se descobrem no amor... são sombras de amor, feitas o para amor... as imaginárias sombras amatória de maryori cabrita, são ela em si e também... ela em suas práticas de amor, e, são, além da imagem intensas... pele, carne, suor, desejo, gozo, arrepios, tremores... que exalam do cheiros que desagua e mela o seu corpo de mulher amostrada em autorretratos em suas práticas amar a si própria... em horas suas... a expandir-se nh'amor...

## **Bibliografia**

ANGELOU, Maya. Mamãe & eu & mamãe. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2018

ADICHIE N, Chimamanda. Sejam Todos Feministas. São Paulo: Companhia de Letras. 2018

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte: Letramento. 2018

ANZALDÚA, Gloria. Como domar uma língua selvagem. In: Caderno de Letras da UFF, Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa, n. 39, pp 305-318, disponível em <https://pt.scribd.com/document/40933606/ANZALDUA-G-como-domar-uma-lingua-selvagem> acessado em 08/06/2019

BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BELTING, Hans. Antropología de la Imagen. Barcelona: Katz, 2007

BERTH. Joice. O que é empoderamento? Belo Horizonte: Letramento. 2018

BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo. Crítica a la violencia ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CABRAL, Blanca Elisa. Sexo, poder y género I. Caracas: El Perro y la Rana, 2013

CABRAL, Blanca Elisa. Sexo, poder y género II. Caracas: El Perro y la Rana, 2013

CALLE, Sophie. Histórias reais. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

CARRERA, Felipe. El comportamiento sexual del venezolano. Caracas: Monte Ávila, 1978.

CORNEJO, Francisca. Investigación con Relatos de Vida: Pistas y Opciones del Diseño Metodológico. Universidad

Católica de Chile: Chile. 2008.

DAVIS, Angela. Mulheres, cultura e política. São Paulo: Boi Tempo, 2017.

DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense. 1985.

DE HOLLANDA, Buarque Heloisa, Explosão Feminista. São Paulo: Companhia das Letras. 2018

DUSSEL, Enrique. Para una Erótica Latinoamericana, Venezuela: el Perro y la Rana. 2013

EVARISTO, Conceição. Olhos D'Água. Rio de Janeiro: Pallas. 2018

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas. 2018

EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares do nascimento da minha escrita. Disponível em <https://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> acessado em 08/06/2019

FERNÁNDEZ, Valeria «De la Perspectiva de Género a la Teoría Feminista. Reflexiones en torno de Experiencia, habitus disciplinar y construcción del objeto. Espacio público, prensa gráfica y portales en la red». Revista Temas de Mujeres. 2011.

FLUSSER. Vilém. A Escrita. Há Futuro Para a Escrita? São Paulo: Annablume. 2019

FOUCAULT, Michel. Historia de la Sexualidad I. Argentina: editorial Siglo Veintiuno, 2008.

FOUCAULT, Michel. Historia de la Sexualidad II. Argentina: editorial Siglo Veintiuno, 2008.

FOUCAULT, Michel. Historia de la Sexualidad III. Argenti-

na: editorial Siglo Veintiuno, 2008.

FURLANI, Jimena. Mitos e tabus da sexualidade humana. Belo Horizonte: Autentica, 2009.

GARCÍA, Darío. Cruzando los umbrales del secreto: acercamiento a una sociología de la sexualidad. Pontificia Universidade Javeriana. p. 112. ISBN 978-958683-686-9. 2004.

HERNÁNDEZ, Carmen. Insubordinación: Diana Elit y Paz Errazuriz. Urgencia y emergencia de una postura artística en la Chile postgolpe (1983-1994). Venezuela: Monte Ávila Editores Latinoamericana. 2011.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo, políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2018.

IZQUIERDO, Iván. A arte de esquecer. Cérebro memória e esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.

JENKINS, Henry. Cultura Transmedia, Espanha: Gedisa, 2015.

JEUDY, Henri-Pierre. O corpo como objeto da arte. Tradução Tereza Lourenço. São Paulo: Liberdade, 2002.

KOSSOY, Boris. Fotografia e história. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEITE, Miriam. Retratos de família. São Paulo: FAPESP, 2001.

LEÃO, Ana Claudia. Imagens suspensas: a (re)constituição comunicacional da solidão e das lembranças de mulheres idosas esquecidas nos asilos. Tese Mestrado. São Paulo: Pontificia Universidade Católica, 2003.

MONAGHAN, Patricia. Caminho da Deusa; mitos invocações e rituais. São Paulo: Pensamento, 1999.

MONTEIRO, Maria Conceição. O corpo mecânico feminino. Uma poética do transumano. Rio de Janeiro: Gara-

mond, 2016.

MORENO M, Marimón. Como construimos universos; amor conflito e cooperação.

MORENO SARDÀ, Amparo. El Arquetipo Viril protagonista de la historia. Barcelona: Ediciones LaSal, 1986

NATÁLIA, Livia. Eu mereço ser amada. In: GELEDÉS-Instituto de Mulher Negra. 2016. Disponível em <https://www.geledes.org.br/eu-mereco-ser-amada/> Acedido em 08/06/2019

Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013.

OSSOTT, Hanni, Cómo leer la poesía: ensayos sobre literatura y arte, editorial Comala. CaracasVenezuela. 2002.

PIEIDADE, Vilma. DORORIDADE. São Paulo: Editora Nós, 2017

PINKOLA E, Clarissa. Mujeres que corren con los Lobos. España: editorial Zeta Bolsillo, 2009.

PIRES F, Beatriz. O corpo como suporte da arte. São Paulo: Senac, 2005

PULTZ, John. La fotografía y el cuerpo. España: Ediciones Akal. 2003.

PRADA, Monique. Putafeminista. São Paulo: Veneta. 2018

RIBEIRO, Djamila. Oque é o lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento. 2017

RIOS, Fábio; "Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo". In: Revista Intratextos, 2013, vol 5, no1, p. 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>.

RÍSQUEZ, Fernando. Aproximaciones a la feminidad. Caracas: Monte Ávila, 1991

SAPIENZA, Bilê Tatit. São Paulo:PUC, 2004.

SEGATO, Rita Laura. La guerra contra las mujeres. Madrid: Traficante de Sueños, 2016

SEGATO, Rita Laura. Las estructuras elementales de la violencia; ensayos entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SIBILIA, Paula. O homem Pós-Orgânico; corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Edil, 2006

SILVA, Wagner. Foto 0/ Foto 1. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2016.

SLOTERDIJK, Peter. Esferas I, bolhas. Tradução José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Liberdade, 2016.

SONTAG, Susan. Ao Mesmo Tempo. Tradução: Rubens Figueiredo. Brasil: Companhia das letras, 2008.

SOARES, Carmen. Corpo e história. São Paulo: Autores Associados, 2006.

TÜLLMAN, Adolf. Vida amorosa de los pueblos naturales. España: Corona, 1960

WOLF, Naomi. O mito da Beleza. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 2019

XAVIER, Elódia. A casa no imaginário feminino "um espaço feliz"? Revista Avanços em literatura e cultura brasileiras. Século XX Vol. 2 ISBN 978-8487305-62-7, págs. 137-153. 2012